

LEANDRO RIBEIRO GOMES

**LIBERTÁRIOS E BOLCHEVIQUES: A repercussão da Revolução Russa na imprensa
operária anarquista brasileira (1917-1922)**

Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras de Assis – UNESP –
Universidade Estadual Paulista, para a
obtenção do título de Mestre em História (Área
de Conhecimento: História e Sociedade).

Orientador: Claudinei Magno Magre Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

G633l Gomes, Leandro Ribeiro
 Libertários e Bolcheviques: a repercussão da Revolução
 Russa na imprensa operária anarquista brasileira (1917-1922) /
 Leandro Ribeiro Gomes. Assis, 2012
 242 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Faculdade de Ciências e Letras
de Assis - Universidade Estadual Paulista.

Orientador: Dr. Claudinei Magno Magre Mendes

1. Movimento operário. 2. Imprensa Trabalhista - Brasil -
História. 3. Imprensa e política. 4. Anarquismo e anarquistas. 5.
Rússia – História – Revolução, 1917 – 1922. I. Título.

CDD 331.1
947.084

Dedico este trabalho em especial a minha mãe, Cassia Aparecida Ribeiro Gomes, que muito me ensinou a amar.

E com carinho, ao meu pai, David Gomes, um trabalhador, ao qual eu me orgulho em ter aprendido o ofício de borracheiro.

Agradecimentos

Inicialmente, gostaria de agradecer à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pelo apoio material que me foi concedido durante grande parte desta pesquisa e de meu programa de Mestrado. Sem os seus recursos, a realização deste trabalho não seria possível, assim como a coleta de documentos nos arquivos consultados e a participação em congressos.

Quero agradecer em particular, e com muito afeto, ao meu primeiro orientador, o professor Sergio Augusto Queiroz Norte e Silva, que muito apoio e preciosas indicações me ofereceram, desde o início do projeto, ao qual esta pesquisa não teria se realizado sem o seu auxílio. A este professor, eu agradeço também pela liberdade que me foi dada na condução deste estudo, que muito contribuiu para a minha formação de historiador. Obrigado, te admiro, “saúde e liberdade” companheiro.

Agradeço também com grande alegria ao meu segundo orientador, o professor Claudinei Magno Magre Mendes, que aceitou me orientar com a ausência do Sergio. Professor este, que me auxiliou com grande atenção na conclusão deste trabalho, enriquecendo ainda mais esta pesquisa com sugestões e ajudas valiosas. Obrigado professor.

E como uma pesquisa desta não é um empreendimento individual, pois depende e precisa da ajuda e os aprimoramentos dados por muitos, eu também agradeço aos outros professores que me auxiliaram. Assim, lembro também o professor Carlos Alberto Sampaio Barbosa do departamento de história da UNESP que participou do meu exame de qualificação, adicionando mais sugestões e críticas, assim como o professor Cesar Augusto de Carvalho, da UEL (Universidade Estadual de Londrina), também presente no referido exame. Tenho que agradecer também a professora Isabel Aparecida Bilhão, atualmente professora da Universidade de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul, que me ajudou com indicações sobre o movimento operário gaúcho. Agradecimentos também com grande satisfação a minha querida amiga Cibele Verrangia Correa da Silva, que me ajudou com a revisão final do texto desta Dissertação. Na parte gráfica, nos anexos que se encontram no final deste trabalho, também devo a ajuda de Eder Capobianco, amigo que também prestou a sua colaboração.

Não devo esquecer ainda dos funcionários e das instituições que me auxiliaram, imprescindíveis ao longo deste programa de Mestrado. Dessa forma, cito o nome de Marcos Francisco D’Andrea, funcionário da seção de pós-graduação da UNESP de Assis, que muito me auxiliou nos compromissos burocráticos. Obrigado também a Márcio José Gusmão

Carvalho, do Escritório de Pesquisa da mesma universidade, que da mesma forma sempre me socorreu com as obrigações burocráticas da FAPESP. Aos funcionários da Biblioteca da FCL – UNESP/Assis e ao pessoal do CEDAP (Centro de Apoio à Documentação e Pesquisa da UNESP/Assis), que também me ajudou com as digitalizações que se encontram no anexo. Aos funcionários, e aos centros de documentação onde realizei as minhas pesquisas: ao CEDEM (Centro de Documentação e Memória da UNESP), em São Paulo, e ao AEL (Arquivo Edgard Leuenroth), na UNICAMP, em Campinas.

À minha família, agradeço pela paciência, incentivo, carinho e compreensão pelos meus momentos de ausência, a minha mãe, ao meu pai, e aos meus irmãos queridos Evandro e Ariane, e a minha amiga Silvia, muito importante em minha trajetória, obrigado.

Agradeço muito a todos os meus grandes amigos desde a época da graduação, amigos das antigas, ao Marcel (X), Rodrigo, Larissa, Daniel, Paula, e Nayara, que muito me ensinaram sobre a amizade. Também devo aos novos amigos dos anos mais recentes, em especial aos amigos da banda de *rock'n roll* nacional “*Quem não tem colírio*”, ao qual eu tive a felicidade de participar e compartilhar de grandes alegrias, ao Tuquis, Rafael, Lico, Lahyr Neto e Guilherme. Grandes abraços também ao Marcel (Sapo), ao Sem Teto, ao Edinei, ao Clodô e até ao 100 Grama, pela companhia e lições de vida. Obrigados também ao pessoal do boxe e ao meu treinador Claudemir, esporte este que me ajudou muito.

Tenho muito a agradecer ainda aos mais velhos amigos de Assis, desde antes da faculdade, ao qual eu cresci ao lado, e muito aprendi, em especial ao Tiago, Luizinho, Bianco, Sal, Batata e Marcelo, saudades.

E como ninguém é feito apenas de si mesmo, eu agradeço a todos os amigos que já se foram. Eu agradeço a todos aqueles ao qual eu aprendi coisas além das dos livros, ensinamentos e conhecimentos sobre o nosso “humanizar” que encontramos nas conversas de bar, nas festas de faculdade, nas pessoas que conhecemos. Agradeço a todas as mulheres que passaram pela minha vida nestes longos anos de Assis. Agradeço a toda força da natureza, com todos os seus elementos, uteis a evolução.

A todos, muita saúde, tesão e Anarquia. Gratidão...

“Em um nível mais acadêmico, historiadores (da ciência, da cultura) começaram a abordar o passado nos próprios termos deste. Em 1933, em sua aula inaugural no Collège de France, Lucien Febvre tinha ridicularizado os escritores que, ‘sentados a suas escrivaninhas, atrás de montanhas de papel, tendo fechado e coberto suas janelas’, emitiam juízos profundos sobre a vida de proprietários rurais, camponeses e trabalhadores agrícolas. (...)”.

(Paul Feyerabend. *Contra o Método*, p. 11-12).

“(...) A grande imprensa brasileira opera, na fase atual, uma tarefa que nunca antes desempenhou: a de deformar a realidade, ou a de escondê-la. (...) Tais jornais perderam aquilo que se conhece como credibilidade, o que eles informam não merece confiança. Existe profundo divórcio entre o que o público pensa e acredita e necessita e aquilo que a grande imprensa veicula. (...)”

(...) Trata-se de assegurar, por dispositivos legais, a situação existente, quando a grande imprensa detém o comando da informação e, com ele, estabelece as regras do jogo político. Batizar de democracia um quadro como o que é apresentado pela grande imprensa brasileira, atualmente, é, sem dúvida, levar muito longe uma farsa que, pelo seu uso e abuso, se transformou em norma. (...)”.

(Nelson Werneck Sodré. *História da Imprensa no Brasil*, 1999).

“Mas um dia se ha de fazer a historia da vileza imensa da imprensa deste tempo, e então o ferrete da ignominia marcar  para sempre a testa dos miseraveis rufi is do pensamento, que são os jornalistas da burguezia...”

(Astrojildo Pereira - **Cronica Subversiva, “Barrajem de Patranhas”, ano 1, n  06, 06/07/1918, p. 02).**

“Todas as coisas do mundo são de todos os homens, porque todos os homens delas necessitam, porque todos os homens colaboraram, na medida de suas forças, para produzi-las; porque não   possível avaliar a parte de cada um na produção das riquezas do mundo (...)”

(Piotr Kropotkin. *A Conquista do Pão*, 1892).

GOMES, Leandro Ribeiro. **LIBERTÁRIOS E BOLCHEVIQUES: A repercussão da Revolução Russa na imprensa operária anarquista brasileira (1917-1922)**. 2012. 242 f. Dissertação (Mestrado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

Resumo

No começo do século XX, a Revolução Russa abalou o mundo com as dimensões de suas experiências e a radicalidade de suas propostas. Por pressão das camadas populares russas insatisfeitas com as mazelas da primeira guerra mundial, o czarismo foi derrubado e em seguida o governo provisório, desencadeando uma revolução de forte caráter operário e camponês. Os soviets (conselhos populares) espalharam-se por todo o território de um país de dimensões continentais (constituindo-se de início, uma grande experiência libertária). Com isso, a Rússia Soviética tornou-se uma referência para todos os movimentos revolucionários e socialistas ao redor do mundo, e o movimento operário brasileiro (que na época era predominantemente de tendência anarquista) não ficou imune aos impactos desse evento. Este trabalho é o resultado de uma pesquisa que analisa o entendimento e a compreensão que os militantes anarquistas brasileiros tiveram a respeito da revolução na Rússia, por meio de sua imprensa. Para tanto, utilizamos como fontes documentais os jornais *A Plebe*, *A Vanguarda*, *A Obra*, *O Libertario*, *A Semana Social*, *A Luta*, *Cronica Subversiva*, *O Debate*, *O Cosmopolita*, *Spártacus*, *Voz do Povo* e o *Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro*. As formas como os anarquistas enxergaram e representaram este acontecimento em seus periódicos, nos revelam, e nos possibilitam investigar e compreender, os conflitos e mudanças internas no movimento operário brasileiro do período. Movimento operário este que ficou dividido entre “libertários e bolcheviques”, devido o caráter autoritário do regime russo, que não contemplava as expectativas do anarquismo, apesar dos elementos libertários da experiência revolucionária ocorrida na Rússia.

Palavras-chave: Revolução Russa; Imprensa Operária brasileira; Anarquismo.

GOMES, Leandro Ribeiro. **Anarchists and the Bolsheviks: The impact of the Russian Revolution in Brazilian anarchist labor press (1917-1922)**. 2012. 242 f. Thesis (MA History). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

Abstract

In the early twentieth century the Russian Revolution shook the world with the dimensions of its experiences and the radicalism of its proposals. Under pressure from Russian grassroots popular classes dissatisfied with the ills of the First World War, the Tsarist regime and then the interim government were overthrown, sparking a revolution of strong proletarian and peasantry character. The Soviets (popular councils) have spread throughout the territory of a country of continental dimensions (constituting at the beginning, a great libertarian experience). Thus, Soviet Russia became a reference for all socialist and revolutionary movements around the world, and the Brazilian labor movement (which at that time was predominantly anarchist) was not immune to the impacts of this event. This work is part of a study that analyzes the understanding and the perception that the Brazilian anarchist militants had about the revolution in Russia, by the reading of their press. We used as documentary sources the following anarchist press: *A Plebe*, *A Vanguarda*, *A Obra*, *O Libertario*, *A Semana Social*, *A Luta*, *Cronica Subversiva*, *O Debate*, *O Cosmopolita*, *Spártacus*, *Voz do Povo* and the *Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro*. The ways in which anarchists saw and represented this event in their journals reveal and enables us to investigate and understand the conflicts and changes within the Brazilian labor movement of the period which was split between "libertarians and Bolsheviks," because the authoritarian character of the Russian regime which did not include the expectations of anarchism, despite its revolutionary elements.

Keywords: Russian Revolution; Brazilian Labor Press; Anarchism.

Sumário

Introdução.....	10
A Repercussão da Revolução Russa e a imprensa no Brasil.....	12
Fontes de pesquisa: os jornais operários anarquistas.....	18
Metodologia.....	27
A “tradição” da luta socialista.....	34
Os militantes e a cobertura jornalística.....	38
 Capítulo 1:	
A Revolução Russa: “a grande vitória do proletariado rumo ao socialismo”.....	41
 1.1 A velha Rússia e a experiência revolucionária dos Sovietes.....	42
1.2 O anarquismo russo na revolução.....	57
1.3 A repercussão da Revolução Russa no movimento operário e anarquista mundial.....	71
 Capítulo 2:	
O Movimento Operário no Brasil: anarquismo e imprensa militante.....	86
 2.1. O movimento operário brasileiro na Primeira República.....	87
2.2. O movimento anarquista e a sua imprensa.....	105
2.3. A recepção da Revolução Russa no Brasil e sua repercussão entre os libertários.....	122
 Capítulo 3:	
A repercussão da Revolução Russa na imprensa dos anarquistas brasileiros.....	136
 3.1. Ecos de Outubro.....	136
3.1.1. Publicação de documentos, relatos e entrevistas especiais.....	137
3.1.2. Os Sovietes e as “visões” da revolução.....	157
3.1.3. As notícias da Rússia e as difamações contra a revolução.....	175
 3.2. Entre “camaleões” e “cristalizados”.....	188
3.2.1. Os anarquistas russos e a repressão bolchevique.....	189
3.2.2. A 3ª Internacional de Moscou.....	200
3.2.3. Reafirmando posições: os libertários brasileiros diante da nova Rússia Soviética.....	205
 Conclusão.....	215
 Fontes e Referências Bibliográficas.....	221
 Anexos.....	230

Introdução

“Para mim é tão odioso seguir quanto guiar”.
Nietzsche, *A gaia ciência*.

Escrever a História é uma atividade tão árdua quanto delicada. Aos esforços de leitura, pesquisa e redação somam-se as dificuldades de se compreender uma época, pois julgar não é tarefa do historiador. E o que pode dificultar essa compreensão não são apenas os deslizamentos de nossas convicções pessoais, mas também as próprias experiências históricas que formaram estas convicções e as ideias que se tem do passado.

A presente Dissertação tem por objetivo investigar a repercussão que a Revolução Russa teve na imprensa operária brasileira anarquista – tendência que constituía a maior parte do movimento operário naquela época – tendo como recorte cronológico os anos de 1917 a 1922, para poder abarcar os eventos deste processo revolucionário. Os jornais anarquistas que iremos trabalhar são: *A Plebe*; *A Vanguarda*; *A Obra* e *O Libertário* – todos estes publicados na cidade de São Paulo –; *A Semana Social* – de Maceió, Alagoas –; *A Luta* – de Porto Alegre –; e *O Cosmopolita*; *O Debate*; *Cronica Subversiva*; *Spártacus*; *Voz do Povo* e o *Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro* – estes últimos da então capital federal da época.¹

A posição da imprensa na historiografia sofreu transformações mais precisamente a partir da década de 1970, quando além de uma História da imprensa – uma descrição e catalogação dos órgãos jornalísticos que existiram – e uma História por meio da imprensa – o estudo de temas que poderiam ser analisados nas folhas periódicas – o jornal passa a tornar-se o próprio “objeto” da pesquisa histórica. Dessa forma, enquanto “objeto”, o jornal passa a ser a única fonte de documentação de uma dada investigação, que entende o impresso estudado como um agente que interviu e participou na vida social e não apenas como um transmissor, uma “fonte” de informações sobre esta realidade social, convertendo-se no “objeto” em si do trabalho. Assim, podemos entender os jornais que iremos trabalhar como sendo, ao mesmo

¹ Sobre o fato do movimento anarquista ter sido a tendência hegemônica no movimento operário brasileiro nas primeiras décadas do século XX, podemos dizer que esta constatação sempre foi destacada nas obras historiográficas deste campo de pesquisa (assunto que trataremos em maior profundidade ao longo deste trabalho). Para esta oportunidade, podemos mencionar apenas dois exemplos significativos, que convergem na consideração da predominância do movimento libertário nas lutas dos trabalhadores e na influência decisiva da imigração européia para entender a importância do anarquismo nesta realidade, ou seja, Fausto: (1977, p. 32) e um mais recente, Viana (2006, p. 30).

tempo, fonte e objeto – de uma pesquisa que se debruça sobre como os anarquistas brasileiros receberam a Revolução Russa em suas publicações.²

Mas as convicções pessoais e as experiências históricas, também podem se tornar “prisões” para uma prática historiográfica mais livre, que lute contra preconceitos e que busque, o tanto quanto possível, compreender. A fé e a decepção no progresso humano, na razão, na ciência e na liberdade do indivíduo em que foi palco o último século, moldaram os valores do mundo contemporâneo em que o historiador se insere e não pode fugir.

Fazer uso dos jornais como única fonte primária de um objeto histórico, ainda mais de uma imprensa militante numa época conturbada da história como é o caso, oferece dificuldades próprias. Uma delas são as posturas ideológicas dos produtores destes periódicos. Eram “jornalistas operários” na Primeira República do Brasil entre 1917 a 1922, que também acreditavam que era “tão odioso seguir quanto guiar”, pois estavam inseridos no espírito de uma época de passagem de um século ao outro marcado por uma grande fé na ciência, ao mesmo tempo em que continha uma revolta e um anseio por libertação.³

O posicionamento político destes militantes criou condições específicas, tanto da produção de seus impressos, quanto das ideias que tinham e poderiam desenvolver sobre eventos noticiados em suas páginas – características que influenciam nos cuidados da análise histórica. Trata-se, então, de um setor da sociedade, que com as posturas ideológicas da doutrina anarquista, entendeu e recebeu à sua maneira as notícias dos eventos russos.

Ao selecionar estes jornais operários como o objeto privilegiado da pesquisa, o objetivo então é analisar a maneira como foram registrados e interpretados estes eventos. Comparando a produção impressa destes jornais e periódicos, para verificar os distanciamentos e semelhanças entre eles e, portanto, o discernimento da realidade que construíram, e com isso entender melhor as transformações internas do movimento operário do período com o advento desta revolução. Assim como também analisaremos as fontes que estes jornais libertários se utilizaram para falarem a respeito da Rússia.

A Revolução Russa de 1917 foi um evento internacional que impactou o mundo da época. Por ter tido como protagonista o povo, o “proletariado”, e por ter realizado os seus esforços em nome da causa socialista e comunista, também defendida pelo movimento anarquista, a partir do seu próprio ponto de vista. A Rússia soviética tornou-se, então, um imã para todos os movimentos operários e revolucionários do mundo. No entanto, as divergências

² A respeito do jornal como objeto: Cf.: (LUCA, 2006, p. 118).

³ Este clima do início do século XX é comentado no famoso livro: (HOBBSBAWM, 1995).

teóricas e doutrinárias entre o anarquismo e o marxismo – este último com forte influência sobre os bolcheviques vitoriosos na Rússia – fez com que o movimento anarquista internacional logo entendesse o caráter centralizador do novo regime, formulando críticas ao bolchevismo nos meios militantes e operários, o que conferiu um interesse particular ao tema.

Esta dissertação se dedica, portanto, a reação do movimento operário anarquista brasileiro diante de uma revolução que defendia a causa operária e o socialismo, bem como o impacto desta revolução distante no seio deste movimento, e que é possível identificar em sua imprensa militante. Assim como as identificações e oposições do proletariado do Brasil para com os revolucionários russos, e em que nível. E o apoio internacionalista à insurgência do povo russo, que ocorreu e foi divulgado na imprensa do operariado nacional.

A Repercussão da Revolução Russa e a imprensa no Brasil

Como já foi mencionado, a Revolução Russa não ficou circunscrita dentro de seus limites territoriais, aliás, nenhuma revolução fica, pelo contrário, a dimensão dos impactos da experiência revolucionária russa foi muito grande, como atesta Hobsbawm: “(...) *A Revolução de Outubro produziu de longe o mais formidável movimento revolucionário organizado na história moderna. Sua expansão global não tem paralelo (...)*” (HOBSBAWM, 1995, p. 62).

Portanto, esse evento ecoou, repercutiu e foi acompanhado em vários países por meio das informações divulgadas e telegrafadas pelas agências internacionais de notícias. E para pensarmos sobre a maneira como se deu a repercussão deste grande evento, inclusive pelas várias imprensas e jornais ao redor do mundo (que já participavam de um sistema global de comunicações), devemos levar em conta o grau de intensidade das expectativas e temores que ela suscitou; a importância que atingiu as suas polêmicas na sociedade, o que ajuda a entender a rapidez de sua “expansão global”. Para isso, o velho historiador inglês explica que para a geração que viveu nestes anos imediatos à Revolução Russa esta época foi vista como um momento decisivo da História, por exemplo, como o início da possibilidade da queda do capitalismo (HOBSBAWM, 1995, p. 79).

O historiador francês René Rémond também escreveu sobre esta atmosfera de início do século passado oferecendo dados sobre as repercussões destes fatos no mundo. Ele comenta que a experiência russa tornou-se sinônimo de subversão, mostrando-se como uma ameaça aos regimes políticos e a ordem social dos outros países, assustando governos e

classes dirigentes, pois: “(...) *A revolução russa apresenta-se à opinião pública democrática ou socialista do Ocidente como a herdeira das revoluções de 1789 e 1848. O mito da revolução soviética cristaliza as aspirações de renovação, de paz, de internacionalismo.* (...)” (RÉMOND, 1976, p. 49).

As agências internacionais de notícias mencionadas, no entanto, eram influenciadas pelos acordos e interesses geopolíticos das grandes economias imperiais européias e pela economia estadunidense. Assim, uma revolução radical na Rússia, que era aliada da Tríplice Entente na Primeira Guerra Mundial, acabou produzindo “notícias duvidosas” (do ponto de vista dos operários militantes) veiculadas por estas agências: a inglesa Reuter, a francesa Havas e a Associated Press e United Press, ambas dos Estados Unidos, que depois entrou para o lado da Entente na guerra. Agências estas que eram as mais usadas pela imprensa brasileira, em geral, para obter informações do exterior naquela época. E como todo órgão de imprensa (como será discutido adiante), elas noticiaram as informações segundo o seu ponto de vista, que eram distintas da imprensa do movimento operário.⁴

Devemos ter bem claro ao tratar deste tema que a imprensa escrita, os jornais e periódicos, constituíam os principais veículos de ampla comunicação e divulgação de informações nas primeiras décadas do século XX. Por isso, esta se tornou uma fonte rica de documentos e de pesquisas, inclusive para o estudo e a avaliação das repercussões e impactos da Revolução Russa no movimento operário brasileiro durante o seu período de acontecimento. Foi uma época de grandes inovações tecnológicas, que como já foi mencionado, a humanidade entusiasmava-se com os progressos da ciência. E estas mudanças afetaram a sociedade, daí a importância dos periódicos neste momento:

Sobrepondo-se aos anacronismos de toda ordem, a chegada do século XX se impôs com seu cortejo sedutor de novidades prontamente trazidas para a criação da grande imprensa e a ampliação do parque gráfico. Luz elétrica, telefone, cinematógrafo, bondes elétricos, automóvel, máquina de escrever (...). O telégrafo submarino e sem fio aproximou-nos dos jornais europeus, pois passou a ocorrer uma simultaneidade na publicação de informações. Houve uma ampliação de títulos e os jornais diários – já conformando a grande imprensa – figuravam como conglomerados poderosos, definindo os rumos do país. Nesse momento, a profissionalização do setor se confirma. (MARTINS; LUCA, 2008, p. 11).

⁴ Sobre a história das agências internacionais de notícias, inclusive durante a Primeira Guerra, e seus laços e interesses econômicos, ver o artigo: (MATTA, 1980). E quanto à presença destas agências na imprensa brasileira da época ver: (LUCA, 2008a, p. 152). E o telégrafo, com a ligação Brasil-Europa por cabo submarino, começou em 1877, com o *Jornal do Comercio* (RJ), com as primeiras notícias distribuídas pela Reuter-Havas: Cf.: (LUCA, 2006, p. 137).

Dada a posição que a imprensa escrita tinha nas sociedades daquela época – inclusive na brasileira –, devido também às inovações tecnológicas que ocorriam neste espaço de comunicação, as notícias e consequentes interpretações do que acontecia na Rússia também podem ser entendidas como parte dos impactos e repercussões do evento revolucionário.

Mais uma vez recorrendo a Hobsbawm, devemos lembrar que a Revolução Russa não inspirou apenas revolucionários, mas também outras revoluções, movimentos insurgentes e uma intensificação da rebeldia de operários e camponeses em vários países da Europa e Américas, ou seja, uma revolta que também foi uma revolta contra a guerra mundial que estava ocorrendo. Portanto, tal repercussão teve um caráter bem amplo nas experiências das lutas sociais mundo afora (HOBBSAWM, 1995, p. 73).

Assim, nesta conjuntura, a guerra de informações, deturpações e disputas pela verdade dos fatos e, as controvérsias em torno da Revolução Russa, foram fenômenos presentes que são encontrados em nossas fontes e que serão explicadas no decorrer deste trabalho. Correlatos a todos estes aspectos, esta “repercussão” também se expressou em vários “mitos”, criados a respeito de acontecimentos e fatos distantes:

Nada se sabia do regime instituído na Rússia. Quanto mais a direita multiplicava as informações inquietantes sobre o regime dos soviets, tanto menos a opinião militante de esquerda estava disposta a escutá-las. Ela havia sido excessivamente manipulada. Para os trabalhadores, para seus dirigentes, para os que estavam acostumados a falar em nome do povo, o período imediatamente seguinte ao final da guerra comportava muitas decepções, muitos fracassos, com a vitória da direita na Câmara francesa, a ascensão do fascismo na Itália; e isso impedia que o mito da Revolução fosse abalado. Ele era ainda mais necessário para os que tinham esperanças. Em face das informações negativas provenientes da Rússia, e que só podiam ser emitidas “pelos inimigos da democracia”, constituiu-se uma espécie de frente da recusa contra todos os emissores de más notícias (...). (FERRO, 1984, p. 58).

Um dos principais livros desta pesquisa, e que será fonte primordial de nosso estudo, lembra o fato de que quanto as notícias da imprensa refletem posições de classe, fazendo propagandas políticas por trás de sua aparente objetividade, confundindo fatos com ficção e, transmitindo informações formadas e deformadas, ainda mais num momento de extrema guerra psicológica devido a Revolução Russa, como é o caso do período que observamos (BANDEIRA, 1980). Nesta obra constatamos o quanto o assunto “Rússia” foi envolvido por uma série de dificuldades, no que tange às informações a seu respeito, a ponto de até mesmo o jornalista Gilberto Amado – considerado uma personalidade da história política e intelectual

do Brasil –, que escrevia na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, o que podemos considerar um dos jornais da grande imprensa da época, ter se manifestado com protestos:

O Brasil acompanhou a queda do Czar e a deposição de Kerenski [chefe do governo provisório na Rússia] com a retina de Havas, United Press e outras agências internacionais. A imagem da revolução russa, que projetavam, era a imagem que as altas finanças de New York, Londres e Paris dela faziam. O volume de mentiras era de tal monta que Gilberto Amado escreveu na *Gazeta de Notícias*: “A United Press e a Havas continuam a nos julgar indignos da verdade, pobres bugres que convém manter no alheamento completo do que se passa no mundo”. (BANDEIRA, 1980, p. 73).⁵

Esta “grande imprensa” de que falamos, e que se configuraram como “conglomerados poderosos”, ao qual a *Gazeta de Notícias* pode ser classificada, foi um tipo de imprensa diferente da imprensa operária que iremos trabalhar. Esta Dissertação trabalha apenas com a imprensa do movimento operário de tendência anarquista, e não iremos nos debruçar sobre nenhum título da chamada grande imprensa. Contudo, esta diferenciação é necessária, não só para entendermos as particularidades de nosso objeto como também as relações que havia entre estes dois tipos distintos de imprensa, principalmente quanto à questão das fontes de informações sobre a Revolução Russa e as discussões suscitadas em torno deste assunto.

A chamada “grande imprensa” é um conceito corrente para definir genericamente o que seria a porção mais significativa dos jornais num dado momento histórico, em termos de circulação, perenidade, aparelhamento técnico, organizacional e financeiro (LUCA, 2008a, p. 149). Esta diferenciação, em termos de grande imprensa, se deu entre os estudiosos, devido a certas características que diferenciavam estes jornais no cenário político e social, por muitas vezes, defenderem posições políticas, sejam em nome da república, do liberalismo, ou da democracia, que legitimavam forças e interesses sociais consoantes aos grandes industriais, classes dominantes, grupos dirigentes, partidos políticos e governos, mesmo quando estes “grandes” impressos se posicionavam contra uma determinada política oficial. Tal estatuto de “grande imprensa” se deu, então, pelas condições que estes jornais tiveram de manter, muitas vezes, uma periodicidade diária com grandes tiragens, condições estas que foram possíveis devido a um grande apelo aos recursos publicitários e subsídios públicos e privados. A

⁵ A respeito do jornal *Gazeta de Notícias* e sobre a queixa de Gilberto Amado contra a falta de informações confiáveis sobre a Rússia, também averiguamos na obra clássica: (SODRÉ, 1983, p. 224 e 320). Nesta época, como veremos, chamavam os bolcheviques de “*maximalistas*”: (BANDEIRA, 1980, p. 145).

publicidade tornou-se a principal fonte de recursos destes periódicos que assumiram os fundamentos da economia de mercado, com aprimoramentos técnicos e racionalização da estrutura administrativa, mas sem deixar de constituir num espaço de luta simbólica em que diferentes segmentos se digladiavam em defesa de seus benefícios e interpretações sobre o mundo (LUCA, 2008a, p. 150-158).

O historiador Nelson Werneck Sodré – pioneiro na história da imprensa no Brasil – foi um dos primeiros a usar este conceito quando a imprensa começou a ganhar mais atenção na historiografia brasileira, o seu trabalho estabeleceu os vínculos entre capitalismo e os meios de comunicação. Sodré discorre sobre o surgimento da grande imprensa, ocorrendo na passagem dos séculos XIX para o XX. Salienta que pequenos jornais foram sufocados por empresas jornalísticas dotadas de equipamento gráfico necessário e com estruturas específicas. Isso afetou o plano da produção e circulação, alterando também as relações do jornal com a política, os anunciantes e os leitores. O jornal, assim, tornou-se uma empresa capitalista, onde é mais prático comprar a opinião de um jornal do que comprar o jornal (SODRÉ, 1983, p. 275-276).

Assim, eram estes os jornais que compravam as notícias das agências internacionais, que representavam grandes interesses econômicos no Brasil e que, portanto, devido aos seus vínculos, apresentaram notícias contraditórias e que eram vistas com grande desconfiança por parte dos operários e militantes anarquistas a respeito dos acontecimentos na Rússia, ainda mais se considerando as intensas lutas sociais no período no Brasil, entre os operários organizados e o patronato, estes últimos, muitas vezes, apoiados pelos grandes jornais. Exemplos conhecidos desta imprensa na época também foram *O Estado de S. Paulo* e o carioca *Correio da Manhã*.

Contudo, o movimento operário também possuiu e desenvolveu o seu próprio meio de comunicação e as suas tentativas de acessar informações a respeito dos eventos do mundo. Meio de comunicação este que também constituía um mecanismo de luta e resistência de seus ideais e reivindicações, ou seja, o jornal operário fazia parte do próprio movimento operário. O operário gráfico, o operário alfabetizado, intelectualizado, muitas vezes tipógrafo e que possuía experiência em oficinas jornalísticas foi o “agente comunicador dentro da formação da classe operária brasileira”, como atesta a autora Maria Nazareth Ferreira que foi a primeira a estudar a imprensa operária no Brasil:

Dentro dessa perspectiva tentou-se verificar os reflexos, no Brasil, dos principais acontecimentos mundiais que marcaram a virada do século: as novas idéias políticas que levantaram a questão social e que aqui penetraram com o elemento imigrante, as condições internas que proporcionaram a urbanização e o início do processo de industrialização – onde se insere a I Grande Guerra – além dos reflexos da Revolução Russa de 1917. Estes acontecimentos e as idéias que os acompanharam encontraram no Brasil terreno fértil para desenvolver-se. (FERREIRA, 1978, p. 16).

As principais diferenças entre a grande imprensa e a imprensa operária que iremos estudar pode ser medida, portanto, na questão do “lugar social” e das “funções sociais” que uma folha periódica ocupa, condição esta que afeta a “materialidade” dos impressos (LUCA, 2006, p. 131-132). A imprensa operária enfrentou muitas dificuldades (que será mais enfaticamente discutida adiante) justamente pelo lugar social que ela ocupava e pela função que desempenhava, pois eram publicações de circulação reduzida e de pequenos recursos materiais, mantendo uma posição de combate à ordem vigente. Por conseguinte, podemos dizer que estes eram tipos diferentes de imprensa:

Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê. É obvio que as máquinas velozes que rodavam os grandes jornais diários do início do século XX não eram as mesmas utilizadas pela militância operária, o que conduz a outro aspecto do problema: as funções sociais desses impressos. (LUCA, 2006, p. 132).

Esta cobertura anarquista aqui no Brasil da Revolução Russa, passou por duas fases, ou seja, num primeiro momento, em que os anarquistas brasileiros se empolgaram com a revolução (mais ou menos de 1917 a 1919), enxergando nela uma revolução libertária, de negação não só do capitalismo como do Estado. E um segundo momento (mais ou menos de 1920 a 1922) em que os anarquistas, cuja doutrina é antiautoritária, perceberam seus enganos, acusando a burocratização do regime russo, a centralização e as perseguições políticas. A análise inicia-se em março de 1917 – com a queda do czar Nicolau II – e se estende até dezembro de 1922 – ano da fundação do PCB –, e que representa uma grande cisão no movimento operário brasileiro, pois até então este movimento era majoritariamente de tendência anarquista, sendo que este partido foi formado principalmente por antigos militantes anarquistas; e também porque é no fim deste ano que se proclama oficialmente a URSS

(União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Até então nenhum trabalho havia se dedicado a esta repercussão, observando exclusivamente o ponto de vista dos periódicos libertários.

Fontes de pesquisa: os jornais operários anarquistas

O objetivo, dessa forma, é analisar esta imprensa, jornais que não tinham uma natureza empresarial capaz de influenciar – ou pressionar, de imediato – os rumos da vida política do país e da maior parte da opinião pública, pelo menos não na mesma proporção da grande imprensa. Jornais militantes que se interessaram especialmente pela questão da revolução na Rússia – já que esta revolução contemplava e divulgava muitas das ideias de sua militância cotidiana – eram folhas com ou sem periodicidade e números de páginas definidas, que dificilmente possuíam condições de manterem publicações diárias e uma avultosa tiragem. Eram feitas por militantes, não por profissionais, impressas em pequenas oficinas com as máquinas que eram disponíveis e que precisavam da contribuição financeira dos próprios operários leitores e jornalistas para sobreviver, já que muitos destes jornais, porém não todos, recusavam as receitas advindas do espaço publicitário (LUCA, 2006, p. 119).⁶

O maior problema ao se trabalhar com periódicos daquela época da Imprensa Operária, como fonte principal de pesquisa, são o grande número de títulos e folhas e, a irregularidade em sua produção. Havia uma grande quantidade de publicações e, que muitas vezes, não passavam do primeiro número, devido as dificuldades das condições desta imprensa. Poucos deles conseguiam ser diários, e por curto tempo de publicação. As dificuldades de sobrevivência de uma folha operária, por aqueles anos, já foi mencionada, essas condições também foram apontadas, inicialmente, por Maria Nazareth Ferreira e são dificuldades de dois tipos: as dificuldades financeiras, pois havia pouca publicidade e o público leitor era composto por trabalhadores; e as perseguições por parte da ordem estabelecida (FERREIRA, 1978, p. 104-105).

Dessa forma, a seleção dos jornais operários anarquistas, para escrever a história da

⁶ Quanto à questão das tiragens destes jornais, para inclusive comparar com a grande imprensa, observamos pelas leituras da bibliografia que as informações a este respeito são bem escassas. Contudo, podemos informar que jornais diários da grande imprensa podiam atingir marcas bem significativas para a época, como o *Jornal do Brasil* (RJ) – uma das folhas com o melhor equipamento gráfico do tempo – que no início do século, por volta de 1902-1903, chegou a uma tiragem de 62.000 exemplares diários: (SODRÉ, 1983, p. 284-285). Já o periódico libertário *Spártacus* (RJ), um dos títulos que iremos trabalhar, em 1919-1920, tinha uma tiragem de 4.000 a 6.000 exemplares, entretanto este título era semanal: (BANDEIRA, 1980, p. 158).

repercussão da Revolução Russa, teve que seguir alguns imperativos. A escolha de diversos títulos foi inevitável, pois devido as irregularidades das publicações, vários jornais tiveram que ser usados para dar conta da cobertura dos eventos russos, sem deixar grandes lacunas e buracos de tempo. A opção pelos jornais que foram listados também segue as indicações das leituras das referências bibliográficas, livros, textos e artigos que mencionam os jornais e números destes em que foram divulgadas notas a respeito da Rússia. Assim como a disponibilidade dos títulos e edições que estão acessíveis nos centros de pesquisas.

O acesso a fontes digitalizadas destes jornais também nos permitiu visualizar textos sobre a Revolução Russa que não foram comentados na bibliografia consultada. Houve periódicos que não foram mencionados nas primeiras listagens dos projetos desta pesquisa, e que foram visualizados com as leituras da bibliografia ao longo do tempo. Enquanto outros títulos ainda saíram da lista original, para dar lugar a jornais cuja coleção estava mais completa, por serem mais “importantes” dentro do movimento operário do período e, portanto, mais “interessantes” do ponto de vista historiográfico, já que são jornais que foram estudados, catalogados e digitalizados.

Mas não são todos os números destes jornais que contém textos sobre a Revolução Russa, e eles podem estar na forma de manchetes, artigos, editoriais, noticiários, entrevistas, publicações de cartas e documentos, relatos, análises, comentários e debates. Desde pequenas notas de poucas linhas, até extensas matérias que ocupam uma página inteira, todas as notícias e referências, interpretações e “visões” da Rússia revolucionária de 1917 a 1922 foram lidas, analisadas e catalogadas. Não analisamos nenhuma fonte iconográfica, e não entramos em questões referentes à recepção do leitor – era uma fonte, nem sempre, mas muitas vezes, clandestina, que circulava no subterrâneo da sociedade. A única análise será a referente aos textos que mencionam a Revolução Russa e seus assuntos nos jornais anarquistas, sendo estes observados enquanto grupos “representantes” do movimento operário e espaço de divulgação das idéias, discussões e problemas que circulavam neste meio operário.

A localização dos periódicos começou a ser realizada em diversos arquivos e acervos, utilizando-se da internet como instrumento veicular.⁷ Os jornais que foram analisados e que serão comentados nesta Dissertação foram copiados de arquivos digitalizados que se encontram no Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista,

⁷ CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa – UNESP/Assis) – <http://sgcd.assis.unesp.br>
CEDEM (Centro de Documentação e Memória da UNESP) – <http://www.cedem.unesp.br>
Arquivo Edgar Leuenroth (AEL-UNICAMP) – http://segall.ifch.unicamp.br/site_ael/
Arquivo da Biblioteca Nacional (RJ) – <http://www.bn.br>

(CEDEM-UNESP), que está localizado na cidade de São Paulo, ao qual foi visitado durante o ano de 2009, no início do programa de mestrado. Cópias desta documentação já foram doadas ao acervo do Centro de Apoio à Documentação e Pesquisa (CEDAP), localizado na Universidade Estadual Paulista, UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, campus de Assis. O CEDAP de Assis não dispunha das fontes necessárias – apenas um título que constava no projeto inicial – e que foi retirado devido às péssimas condições de leitura e de dispor de apenas um número. Todo o material analisado dentro de nosso recorte de tempo agora está com sua coleção completa, já que os números que faltavam – dos jornais *A Plebe*; *A Obra* e *O Libertário* – foram encontradas em cópias microfilmadas no Arquivo Edgar Leuenroth (AEL) – no Centro de Pesquisa e Documentação Social, pertencente e localizado na Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Estas cópias microfilmadas foram digitalizadas no ano de 2011, também sendo doadas reproduções deste material ao Centro de Documentação de Assis (CEDAP).

A conhecida e citada autora deste campo de pesquisa, Maria N. Ferreira, foi a organizadora do AEL, em inícios da década de 70, quando a imprensa operária ainda era uma fonte pouco usada e negligenciada. Ferreira indica, em seu estudo, que de toda a imprensa operária no período, os estados de São Paulo e Rio de Janeiro correspondem respectivamente a 42% e 30% do total, a grande maioria nas capitais destes Estados. Assim, segundo a autora, mais de 70% da imprensa operária estava concentrada no eixo Rio de Janeiro - São Paulo, em boa parte nas duas maiores cidades do Brasil na época, sendo o Rio ainda capital do país (FERREIRA, 1978, p. 87-91).

A maioria dos jornais anarquistas selecionados para esta pesquisa, pertence a estas duas cidades. Isso pode provocar algumas críticas ao título “Imprensa Operária Anarquista Brasileira” dado a esta Dissertação. A concentração das massas operárias daquele período em São Paulo e Rio de Janeiro, não justifica uma escolha arbitrária das fontes, e muito menos regional, apesar de influenciar esta questão. Isto se deve a quantidade e disponibilidade de jornais destas duas cidades levantados, preliminarmente, nos arquivos e acervos que foram utilizados. A disponibilidade destas fontes e a visualização de cópias digitalizadas também permitiram confirmar a presença de textos a respeito da Revolução Russa. A predominância de fontes do eixo Rio-São Paulo não se dá apenas por causa da distribuição geográfica do movimento operário, mas também pelo fato da maioria dos trabalhos e estudos sobre os militantes anarquistas brasileiros, inclusive aqueles que eram os mais conhecidos na época no movimento operário, até em outros países, pertencerem a este eixo.

Entretanto, estamos cientes de que o movimento operário brasileiro de inícios do século XX, inclusive e no caso anarquista, também existia em menor escala em outros centros urbanos do país, e que a Revolução Russa também repercutiu nestes espaços. Como exemplo, citamos o trabalho de Adelaide Gonçalves sobre esta imprensa operária no Ceará.⁸ Por isso, acreditamos que seja interessante incluir jornais de fora do eixo Rio-São Paulo, não só para ampliar a representatividade regional desta pesquisa, mas também porque eles são importantes para entender o “movimento operário brasileiro” de uma forma mais rica e plural, levando-se em consideração, as particularidades culturais entre as regiões do Brasil.

No entanto, entre os arquivos visitados durante este programa de mestrado, não encontramos muitos jornais libertários de fora deste eixo do sudeste, ainda mais com séries de números e edições consecutivas, com um mínimo de material a ser estudado. Por isso, apenas dois jornais dentre os que serão comentados adiante estão fora do sudeste, porém suas coleções estão completas.

Edgar Leuenroth foi um famoso militante anarquista e sindicalista, um dos principais responsáveis pela edição do jornal operário-libertário paulistano *A Plebe*, escolhido para esta pesquisa por ser um dos mais representativos da imprensa anarquista brasileira, devido à sua longevidade. Semanário inaugurado em 9 de junho 1917, apesar das dificuldades, percorre até o fim do período recortado – sendo que conseguiu funcionar brevemente como um diário em 1919 –, terminamos a sua análise em 30 de dezembro de 1922, em seu número 199. Foi a partir de seu arquivo pessoal que foi organizado na UNICAMP, o Arquivo Edgard Leuenroth (AEL). Este periódico libertário ficou fora de circulação apenas em 1918, devido a repressões políticas.⁹ O jornal *A Plebe* também foi escolhido por ter sido uma das folhas operárias anarquistas mais conhecidas naquele período, portanto possuía uma “representatividade” no movimento, e por isso, o jornal e seu principal redator foram muito referenciados nas obras sobre o movimento operário do início do século XX. Todo o material de *A Plebe* de nosso recorte de tempo foi, agora, reunido, totalizando nesta pesquisa 187 edições verificadas (algumas edições se perderam), com 144 fontes catalogadas sobre a Revolução Russa.

O periódico *A Obra*, também de São Paulo, foi muito importante e é listado aqui, pois teve como redator e dirigente o anarquista Florentino de Carvalho, um dos primeiros a denunciar a ditadura do partido bolchevique na Rússia – militante que teve um papel importantíssimo para a organização dos trabalhadores em nosso país, para a intelectualidade

⁸ Cf.: (GONÇALVES; SILVA, 2000).

⁹ A história de Edgar Leuenroth e do jornal *A Plebe* é trabalhada em uma tese muito importante para a nossa dissertação ver: (KHOURY, 1988).

operária e para o pensamento libertário brasileiro.¹⁰ A *Obra* foi uma publicação operária diferente, pois a maioria dos jornais aqui estudados possuem um formato de tablóide, com quatro páginas, e *A Obra* contém cerca de doze páginas ou mais, assemelhando-se a uma revista, como alguns a qualificaram. Este periódico era quinzenal, começando em 1º de maio de 1920; estudamos as suas páginas até o número 14, edição de 1º de outubro de 1920; somando-se 13 edições verificadas, pois uma se perdeu, com 7 fontes catalogadas.

Também trabalharemos com o jornal *A Vanguarda* de São Paulo, de 1921, o único entre os selecionados que era um diário, e que funcionou assim por vários meses antes de ser obrigado a se converter em semanário por dificuldades financeiras. Assim, este jornal apresentava-se como “diário do povo trabalhador”, de tendência anarco-sindicalista, estava ligado a organizações operárias e era impressa na oficina da “Cooperativa Gráfica Popular”, fundada pelo militante João da Costa Pimenta, também teve Afonso Schmidt, outro famoso militante anarquista, e o já citado Edgard Leuenroth como sócios, administradores e diretores. *A Vanguarda* publicava anúncios de pequenos estabelecimentos nas últimas páginas, surgiu em 23 de fevereiro de 1921, e percorremos até o número 47, última edição de 16 de julho de 1921. De sua coleção verificamos 45 edições, pois duas se perderam, e 57 fontes catalogadas.¹¹

Para terminar os periódicos de São Paulo, também arrolamos *O Libertario*, que circulou em 1922, órgão pertencente a “Aliança Anarquista”. *O Libertario* foi uma publicação operária mais secundária naquele momento, porém importante para a nossa pesquisa por ajudar a cobrir o último ano do nosso trabalho. *O Libertario* foi quinzenal e funcionou por pouco tempo, iniciou em 1º de janeiro de 1922, e com apenas cinco números, sendo a última edição de 11 de março de 1922; de 5 edições contabilizamos 10 fontes a respeito de assuntos relacionados a Rússia.¹²

Entre os poucos de fora do eixo do sudeste escolhemos o jornal *A Luta* de Porto Alegre (Rio Grande do Sul) editado em 1918 pelos anarquistas da *União Operária Internacional* (UOI). Este jornal é estudado e citado no trabalho recente de Frederico Duarte Bartz sobre as repercussões da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul.¹³ Publicação que – assim como *O Libertario* – é um típico exemplo de uma folha

¹⁰ Sobre a vida de Florentino de Carvalho e informações sobre *A Obra*: Cf.: (NASCIMENTO, 2000).

¹¹ Quanto ao diário anarquista *A Vanguarda* ver: (DULLES, 1977, p. 123-124). E também um pequeno trabalho de grande relevância: (RODRIGUES, 1997, p. 47).

¹² O pouco que sabemos a respeito de *O Libertario* encontramos em: (DULLES, 1977, p. 161). E também: (RODRIGUES, 1997, p. 109).

¹³ Cf.: (BARTZ, 2008).

anarquista de curto período de vida devido as suas dificuldades, pois *A Luta* teve apenas três números com periodicidade irregular. Foi um impresso refundado em fevereiro de 1918 – ele teve uma fase anterior – e seu primeiro número saiu em 28 de março e o último em 14 de outubro de 1918, com o objetivo de defender a Revolução Russa, em que Bartz afirma que esta foi uma tática militante destes anarquistas para se diferenciarem de tendências mais moderadas no interior da *Federação Operária do Rio Grande do Sul* (BARTZ, 2008, p. 70-71). Em *A Luta* contamos então 3 edições e 7 fontes localizadas.

Outro jornal de fora do sudeste foi selecionado, *A Semana Social*, de Maceió (Alagoas), editado em 1917. Este periódico é importante e representativo, pois nele colaborou Antonio Bernardo Canellas como principal redator, sendo este um grande militante de origem anarquista que ajudou a fundar o PCB. Foi o primeiro brasileiro a conhecer a Rússia soviética, em setembro de 1922, como delegado representante do PCB no IV Congresso da Internacional Comunista, foi expulso do partido logo depois por ter discordado dos russos devido a sua formação libertária. Este jornal terminou de circular devido as pressões patrióticas contrárias às suas manifestações de reprovação à entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial. *A Semana Social* foi semanal, começou a ser publicada em 30 de março de 1917, indo até o número 26, mesmo número de edições registradas, de 3 de novembro de 1917, catalogamos apenas 4 fontes mencionando a revolução na Rússia.¹⁴

Passando aos impressos do Rio de Janeiro, também listamos *O Debate*, semanal de 1917, e *Cronica Subversiva*, semanal de 1918 – ambos editados por Astrojildo Pereira, que foi um dos diretores do primeiro e redator único do segundo. Ex-anarquista, que depois se converteu ao comunismo, sendo um dos principais articuladores da fundação do PCB em 1922, Astrojildo Pereira é um nome bem presente em nossas fontes e no movimento operário do período, portanto, na bibliografia consultada.¹⁵ A importância destes dois periódicos não está só no fato de terem sido editados por Astrojildo Pereira, mas por ter apresentado textos sobre a Revolução Russa que também teceram comentários sobre a imprensa brasileira a respeito do mesmo assunto. *O Debate* também é considerado uma revista de propaganda anarquista, outros militantes anarquistas importantes como Fábio Luz e o escritor Lima Barreto colaboraram com ele, possuía mais de dez páginas e publicava alguns anúncios, começou em 12 de julho de 1917 e terminou no número 15, de 27 de outubro – sendo catalogadas 6 fontes – *O Debate* foi proibido de circular com o estado de sítio decretado pelo

¹⁴ A trajetória de Antonio Bernardo Canellas e a história do jornal *A Semana Social* é apresentada na obra: (SALLES, 2005).

¹⁵ Sobre a vida de Astrojildo Pereira ver: (FEIJÓ, 2001).

governo com a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial.¹⁶ Já a *Cronica Subversiva* tinha um formato tablóide de quatro páginas, sem anúncios, e era impresso nas oficinas gráficas do *Jornal do Brasil*, iniciando em 1º de junho de 1918 e terminando no número 16, de 12 de outubro de 1918.¹⁷ De 16 edições também foram encontradas 6 fontes.

Ainda selecionamos o semanário *Spártacus*, de 1919-1920, porta voz do núcleo carioca dos anarquistas que se identificaram com a Revolução Russa. No *Spártacus* colaborou José Oiticica, outro famoso militante anarquista daquela época, e que é amplamente citado na bibliografia sobre o movimento operário. O jornal *Spártacus* é uma das folhas mais significativas dentre as doze escolhidas neste trabalho. Tablóide de quatro páginas, o formato típico e mais comum da imprensa operária deste período, este jornal mescla a propaganda e a divulgação da cultura anarquista com textos políticos direcionados a vários setores profissionais e organizações de trabalhadores, como também a divulgação da situação do movimento operário no Brasil e no mundo. Planejado para ser um diário, *Spártacus* se constituiu como um semanário, surgindo em 2 de agosto de 1919 e, sofrendo perseguição policial, indo até o número 24, de 10 de janeiro de 1920. José Oiticica chefiava o grupo editorial do periódico e Astrojildo Pereira era o administrador e chefe da redação.¹⁸ Desta folha identificamos 62 fontes.

O periódico *O Cosmopolita*, do Rio de Janeiro, foi publicado entre 1916 a 1918 e, diferencia-se dos outros jornais operários anarquistas, pois representava uma categoria de trabalhadores ligados não ao setor produtivo, mas sim ao setor terciário de serviços. *O Cosmopolita* apresentava-se como “Órgão dos empregados em hotéis, restaurantes, cafés, bares e classes congêneres”. Não sabemos por qual razão, mas este jornal foi o único entre os estudados que se manteve em circulação com o estado de sítio em 1917, cobrindo o período correspondente a revolução de outubro na Rússia. Após a fundação do PCB em 1922, este periódico retornou com o título de *Voz Cosmopolita*, contudo, trabalhamos apenas com a sua primeira fase, onde se apresenta explicitamente o seu conteúdo anarquista.¹⁹ Começamos a sua análise a partir do número 9 – edição de 1º de maio de 1917 –, pois os números anteriores não abarcavam o nosso período, e estendemos até o número 39, de 10 de agosto de 1918. Contabilizamos 31 edições verificadas com 25 fontes sobre os eventos russos.

¹⁶ Sobre *O Debate* ver: (DULLES, 1977, p. 63). E quanto a este estado de sítio decretado pelo governo em 26 de outubro de 1917 confirmar em: (CARONE, 1974, p. 314).

¹⁷ Estas informações sobre *Cronica Subversiva* Cf.: (FEIJÓ, 2001, p. 71).

¹⁸ Sobre os dados a respeito de o jornal *Spártacus* consultar: (DULLES, 1977, p. 92).

¹⁹ Sobre a circulação deste jornal durante o estado de sítio ver: (BANDEIRA, 1980, p. 105). E dados sobre este periódico ver: (RODRIGUES, 1997, p. 104).

Iremos, ainda, utilizar o *Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro*, mensário que teve apenas dois números no início de 1918. Esta folha teve uma vida muito curta, e apenas uma fonte foi identificada, mas ela é significativa porque ajuda a cobrir um período de nossa pesquisa que muitos dos outros jornais não abarcam, sem dizer que ela apresenta informações e considerações sobre a grande imprensa, os telegramas e as agências de notícias no que condiz sobre a Rússia. Este impresso teve distribuição gratuita e se apresenta apenas como um órgão da aliança dos libertários da capital.²⁰

Por último, analisamos um jornal que foi muito importante para o movimento operário daqueles anos, e que ao estudarmos esse tema na vasta bibliografia disponível, constatamos que materiais valiosos sobre a Revolução Russa foram publicadas nesta folha: trata-se de *Voz do Povo*, “Órgão da Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro e do Proletariado em Geral” como ele se apresentava. Este jornal foi criado com fim do semanário *Spártacus*, para substituí-lo, em princípios de 1920, e com a contribuição financeira de milhares de operários, *Voz do Povo* se constituiu como um diário anarquista e funcionou de fevereiro até por volta de dezembro de 1920 (DULLES, 1977, p. 106). Contudo, esta coleção de *Voz do Povo* de 1920, não foi encontrada disponível nos arquivos de São Paulo (CEDEM e AEL), mas apenas na Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro, onde existem cópias microfilmadas. O serviço de digitalização deste material fornecido pela Biblioteca Nacional iria exigir muito tempo, devido à vastidão desta coleção (cerca de 294 edições), portanto, optamos por reserva-lo a estudos futuros, já que não estava previsto no cronograma deste programa de mestrado, visto que já é farta a quantidade de fontes reunidas. Porém, no CEDEM, encontramos cópias digitalizadas deste jornal, de edições especiais que foram publicadas em 1921, num esforço do jornal de voltar à ativa. Neste ano de 1921, *Voz do Povo*, além de mencionar a Federação dos Trabalhadores do Rio como parte da organização, também indica na direção da administração, os “trabalhadores marítimos, os trabalhadores em transportes terrestres e o operariado do Estado do Rio de Janeiro”. Desta curta fase do ano de 1921, analisamos 8 edições – entre fevereiro a julho – com 6 fontes encontradas.

No contato direto com estas fontes, confirmou-se as descrições sobre o movimento operário discutidas na ampla bibliografia existente. A idéia do internacionalismo operário está sempre presente, concepções que já vinham sendo cultivadas no movimento operário mundial desde o século XIX. Tanto o marxismo, que era então uma corrente deste movimento operário e socialista, tendência esta, que por sua vez, se tornou dominante na Revolução Russa, e o

²⁰ Sobre esta curta publicação temos muito pouco na bibliografia estudada, ver: (RODRIGUES, 1997, p. 60).

anarquismo – a chamada vertente libertária do comunismo, polêmica para com o marxismo – eram pensamentos que entendiam a necessidade e desejavam a união de todos os trabalhadores do mundo na luta contra o capitalismo. Compartilhavam da idéia de que o proletariado iria adquirir uma gradual consciência de sua força e que a sua união deveria derrubar as fronteiras do Estado-nacional burguês. Por isso, esses militantes operários não se viam apenas como paulistas, cariocas, alagoanos ou gaúchos; eles buscavam desfazer as divisões regionais ao se identificarem entre si. Eles se consideravam como “irmãos”, “companheiros”, que defendiam a visão de uma sociedade igualitária, livre e sem fronteiras entre os povos. Uma identidade militante que também baseavam as relações entre os jornais operários, uma vez que eles trocavam correspondências entre si, intercambiando exemplares e fontes de informações. Assim, era comum um jornal operário fazer propaganda de outra folha congênere – até de outro estado – e informar sobre a luta dos trabalhadores em outros lugares do Brasil e até fora do país.²¹

Assim, neste sentido e com estas características, acreditamos que as fontes que trabalhamos, mesmo estando concentrados principalmente nos dois maiores polos urbanos do país, possuem discursos e ideias no qual o proletariado militante nacional certamente se identificou, em maior ou menor grau, identificação esta que ultrapassa as fronteiras dos Estados. Dessa forma, estes periódicos, mesmo dentro de suas limitações regionais, podem ser considerados representativos do movimento operário nacional.

No caso do anarquismo especificamente, o internacionalismo era entendido partindo de bases federalistas, ou seja, a associação de organizações livres com a construção da sociedade de baixo para cima a partir da autogestão social. É que o princípio de uma sociedade sem fronteiras era o mesmo, mas talvez seja mais adequado qualificar os anarquistas não como internacionalistas – pois eles são contra o Estado – e sim como antinacionalistas, anacionalistas, cosmopolitas, enfim, “cidadãos do mundo”.²²

²¹ Um básico resumo da contribuição do marxismo e do anarquismo quanto à questão do internacionalismo operário encontramos no texto: (COSTA, 1985, p. 66-84). E numa análise das páginas destes jornais podemos facilmente identificar os laços de solidariedade que haviam. O jornal *A Plebe*, por exemplo, tinha uma seção chamada “Mundo Operário”, em sua terceira página, que discutia e noticiava o andamento do movimento operário e das greves pelo Brasil.

²² Estas considerações sobre o pensamento político do anarquismo podem ser confirmadas na importante obra: (GUÉRIN, 1968, p. 72-74).

Metodologia

A imprensa operária anarquista daqueles tempos, possuiu características próprias, tanto por causa das dificuldades econômicas – eram jornais que sofriam problemas financeiros, por serem conduzidos por operários e voltados para os operários –, como também pelas perseguições policiais – pois estes foram periódicos que se posicionaram radicalmente contra a ordem estabelecida. Mas também devido as suas ideias políticas, como a questão do internacionalismo, que fazia com que houvesse certa solidariedade entre os trabalhadores, já que eles viam a sua luta e o seu movimento como fazendo parte de uma mesma causa internacional, a do “proletariado”. E o jornal operário se tornou um meio alternativo de informação e comunicação produzida pelo operariado militante, até mesmo para confrontar as notícias veiculadas pelo que eles chamavam de “imprensa burguesa”, o que podemos identificar como a “grande imprensa”.

Esta “imprensa operária” não possuía condições de sustentar uma grande oficina gráfica e de imprimir avultosas tiragens, como os grandes jornais. É importante se considerar essas características para trabalhar com estas fontes. Sendo jornais conduzidos por militantes operários, temos que pensar estas fontes dentro daquele “mundo operário”. No Brasil daquele tempo, o trabalhador pobre estava relegado ao total abandono, desinformado, destituído dos direitos mais elementares e, em geral, excluído do precário sistema educacional, aspectos que condicionaram a produção desta imprensa anarquista.²³ Contudo, estas são as dificuldades que os trabalhadores organizados nestes jornais tiveram que enfrentar para tentar “esclarecer” e informar os trabalhadores em geral, na luta por seus direitos e reivindicações. Os militantes que produziam estes jornais – periódicos que muitas vezes representavam ou tentavam se dirigir a categorias profissionais, sindicatos e várias organizações operárias – eram bem organizados, e como demonstra a análise das fontes, muito bem informados, mantendo correspondências com o movimento operário de outros países e lendo os periódicos e revistas de maior circulação.

Escrever sobre um tema que envolve as lutas políticas e sociais, a Revolução Russa e o anarquismo, é também se relacionar com uma historiografia que possui às suas polêmicas. Muitas vezes, a experiência anarquista não é incorporada à bagagem cultural e política da esquerda por autores, que simpáticos ao marxismo, estigmatizaram os anarquistas como

²³ As peculiaridades da situação da folha anarquista são apresentadas no artigo: (PRADO, 2008, p. 132-133).

“românticos” e “pré-políticos”, devido, principalmente, a sua recusa a ação partidária, por exemplo. Estes preconceitos historiográficos são apontados pela historiadora Margareth Rago, com considerações importantes se almejamos compreender essas fontes sem grandes interferências arbitrárias de convicções e ideologias – inclusive as nossas – para o exercício de uma historiografia mais livre (RAGO, 2001, p. 24).

Estas considerações, segundo Rago, são direcionadas inclusive numa crítica à própria historiografia do anarquismo. De acordo com a autora, estamos em uma época de grandes transformações da própria atividade do historiador, mudanças de paradigmas, dos procedimentos historiográficos e concepções da disciplina, ou seja, citando influências do pensamento contemporâneo como o pós-modernismo e a psicanálise, que para ela, convergem com as críticas construídas pelo pensamento libertário:

(...) A defesa da descentralização do sujeito e des-hierarquização nas formas do conhecimento; o descentramento do sujeito e a crítica à figura do sujeito universal; a crítica à noção de representação tanto política quanto teórica; o questionamento da lógica da identidade e dos conceitos aprisionadores que se pretendem espelhantes de um suposto “real” organizado e estruturado, científicos e objetivos convergem na busca de novas formas de produção do conhecimento histórico. (RAGO, 2001, p. 26-27).

Ela lembra que o anarquismo é um pensamento questionador do poder em suas manifestações moleculares, desmistificador da “razão disciplinadora e classificatória”, um pensamento que defende a renovação do próprio pensar. As críticas formuladas pela tradição libertária convergem com as transformações dos procedimentos historiográficos das últimas décadas. Contudo, denuncia que a historiografia contemporânea do próprio anarquismo tem sido tradicional, uma vez que ela tem se voltado mais para a recuperação dos fatos e atores excluídos da história, e muitas vezes mantendo os mesmos enquadramentos disciplinares hoje altamente questionados. (RAGO, 2001, p. 27).

Um importante teórico da ciência defende que as únicas explicações viáveis para os sucessos científicos são explicações históricas, pois a ciência é produto de uma época. E que a própria ciência tem de ser protegida da ideologia, sendo ensinada como uma concepção entre muitas e não como o único caminho para a verdade e a realidade.²⁴ Para Feyerabend, as ciências não possuem uma estrutura comum e, o progresso epistemológico depende das

²⁴ Essas idéias sobre a ciência e a teoria do conhecimento são apresentadas na obra: (FEYERABEND, 2007).

violações de regras, não há um único método. Essas considerações são importantes para nos lembrarmos de que o método também depende do objeto analisado, que modelos são emprestados, mas aperfeiçoados para cada caso. E ao analisarmos as fontes, percebemos que o seu conteúdo é muito rico, revelando os limites da historiografia, até agora, sobre o tema.

A construção de caminhos, para não nos limitarmos nos “enquadramentos disciplinares” da historiografia, para não nos prendermos demasiadamente em “conceitos aprisionadores de um suposto real”, deve ser buscada. Ainda mais porque estamos lidando com uma época revolucionária, que mergulhou numa crise devido às suas transformações profundas, que por sua vez, influenciou o surgimento de novos imaginários políticos. Portanto, o que marca estas fontes, são as múltiplas “visões da Revolução Russa”, que são apresentadas, assim como “posicionamentos” e “notícias veiculadas”, que surpreendem as tradicionais análises sobre o assunto. A complexidade do tema então nos impõe cautela, como aponta o filósofo da ciência, habituado à críticas sobre a hegemonia da ciência, e parafraseando Lênin:

“A história, de modo geral, e a história da revolução, em particular, é sempre mais rica em conteúdo, mais variada, mais multiforme, mais viva e sutil do que mesmo” o melhor historiador e o melhor metodólogo podem imaginar. A história está cheia de “acidentes e conjunturas e curiosas justaposições de eventos” e demonstra-nos a “complexidade da mudança humana e o caráter imprevisível das conseqüências últimas de qualquer ato ou decisão dos homens”. (...) (FEYERABEND, 2007, p. 31-32).

Estes caminhos podem ser profícuos para enriquecer a bagagem metodológica do ofício da História, e a ajudar a entender melhor a produção jornalística dos anarquistas brasileiros, que hostis a autoridades, mas empenhados na luta por justiça social, não deixaram de se encantar pela revolta dos russos, assim como, se revoltaram contra a sua ditadura.

As transformações historiográficas das últimas décadas, que conferiram grande importância ao uso dos jornais como fontes, foram muito influenciadas pelo contato com as outras ciências sociais, o que acabou dando origem a uma nova história cultural, que se dedica em parte ao estudo das “práticas” e “representações” sociais. História cultural esta que influenciou uma “renovação” da história política, pois a esfera política também participa da difusão da cultura, e os meios de comunicação (incluindo os jornais) também podem se tornar objetos e veículos da política (RÉMOND, 1996).

Estas “representações” seriam a maneira como os militantes anarquistas brasileiros – com suas especificidades culturais – enxergaram, assimilaram e apresentaram os eventos russos em seus periódicos. Estas especificidades referem-se à sociedade brasileira da Primeira República, tema de um dos capítulos de nosso trabalho e que será comentado adiante. As reações que eles tiveram, fazem parte das “repercussões” da Revolução Russa: são as “representações” que construíram sobre o evento, as visões que se teve dele. Representações, que por sua vez, fundamentaram e inspiraram novas “práticas” políticas e sociais – e militantes – a partir de então. Novas “práticas” estas, que influenciadas pelas notícias da Rússia, é o que vai “distinguir”, ou não, um militante, um jornal operário, um sindicato ou ainda a “prática” ou postura editorial de um periódico anarquista dos demais. E, dessa maneira, podemos identificar alguns conflitos no interior do próprio movimento operário anarquista brasileiro da época.

A leitura que os militantes anarquistas brasileiros fizeram do processo revolucionário russo, por meio de seus jornais, é uma questão que nos conduz aos conceitos de “prática”, “representação” e “apropriação”. Conceitos formulados pelo historiador francês Roger Chartier ao definir algumas características desta nova história cultural e seus métodos de pesquisa das práticas de leitura, que foram muito importantes para entender, em maior profundidade, as notícias da Rússia revolucionária lidas e repassadas às folhas operárias brasileiras pelos militantes ácratas.²⁵

Com isso, trata-se de investigarmos a “prática” de “leituras” e “apropriações” pelo movimento operário anarquista brasileiro das informações que lhes chegavam sobre a Rússia revolucionária, para entender melhor como a Revolução Russa foi “representada” nesta imprensa libertária e como esta reagiu a estes eventos:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (...). As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (...). (CHARTIER, 1988, p. 17).

²⁵ Estes conceitos são trabalhados no livro: (CHARTIER, 1988).

Tratar destes conflitos e afrontamentos de representações do mundo social, construídas sob um determinado ponto de vista, nos remete a “distinção” que esta apreciação, no caso um jornal operário anarquista e suas opiniões, poderiam ter em relação aos demais e aqueles que eram considerados seus adversários. O conceito de “distinção” está intimamente relacionado ao de “poder simbólico”, conceitos estes que também são trabalhados por Chartier para explicar as representações sociais e, que por sua vez, ele trás do sociólogo Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1989). Como eram impressos que veiculavam e mantinham convicções político-ideológicas, acabavam por formar também “posições simbólicas que os distinguem socialmente”. Estes apontamentos teóricos são importantes para ajudar a desvendar as relações de poder que havia na produção desta imprensa e entender as lutas ideológicas em sua relação complexa e permanente com os conflitos que atravessam a sociedade em seus diferentes níveis. Assim, *“a ideologia surgirá como um instrumento permanente dos poderes e como o ponto simbólico onde os poderes são incessantemente legitimados ou contestados, reforçados ou enfraquecidos.”* (ANSART, 1978, p. 11). Portanto, o que Pierre Ansart expressa – e ele também se utilizou das noções de Bourdieu – é que conflitos sociais ou políticos não param de transformar-se em conflitos ideológicos, e de formular-se no campo das posições simbólicas.

Com isso, a imprensa é um lugar em que se expressa representações do real, e a sua produção torna-se um ato de poder onde há relações subentendidas, sendo esta produção resultado de práticas sociais. A historiadora Maria Helena Capelato teceu indicações sobre o estudo da imprensa que são fundamentais ao nosso estudo (CAPELATO, 1988). Destacando que a imprensa não está isenta dos acontecimentos de seu tempo, e que ela registra, mas também comenta e participa da história, ela explica que podemos encontrar nas suas páginas uma constante batalha pela conquista dos corações e mentes dos leitores:

A imprensa, ao invés de espelho da realidade passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas (...). (CAPELATO, 1988, p. 24-25).

Esta pesquisa também envolve a questão das ideias políticas, pois dissertar sobre a repercussão da Revolução Russa nestes impressos, remete a história do pensamento político dos mesmos, e as ideias políticas que eles desenvolveram ao pensar sobre a Rússia e sua

experiência revolucionária. E uma história das ideias políticas – dentro da perspectiva de “renovação” da história política – também trabalha com a relação íntima das ideias políticas com a imprensa escrita, que é explicado pelo autor Michel Winock ao mencionar que a finalidade da história das ideias políticas é: “(...) *conhecer melhor os sistemas de representações das sociedades, o estudo desses sistemas tornou-se inseparável dos aparelhos de produção e de mediação: não é apenas a idéia que age, é também o lugar de onde ela vem (...)*” (WINOCK, 1996, p. 285).

E o lugar de onde ela vem no caso são os jornais operários ácratas. O autor enfatiza então que, dedicar-se às mediações e aos mediadores, resulta de uma necessidade metodológica do historiador, para tentar avaliar a ação das ideias na sociedade, assim como o reflexo dos problemas sociais do momento na expressão jornalística (WINOCK, 1996, p. 282). Assim, ele enfatiza que no jornal estão as inflexões de uma época, que ele reflete as relações na sociedade, e que em suas páginas expressa-se as tentativas da sociedade de se atingir uma coerência entre as “doutrinas” e os “fatos” (WINOCK, 1996, p. 282). Portanto, como estamos falando de “fatos” olhados sob o prisma de uma determinada “doutrina”, a história das ideias políticas é inseparável da história da difusão destas ideias (meios de difusão como os jornais), e de sua repercussão (WINOCK, 1996, p. 284).

Para Jean-Noël Jeanneney é importante desvendar a influência dos grupos de pressão e poderes sobre a mídia, e para isso, é relevante descrever a instituição do jornal: suas finanças; suas ligações cotidianas com os vários poderes; seus métodos de recrutamento; o nascimento, vida e morte do impresso; nomeação e afastamento dos diretores e membros e as decisões tomadas pelo jornal (JEANNENEY, 1996, p. 219-220).

E também, em José Luiz Braga, uma metodologia para uma leitura analítica de um jornal, tem que levar em consideração aspectos contidos no “discurso” do impresso, ou seja, as estruturas que dão forma ao mesmo, como se organizam os artigos, os tipos de matéria, como eles se distribuem pelas páginas e; também, aspectos do “contexto”: os acontecimentos que influenciaram a história do jornal, a relação de uma folha com a imprensa em geral e o contexto social. O autor defende uma perspectiva “ampliada”: “(...) *Além das posições ideológicas, deve-se levar em conta também as condições materiais da produção; os processos de cooperação (pois um jornal é obra composta); as relações concretas entre as forças em presença; as relações entre os interlocutores. (...)*” (BRAGA, 2002, p. 328).

Levando-se em consideração assim todas estas contribuições que apontam para a necessidade de compreendermos o jornal como um espaço de “representações do real” e de luta entre “representações”, um espaço em que temos que atentar às relações internas entre os

membros que o compõem, e as externas que envolve as relações com a sociedade e grupos políticos e econômicos. Fica explícito, então, que o jornal é um empreendimento coletivo, daí a pertinência de saber os responsáveis pela linha editorial e seus colaboradores, e assim, este estudo converte a imprensa anarquista em objeto e fonte de nossa pesquisa:

As considerações apontam, portanto, para um tipo de utilização da imprensa periódica que não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam, mas antes prescreve a análise circunstanciada do seu lugar de inserção e delinea uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica, rigorosamente inseridos na crítica competente. (LUCA, 2006, p. 141).

Com tudo isso, fica claro então que para usar jornais como fonte histórica, além de traçar as características de cada periódico, precisamos estar cientes de que a imprensa também participa da história, seja selecionando, ordenando, estruturando ou narrando “*de uma determinada forma, aquilo que se elegeu como digno de chegar até o público*” (LUCA, 2006, p. 139). Assim, estudar o tema das representações de um evento em jornais de posições político-ideológicas semelhantes ou diferentes, é um campo, que segundo o artigo de Renée Zicman, que sempre é muito referenciado no estudo desta área, é chamado de “História através da imprensa”, em que se toma a imprensa como fonte primária para a pesquisa histórica. É por isso que segundo este autor, este tipo de pesquisa é enriquecedor para a história das mentalidades e ideologias (ZICMAN, 1985, p. 89). Estas referências nos fazem ficar atentos ao quanto que a apresentação das notícias de um evento nas páginas de um jornal também é uma consequência direta dos acontecimentos:

(...) Partimos da hipótese geral que a Imprensa age sempre no campo político-ideológico e portanto toda pesquisa realizada a partir da análise de jornais e periódicos deve necessariamente traçar as principais características dos órgãos de imprensa consultados. Mesmo quando não se faz História da Imprensa propriamente dita – mas antes o que chamamos História Através da Imprensa – está-se sempre “esbarrando” nela, pela necessidade de historicizar os jornais.

Por outro lado devemos lembrar que na Imprensa a apresentação de notícias não é uma mera repetição de ocorrências e registros mas antes uma causa direta dos acontecimentos, onde as informações não são dadas ao azar mas ao contrário denotam as atitudes próprias de cada veículo de informação, todo jornal organiza os acontecimentos e informações segundo seu próprio “filtro”. (ZICMAN, 1985, p. 90).

Historicizar estas fontes, portanto, envolve entender, tanto a parte material do jornal, como o lugar em que ele está inserido. Entender nesta profundidade cada periódico, irá nos possibilitar compreender melhor como cada uma das folhas anarquistas reagiu às notícias vindas da Rússia, ou seja, uma “história por meio dos periódicos”. E por meio destas folhas anarquistas, investigamos a evolução do pensamento político libertário e do imaginário operário com as novas “possibilidades” que vinham da Rússia e como isto foi usado para legitimar grupos e discursos dentro deste círculo anarquista e operário.

A “tradição” da luta socialista

Definindo o corpo geral deste trabalho e expondo certos detalhes pertinentes, o primeiro capítulo – *A Revolução Russa: “a grande vitória do proletariado rumo ao socialismo”* –, dedicar-se-á a uma pequena síntese da história da revolução proletária na Rússia de 1917 e, portanto, a participação, contribuição e posicionamento do anarquismo russo e internacional neste evento, já que nossas fontes julgavam essas notícias do ponto de vista do anarquismo. A experiência dos soviets também será destacada (devido a sua importância nas fontes), assim como a repercussão desta revolução no movimento operário e anarquista mundial. Capítulo que trata de um dos temas mais polêmicos e estudados do século XX, e que por isso possui uma ampla bibliografia. Contudo, segundo Eric Hobsbawm, a Revolução Russa possui duas histórias entrelaçadas: o seu impacto sobre a Rússia e o seu impacto sobre o resto do mundo e, esta segunda parte, que inclusive é a área em que esta pesquisa se enquadra, ainda oferece, segundo ele, muitas possibilidades de investigação (HOBBSAWM, 2000, p. 266).

De certa forma, a Revolução Russa foi uma experiência que foi influenciada por toda a “tradição” teórica e práticas revolucionárias que vinha desde meados do século XIX. Ela foi a tentativa concreta de uma época de grandes projetos e utopias sociais. Foi uma experiência, então, que convenceu boa parte do mundo das possibilidades de mudança com sua análise “científica da sociedade”, e com isso, ela possuiu alguns traços de um “milénarismo” secular:

E embora se possa dizer que o programa marxista apresente alguns traços de milénarismo (com sua crença no paraíso terrestre, que seria o comunismo, esse reino do Homem posterior às fases capitalista e socialista), a realidade é que Marx e Engels sempre procuraram distanciar suas propostas daquelas por eles chamadas de

utópicas. (...) tratava-se de pôr de lado as análises e concepções subjetivistas do problema social e adotar os princípios daquilo que se apresentava como uma “ciência” do social: o materialismo histórico. Tratava-se, isto é, de encerrar o capítulo do socialismo utópico – e, por extensão, da utopia – e começar o do socialismo científico (...). (COELHO, 1985, p. 62-63).

O sonho de uma sociedade onde todos os homens fossem iguais e livres, persegue a humanidade desde a Antiguidade, onde este sistema era conhecido como sociedade comunista. Mas é a partir do século XIX que o termo “socialista” passou a designar essa possível organização. Assim, várias correntes elaboraram meios diferentes de tentar atingir este objetivo. E num processo contínuo de influências mútuas e amadurecimentos, fizeram avançar a ideia da nova sociedade e dos métodos para se chegar até ela (SPINDEL, 1985b, p. 08-09). É importante salientar esta origem heterogênea do socialismo porque com o marxismo e a Revolução Russa, os termos “socialismo” e “comunismo” ficaram muito associados a eles, sendo que a própria teoria marxista, que também fundamentou a Revolução Russa, recebeu contribuições das discussões de outros pensadores e escritores socialistas que Marx leu e teve contato. O socialismo de Marx também é fruto de toda uma discussão de uma época:

Quando em 1827 a palavra “socialismo” é utilizada pela primeira vez, num artigo da *Cooperative Magazine*, ela já designava, de maneira global, toda uma forte corrente do pensamento político que acreditava ser necessário radicalizar o modelo de democracia que a burguesia pregava como ideal para substituir o regime monárquico despótico. Além de socialistas, os partidários desta corrente também eram conhecidos como democratas radicais, cooperativistas ou comunistas. (SPINDEL, 1985b, p. 15-16).

Na primeira metade do século XIX, não houve um movimento socialista com unidade e enfoque central. É só após as revoluções européias de 1848, e mais ainda, com a fundação da 1ª Associação Internacional dos Trabalhadores em 1864, é que o socialismo surge como uma força internacional dos trabalhadores organizados do mundo. E os conflitos e lutas no interior desta primeira Internacional, entre marxistas e anarquistas, ajudou a desenvolver o socialismo como movimento.²⁶ Por isso, devido a natureza de nossas fontes, é necessário deixar claro que os anarquistas também eram considerados interlocutores do movimento operário e socialista. A proposta marxista, estigmatizada muitas vezes pelos libertários como

²⁶ Os conflitos do anarquismo com o marxismo na primeira Internacional, e o entendimento do anarquismo como também uma corrente do movimento socialista internacional é discutida em: (COLE, 1958, p. 116-118).

o “socialismo autoritário”, contrário ao que seria o “socialismo libertário” do anarquismo, conflitava e polemizava com os anarquistas dentro do movimento operário internacional, desde meados do século XIX. Portanto, os anarquistas também se reconheciam como fazendo parte desta luta mundial pela causa proletária e socialista. Assim, o estudo desta repercussão nos jornais ácratas, do movimento operário brasileiro, possui as suas singularidades.

As relações entre o filósofo alemão Karl Marx (1818-1883), que tinha ajudado a fundar a primeira Internacional, e o anarquista russo Michael Bakunin (1814-1876), que representava a ala dos socialistas libertários na Associação dos Trabalhadores, deterioraram-se a partir de 1870. Culminando, assim, com a exclusão dos anarquistas da Internacional, no congresso de Haia de 1872, que marcaria o fim desta primeira Internacional, Marx então fazia parte do conselho geral (BAKUNIN, 2006, p. 118). É interessante destacar que os dois representavam tendências e visões distintas do socialismo. Marx propunha que o proletariado utilizasse o domínio político para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado – que para ele seria o proletariado organizado como classe dominante – para construir o comunismo.²⁷ Bakunin, por sua vez, argumentava que a escravidão política, o Estado, reproduz e conserva a miséria, como uma condição de sua existência, assim, para destruir a miséria, era preciso destruir o Estado por meio de uma revolução (BAKUNIN, s.d., p. 97). Identificando, assim, o anarquismo à um comunismo libertário.

Contudo, o advento da Comuna de Paris em 1871, aproximou certas concepções entre os dois pensadores da revolução. Para ambos, a Comuna foi uma negação do Estado e um exemplo concreto de um “governo dos produtores”. Bakunin viu nela um sistema que negou a organização pela força – ainda que tenha se organizado em governo para se defender – uma tentativa de autogestão social como ele tanto pregava. E Marx viu na Comuna uma experiência em que a autoridade e as funções governamentais foram “devolvidas” aos servidores responsáveis da sociedade, o povo. Portanto, para ele, a Comuna deveria ser um organismo agente e de trabalho, executiva e legislativa ao mesmo tempo.²⁸

A experiência histórica do século XIX, demonstrou que a ideia de progresso que foi difundida, era uma realidade apenas no domínio científico, mas não no domínio político e social. Desta maneira, o marxismo, ao apresentar um socialismo “científico”, numa época de grande desenvolvimento da ciência, restaurou o ideal revolucionário desenvolvido a partir da Revolução Francesa, de uma sociedade que acabasse com as injustiças e contradições sociais.

²⁷ O que seria a chamada “*ditadura do proletariado*” Cf.: (MARX; ENGELS, 2007, p. 66-67).

²⁸ A respeito da análise e os textos de Marx e Bakunin sobre a Comuna de Paris: (BAKUNIN, 2006, p. 132-153).

Com isso, surgiu o projeto de uma sociedade fundada no Saber, instituída pelos “engenheiros das almas”, os socialistas científicos. Confundiu-se o futuro da ciência com o progresso da justiça e da “verdade” (*pravda* em russo). A instrução pública deveria introduzir esta mudança, e assim, os intelectuais ganharam grande prestígio (FERRO, 1984, p. 10-11).

Marx e Engels formularam as bases do “materialismo histórico” que fundamentam o seu “socialismo científico”, e essas foram às sustentações ideológicas do movimento comunista. A análise materialista da história de Marx, pressupõe a idéia de que as “*condições da produção da vida material*” dos homens, condicionam a sua existência social. Por isso, as classes sociais que detêm o poder sob os meios de produção, a classe dominante, são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes: “(...) *A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. (...)*” (MARX; ENGELS, 1989, p. 47). Portanto, para Marx e Engels, o primeiro pressuposto de toda a existência humana e de toda a história, é de que primeiro os homens necessitam ter condições de viver, para “fazer a história”, ou seja, beber, comer, morar, vestir-se. O primeiro fato histórico, então, seria a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, ou seja, a “produção da vida material”. E com estes pressupostos, eles baseiam o conceito de “*luta de classes*”.²⁹

Bakunin revelou uma grande admiração pela capacidade intelectual de Marx, e aderiu plenamente à concepção materialista da história. Porém, Bakunin não admitia a superioridade intelectual como algo que confere um direito de direção do movimento operário (GUÉRIN, 1968, p. 31). O pensamento anarquista, assim, entrava em profundas contradições com o “socialismo científico” de Marx dentro das discussões no campo socialista:

(...) “Pretender que um grupo de indivíduos, mesmo os mais inteligentes e melhor intencionados, sejam capazes de encarnar o pensamento, a alma, a vontade dirigente e unificadora do movimento revolucionário e da organização econômica do proletariado de todos os países, representa uma tal heresia contra o bom-senso e contra a experiência histórica, que se pode perguntar, com espanto, como é que um homem tão inteligente como o Sr. Marx a concebeu” (...). (GUÉRIN, 1968, p. 31-32).

²⁹ Sobre este “fato histórico”: (MARX; ENGELS, 1989, p. 22-23). A “*luta de classes*” é afirmada pelos autores como sendo uma realidade em todas as sociedades que já existiram e que existem. Assim, o socialismo seria construído pela “classe dos operários modernos”, os “proletários” das fábricas, os protagonistas da luta contra a burguesia, justamente por ser a classe mais explorada. Ver respectivamente nas páginas: (MARX; ENGELS, 2007, p. 45 e 51-52).

Para o anarquismo, o governo é o fator da desordem, e só uma sociedade sem governo poderia restaurar a harmonia social, a ordem natural, baseada sobre a liberdade e a solidariedade: a *Anarquia* (GUÉRIN, 1968, p. 20). Por isso, o anarquista não crê na emancipação pelo voto, que para ele é um ato de fraqueza, de cumplicidade com a corrupção do regime da “democracia burguesa”. Com isso, os libertários foram acusados pelos marxistas, que propõem a tomada do poder pelo proletariado com revolução ou vitórias parlamentares, de serem “abstencionistas”, de se absterem da política, enquanto os libertários sempre afirmaram negar a “política burguesa”, propondo outra forma de se fazer política (GUÉRIN, 1968, p. 25 e 26).

De certa forma, estas experiências e discussões repercutiram no movimento operário. Décadas depois, na Rússia de 1917, os soviets chocaram e entusiasmaram o mundo, como um órgão de poder popular – executivo, legislativo e administrativo –, como uma experiência de autogestão social, assim como a tomada de poder e a criação de um “Estado operário”. Lembremos que no ano de 1917, a revolução na Rússia teve dois momentos decisivos: a queda do czar em fevereiro e, a derrubada do governo provisório em outubro, legitimada inclusive pelos soviets. A bolchevização destes conselhos populares, que se espalhou por todo o país, e o autoritarismo institucional, são fatos posteriores que manifestaram seus efeitos mais tarde, mas de início, os soviets constituíram um poder de fato na Rússia (FERRO, 1984, p. 62).

Os militantes e a cobertura jornalística

Esta Dissertação trabalha com o impacto da Revolução Russa no movimento operário anarquista do Brasil, usando como fonte exclusiva a sua imprensa militante, portanto, o segundo capítulo – *O Movimento Operário no Brasil: anarquismo e imprensa militante* –, tem por objetivo historicizar os jornais, no sentido de inseri-los dentro da sociedade, da cultura e dos acontecimentos que o cercaram.

Neste espaço, discorreremos sobre a experiência do movimento operário no Brasil da Primeira República; o anarquismo neste movimento e o funcionamento de sua imprensa. Também trataremos aqui a respeito de como a Revolução Russa foi recebida na sociedade brasileira como um todo, inclusive no movimento operário e entre os libertários. Outras figuras deste meio militante, além das que foram citadas e que ajudaram a produzir esta

imprensa, também serão mencionadas, assim como outras explicações a respeito dos jornais pesquisados. É um momento que também aproveitamos para fazer um balanço do que a historiografia já contribuiu sobre o nosso objeto de pesquisa.

A escolha deste tema, nos apresentou vários universos de ordem teórico-metodológica, ligadas à questão de se tomar os impressos periódicos como fonte e objeto. Quanto a isso, já enfatizamos a importância de não se dissociar o conteúdo dos jornais de suas condições materiais e técnicas, dos objetivos do jornal, do público ao qual se destinava e de suas relações com o mercado. Contudo, além destes aspectos relacionados aos suportes materiais do jornal é muito importante também, para o nosso caso, falar dos militantes anarquistas que produziram esta imprensa – espaço mais reservado ao segundo capítulo –, pois a nossa “fonte/objeto” era um ponto de encontro de pessoas em torno de um credo comum, assim: “(...) é preciso atentar para os responsáveis e colaboradores mais assíduos pois, na maioria das vezes, revistas e jornais constituem-se em projetos coletivos (...)” (LUCA, 2008b, p. 118).

Por fim, no terceiro capítulo – *A repercussão da Revolução Russa na imprensa dos anarquistas brasileiros* – teremos a exibição e a análise dos documentos recolhidos, um espaço importante dedicado aos resultados diretos da pesquisa nas fontes. É onde será apresentado como a Revolução Russa, ao longo de todos esses anos recortados, foi acompanhada pelo movimento operário e anarquista brasileiro. Isso através de uma análise crítica de todo o material impresso que foi publicado sobre o assunto nos periódicos selecionados.

Lembrando que, ao estudarmos estas fontes dentro do tema de nossa pesquisa, adentraremos nas discussões do pensamento político da vertente libertária da tradição socialista no Brasil, e as polêmicas em torno da Revolução Russa que abalaram estes círculos militantes. Neste último capítulo, a exposição e análise deste material, ao invés de seguir uma ordem cronológica, foram divididas em temas, para o entendimento e levantamento dos principais assuntos que foram tratados pelos libertários brasileiros, mas dentro destes temas também teremos uma perspectiva cronológica para observarmos a evolução dos mesmos. Para isso, destacamos na primeira parte – *Ecos de Outubro* – temas onde encontramos fontes em que a confiança dos anarquistas brasileiros, em relação a Revolução Russa, era mais favorável, temos assim: *Publicação de documentos, relatos e entrevistas especiais; Os Sovietes e as “visões” da revolução; e As notícias da Rússia e as difamações contra a revolução*. E a segunda parte – *Entre “camaleões” e “cristalizados”* – discutiremos os efeitos, consequências e influências diretas da Revolução de Outubro no movimento operário do Brasil que foram polemizadas e discutidas na época nos jornais anarquistas, e que tinham,

portanto, como referência a revolução na Rússia. Essas já são notícias e matérias mais críticas em relação ao novo regime russo e, por isso, mais polêmicas dentro do movimento operário daquele momento. Seguem-se então: *Os anarquistas russos e a repressão bolchevique*; *A 3ª Internacional de Moscou*; e *Reafirmando posições: os libertários brasileiros diante da nova Rússia Soviética*.³⁰

Os jornais selecionados seguem indicações da bibliografia, que aponta os periódicos em que ocorreu esta repercussão, e também devido a análise direta dos documentos digitalizados. Contudo, é bom lembrar que esta foi uma época muito rica da imprensa operária, Maria Nazareth Ferreira contabilizou em todo o território brasileiro, entre fins do século XIX e as primeiras décadas do XX, cerca de 343 títulos destes jornais (FERREIRA, 1978, p. 89).

E também é necessário esclarecer que na descrição e transcrição do material das fontes, algumas palavras aparecerão com a grafia da época, ou com alguns erros gramaticais. Decidimos por não alterar estas palavras para sermos fidedignos à maneira como elas foram registradas nos jornais e periódicos pesquisados. Muitas de nossas fontes, felizmente a menor parte, estão em precárias condições de leitura, algumas até mesmo não serão analisadas devido a sua deterioração que impossibilita qualquer entendimento de seu conteúdo, mas elas foram catalogadas. Assim, conseguimos reunir um farto material, em que registramos na totalidade 335 fontes sobre nosso tema em 375 edições entre os doze jornais escolhidos, mas apenas 117 fontes são aqui utilizadas, devido as limitações de espaço. No final, ainda temos a parte conclusiva de nosso trabalho e os anexos, onde se encontram um mapa da Rússia revolucionária, para ilustrar os fatos e locais citados nesta pesquisa, e algumas fotos sobre o nosso tema, além de reproduções de alguns de nossos documentos e jornais anarquistas aqui trabalhados, para visualizarmos o aspecto e a forma destes periódicos operários.

³⁰ Parafraseamos o termo “entre camaleões e cristalizados”, trata-se do título de uma tese de doutorado pertinente a esta pesquisa. Neste trabalho o autor tece comentários sobre as transformações do pensamento e práticas revolucionárias com o advento da Revolução Russa entre os anarquistas do rio da Prata, uruguaios e argentinos. Ver: (DOESWIJK, 1998).

Capítulo 1.

A Revolução Russa: “a grande vitória do proletariado rumo ao socialismo”

“Em sua luta pelo poder, o proletariado não tem outra arma senão a própria organização”.
Lênin, em 1904.

“Coloquem o mais radical dos revolucionários no trono de todos os russos, ou confiem-lhe um poder ditatorial (...), e antes de um ano ele tornar-se-á pior do que o próprio tsar!”. Bakunin, em 1870.

Ao nos lançarmos no trabalho de empreender o grande esforço do entendimento de um movimento revolucionário ou das questões relacionadas a ele – como é o caso –, nos deparamos quase sempre com um problema fundamental, o da bibliografia sobre o assunto. É que grandes revoluções sociais e políticas, como a que aconteceu na Rússia em 1917, são mudanças drásticas e violentas na estrutura de uma sociedade, que abala os seus alicerces, subvertendo a antiga ordem imperante nesta sociedade e afetando inclusive a cultura do país e, impactando o mundo. Por isso, esse material bibliográfico/histórico deve ser tratado com cuidado pelo historiador, já que mesmo não sendo elaborado por militantes (e muitas vezes ele é), a carga ideológica de uma ou outra causa se expressa através dos textos, conferindo explicações e pontos de vista particulares.

No caso da Revolução Russa, as polêmicas e discussões em seu entorno parecem ser ainda maiores. Isso porque durante grande parte do século XX, o comunismo soviético autopromoveu-se um sistema alternativo e superior ao capitalismo, destinado pela história a superá-lo. Um período que até mesmo aqueles que rejeitavam e os que eram inimigos das pretensões de superioridade da URSS, acreditavam que ela poderia triunfar. Uma época em que a política internacional podia ser entendida como a luta das forças da velha ordem contra a revolução social de outubro, representada pela União Soviética e pelo movimento comunista internacional, que dela era aliado e muitas vezes dependente (HOBBSAWM, 1995, p. 63).

No início de março de 1917, depois de mais de dois anos que se iniciara a guerra mundial, a população russa voltou a se revoltar com intensidade, lembrando os eventos de 1905. Os efeitos da guerra – as baixas do conflito, a inflação do país, falência de empresas nacionais – tudo isso tinha intensificado novamente movimentos grevistas desde 1916. A

explosão da população já era até esperada, mas ninguém poderia prever quando ela iria detonar. A fragilidade do regime se revelou quando ocorreu uma greve geral e a invasão do centro da capital por manifestantes, que passaram a se confraternizar com os cossacos, ou seja, a leal tropa do czar, que hesitaram e depois se recusaram a atacar a multidão.

Segundo Hobsbawm, neste momento, a Rússia já estava pronta para a revolução social e quatro dias de espontaneidade popular sem liderança nas ruas puseram fim ao czarismo. O czar, também chamado de tzar, Nicolau II, abdicou em 13 de março, 27 de fevereiro pelo antigo calendário russo de então, sendo substituído por um “governo liberal” provisório que possuía simpatias dos aliados ocidentais, que temiam que a Rússia abandonasse a guerra. Com a queda do czar as massas de Petrogrado proclamaram a liberdade, a igualdade e a democracia universais, e para o historiador inglês o grande feito de Lênin foi transformar essa onda popular em poder bolchevique (HOBSBAWM, 1995, p. 66-67).

A partir deste momento, o governo provisório se constituiu numa coalisão, com elementos burgueses liberais e socialistas mais moderados, contudo, agora a gestão da sociedade também era exercida pelos soviets. Um governo de “conciliação” que neste momento tinha que enfrentar tanto a burguesia mais conservadora – favorável à retomada das ofensivas militares – quanto os bolcheviques e os anarquistas, que defendiam a paz imediata e o poder para os soviets (FERRO, 1984, p. 33). Trata-se, portanto, de um evento complexo que possuiu várias tendências políticas em conflito, tanto quanto as mais conservadoras até às radicais revolucionárias em suas várias tradições do socialismo, inclusive os anarquistas.

1.1. A velha Rússia e a experiência revolucionária dos Soviets

A autocracia imperial russa manteve-se por séculos até a revolução em 1917, com o último czar Nicolau II, que assumiu em 1894. No censo realizado na Rússia em 1897, o czar ainda reivindicava o seu “direito divino”, respondendo ao questionário como sendo o “dono da terra russa” (NENAROKOV, 1967, p. 98). Neste mesmo censo, o império russo media-se em 22,3 milhões de quilômetros quadrados constituindo-se no maior Estado do mundo em dimensões físicas, indo do Pacífico norte às fronteiras do Império Austro-húngaro. A população estimada em mais de 132 milhões de habitantes era um mosaico de povos e religiões. Russos e ucranianos em sua maioria, dividindo o mesmo país que finlandeses,

poloneses, estonianos, lituanos, letões, turcos, mongóis, iranianos, curdos e outros. A Igreja Ortodoxa era a religião oficial e muitas vezes imposta, porém, também havia, em menores proporções, protestantes, católicos, judeus, muçulmanos, animistas e budistas (REIS FILHO, 2003, p. 15-16).

Na base da sociedade russa, trabalhando a terra e vivendo dela, existia uma imensa massa de dezenas de milhões de camponeses (os *mujiks*), habitando pequenas aldeias organizadas em comunas agrárias o *mir* (universo, paz). Uma instituição ancestral, em que os membros possuíam um direito hereditário de integrá-la, trabalhando sob a forma de mão-de-obra familiar e redistribuindo a terra conforme as necessidades. A comuna era uma instituição singular da Rússia, que podia ser uma comunidade agrícola florestal, em que a família era a unidade produtiva, ou uma organização administrativa e fiscal dependente do Estado. De fato, legalmente, as terras pertenciam ao czar, mas estas comunas distribuíam lotes aos camponeses para o trabalho coletivo. A força desta instituição e do campesinato russo atraiu a atenção de socialistas de dentro e fora da Rússia. No prefácio à edição russa do *Manifesto do Partido Comunista*, de 1882, Marx e Engels destacam que “*mais da metade da terra é propriedade comum dos camponeses*”, e perguntam-se a respeito das possibilidades de se passar desta forma de propriedade coletiva a uma forma comunista (MARX; ENGELS, 2007, p. 28). Assim, as comunas eram vistas como instituições originalmente russas, nascidas do povo e que podia ser a precursora de um socialismo agrário:

(...) Aqui residiam a força e fraqueza do mir russo. A força provinha de um igualitarismo básico, propiciando solidariedade, concretizada no trabalho comum, nas múltiplas atividades de auxílio mútuo, conferindo identidade e coesão social. A fraqueza derivava do desestímulo à inovação, ao progresso familiar e individual fundado em rendimentos crescentes dos respectivos lotes, sempre ameaçados em sua integridade pela sombra das periódicas redistribuições, previstas pela lei e pelos costumes (REIS FILHO, 2003, p. 19).

A existência da comuna estava vinculada à servidão, pois a comuna, apesar de estar ligada a vida popular, redistribuía as terras conforme as disponibilidades e era responsável pela arrecadação do imposto imperial. Os servos eram os camponeses que trabalhavam para os donos legais das terras, a aristocracia e as famílias nobres apoiadas pelo czar. A servidão constituiu em um elemento base da sociedade russa. Fundada nos costumes há muitos séculos e em normas do direito privado e editos governamentais, amparados pela força do Estado, o poder dos senhores sobre os servos ampliou-se com o tempo, estabelecendo a servidão

hereditária, legalmente reconhecida e registrada (TRAGTENBERG, 2007, p. 60-64). As instituições políticas da autocracia imperial regiam, portanto, uma sociedade fundamentalmente agrária:

É corrente o paradoxo que a revolução descrita pelos bolcheviques como “proletária” tenha ocorrido num país onde oitenta por cento dos habitantes eram camponeses e onde o proletariado era – em cifras absolutas – menor do que em qualquer outra grande potência europeia (...) (HILL, 1967, p. 66).

Dessa forma, a Rússia daquela época tinha uma produção agrária muito atrasada e ineficaz, apesar de suas grandes extensões de terras cultivadas, devido às condições de produção antiquadas e o sistema social. Mais da metade das famílias camponesas possuíam menos do que o considerado mínimo para sobreviver com tranquilidade. A população camponesa russa vivia, em grande parte, em condições difíceis, sujeitos a surtos de doença e fome e com inseguranças quanto à posse em longo prazo dos pequenos lotes (REIS FILHO, 2003, p. 20-21).

Toda esta grande sociedade agrária era dominada pela aristocracia dos grandes proprietários de terra, latifundiários, quase todos vinculados as famílias nobres. Embora fosse uma classe que constituía apenas algumas dezenas de milhares de proprietários, em minoria, comparados a grande massa de seus servos camponeses e de ter enfrentado um declínio ao longo do século XIX. Contudo, eram famílias que, em fins do século XIX e inícios do XX, ainda conservavam grande força política e prestígio social, formando a principal base de sustentação da autocracia czarista (REIS FILHO, 2003, p. 20).

Era um país então imenso, que possuía uma grande diversidade étnica, cultural e religiosa. Com a maioria esmagadora de sua população constituída de camponeses com costumes e instituições ancestrais. As tradições conservadoras do país, como o poder autocrático do czar e as relações sociais e de trabalho no campo, são fundamentais. Não apenas para entender como era a sociedade russa antes da revolução, mas também como esses elementos entraram em conflito e em descompasso com as aspirações desta própria sociedade. Já que na segunda metade do século XIX e inícios do XX, a Rússia passou por grandes transformações, que diante da reação da natureza conservadora do país, foi se transformando em forças radicais contrárias ao czarismo e, em última instância, à ordem estabelecida.

Dentre as grandes reformas e mudanças que a Rússia passou nesta virada do século, destaca-se a abolição da servidão em 1861. Porém, com a abolição da servidão, o camponês russo ainda pagou ao governo pela assim chamada “libertação” uma indenização anual até meados de 1910, em consequência, o camponês continuou dependente do proprietário e do governo (NENAROKOV, 1967, p. 99).

A Rússia imperial abriu o país para o desenvolvimento do capitalismo, com uma articulação de capitais nacionais e internacionais estimuladas e protegidas pelo Estado. A progressão da construção de redes de estrada de ferro ajudou a impulsionar o comércio. E o crescimento demográfico foi explosivo, em 1913 – às vésperas da Primeira Guerra – o império chegou a 170 milhões de habitantes (REIS FILHO, 2003, p. 28). Grandes levas de capitais internacionais tomaram conta dos setores industriais mais dinâmicos da economia russa, carentes de tecnologia sofisticada. O crescimento urbano também foi muito intenso no período e a classe operária industrial aumentou consideravelmente, atingindo cerca de 2 milhões e 400 mil operários em 1900 (REIS FILHO, 2003, p. 31). No entanto, a Rússia continuava sendo predominantemente agrária.

A Rússia entra então no século XX com fortes tensões. Era uma sociedade cada vez mais moderna, mas comandada por um poder político autocrático de *Antigo Regime*, contrário a mudanças e vinculados a privilégios. Começava a ter fábricas e empreendimentos econômicos sofisticados, mas com condições de trabalho rudimentares. Estava passando por uma expansão demográfica sem precedentes, e com um regime de terras completamente excludente. A Rússia do início do século XX passou por várias revoluções que foram também grandes catástrofes sociais e sentidas por seus contemporâneos como um vendaval histórico.

Em 1904, a Rússia entra em guerra contra o Japão por áreas de influência no extremo oriente. Com tropas mal preparadas, a Rússia sofreu sérias derrotas. E por ter sido uma guerra longe das fronteiras, ela não poderia ser apresentada como de defesa nacional. Uma guerra que não comoveu a sociedade, mas sim produziu efeitos nefastos, tais são: elevou o custo de vida, desorganizou o abastecimento e intensificou a repressão.

Em um domingo de inverno (o domingo sangrento), em 9 de janeiro de 1905, uma manifestação pacífica se dirigiu à sede do governo, no palácio de inverno de São Petersburgo, a capital do país. Os súditos foram suplicar proteção ao czar. A população reivindicava melhorias nas condições de trabalho e assembleias representativas, mas o czar não os recebeu, e a tropa do czar atirou contra a multidão fazendo dezenas de mortos. Um massacre que logo gerou indignação e revolta, dando início a primeira Revolução Russa.

Durante este ano, os operários de várias cidades russas – que também sofriam condições de vida difíceis assim como os camponeses – se sublevaram em grandes ondas de manifestações e greves: “(...) *Exigiam a realização do programa político e social que marcara as últimas décadas da história da social-democracia na Europa ocidental: liberdades políticas e sindicais, previdência social, condições dignas de vida e de trabalho. (...)*” (REIS FILHO, 2003, p. 42).

Foi nesta primeira experiência revolucionária que surgiram os soviets que comentaremos adiante. Os soviets espalharam-se em várias partes do império. No campo, os camponeses também desencadearam invasões e se organizaram em cooperativas e associações. Soldados e marinheiros também se rebelaram, na base naval de Kronstadt – no Golfo da Finlândia – e a histórica revolta do Encouraçado Potemkin, no Mar Negro.

Os soviets, mais organizados e radicalizados, conclamaram os trabalhadores a se insurgirem e a não pagar os impostos. As lutas urbanas afetaram as camadas médias da população e as correntes liberais, que mobilizaram o pensamento crítico do país por avanços nas liberdades civis e por uma Assembléia Constituinte. Com todas estas pressões, o czar aceitou fazer concessões substanciais aos movimentos sociais e assinar um acordo que acabasse com a guerra contra o Japão.

A revolução começou sem prévia determinação de qualquer lógica. Demonstrou as fraquezas do império e as tensões geradas por uma guerra que acabou acirrando as contradições e os descontentamentos. No entanto, até a eclosão da Primeira Guerra Mundial em 1914, o país entrou num período de “contra-revolução” autocrática, com grande repressão policial e política. Ao iniciar-se a Primeira Guerra Mundial, a correlação de forças entre as potências eram equilibradas e a frente ocidental permaneceu num impasse sangrento. Contudo, na frente oriental, a Rússia passou a travar uma ação defensiva contra o avanço alemão, e se viu cada vez mais desestabilizada por uma guerra que estava, claramente perdendo (HOBBSAWM, 1995, p. 35).

Mais uma vez, o império do czar se viu cambaleante diante das crises advindas das guerras que se envolveu. O importante historiador francês da Revolução Russa, Marc Ferro, já citado acima, em outro livro, aponta o fato dos trabalhadores russos das cidades ou do campo, devido às suas condições, terem sido animados por uma consciência revolucionária mais viva que nos outros países (FERRO, 1974, p. 14). É certo que o grau de contradições do regime czarista e as insatisfações sociais tinham atingido níveis de ruptura social. Durante muito tempo, o atraso econômico e a extrema repressão frustraram as esperanças da sociedade em relação ao czarismo, e o czar deixou de ser sagrado aos seus súditos:

Entretanto, o povo russo nutria um tal ódio contra seus dirigentes que derrubar o tzarismo era para ele um dever tão sagrado como a defesa da pátria. Foi para a guerra, mas a derrota também o levou a condenar o regime responsável. Esperara demais pelas reformas, pacientemente: assim, derrubado o tzarismo, quis executar de golpe a revolução “social” (FERRO, 1974, p. 15).

Na chamada primeira revolução de 1917, em que o czar abdica do trono (a de fevereiro, como também é conhecida), eclodiu na Rússia uma das transformações mais violentas de todos os tempos. O ódio contra o regime e as dificuldades das condições de vida com a guerra abalou não apenas o regime imperial como também a própria sociedade:

O oficial que deu a ordem de atirar sobre os manifestantes no dia 11 de março, em Petrogrado, não podia imaginar a sequência incrível de eventos que iria decorrer desta simples palavra: “fogo!”. Um imenso motim, seguido de uma confraternização como a História jamais conhecera: operários e cossacos, mulheres e poloneses, judeus e burgueses, soldados e militantes, todo mundo cantava a *Marselhesa*, a *Varsoviana*, hino em honra dos mortos de todas as revoluções. O regime não sobreviveu uma só noite a esse espetáculo inacreditável, pois até mesmo os que mais se haviam beneficiado com os favores do czar foram os primeiros a se alinhar com o novo regime (FERRO, 1984, p. 16).

Assumiu, então, um Governo Provisório presidido por um liberal, o príncipe Lvov. Um governo baseado na Duma (o Parlamento, uma assembléia representativa da sociedade russa, que foi uma conquista da revolução de 1905) e pelo soviete de Petrogrado, formado por delegados revolucionários de todas as tendências, desde os anarquistas e os bolcheviques, até socialistas moderados (FERRO, 1984, p. 16). Kerensky participava das duas instâncias e serviu de mediador. A essa altura, os sovietes espalharam-se pelo país em proporções muito maiores que na revolução de 1905. Uma grande rede de conselhos (sovietes) combinou-se com sindicatos, comitês, milícias e assembléias. Espalharam-se nas cidades e pelo campo, nas fábricas e nos regimentos militares. O povo russo entrou em movimento, num vigor que espantou o mundo.

Não há meios de compreender a Revolução Russa sem buscar entender o que foram os sovietes, que tipo de organização era essa e quem a compunha. Esta foi a célula base da experiência conhecida como a “Revolução Soviética”. Tentar esclarecer o que era os sovietes é importante para esta pesquisa, pois como já ficaram evidentes nas análises das fontes, e na leitura da bibliografia, os sovietes chamaram muito a atenção dos militantes e revolucionários anarquistas aqui do Brasil, e este interesse está registrado nos seus jornais operários.

Os sovietes eram conselhos organizados pelo povo, em uma unidade produtiva ou não. Foram criados, pela primeira vez, durante a revolução de 1905, em São Petersburgo. Sua representação era constituída com base em uma unidade de organização do povo: uma fábrica, um regimento, etc. Era eleito um delegado para cada quinhentos operários, e o seu mandato era a qualquer momento revogável. A Constituição dos sovietes garantia que os operários e os camponeses tinham o direito de revogar seus delegados a qualquer momento, se estes não representavam seus desejos. Durante a revolução de 1917, eles se espalharam em maior proporção, e garantiram de fato, segundo Trotsky, em seus interiores, a liberdade de imprensa e a jornada de trabalho de oito horas e, organizou patrulhas para proteger os cidadãos durante as agitações revolucionárias (TROTSKI, 2007, p. 22-23 e 36).

A revolução em 1917 tinha como ponto de partida os ensinamentos da revolução de 1905, durante o qual surgiram pela primeira vez órgãos revolucionários de um novo tipo, que eram os *sovietes*, *conselhos* em russo. A identificação do anarquismo com esta experiência é muito salientada na historiografia anarquista, devido ao fato dos sovietes terem nascidos nas fábricas de São Petersburgo nesta primeira experiência revolucionária, e de terem surgido por ocasião e consequência de uma greve geral “espontânea”. E com a ausência quase completa de um movimento sindical e de uma tradição sindicalista na Rússia – que sempre tinha sido proibida no regime czarista – os sovietes preencheram uma lacuna no movimento dos trabalhadores russos, por isso, estes “conselhos” revolucionários também se constituíram em espaços de militância política, em que atuavam várias tendências da escola socialista no interior da organização dos trabalhadores. Assim, os anarquistas russos, como Volin, encontraram um espaço de atuação nos sovietes, e que foi uma fonte de inspiração para o pensamento libertário, influenciando a sua historiografia:

(...) O anarquista Vóline pertenceu ao primeiro grupo que, em ligação com os operários, teve a idéia de criar o primeiro soviète. O seu testemunho coincide com o de Trótsky que, alguns anos mais tarde, veio a ser presidente do Soviète, e que, sem nenhuma intenção pejorativa, antes pelo contrário, escreve, nas suas impressões sobre 1905: “A atividade do soviète significa a organização da anarquia. A sua existência e o seu desenvolvimento ulteriores traduziam a consolidação da anarquia” (GUÉRIN, 1968, p. 90).

Daniel Guérin, pesquisador que escreveu uma importante história do anarquismo, salienta que este testemunho de Trotsky, em relação à “consolidação da anarquia” pelos sovietes, não teve uma “intenção pejorativa”, pois os inimigos das idéias anarquistas sempre

atribuíram à palavra “anarquia” o seu sentido comum – de caos, desordem e bagunça. Contudo, o conceito de “anarchos”, que vem do grego, assim como pode definir a desordem pela falta de um governo, também define a ideia de quando não existe a necessidade de um governo (COSTA, 1985, p. 12). O advento dos soviets, então, inspirou o pensamento libertário, já que um elemento comum a todas as formas de anarquismo é: “(...) *a substituição do estado autoritário por alguma forma de cooperação não-governamental entre indivíduos livres*” (WOODCOCK, 2007, p. 12). No âmbito da luta revolucionária sindical, os anarquistas acreditavam que os sindicatos poderiam ser a unidade pelo qual se exerceria a ordenação da produção pelos trabalhadores, assim os anarquistas russos viam afinidades entre este projeto e o projeto dos soviets, como afirma outro historiador do anarquismo:

(...) A situação na Rússia parecera, a princípio, fornecer uma excelente oportunidade para passar os ensinamentos de Bakunin à prática (...). Havia, em 1917, uma quebra virtual da autoridade do Estado; os soviets operários e camponeses podiam vir, uma vez constituídos, a formar, assim se esperava, as bases das comunas anarquistas; uma atividade revolucionária espontânea, se bem que indireta, percorria o país, bem como um profundo desejo de mudança social (...). (JOLL, 1964, p. 215).

Lênin, com uma origem marxista, sempre esteve preocupado também com a questão da organização da classe operária, e viu nos soviets algo muito especial, depositando as suas esperanças no futuro da revolução. Para Lênin, uma das grandes qualidades dos soviets, é que eles significavam uma quebra com as excentricidades parlamentares do liberalismo ocidental, pois nasciam de unidades “vivas”, como uma fábrica, um regimento do exército ou de uma comuna agrícola, não eram zonas geográficas traçadas para servir às engrenagens da democracia representativa. Portanto, o fator real era a comunidade trabalhadora e Lênin viu nesta experiência, verdadeiros “centros organizadores de revolução”, de onde poderiam ser organizados tribunais de protesto e propaganda. Enfim:

(...) Para o futuro, como observava Lênin já naquela etapa, os soviets poderiam funcionar como órgãos tanto executivos como legislativos, e poderiam compor o mecanismo através do qual o cidadão comum seria iniciado nos ministérios do governo do país, onde os bolcheviques queriam vê-lo chegar. (...) (HILL, 1967, p. 85).

No início da revolução de 1917, os soviets eram quase sempre dirigidos por socialistas mais moderados – como os mencheviques e socialistas revolucionários – que julgavam prematura a participação destes órgãos no poder, pois acreditavam que a primeira etapa da revolução era uma revolução burguesa. Consideraram então que a função dos *conselhos* seria apenas a fiscalização da ação governamental, para que esta cumprisse efetivamente as reformas democráticas, que permitiriam a instauração de um futuro regime socialista. Por esta época, os bolcheviques eram minoritários no interior dos soviets e também na opinião de que estes poderiam ser o embrião de uma futura ordem socialista, defendendo a entrega de todo o poder a eles – tese também defendida por anarquistas:

Apenas uma pequena minoria entre os militantes bolcheviques e anarquistas havia previsto esta evolução. No começo de abril ela recebeu o apoio de Lenine, de volta do exílio, que, em suas “Teses de Abril” se fez o campeão da paz, da oposição absoluta ao governo provisório e da transferência da integralidade do poder aos soviets. (...). (FERRO, 1974, p. 45).

Assim, os soviets constituíram então numa grande experiência de autogestão social, e o poder soviético foi uma tentativa de se instaurar uma democracia direta por meio destes *conselhos*. Foi a maneira que a população russa daqueles anos encontrou para enfrentar seus desafios, numa época de grandes discussões de ideias revolucionárias:

Os soviets tiveram enorme e imediato sucesso: formas de organização ágeis, flexíveis, informais, descentralizadas, com uma hierarquia interna frouxa e uma burocracia mínima, quando não inexistente, com um conceito de representação fluido, sem mandatos fixos, adaptada, nessa medida, aos rigores impostos por uma legislação altamente repressiva e por uma eficiente polícia política. Construídos para impulsionar as lutas sociais e políticas, não se limitaram a isso, desempenhando também, em situações críticas, determinadas funções governamentais (abastecimento, trânsito, iluminação, saúde pública etc.), ensaiando-se, assim, como poder paralelo, alternativo. (REIS FILHO, 2003, p. 42).

Mas assim como o caráter libertário dos soviets e as confluências entre as suas aspirações e reivindicações políticas – que em grande parte representavam a massa do povo – com a plataforma partidária dos bolcheviques (o que conferiu legitimidade à Revolução de Outubro), são fatos bastante comentados na historiografia, sendo o lado contrário também evidenciado. Marc Ferro explica que o “regime dos soviets” marcou as primeiras ideias e

representações que o mundo teve sobre a Rússia naqueles anos, pois esta visão da Rússia foi influenciada e construída pelas análises e primeiros testemunhos de comunistas e simpatizantes ocidentais, ingleses, franceses e americanos. Havendo então uma defasagem entre esta representação e as mudanças reais, uma imagem que perdurou nos primeiros dez anos até que as representações stalinistas tomassem o seu lugar (FERRO, 1984, p. 62).

Isso porque já a partir de 1918, o processo de “colonização” dos soviets pelo partido esvaziou o conteúdo revolucionário interno dos *conselhos*. Contudo, no início, a partir de outubro de 1917 e em 1918, ainda que o comando alto do Estado tivesse sido monopolizado pelo partido bolchevique, o poder do partido não se estendia a todos os domínios. Os bolcheviques possuíam controle direto do discurso político, das relações exteriores e implantação das instituições do Estado. Porém, no campo e nas cidades, nas fábricas, nas aldeias e nos bairros, o poder real não era a do Partido Comunista e sim dos soviets e comitês de todo tipo que governavam a própria sociedade. A tomada do poder em outubro deu legitimidade aos soviets, que só depois perderam a realidade deste poder. De forma que as primeiras análises continham uma parte de verdade, sendo a história da URSS uma bolchevização da sociedade (FERRO, 1984, p. 61-62).

Então esta foi uma realidade, mas fugidia. Logo, os membros dos comitês e soviets se separaram de sua classe de origem, formando um novo grupo social de burocratas. A evolução do regime conduziu a uma absorção dos poderes dos soviets pela cúpula do partido, num processo de concentração que se tornou praticamente ininterrupto e total (FERRO, 1984, p. 63).

Admitia-se que os soviets possuíam raízes na experiência das comunidades aldeãs russas autogovernadas (HOBSBAWM, 1995, p. 67). E há autores também que dizem que os soviets valorizavam a ação direta como forma de atuação, rejeitando o parlamento e os partidos políticos como mediadores, privilegiando a auto-organização, portanto, tendo Monatte – um anarco-sindicalista francês – como um dos primeiros teóricos do soviete (TRAGTENBERG, 2007, p. 133). A ação direta é uma ideia importante no anarquismo, um conceito que pressupõe que o indivíduo deve fazer ele mesmo o que deve ser feito, sem desistir de suas responsabilidades, entregando aos outros; autogerir-se, mas como um participante consciente em uma unidade social (COSTA, 1985, p. 20).

Com a criação dos soviets as massas operárias e camponesas russas daquele período demonstraram uma grande capacidade de auto-organização. E os soviets foram criações espontâneas dessas massas, a criação de uma nova instituição com a organização do povo, a espontaneidade não implicou em desorganização, isso atraiu o interesse de todos os

anarquistas, inclusive os brasileiros. Os soviets representaram uma fase avançada de um processo revolucionário, ainda que nascidos do improviso. E embora não fossem partidários, era composto por militantes ligados a partidos, inicialmente em sua maioria mencheviques, ou não, como no caso dos anarquistas. De início, então, antes da bolchevização, os partidos políticos assistiam às suas reuniões com funções apenas consultivas (TRAGTENBERG, 2007, p. 135-136).

No início, quando surgem os soviets em 1905, Lênin não vê neles uma expressão da autogestão econômica, política e social exercida pelas massas, o que acabou possibilitando desde aquela época a hegemonia dos mencheviques e socialistas revolucionários nos soviets: “(...) *Lenin, em 1905, tudo espera de uma Assembléia Constituinte, mas os anarquistas, mencheviques, socialistas revolucionários e Trotski vêem nos soviets a expressão política do poder operário-camponês exercido diretamente*”. (TRAGTENBERG, 2007, p. 137).

Lênin só muda a sua atitude em relação aos soviets, considerando-o como órgão de poder revolucionário, a partir de 1915. E, em suas “*Teses de Abril*”, já compreende os soviets como representando um tipo de poder como a da Comuna de Paris: a autogestão posta em prática. Entretanto, a autonomia dos soviets, um dos eixos centrais da revolução social de 1917, é suprimida pelo partido comunista. Este, impõe aos soviets, um Conselho Superior de Economia. E em todos os níveis da sociedade, o poder migrou dos organismos soviéticos para os órgãos do partido. Com as resoluções tomadas no II Congresso da Internacional Comunista (em 1920), os soviets tornam-se simples conselhos de execução (TRAGTENBERG, 2007, p. 137-138).

Quanto às origens dos soviets e suas ligações com o movimento operário e socialista, Pano Vassilev (1901-1933), anarco-sindicalista búlgaro, desenvolveu um dos primeiros estudos sérios sobre este assunto na década de 1920. Vassilev, argumenta que a teoria dos soviets não tem nada em comum com o sistema de governo soviético, de que a ideia dos soviets é de uma organização da vida social, em que há a regulação da produção e da distribuição dos bens produzidos, por meio de encontros e reuniões de trabalho dos delgados diretos – substituíveis e desprovidos de qualquer poder – das organizações profissionais. Uma ideia, portanto, incompatível com a política bolchevique, com sua tendência estadista e seu sistema ditatorial na regulamentação da vida social (VASSILEV, 2008, p. 17). O autor búlgaro salienta que a ideia dos conselhos de trabalhadores para regular a vida econômica não nasceu na Rússia, em 1905 e 1917, pois ela já era discutida desde a época da Primeira Internacional, e que com o desenvolvimento posterior do sindicalismo revolucionário e do

anarco-sindicalismo na França, a ideia dos conselhos se desenvolveu e consolidou-se no movimento operário e socialista (VASSILEV, 2008, p. 36 e 55-56).

Não podemos entender a segunda revolução russa de 1917, a de outubro – a primeira foi a de fevereiro – sem considerar a atmosfera em que o país e a sociedade russa passaram, aproximando-se quase de uma total desagregação. Nesta primeira fase da revolução de 1917, antes de outubro, fica claro que os bolcheviques ainda não eram as principais forças dentro do congresso dos soviets. E que o processo revolucionário era impulsionado pelas camadas populares, ainda que no início suas lideranças e organizações estivessem muito ligadas as classes médias e grupos burgueses de tendências liberais, e grupos moderados como os mencheviques, e que posteriormente ocorresse uma mudança brusca na correlação de forças entre os partidos na revolução. Trotsky apresenta uma versão de dentro do processo, partidária, mas que comenta estas características:

A questão acima apresentada: Quem dirigiu a Revolução de Fevereiro? Podemos, por conseguinte, responder com a clareza desejável: os operários conscientes e bem temperados e sobretudo os que se formaram na escola do partido de Lenine. Devemos acrescentar porém que esta liderança suficiente para assegurar a vitória da insurreição não estava em condições, logo no início, de colocar a direção do movimento revolucionário entre as mãos da vanguarda proletária. (TROTSKY, 1977, p. 143).

Neste contexto, o Governo Provisório sentiu que um conflito era iminente e inevitável. Numa tentativa desesperada de reprimir os bolcheviques, tomou medidas contra a sua imprensa, a imprensa bolchevique por esta época possuía jornais operários como: “*O Operário e o Soldado*”; e “*Os Camponeses Pobres*”; jornais que possuíam uma tiragem diária de cerca de meio milhão de exemplares (REED, 2007, p. 70). Trotsky, então, acusou tais atos como uma nova tentativa de golpe e conclamou o comitê militar do soviete de Petrogrado a tomar a capital, na noite de 24 de outubro, 6 de novembro no calendário ocidental. A maior resistência foi encontrada no Palácio de Inverno – que foi bombardeado pelo cruzador *Aurora* – e o que restou do governo foi preso, Kerensky exilou-se na embaixada dos EUA. No dia seguinte, o II Congresso dos Soviets aprovou, com grande maioria, os decretos revolucionários dos bolcheviques, conferindo legalidade e um caráter democrático ao golpe militar, consolidando a revolução.

Segundo Reis Filho, os bolcheviques foram ousados no golpe contra o governo de Kerensky, mas eles também foram sensíveis às reivindicações revolucionárias do povo, por

isso conquistaram o apoio dos soviets. Dessa forma, os bolcheviques se comprometeram em terminar com a guerra, respeitar a secessão dos não russos, ratificar a tomada das terras pelos comitês agrários dos camponeses e apoiar o controle operário sobre a produção. Formou-se uma frente política de apoio ao novo governo, integrando os *socialistas revolucionários de esquerda*, socialistas mais moderados e até grupos anarquistas (REIS FILHO, 2003, p. 67).

O desenvolvimento dos acontecimentos ao longo do ano de 1917 – a permanência na guerra mundial, a tentativa de contra-revolução do general czarista Kornilov – modificou a consciência política dos vários grupos autônomos e soviets que compunham e representavam o povo russo. A proximidade com os bolcheviques se deve a sintonia que o partido naquele momento realmente possuía em relação as organizações e poderes populares. É interessante ressaltar a interpretação de Trotsky, enquanto um marxista e membro interno do partido:

(...) O bolchevismo distinguia-se pelo fato de ter subordinado seu propósito – a defesa dos interesses das massas populares – às leis da Revolução, considerada como um *processus* objetivamente condicionado. A dedução científica destas leis, primordialmente daquelas que governam o movimento das massas populares, é que constituía a base da estratégia bolchevista. Na luta que travam, os trabalhadores se regulam não apenas segundo as próprias necessidades, mas pela experiência que têm da vida. Ao bolchevismo é totalmente estranho o desprezo aristocrático pela experiência espontânea das massas. Ao contrário, os bolcheviques partiam dessa experiência e sobre elas construíam. E nisso residia um de seus maiores proveitos. (TROTSKY, 1980a, p. 664).

John Reed, jornalista estadunidense, depois escritor comunista, deslocado para a Europa pelo *Metropolitan Magazine*, para cobrir os eventos da Primeira Guerra Mundial – e que devido ao seu faro jornalístico o fez rumar até a Rússia, que já passava por efervescências políticas a partir de 1916 – estava em Petrogrado durante esses dias de queda do governo provisório e estabelecimento do novo governo soviético, recolhendo, segundo ele – num dos mais famosos relatos da Revolução Russa – vários documentos importantes. Como um manifesto, jogado aos milhares nas ruas da cidade por operários, que dizia:

Cidadãos da Rússia.

O Governo Provisório foi deposto. O poder passou para as mãos do Comitê Militar Revolucionário, órgão do Soviete dos Deputados Operários e Soldados de Petrogrado, que está à frente do proletariado e da guarnição de Petrogrado.

O povo pegou em armas para lutar pela proposta imediata de uma paz democrática, pela abolição da grande propriedade agrária, pelo controle da produção pelos trabalhadores, pela criação de um Governo Soviético. A causa do povo, encarnada nesses princípios, triunfou definitivamente.

Viva a Revolução dos Operários, dos Soldados e dos Camponeses.
O Comitê Militar Revolucionário do Soviete dos Deputados Operários e Soldados
de Petrogrado. (REED, 2007, p. 141-142).

Numa comparação entre os eventos da revolução de fevereiro e a de outubro, Trotsky alega que a massa do povo revolucionário passou por grandes experiências políticas desde a primeira sublevação. E foram essas transformações da sociedade russa que conferiu apoio popular à insurreição de outubro:

Em Outubro tudo aconteceu de maneira diversa. Durante oito meses as massas passaram por uma vida política intensa. Não apenas elas provocaram os acontecimentos como aprendiam a compreender a ligação entre eles; depois de cada ação avaliavam, criticamente, os resultados. O parlamentarismo soviético transformou-se no mecanismo cotidiano da vida política do povo. Quando se resolvia, pelo voto, as questões de greve, as manifestações de rua, o envio de regimentos para o front, podiam as massas renunciar a resolver, por si mesmas, a questão da insurreição? (TROTSKY, 1980b, p. 929).

Ao contrário dos anarquistas, que não apoiavam a ideia de uma vanguarda, ditando os rumos do movimento operário, Lênin considerava o partido como uma elite revolucionária, cuja missão era introduzir a consciência revolucionária, o marxismo, no movimento proletário de fora para dentro, porque a classe era considerada uma unidade econômica e o partido uma unidade ideológica, e segundo ele, “sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário”. Mas, assim como ele, nenhum marxista considerado sério na época, acreditava que uma pequena elite pudesse sozinha fazer a revolução. Lênin insistia que nenhuma ação política séria era possível sem a intervenção das massas. A função do partido seria conduzir os operários na luta de classes (CARR, 1973a, p. 32-33). Por isso, Lênin pretendia que os postos de mando no partido, fossem ocupados em maioria por operários. Os intelectuais predominavam entre os teóricos e organizadores fora do país, mas Lênin zombava dos que perdiam o contato com o movimento revolucionário de dentro da Rússia. Em 1917, cerca de dois terços dos membros do partido social democrata russo – que era dividido entre as suas duas tendências, menchevique e bolcheviques – eram operários (HILL, 1967, p. 61). Entretanto, enquanto os mencheviques recrutaram seus filiados entre os operários mais especializados e organizados – os ferroviários e os trabalhadores de siderurgias modernas nas zonas industriais do sul – os bolcheviques ampliaram seus quadros com operários pouco

especializados de indústrias pesadas de fabricação em série e fábricas têxteis de Moscou e São Petersburgo (CARR, 1973a, p. 56).

Os bolcheviques, sob a influência de Lênin, adotaram uma atitude completamente antibelicista, contrária a guerra e a favor da paz. Aliás, eles aproveitaram a situação de repúdio popular à guerra, para intensificarem a atividade revolucionária. Para eles, a Rússia ainda não estava avançada economicamente para uma revolução socialista e proletária, contudo, qualquer que fosse a natureza de uma revolução na Rússia, eles já não tinham dúvidas da importância que o proletariado desempenharia nela. Assim como também tinham consciência de que a guerra era uma oportunidade de provocá-la (COLE, 1961, p. 65). A bolchevização da opinião pública dos soviets e dos próprios soviets, iniciou um processo que culminaria na perseguição e supressão de outras tendências da esquerda russa, além dos próprios anarquistas, como veremos. A ala mais moderada e minoritária do Partido Social Democrata russo, os mencheviques, e o Partido Socialista Revolucionário, de grande prestígio entre o campesinato, com o tempo, foram se distanciando dos bolcheviques e sendo perseguidos por estes no processo de centralização do Partido Comunista:

Para surpresa dos próprios membros do Partido, o novo governo era formado exclusivamente de bolcheviques. E aqueles que tinham tolerado o golpe de força ou que a ele se tinham associado, já começavam a manifestar sua preocupação ou sua cólera. Estariam passando por tolos? Para dizer a verdade, anarquistas como Voline, S. R. (socialistas revolucionários) de esquerda, mencheviques-internacionalistas, ainda não se haviam dado conta de suas decepções (FERRO, 1974, p. 91).

Dessa forma, com os eventos de outubro os comunistas russos proclamaram a supremacia da moral proletária, que para eles se apoiava na luta de classes como um fato histórico. Houve grandes esforços em desenvolver os serviços sociais e ampliar as oportunidades educativas. Contudo, numa cultura como a russa, em que até então pouca importância havia sido concedida aos valores e direitos humanos, os líderes bolcheviques retrocederam quanto aos custos imediatos dos sofrimentos humanos decorrentes de suas decisões, como por exemplo, as perseguições políticas contra aqueles que qualificavam como “inimigos de classe”. A ordem bolchevique passou a se relacionar não com os indivíduos, mas sim com a classe que eles diziam representar, o “proletariado” (COLE, 1961, p. 26-28).

A guerra civil na Rússia (de 1918 a 1920) já tinha tido seu primeiro episódio com a tentativa de golpe de Kornilov em 1917. A partir de 1918 outros generais do antigo regime

czarista invadiram a Rússia apoiado por potências estrangeiras, inclusive as ex-aliadas da Rússia na guerra mundial, Inglaterra e França, que também enviaram tropas. Esses generais e seus exércitos de russos leais à antiga ordem – os chamados russos brancos – deram início à “contra-revolução”, no intuito de derrubar os bolcheviques, inclusive com apoio de tropas estrangeiras, japoneses, norte-americanos e muitos outros, ao total catorze nações invadiram o território russo por aqueles anos, inclusive os alemães, mesmo após o *Tratado de Paz de Brest-Litovsk*, entre a Rússia e a Alemanha, em março de 1918. O general Kolchak invadiu pelos Montes Urais em 1918-19, junto com o exército cossaco dos Urais. Denikin e Wrangel e o exército dos cossacos do Don pelo sul e pela Ucrânia em 1918-20. Sem dizer a grande ameaça da invasão de britânicos, franceses, norte-americanos, italianos e canadenses ao norte, em Arkhangelsk.

No conturbado ano de 1919, foi fundada por Lênin e grupos revolucionários de vários países, a Internacional Comunista (Komintern), a III Internacional, com sede em Moscou. Tal organização foi criada para substituir a II Internacional (fundada em 1889), que já estava desacreditada, devido ao apoio de alguns de seus partidos à guerra mundial, e por não ter conseguido evitar a guerra. Lênin acusou a social-democracia da II Internacional de reformismo, e passou a chamar a sua corrente de “comunista” (o partido bolchevique mudou o nome para partido comunista em 1918). A III Internacional tinha por missão organizar os partidos comunistas do mundo para a revolução mundial, um Estado-Maior para dirigir o proletariado do mundo para a conquista do poder (SPINDEL, 1985a, p. 32-35). Quanto aos sindicatos, a americana I. W. W. (International Working Worl), que junto com a CGT russa (Confederação Geral do Trabalho), e outras organizações operárias de vários países, realizou em Moscou em 1921 um congresso de preparação de uma Internacional Sindical Vermelha (Profintern). Era a versão do Comintern para os sindicatos, pois em muitos países o movimento operário ainda tinha fortes bases sindicais e anarco-sindicais, que os bolcheviques pretendiam atrair.

1.2. O anarquismo russo na revolução

O novo governo bolchevique, instaurado em outubro de 1917, recebeu a adesão do II Congresso Pan-Russo dos Sovietes em dezembro, mas a Assembléia Constituinte, marcada por Kerensky, não pode ser abandonada pelos bolcheviques, pois era uma histórica reivindicação das forças progressistas e revolucionárias russas, e nela eles não obtiveram a

maioria. A maioria da Assembléia coube aos outros partidos operários, as outras tendências partidárias da esquerda. Os mencheviques, sociais-democratas, agora chamados e estigmatizados pelos bolcheviques de “reformistas”, enquanto os bolcheviques passaram a se autodenominarem como “comunistas”. E o Partido Socialista Revolucionário, que possuía amplo apoio da grande massa camponesa, particularmente a sua ala mais radical, os *socialistas revolucionários de esquerda*. E ainda assim, esta Assembléia acaba sendo dissolvida pelos bolcheviques em 1918.

Com as necessidades da guerra civil e a economia de guerra adotada pelos bolcheviques, e a consequente instauração do comunismo de guerra, acelera-se a concentração e centralização do poder, cria-se um conflito com o campesinato e a aliança com as reivindicações distributivas e igualitaristas entra em crise. Os socialistas revolucionários de esquerda entram então em luta aberta contra os bolcheviques. E o partido de Lênin passa a colocar na ilegalidade todos os outros partidos, exceto o seu:

Por outro lado, o poder bolchevista teve de sustentar uma luta, longa e difícil: 1º -- contra seus ex-aliados, os socialistas-revolucionários de esquerda; 2º -- contra as tendências e o movimento anarquistas. Naturalmente, esses movimentos de esquerda combateram os bolcheviques, não ao lado dos contra-revolucionários, mas ao contrário, em nome da “verdadeira Revolução Social” traída, em suas opiniões, pelo Partido Bolchevique no poder. (VOLIN, 1980, p. 153).

Volin (1882-1945) foi um anarquista russo que tinha sido deportado pelo regime czarista e voltou ao país depois da revolução de fevereiro de 1917, com a anistia aos presos políticos, tomando parte então nas atividades revolucionárias. Fiel ao anarquismo, ele aderiu ao anarquista ucraniano Makhno, e acabou sendo preso pela *tcheka*, a polícia política criada pelo Partido Comunista. Foi um autor que contribuiu muito para a historiografia, principalmente quanto ao papel dos anarquistas russos na revolução e a repressão da ditadura do Partido Comunista.

Uma descrição importante sobre a centralização do regime soviético é apresentada por M. Tragtenberg, em que o autor enfatiza que setores da burguesia ficaram aliviados quando o governo soviético nacionalizou (estatizou) os meios de produção, pois isso deixava intacta a hierarquia dentro das fábricas. Os operários, que tinham tomado os estabelecimentos dos patrões, passaram a obedecer aos diretores enviados pelo Partido Comunista, este como representante do “Estado operário”. Tragtenberg salienta que, a medida bolchevique de

entregar a produção a técnicos do Estado, foi qualificada de “científica”, enquanto a auto-organização dos trabalhadores foi considerado anticientífico. Uma hierarquia na produção que foi reproduzida pelos bolcheviques porque o conhecimento continuou sendo monopólio de “especialistas” (TRAGTENBERG, 2007, p. 117-120).

Este “monopólio de especialistas”, que acabou acontecendo na experiência do socialismo soviético, foi assunto discutido desde antes nos círculos revolucionários, em discussões heterodoxas do marxismo e entre grupos de anarquistas. Jan Wacław Makhański foi um revolucionário marxista polonês que lutou contra o czarismo – na época a Polônia fazia parte do Império Russo. Em 1905, Makhański escreveu um texto interessante que coloca em discussão as ideias revolucionárias de seu tempo e que serve para compreendermos melhor o círculo de ideias que influenciaram o imaginário político dos militantes do início do século XX (MAKHAŃSKI, 1981).

Neste texto, o autor comenta que o socialismo científico, tal como foi construído no século XIX, propõem a socialização dos meios de produção, mas isso não ataca os honorários dos diretores e dos engenheiros, deixando inviolável o ganho dos “colarinhos brancos”, enquanto salários dos trabalhadores intelectuais. Um socialismo que se proclamou como ciência social, com grande certeza, em sua cientificidade. Comenta inclusive a respeito do anarquismo, que para ele também fundamentou a sua doutrina num positivismo rigoroso com métodos científicos baseados nas ciências naturais. Portanto, o socialismo como um todo e sua grande fé em suas ideias, apesar de suas bases ateias, acabou criando para o autor uma nova religião que não chega a revelar os verdadeiros mistérios da dominação em geral, que sequer é percebido:

Os anarquistas, com sua aspiração à “cientificidade”, tanto como os marxistas, não fazem o socialismo sair do domínio das crenças. A ciência socialista cumpre aqui uma função comum a todas as religiões, decorrente de sua aspiração à “cientificidade”, à objetividade, e de seu caráter onisciente e obrigatório para tudo e para todos. (MAKHAŃSKI, 1981, p. 108).

Estas considerações de Makhański são interessantes porque apresentam o palco de ideias que eram discutidas entre os revolucionários das várias tendências, e isso nos serve para ilustrar os pontos de contatos, conflitos e ambivalências dos movimentos revolucionários.

O anarquismo caracteriza-se por uma total rejeição a dogmas e a sistemas teóricos rígidos, defendendo a total liberdade de escolha e o julgamento individual, o que possibilita

uma imensa variedade de pontos de vista, impraticável num sistema rigorosamente dogmático (WOODCOCK, 2007, p. 16-17). A crítica a todas as manifestações de poder, de certa forma, fundamentou uma “verdade anarquista”, a ponto, por exemplo, de chegarem a afirmar a estranha noção de que a posição libertária permitiria uma completa imparcialidade na análise histórica, pois o libertário não busca o *“triunfo a qualquer preço de uma doutrina”* (VOLIN, 1980, p. 16). Segundo outro pesquisador importante do anarquismo, estas convicções explicam-se porque: (...) *“O anarquismo é simultaneamente uma fé religiosa e uma filosofia racional; e muitas das suas anomalias resultam do conflito entre estas duas tendências e das tensões entre as diferentes espécies de temperamento que elas representam.”* (JOLL, 1964, p. 14). Portanto, os anarquistas russos, inevitavelmente, entraram em conflito com a proposta do socialismo dos bolcheviques, pois:

O movimento anarquista é um produto do século XIX. É, em parte pelo menos, o resultado do impacto da maquinaria e da indústria na sociedade camponesa e artesã. (...) Os valores que os anarquistas procuram demolir eram os do Estado industrializado, dia a dia cada vez mais forte e centralizado, modelo para o qual, assim parecia nos séculos XIX e XX, todas as sociedades se encaminhavam. (...) (JOLL, 1964, p. 12-13).

Outro famoso anarquista russo – que assim como Bakunin, passou grande parte da vida exilado fora do país, fugindo do czarismo – foi Kropotkin (1842-1921). Em 1903, Kropotkin, pertencente a corrente do anarco-comunismo, redige um texto intitulado *“Comunismo e Anarquia”* em que ao comentar a respeito das tendências dos movimentos socialistas, em geral, identifica seus pontos em comum. E mesmo considerando as correntes adeptas de um socialismo de Estado, ele considera que todas almejam um mesmo fim: a supressão da exploração do homem pelo homem, o fim das classes sociais, do Estado, e, portanto, o triunfo do “comunismo libertário” (KROPOTKIN, 2007, p. 123-125). E nisto constituiu-se a fé do anarquismo.

A debilidade do anarquismo na Rússia impediu que os socialistas libertários explorassem melhor as condições revolucionárias. Porém, independente das formações ideológicas, em geral, muitos autores reconhecem – e os anarquistas também em geral concordaram com isso – que a Revolução Russa foi um grande movimento de massas, impulsionada de baixo para cima, e construindo de forma espontânea órgãos para uma democracia direta. Dessa forma, ela apresentou características que foram vistas pelos

anarquistas, dentro e fora da Rússia, de uma verdadeira revolução social com tendências libertárias. Isso deu um novo impulso ao movimento anarquista dentro da Rússia, que ressurgiu com mais força a partir de meados de 1917, quando os expatriados começaram a retornar:

Os anarquistas e os anarco-sindicalistas, pouco numerosos e mal organizados, mas também muitos ativos, fazem de sua parte tudo o que podem para sustentar e encorajar a ação das massas contra Kerensky. Entretanto, eles se esforçam por orientar a nova Revolução, não pela via política, rumo à conquista do poder por um partido, mas sobre o caminho verdadeiramente social: rumo a uma organização e uma colaboração livres, de espírito libertário. (VOLIN, 1980, p. 150).

Alguns anarquistas, como Volin, participaram da revolução de 1905, fugindo do país com a repressão, e é só nesta época que surge o anarco-sindicalismo na Rússia, mas a reação do governo até a Primeira Guerra diminui as ações dos anarquistas. Havia vários grupos anarquistas, contudo operando na clandestinidade, mas de qualquer maneira: “(...) *eram uma pequena minoria comparada com os outros partidos da esquerda – os revolucionários sociais e dois ramos dos sociais democratas, menchevistas e bolchevistas. (...)*” (JOLL, 1964, p. 215).

Em Moscou, havia uma federação local de anarquistas e muitos marinheiros de Kronstadt demonstravam certa simpatia pelas ideias. Muitos comitês de fábrica, contrários às tendências de centralização dos sindicatos dominados pelos mencheviques, também sofreram influência dos anarco-sindicalistas. Criou-se então uma União Anarco-sindicalista de Petrogrado. Outras atividades também se concentraram em outras cidades como em Kúrsk e Kharkov, logo começou a se formar uma confederação das organizações anarquistas, formando-se o movimento *Nabat (Alerta)*, na Ucrânia, em fins de 1918. Tais atividades atraíram os anarquistas russos mais atuantes durante o período da revolução e da guerra civil, como Volin. Esse movimento tentou unir as várias tendências libertárias – os individualistas, os sindicalistas e os kropotkistas – e manter estreitas ligações com Makhno na Ucrânia. Kropotkin havia retornado também em 1917 depois de décadas de exílio (WOODCOCK, 2006a, p. 199-200).

O poder dos soviets, que durou de fato alguns meses, de outubro de 1917 até os primeiros meses de 1918, em breve foi despojado dos conselhos e administração das fábricas, sob o pretexto de que a autogestão não considerava as necessidades “racionais” da economia.

Logo as socializações espontâneas deram lugar as nacionalizações. A classe proletária russa, tão enérgica nos primeiros tempos de revolução, não reagiu a tempo a esta situação, esgotada por anos de guerra mundial, lutas revolucionárias e guerra civil. A tradição social, socialista e revolucionária dos russos muito pouco tinha de anarquistas. Em grande parte eles viam o socialismo sob sua forma estatal, e a social-democracia tinha tido grande impacto sobre os movimentos de esquerda. Dessa maneira, os anarquistas russos possuíam pouca influência e não passavam de alguns milhares de indivíduos. Contudo, também estavam ligados ao movimento operário. Participaram das jornadas revolucionárias que derrubaram o governo de Kerensky e muitos destacamentos de camponeses, formados e ou conduzidos por anarquistas (como os de Mokrousof e Tcherniak) lutaram contra os exércitos brancos de 1918 a 1920 (GUÉRIN, 1968, p. 101-102).

Desde o início do advento dos soviets, os anarquistas russos viram nesta criação revolucionária as bases das futuras comunas anarquistas, pois elas tinham sido criadas espontaneamente, partiam de um profundo desejo de mudança social e representavam uma quebra, ainda que virtual, da autoridade do Estado. Mas os desenvolvimentos da revolução – em que os soviets logo passaram a ser controlados pelo Estado – e as peculiaridades da doutrina libertária, explicam, para alguns, a ação dos anarquistas na revolução:

Determinados como estavam os anarquistas a não corromper a revolução recorrendo a meios que restabeleceriam, na opinião deles, nada mais que a velha ordem, opuseram-se mesmo ao *slogan* “Todo o Poder para os Soviets!”, porque se opunham ao conceito de poder. E foi este seu desprezo para com o poder que os impossibilitou de conseguir alguma coisa e tornou possível, em três anos, aos bolchevistas destruir o movimento anarquista na Rússia completamente. (...). (JOLL, 1964, p. 216-217).

No congresso do movimento Nabat, em 1919, os anarquistas russos já mudaram as suas posições de apoio em relação aos soviets, que mantiveram no início da revolução em 1917. Neste congresso, eles se opuseram a toda participação nos soviets, que passaram a considerar órgãos puramente políticos, autoritários, centralistas e estatizantes (WOODCOCK, 2006a, p. 200).

Mas houve também anarquistas que aderiram ao regime bolchevique durante a guerra civil para ajudar a derrotar a contra-revolução. E o mais conhecido anarquista russo que aderiu ao regime foi Victor Serge, que depois se tornou funcionário do governo. O prestígio e a atração da primeira revolução proletária vitoriosa, amaldiçoada pela contra-revolução

mundial, eram muito grande. Em seu livro sobre a Revolução Russa, nas poucas linhas que reserva aos anarquistas na revolução, ele se limita a dizer apenas que apesar das diferenças houve uma aliança entre os revolucionários nos momentos decisivos: *“Nesses momentos de luta, as mais importantes divergências de opinião tornam-se secundárias: trata-se da própria vida da primeira sociedade socialista...”*. (SERGE, 1993, p. 468).

Por volta de seis meses depois da Revolução de Outubro, em 1918, começa as perseguições bolcheviques aos anarquistas de Moscou, na mesma época em que as atividades anarquistas de Petrogrado também são reprimidas (WOODCOCK, 2006a, p. 200). A luta entre bolcheviques e libertários inicia-se, portanto, ainda sobre a guerra civil, mas as conturbações do país impedem uma polêmica maior. Em 4 de março de 1920, Kropotkin – já velho e cansado, mas com grande prestígio no movimento revolucionário internacional, o que impede que os bolcheviques o encarcerem – escreve uma carta para Lênin, alarmado com o rumo ditatorial que a revolução tomava sob a direção dos “comunistas autoritários”:

(...) ainda que a ditadura de um partido constituísse um meio útil para combater o regime capitalista – o que duvido muito –, esta mesma ditadura seria totalmente nociva para a criação de uma ordem socialista. O trabalho, necessariamente, tem de constituir-se na base das forças locais, mas até agora, isto não ocorre nem é estimulado por nenhum lado. Em seu lugar se encontram, a todo instante, individualidades que desconhecem a vida real e cometem os maiores erros, ocasionando a morte de milhares de pessoas e arruinando regiões inteiras. Sem a participação das forças locais, sem o trabalho construtivo de baixo para cima, executado pelos trabalhadores e todos os cidadãos, a edificação de uma nova vida é impossível. (KROPOTKIN, 1997, p. 19).

Durante o período revolucionário na Rússia, o movimento anarquista mais forte e intenso ocorreu na Ucrânia, que fazia parte do império russo. O anarquista Nestor Makhno (1889-1935), de origem camponesa, convertido ao anarquismo durante a revolução de 1905, também tinha sido solto da prisão devido as mudanças políticas com a revolução de 1917. Durante este ano, ele viaja pela Rússia revolucionária retomando as atividades militantes, porém já começa a constatar a centralização do poder pelos bolcheviques. Em 1918, com o tratado de paz de Brest-Litowsky com os alemães, os bolcheviques entregam a Ucrânia aos impérios centrais e Makhno, então, volta à terra natal para organizar uma resistência armada. As primeiras vitórias logo lhe deram a simpatia dos camponeses, que não queriam perder as terras conquistadas com a revolução. Formou-se o exército insurrecional makhnovista (os russos negros, devido a sua posição declarada em favor do anarquismo).

Makhno tentou aplicar na Ucrânia, dentro das condições da guerra civil e da invasão estrangeira, princípios do comunismo libertário. Os camponeses se organizaram para cultivarem as terras pertencentes aos antigos proprietários em comum, com base na autogestão, agrupados em “comunas” ou “soviets livres”. Estes soviets deveriam responder apenas as vontades dos camponeses, compostos por trabalhadores autênticos, integrados num sistema econômico de conjunto, baseado na igualdade social. Soviets que deveriam ser absolutamente independentes de qualquer partido político (GUÉRIN, 1968, p. 105-106). O movimento makhnovista assim se apresentava: “(...) *Os makhnovistas podem ajuda-los, dando-lhes conselhos (...). Mas não podem nem querem, em caso algum, governa-los*” (GUÉRIN, 1968, p. 106).

O exército vermelho, criado por Trotsky, em plena guerra civil, e o exército negro de Makhno, atuaram em conjunto em duas ocasiões. Primeiro contra os exércitos brancos de Denikin, em 1919, e depois contra as tropas brancas de Wrangel, em 1920. Makhno praticamente salvou o regime bolchevique em 1919, quando Denikin chegou muito perto de Moscou (MAKHNO; BERKMAN; SKIRDA, 2001, p. 13). Contudo, ainda em 1919, por ordem de Trotsky, os bolcheviques decidiram que os makhnovistas deixariam de ser aliados, pois o anarquismo makhnovista começou a exercer certa atração nos soldados camponeses do exército vermelho. Makhno chegou a convidar os soldados das forças bolcheviques a participarem dos seus congressos anarquistas, e isso não foi tolerado (JOLL, 1964, p. 221). Os bolcheviques passaram a caluniar Makhno e o seu movimento, boicotando, inclusive, equipamentos de guerra para as tropas anarquistas, iniciando-se as hostilidades que iriam aumentar depois da vitória contra os brancos:

Novembro de 1920, a contra-revolução branca é vencida na Rússia e na Ucrânia; poder-se-ia contar com uma paz geral não fosse a vontade hegemônica de Lenin e de seu partido, que desencadearam com sórdida traição uma vasta operação militar contra os makhnovistas. Makhno escapa por muito pouco ao cerco e ao aniquilamento, em seguida realiza longos deslocamentos pelo país. É o começo de uma segunda e não menos terrível guerra civil, opondo, desta vez, inúmeros grupos de partidários dos soviets livres, quer dizer, de um retorno às aspirações de 1917, contra um partido-Estado que quer monopolizar a revolução em seu único proveito. (...). (MAKHNO; BERKMAN; SKIRDA, 2001, p. 15).

A ofensiva bolchevique contra Makhno se estende até 1921, quando em agosto deste ano, este é obrigado a fugir da Ucrânia e seu movimento é destruído. O exército de Makhno, tentou se organizar sobre bases anarquistas, com o recrutamento voluntário e uma disciplina

que era elaborada por comissões de combatentes e aprovadas em assembléias gerais, mas também foi um exército que enfrentou seus inimigos com brutalidades, e ainda que Makhno possui-se qualidades revolucionárias, os seus excessos pessoais desgostaram alguns de seus partidários do grupo Nabat, a ponto de Volin dizer que Makhno não possuía conhecimentos teóricos (JOLL, 1964, p. 221-222). O movimento makhnovista era declaradamente anarquista, defendendo os princípios do direito ao livre trabalho e à autogestão total da vida social. Volin e o anarquista ucraniano Arshinov, que muito influenciou a formação libertária de Makhno, tomaram parte da área cultural e educacional do movimento. Portanto, eles possuíam outra visão dos soviets, distinta da dos bolcheviques. E era um movimento com atividades econômicas e militares, de origens e bases locais. Em um discurso pronunciado numa das primeiras reuniões do soviete de Guliai-Polie – cidade natal de Makhno e centro do movimento – em inícios de 1919, apresenta-se a concepção que possuíam sobre os soviets, que se estendia a seus *partisans*, o braço armado do movimento:

É preciso dizer inicialmente que o aspecto característico da vida social, entre nós, aparece na autogestão, pelos trabalhadores, de seus interesses sobre uma base local, fazendo par com a organização da luta dos *partisans*; tudo isso se opondo à concepção dos bolcheviques quanto aos soviets políticos.

Os soviets livres dos trabalhadores constituem a estrutura definida dos princípios de uma tal autogestão.

--- Soviets livres, pois são completamente independentes de qualquer autoridade central que seja e, além disso, eleitos com toda independência.

--- Soviets de trabalhadores, pois estão edificados sobre a base do trabalho em comum; compreendem em seu seio apenas trabalhadores, correspondem à sua vontade, servem exclusivamente seus interesses e não deixam lugar algum a qualquer influência política. (MAKHNO; BERKMAN; SKIRDA, 2001, p. 91-92).

Até o início de 1921, atividades anarquistas restritas ainda eram permitidas, principalmente anarco-sindicalistas, mas os militantes mais ativos eram aprisionados pela tcheka. Em 8 de fevereiro deste ano, Kropotkin falece, mas pouco antes ele ainda escreveu uma carta aos trabalhadores do mundo, em que condena a colaboração e o uso da força para destruir a Rússia Soviética. O seu funeral se transformou em uma grande manifestação popular de apoio às críticas libertárias ao regime bolchevique, e centenas de milhares de pessoas acompanharam seu caixão pelas ruas de Moscou. Ainda em fins deste mês, estouraram greves operárias em Petrogrado e Moscou, devido as condições intoleráveis de vida no país por anos de conflitos e guerras, como a extrema escassez de víveres de primeira necessidade e a repressão ditatorial do regime. O governo comunista respondeu com mais repressão, e a 2 de

março de 1921, em solidariedade as greves operárias de Petrogrado, os marinheiros da base naval de Kronstadt declaram-se em estado de rebelião.

Kronstadt não era uma base qualquer. Possuía localização estratégica, defendendo a cidade de Petrogrado. Era uma base naval insular a trinta quilômetros de distância de Petrogrado, no golfo da Finlândia, cujas águas gelam no inverno permitindo o acesso terrestre à ilha. Ela era habitada por dezenas de milhares de marinheiros e trabalhadores do arsenal da base militar. A população civil de Kronstadt formava uma comuna livre, com certa independência do poder central. Kronstadt possuía uma considerável tradição política, seus marinheiros estiveram na vanguarda do movimento revolucionário, desde a derrubada do czar até a vitória na guerra civil, a ponto de Trotsky ter declarado que ela era “o orgulho e a glória da Revolução Russa”. Não por acaso, anarquistas e bolcheviques sempre tiveram influência em seu soviete.

Em 1921, os marinheiros da ilha já não possuíam os mesmos efetivos que em 1917, pois eles provinham da massa camponesa muito mais que anteriormente. Contudo, conservavam o espírito militante, e por toda a história que Kronstadt teve, tinham o direito de participar das reuniões dos trabalhadores de Petrogrado, por isso, apoiaram as greves. Os bolcheviques se dispuseram a negociar e atenderam às reivindicações dos trabalhadores em greve, mas os marinheiros queriam a realização integral de seu programa e se mantiveram mobilizados e armados. Eles consideravam que os sovietes atuais não exprimiam mais a vontade dos operários e camponeses, por isso exigiam eleições imediatas para a renovação de todos os sovietes existentes. Os marinheiros reivindicavam, entre outras coisas: a liberdade de palavra e imprensa para todos os operários e camponeses, para os anarquistas e socialistas revolucionários de esquerda; abolição dos oficiais políticos do partido comunista dentro dos sovietes, pois nenhuma ideia política tinha que ser privilegiada por propagandas financiadas pelo Estado, devendo-se instituir em seu lugar comissões de educação e cultura eleitas pela comunidade e financiadas pelo governo; e abolição dos destacamentos comunistas nas unidades do exército, nas fábricas e usinas (ARVON, 1984, p. 40-41).

Mas os kronstadinos não propunham eliminar o partido comunista, eles contestavam a sua exclusividade por ter colocado na ilegalidade os outros partidos e tendências, queriam instituições pluripartidárias independentes do Estado. Eles acusavam o que chamavam de “comissariocracia”, os abusos do poder do *Conselho dos Comissários do Povo*, que foi o novo governo, dirigido inicialmente por Lênin, e que assumiu a responsabilidade de serem os intérpretes e a garantia das reivindicações populares de 1917. Os bolcheviques temeram então um processo de contaminação das ideias dos kronstadinos e deram um ultimato a Kronstadt:

rendição ou aniquilamento. Não houve rendição e o próprio Trotsky assume o comando da repressão, iniciando o bombardeio da base em 7 de março. Com isso, a revolta transformou-se numa tentativa de uma *terceira revolução*, uma revolução dentro da revolução, pois os marinheiros declararam que a revolução de fevereiro de 1917 derrubou o czarismo, a de outubro derrubou o governo provisório burguês e a terceira, a de 1921, queria abolir a ditadura do partido comunista e seu capitalismo de Estado, instituindo os soviets livres (ARVON, 1984, p. 111-112).

A experiência libertária da Revolução Russa, com a criação espontânea dos soviets e sua tentativa de uma democracia direta, favoreceu a penetração de ideias anarquistas entre os marinheiros de Kronstadt. Houve alguns anarquistas em seu soviete, mas eles eram minoria, de forma que não tiveram um papel central no episódio. O comitê revolucionário de Kronstadt chegou a convidar dois libertários para participarem, Yartchuk – que participou ativamente no soviete local em 1917 – e Volin, porém ambos já se encontravam encarcerados pelos bolcheviques. Portanto, a revolta de Kronstadt foi verdadeiramente uma insurreição popular, que possuiu as suas características próprias:

Certamente, os marinheiros de 1921 são anarquistas na medida em que o próprio Lenin é “anarquista” em 1917 quando lança a palavra de ordem “Todo o poder aos Soviets”; eles permanecem fiéis à concepção de uma ordem livre sobre a ação autônoma das unidades locais. Mas é um anarquismo de certo modo instintivo que sustenta suas exigências e que lhes fornece as palavras de ordem de ressonância anarquista, tais como “Soviets Livres”, “Abaixo a Comissariocracia”, “Terceira Revolução”: não obstante, o fundamento ideológico de todo o anarquismo, ou seja, a hostilidade incondicional a todo poder político, qualquer que seja ele, quase não aparece em suas proclamações de 1921. (ARVON, 1984, p. 20).

O historiador Paul Avrich sustenta que a Revolução Russa possuiu duas tradições revolucionárias que eram opostas. Uma tendência centralista, representada por Lênin e seu partido, e outra seguida pelos anarquistas e as tendências radicais dos socialistas revolucionários, que tendiam a um autogoverno descentralizado; ausência de uma forte autoridade governamental e a confiança nos instintos democráticos das massas. Certamente, segundo ele, a revolta de Kronstadt – ainda que com suas particularidades camponesas – pertenceu a esta segunda tendência. E há indícios que anarquistas de toda a Rússia, naquele momento, expressaram solidariedade à insurgência dos marinheiros da velha base naval (AVRICH, s.d., p. 170 e 187).

É importante destacar o episódio de Kronstadt, porque este evento, como veremos adiante, implicou em rupturas definitivas na esquerda mundial e em grandes polêmicas, episódio este que também repercutiu em nossas fontes. Os anarquistas russos Alexandre Berkman e Emma Goldman, que tinham chegado à Rússia em 1919, encontrando asilo na “pátria do proletariado” depois de terem sido deportados dos Estados Unidos, devido às suas atividades militantes, se ofereceram como mediadores entre os marinheiros e os bolcheviques. Os anarquistas, nesse momento, fizeram de tudo para evitar o conflito e o derramamento de sangue, pois acreditavam que mais uma guerra civil só acentuaria os vícios da violência, da repressão e da centralização. Portanto, para eles, o uso da força só traria danos à revolução social (GUÉRIN, 1968, p. 111).

Emma Goldman (1869-1940) tinha partido da Rússia jovem com sua família, devido aos rigores do czarismo, ficou famosa no movimento anarquista internacional como oradora e defensora dos direitos da mulher. Em um texto extraído de seu livro *“My Further Disillusionment with Russia”*, de 1924, ela parte de um conceito de “progresso”, que consiste na aceitação mais ampla do princípio da liberdade contra a da coação. Para a autora, nenhuma revolução pode ser verdadeira se não rejeitar toda a tentativa de centralização e lutar para provocar uma reavaliação de todos os valores econômicos, sociais e culturais. O que é impossível se ocorrer um abismo entre o proletariado e os intelectuais, para ela, um dos grandes erros de Lênin. Ela concebe então a revolução como algo “fluente e dinâmico”, sendo uma transposição de valores, uma mudança mental e espiritual, havendo de ter então uma identidade forte entre os meios utilizados e os objetivos propostos. E para ela não havia esta identidade no povo russo, faltava o conhecimento dos métodos do livre-arbítrio, apesar de seu anarquismo instintivo, por isso que os anarquistas russos fracassaram (GOLDMAN, 1981, p. 140-149).

Mas a rebeldia de Kronstadt estava além do suportável para o partido comunista. Os chefes bolcheviques, imaginaram-se como a vanguarda de uma revolução mundial que foi declarada, mas que não aconteceu, identificando a revolução com o Partido Comunista. Os bolcheviques fizeram apelos aos trabalhadores do mundo pela revolução com a vitória de outubro e pela defesa da Rússia soviética durante a guerra civil, alimentando as esperanças de muitos que se sentiam oprimidos e explorados por todo o mundo. Sendo assim, tudo o que combatia este “mito” era para os bolcheviques “contra-revolucionário”. Ainda que os acontecimentos de Kronstadt tenha sido um fato extremamente constrangedor para os chefes comunistas, pois estes, enquanto governando em nome do proletariado, tinham o seu poder contestado por um movimento autenticamente proletário e que ainda partia de um dos centros

mais heroicos de toda a Revolução Russa, assim a repressão prosseguiu até o fim. Lênin se apegou a tese que a única alternativa à ditadura de seu partido seria a restauração czarista (GUÉRIN, 1968, p. 111).

Por intransigências de ambas as partes, a conciliação não foi possível e a luta prosseguiu até 18 de março de 1921, com milhares de mortos e feridos de ambos os lados. A revolta de Kronstadt é derrotada pelo exército vermelho, o mesmo exército que sempre tinha sido composto por ardorosos revolucionários kronstadinos.

Nos meses seguintes, centenas de anarquistas seriam presos e executados, até mesmo os partidários do escritor russo Tolstói (1828-1910), que nunca se declarou anarquista, mas tinha opiniões sobre o governo e a autoridade que o aproximou do pensamento libertário, foram perseguidos. Estes anarquistas tolstoianos, por serem pacifistas, foram fuzilados por se recusarem a servir o exército vermelho. Até o fim do período demarcado para esta pesquisa, a repressão bolchevique poria fim ao movimento anarquista na Rússia:

No fim de 1922, todos os anarquistas da Rússia haviam sido mortos, presos, banidos ou silenciados. Para os anarquistas no exílio restava a amargura de ter visto a Revolução transformar-se exatamente no oposto de tudo aquilo que esperavam; quando muito, o melancólico consolo de saber que seu antepassado Bakunin tinha previsto tudo o que acontecia agora quando examinou o socialismo marxista. (WOODCOCK, 2006a, p. 201).

Desde o início da Revolução Russa, autores afirmam que os anarquistas russos já desconfiavam das intenções dos bolcheviques, e procuravam alertar a população quanto a esta questão, como por exemplo, Volin que tocava neste ponto no seu jornal *Golos Truda* (A Voz do Trabalho), (GUÉRIN, 1968, p. 94). Aliás, a imprensa anarquista na Rússia se desenvolveu bastante logo após a revolução:

Quase não havia cidade importante que não contasse com um grupo anarquista ou anarco-sindicalista difundindo um material impresso, relativamente considerável: jornais, revistas, folhetos, livros. Em Petrogrado, dois semanários, e em Moscou um quotidiano, tinham uma tiragem de 25.000 exemplares cada um. (...). (GUÉRIN, 1968, p. 102).

Hobsbawm – historiador marxista – que reconhece o anarquismo como a tradição libertária do comunismo, afirma que a atitude dos bolchevistas dentro e fora da Rússia foi, por

um momento, mais benevolente em relação aos anarquistas (HOBSBAWM, 1982b, p. 67). Para os bolcheviques, os anarquistas eram revolucionários equivocados, mas revolucionários ativos nos momentos de insurreição e aliados contra a burguesia. O autor ainda destaca que essa atitude “indulgente” dos bolcheviques, explica-se pela insignificância relativa do movimento anarquista na Rússia, ainda que grupos surgissem em centros importantes em 1917, mas que lhes faltou contato com as massas e, que a Revolução de Outubro os dividiu, fazendo com que alguns aderissem ao bolchevismo (HOBSBAWM, 1982b, p. 75-76).

No entanto, os anarquistas russos tiveram outra leitura dos eventos revolucionários de seu país. Como Anatol Gorelik (1890-1956) que nasceu na Ucrânia e foi um militante jornalista e propagandista do anarquismo. Gorelik também faz parte dos anarquistas russos emigrados que voltaram à terra natal com a revolução de 1917 e que logo retomou as atividades revolucionárias, como Volin, e que junto com este, teve um papel importante no mencionado grupo Nabat. Tal como Volin, Gorelik faz parte do grupo de anarquistas expulsos da Rússia em fins de 1921, e que só foram soltos devido à pressão dos delegados estrangeiros anarco-sindicalistas que estavam no Congresso do Profintern deste mesmo ano (MINTZ, 2007, p. 21-22). Junto com este grupo também foram soltos e expulsos do país Yartchuk e o anarco-sindicalista Maximov.

Para Gorelik, as amplas massas do povo russo, no momento da revolução, demonstraram uma grande inclinação para as tendências comunistas e cooperativistas na reorganização econômica da sociedade. Foi uma transformação rápida que demonstrou uma tendência à descentralização das funções sociais, com a multiplicação de cooperativas, comitês de fábrica e comunas agrícolas. Para ele, estas aspirações populares negavam todas as ideologias estatais dos partidos políticos, de modo que apenas o anarquismo estava em harmonia com estas aspirações, e a única corrente, portanto, a propagar o comunismo. Ele afirma que a influência das ideias anarquistas na revolução penetrou nas massas quando esta se pôs a expropriar a burguesia e a controlar diretamente a produção (MINTZ, 2007, p. 34-35 e 45).

Quando analisamos as Resoluções da Primeira Conferência do Nabat, em novembro de 1918, cujo secretário era Gorelik, observamos um esforço para congregar os vários grupos anarquistas da Rússia, entre anarco-sindicalistas, anarco-comunistas e os anarco-individualistas. E a mensagem de que os anarquistas russos teriam que ingressar em todas as organizações de classe dos trabalhadores, inclusive nos poucos soviets que não estão impregnados com o espírito do “partido político”, “burocrático” e “autoritário” (MINTZ, 2007, p. 85).

O projeto de socialismo estatal marxista foi o que predominou na Rússia nas disputas do desenvolvimento revolucionário, até mesmo, como aponta alguns historiadores, porque esta foi uma época de crise intensa, onde se tratava da existência ou não da Rússia e o partido bolchevique foi um instrumento de poder, o único capaz na época de manter a Rússia integral como Estado (HOBBSAWM, 1995, p. 71). Os preconceitos marxistas na historiografia em relação ao anarquismo são visíveis, como o próprio Hobsbawm que afirma que o atrativo do anarquismo era emocional e não intelectual, e de que apesar de ser um elemento crítico útil, o anarquismo não tem qualquer contribuição significativa a fazer à teoria socialista (HOBBSAWM, 1982c, p. 91 e 96). Entretanto, o anarquista russo Yartchuk, que participou da revolução, expressou a ideia de que os soviets não eram anarquistas, mas ao desferirem um golpe contra o Estado centralizado, desfazendo seu aparelho, apresentaram-se como um estágio transitório em direção ao anarquismo. Por isso, os libertários tinham que se inserir nas organizações proletárias para propagar a ideia dos soviets livres, em consonância com a mensagem do grupo Nabat e foi justamente durante o período revolucionário na Rússia, que a propaganda anarquista foi mais forte do que em qualquer outro país na época, com a publicação de jornais, livros, panfletos e organização de manifestações e conferências (YARTCHUK, 1997, p. 21).

1.3. A repercussão da Revolução Russa no movimento operário e anarquista mundial

Ao se esboçar considerações sobre os impactos mundiais da Revolução Russa de 1917, e particularmente nos movimentos operários e anarquistas, temos que lembrar que a imagem que a URSS queria projetar para o mundo era de um país que construía o socialismo. O sistema soviético e as sociedades ocidentais se influenciaram mutuamente, na medida em que a ideologia soviética, em sua relação com o mundo externo, explorava a auto-imagem de “socialismo versus capitalismo”, e que na verdade os dois lados projetavam-se um no outro (LEWIN, 2007, p. 335).

A pretensão que a União Soviética teve de apresentar ao mundo um modelo alternativo ao capitalismo, foi algo que ajudou a mobilizar não apenas a sua própria população, mas que também atraiu um considerável apoio externo. Assim, muitos críticos de esquerda no mundo ocidental, foram induzidos a enxergar na União Soviética algo que ela

não era, e nisso os grupos políticos de direita também fizeram o seu uso desta visão (LEWIN, 2007, p. 335-336).

Mas a ideologia soviética também estava conectada intimamente com a forma com que a Revolução Russa foi sentida e interpretada pelas pessoas, o que ela significou para aqueles que viveram naquela época:

(...) Foi a primeira revolução proletária, o primeiro regime na história a empreender a construção da ordem socialista, prova não só da profundidade das contradições do capitalismo, que provocaram guerras e crises, mas também da possibilidade – da certeza – de que a revolução socialista triunfaria. Foi o começo da revolução mundial, o começo de um mundo novo. (...). (HOBSBAWM, 1982a, p. 15).

Já foi comentado anteriormente o quanto esta revolução possuiu repercussões globais, pois durante aqueles anos em que a Europa passava por todas as hecatombes da guerra mundial, tinha-se a impressão que o velho mundo de então estava condenado, e que, aparentemente, era preciso um sinal para que os povos se levantassem em nome do socialismo e contra os sofrimentos da guerra mundial (HOBSBAWM, 1995, p. 62).³¹ Portanto, a Revolução Russa, e mais precisamente a revolução de outubro de 1917, pretendeu dar ao mundo este sinal e uma onda de revoluções e agitações varreu o globo nos dois anos subsequentes, de modo que naqueles anos, as esperanças bolcheviques em uma revolução mundial não pareciam irrealistas:

Os sinais vieram, altos e nítidos, de Petrogrado e – depois que a capital foi transferida para uma localização mais segura em 1918 – Moscou, e foram ouvidos onde quer que atuassem movimentos trabalhistas e socialistas, independentemente de sua ideologia, e mesmo além. “Sovietes” foram formados por empregados da indústria do tabaco em Cuba, onde poucos sabiam onde ficava a Rússia. Os anos de 1917-9 na Espanha vieram a ser conhecidos como o “biênio bolchevique”, embora a esquerda local fosse anarquista apaixonada, ou seja, politicamente no pólo oposto ao de Lenin. Movimentos estudantis revolucionários irromperam em Pequim (Beijing) em 1919 e Córdoba (Argentina) em 1918, logo espalhando-se por toda a América Latina e gerando líderes e partidos marxistas revolucionários. (HOBSBAWM, 1995, 72).

A revolução soviética e a Rússia passam a significar, a partir destes anos, um perigo

³¹ E o mundo, nesta época, possuía cerca de 2 bilhões de pessoas: (HOBSBAWM, 1995, p. 21).

interno à existência de todos os regimes políticos e à ordem social. Os comunistas russos estavam convencidos de que ofereciam ao mundo um exemplo de alcance universal, por isso, parte das massas operárias, tinham os olhos voltados ao que se passava na Rússia. Uma parcela da opinião pública de esquerda rompe com a Segunda Internacional, assim como os partidos-sociais democratas e o sindicalismo tradicional, para se alinharem à Rússia soviética (RÉMOND, 1976, p. 49). E com a fundação da Terceira Internacional e da Internacional Sindical Vermelha ocorrem cisões e rivalidades no interior dos movimentos operários, tanto no campo político, dos partidos, quanto sindical.

A Grande Guerra acabou conduzindo os Estados beligerantes derrotados da Europa a um generalizado colapso político e crises revolucionárias, como foi o caso, além da própria Rússia, da Alemanha, Áustria-Hungria, Turquia e Bulgária. Sem dizer uma inquietação social que quase equivalera a uma revolução na Itália (HOBSBAWM, 1995, p. 65).

O sentimento antibelicista influenciou a consciência política dos socialistas e dos movimentos trabalhistas organizados em volta da indústria de armamentos e das novas marinhas de alta tecnologia, que equivaliam as fábricas flutuantes, por isso os marinheiros foram personagens importantes nas revoluções e visões das revoluções dos inícios do século XX. Com a revolução de outubro, que levou os bolcheviques ao poder, os desejos de paz e revolução social se fundiram, a ponto de até mesmo um motim naval ter ocorrido na frota francesa no mar Negro na ocasião da intervenção francesa contra os bolcheviques na guerra civil russa de 1918-20 (HOBSBAWM, 1995, p. 65-66).

A experiência russa também chegou a fascinar militantes no México, que ainda passava por uma revolução local que se iniciara em 1910, e também imigrantes finlandeses nos EUA, que possuíam tradições socialistas em suas comunidades (HOBSBAWM, 1995, p. 72). Contudo, em nenhum outro lugar, as ondas sísmicas da Revolução Russa repercutiram com maior intensidade do que na Europa:

Os conflitos entre a recusa das concessões dos governos e das maiorias conservadoras e as reivindicações operárias traduzem-se por uma agitação crônica, surtos de greves e de violência: as jornadas de 1º de maio em 1919 e 1920, na maioria dos países da Europa ocidental, são acompanhadas de colisões com as forças da ordem e acabam em mortes. Na Inglaterra, a própria esquadra se amotina. Na Itália, a agitação tanto assume formas agrárias quanto operárias e industriais. (RÉMOND, 1976, p. 50).

Foram momentos em que a opinião pública europeia ficou assustada, pois os alcances revolucionários destes movimentos não contestavam apenas o regime político, mas também a ordem social e o regime da propriedade:

Na Alemanha se constituíram, no momento da derrota, soviets de soldados, marinheiros e operários. É o chamado à insurreição espartacista nos últimos dias de 1918; no começo de 1919, na Baviera, constitui-se uma república dos conselhos; na Hungria, a partir de março de 1919, forma-se um governo comunista, dirigido por Bela Kun. Berlim, a Baviera, a Hungria, países que acabam de ser vencidos, onde se desmantelaram os quadros políticos e sociais, representam um ponto fraco visado por uma arremetida revolucionária. (RÉMOND, 1976, p. 51).

As influências dos acontecimentos na Rússia transpuseram as fronteiras de seu país também devido ao fato do internacionalismo do movimento operário, que já foi comentado, altamente receptivo à ideologia soviética, que ao menos no início, também se afirmava como internacionalista, negando o fenômeno nacional. E com a fundação de uma Terceira Internacional, franqueada por uma Internacional Sindical revolucionária, essa irradiação foi ainda mais impulsionada. Assim, nos países que possuíam sociedades industriais mais desenvolvidas, as forças de esquerda e o movimento operário se viram altamente divididos entre aqueles que eram a favor de Moscou e os que eram contra – fiéis a Segunda Internacional ou à Federação Sindical Internacional –, e isso os enfraqueceram. E essa foi uma das principais características da repercussão da Revolução Russa entre estas sociedades, como as da França, Alemanha e Itália (RÉMOND, 1976, p. 85-86).

Nas sociedades que naquela época estavam em condições de subordinação colonial – na Ásia e na África –, sociedades que mais tarde também seriam chamadas de países subdesenvolvidos, o comunismo e o exemplo soviético cristalizaram aspirações nacionais à independência. Pode parecer paradoxal que o marxismo, que também se definiu como internacionalista – negando a estrutura nacional – possa inspirar movimentos nacionalistas, mas nestes lugares ocorreram aproximações e alianças entre comunistas e chefes nacionalistas, que em grande parte foi tática, mas que também envolveu afinidades ideológicas. Isto se deu porque, segundo as concepções leninistas, o imperialismo colonial é um estágio avançado do capitalismo, assim, combatendo-o, o comunismo estende a luta que trava contra o capitalismo nas metrópoles (RÉMOND, 1976, p. 86-87).

A Rússia soviética também se apresenta como um modelo a ser imitado para estes países porque a Rússia foi o primeiro país a libertar-se da dominação dos capitais estrangeiros

com a revolução de 1917. O caso da China foi um exemplo que levou bem longe a aproximação de comunistas e grupos nacionalistas (RÉMOND, 1976, p. 87). E a revolução de outubro também deixou sua marca na principal organização de massa do movimento de libertação nacional indonésio, o Sarekat Islam (HOBSBAWM, 1995, p. 72). Contudo, nestes países a questão social era muito mais agrária do que industrial.

Mas no que concerne aos movimentos de trabalhadores organizados de tendência anarquista, em vários países de maior ou menor industrialização na Europa e nas Américas, ao que tudo indica, a “Revolução de Outubro” exerceu uma manifesta atração sobre muitos sindicalistas e mesmo anarquistas nos anos imediatamente posteriores a 1917 (HOBSBAWM, 1982b, p. 78). De modo que as consequentes cisões e conflitos no interior do movimento operário foram inevitáveis.

Rudolf Rocker (1873-1958) foi um libertário ativista alemão, anarco-sindicalista e também historiador. Ele ajudou a refundar uma Associação Internacional de Trabalhadores – nome da primeira Internacional – em Berlim em 1922, após fundar novas entidades sindicais em torno de uma Federação para aglutinar os militantes dispersos depois das derrotas das revoluções iniciadas no país a partir de 1918, era essa a Federação Sindical Internacional:

(...) Dois anos após a fundação da Federação, que reunia as virtudes daquilo que se chamou sindicalismo revolucionário e que, em algumas partes do mundo, mereceu o nome de anarco-sindicalismo, ele chamaria um grande congresso para a refundação da Associação Internacional dos Trabalhadores. Tal atitude era uma deliberada posição frente à Internacional Sindical Vermelha e ao *Komintern*. Portanto, em 1922, em Berlim, os esforços dos anarquistas ainda dentro das associações de classe convergiam para essa nova tentativa de uma entidade internacional com foco no sindicalismo. (ROCKER, 2007, p. 15).

O texto de Rocker – *Os Sovietes Traídos pelos Bolcheviques* – foi publicado em 1921, ainda no calor da época, é uma análise da derrocada dos ideais revolucionários na Rússia e as rupturas entre os socialistas com a criação da Internacional Sindical Vermelha dos bolcheviques, para combater o sindicalismo revolucionário de orientação anarquista. Devido também as dificuldades de acesso às informações do que ocorria dentro da Rússia, e até mesmo pelas breves colaborações entre anarquistas e bolcheviques no início da revolução – apoiando o poder para os soviets – muitos libertários ao redor do mundo viram o bolchevismo como uma ala radical da social democracia que reconheciam a superioridade das premissas libertárias. Ainda mais porque os bolcheviques romperam com a social democracia

da II Internacional devido a guerra mundial, a mesma II Internacional que tinha expulsado os anarquistas no congresso de Londres em 1896 em favor da tática parlamentar, recusada pelos anarquistas: “(...) *Tal dimensão também foi compartilhada por setores da ortodoxia marxista, uma vez que, particularmente após a divulgação das Teses de abril, Lênin foi acusado por estes de querer ocupar “o trono há trinta anos vago na Europa”, o de Bakunin*” (ROCKER, 2007, p. 19).

Esta breve confusão entre os posicionamentos teóricos e táticos dos bolcheviques e anarquistas na Rússia teve, como mencionamos, influência, em parte, das declarações do próprio Lênin em textos como as suas *Teses de abril*, portanto, destacamos:

5. Não se pode apoiar uma república parlamentar – passar a esta forma de governo, depois dos soviets de deputados operários, seria dar um passo atrás –, mas uma república de soviets de deputados operários, trabalhadores agrícolas e camponeses no país inteiro, de alto a baixo.
Da mesma forma, há que suprimir a polícia, o exército e o corpo de funcionários. (LÊNIN, 2010, p. 17).

Tais supressões da ordem defendidas por Lênin naquele momento – em que o partido bolchevique ainda era minoria dentro dos soviets e lutava contra o governo provisório recém-formado – e o apoio aos soviets em seu tom radical, evidentemente pode ter atraído muitos anarquistas. Rudolf Rocker destaca o quanto a experiência revolucionária russa foi um assunto tratado com cuidado nos meios anarquistas, devido as esperanças que suscitavam, assunto, como ele indica, que foi bem presente na imprensa militante ao redor do mundo:

A imprensa anarquista e sindicalista esforçou-se particularmente para observar uma grande contenção em sua crítica às idéias bolcheviques, para não levar água aos moinhos da contra-revolução. Muitas notícias que nos chegavam, muitas medidas do governo soviético que pensávamos ser fatais ao desenvolvimento da Revolução foram silenciadas, pois dizíamos a nós mesmos que não era o momento de criticar. Cada um de nós ressentia toda a força das enormes dificuldades que se acumulavam na Rússia e ameaçavam o curso dos acontecimentos revolucionários (...). (ROCKER, 2007, p. 31).

O fato de que com a Revolução Russa os bolcheviques acabam rompendo com a política da guerra mundial – que também era uma reivindicação da população russa – foi algo

que também atraiu a simpatia de muitos grupos antimilitaristas dentro do movimento operário anarquista. Fenômeno que ocorreu em vários países, até mesmo nos Estados Unidos:

(...) A Liga contra o Recrutamento Obrigatório, que Emma Goldman e Berkman tinham iniciado durante os anos da guerra, foi proibida em 1917, e vários de seus membros acabaram na prisão. A Revolução de Fevereiro do mesmo ano foi o sinal para que milhares de anarquistas voltassem à Rússia e, em 1919, começou uma série de deportações durante as quais centenas de anarquistas militantes, oriundos principalmente da Europa oriental e da Itália, foram devolvidos aos seus países de origem. Finalmente, surgiu o comunismo que, nos Estados Unidos, como já acontecera em outros países, atraiu muitos dos anarquistas e sindicalistas mais jovens para suas fileiras. (WOODCOCK, 2006b, p. 255).

No entanto, já em 1921, Rocker alertava que muitas das concepções a respeito da Rússia eram baseadas nos relatos de várias pessoas que haviam participado dos congressos da III Internacional e da Internacional dos Sindicatos Vermelhos em Moscou, pessoas então que foram muito bem recebidas pelas autoridades bolcheviques e que só viam o que os atentos agentes soviéticos permitiam (ROCKER, 2007, p. 32-33). Assim, a nova Internacional fundada por Lênin, por uma série de motivos, tornava-se uma possibilidade plausível para vários setores do movimento operário, incluindo os anarquistas:

(...) Ao fundar a III Internacional, o governo soviético deu-se um organismo destinado a promover as diretrizes de sua política na classe operária dos diferentes países. No início, não se via com clareza os verdadeiros objetivos e atividades dessa organização. A bancarrota da II Internacional, quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial, e a forte influência da Revolução Russa sobre os trabalhadores do mundo inteiro despertaram em toda parte no proletariado o desejo de uma nova associação internacional, desejo tanto mais forte porque a situação geral criada pela guerra era muito revolucionária. Assim, a criação da III Internacional encontrou a simpatia geral. E como ninguém tinha, no início, como já dissemos, uma idéia clara dos objetivos e dos métodos dessa nova associação, nada há de surpreendente no fato de que todas as tendências socialistas tenham se declarado prontas para nela ingressar. Assim, tendências completamente moderadas, como o Partido Socialista Espanhol ou o Independent Labour Party inglês, envolvidos pela atmosfera geral, manifestaram publicamente sua simpatia, e organizações sindicalistas e até mesmo anarquistas deixaram-se levar pela corrente e anunciaram sua adesão. Tínhamos o direito, contudo, de esperar um pouco mais de reservas destas últimas. (ROCKER, 2007, p. 117-118).

Os efeitos da política da Internacional Comunista no interior dos movimentos operários e anarquistas, malgrado as especificidades ideológicas das correntes

historiográficas, é marcada por novos embates e disputas nestes movimentos. Disputas que contrariavam a solidariedade internacional entre os trabalhadores, pregada pela tradição socialista, e segundo o anarquista alemão, um clima de espionagem surgiu nos meios operários onde se formaram partidos comunistas, e desconfianças, ódios recíprocos e divisões foram criadas entre os militantes (ROCKER, 2007, p. 124). Assim, o texto de Rocker publicado em pleno ano da revolta de Kronstadt em 1921, também deve ser entendido como uma manifestação das rupturas na esquerda mundial naquele momento. Ele afirma que com o fato da Revolução Russa ter se desenvolvido na base de um sistema de conselhos (os soviets), os bolcheviques tiveram que se relacionar com estes, porém, tomado o poder, toda a atividade bolchevique tendeu aos poucos em despojar todo o poder dos soviets e subordiná-los ao governo central (ROCKER, 2007, p. 45). A crítica e a historiografia anarquista sobre a Revolução Russa, nessa época, já argumentava que a ditadura do proletariado, ao contrário da ideia dos *conselhos*, nada tinha a ver com o socialismo, e que os *conselhos* não foram uma ideia nova, pois já era discutida desde a primeira Associação Internacional dos Trabalhadores (ROCKER, 2007, p. 78). E foi assim que Rocker, um representante fundador de mais uma Internacional, agora em Berlim, que tentava congrega as forças do movimento anarquista mundial, definiu posições contundentes diante da Rússia:

Se até o presente momento pouco se compreendeu, foi principalmente porque sempre se quis, em todas as considerações sobre a Revolução Russa, unir duas coisas que são, de fato, impossíveis de unir: a idéia dos conselhos e a “ditadura do proletariado”. Há, com efeito, contradição essencial entre a ditadura e a idéia construtiva do sistema dos conselhos, de tal modo que sua união forçada não podia engendrar outra coisa senão a desesperadora monstruosidade que é hoje a comissariocracia bolchevique, que foi fatal à Revolução Russa. (...) Foi a ditadura que prevaleceu na Rússia e isso explica por que já não há hoje soviets nesse país. O que resta deles é apenas uma cruel caricatura da idéia dos soviets, um irrisório e risível produto. (ROCKER, 2007, p. 77-78).

Por outro lado, o brasileiro soviético Boris Koval, apresenta outra abordagem dos impactos dos acontecimentos russos no mundo (KOVAL, 1980). Em sua obra, ele apresenta várias considerações a respeito da formação do movimento operário latino-americano, focando as influências da revolução de 1917 em seu desenvolvimento político-ideológico. Partindo de um diretor adjunto do Instituto do Movimento Operário Internacional da Academia de Ciências da URSS, é de se compreender o seu posicionamento marxista e em

favor do comunismo soviético. Contudo, o seu trabalho também é de grande valia a esta pesquisa.

De acordo com Koval, abarcando a América Latina como um todo, a vida ideológica da “intelectualidade democrática” e dos operários mais instruídos na época da Revolução Russa, possuía uma mistura eclética de ideias, gozando o anarquismo de considerável influência. E segundo ele, este último era uma corrente “pequeno-burguesa”, que apesar de sua fraseologia revolucionária, na verdade desempenhou um papel reacionário, afastando os operários da luta organizada. Contudo, com a conflagração do conflito mundial e os eventos revolucionários na Rússia, o proletariado latino americano dividiu-se em duas correntes fundamentais: a “oportunist-chauvinista” e a “revolucionário-internacionalista”, ambas com a coexistência de várias orientações, principalmente de anarquistas, sindicalistas revolucionários, socialistas e reformistas (KOVAL, 1980, p. 31 e 48-49).

O pesquisador soviético também explica que em março de 1917, com a queda do czar, muitos jornais latino-americanos publicaram comunicados urgentes sobre a situação na Rússia, a maioria destes comunicados provenientes das agências “burguesas” Havas e United Press, principais fornecedoras de informações e que manipulavam grosseiramente os fatos. E que assim, era difícil se orientar no “caleidoscópio dos acontecimentos russos”, por isso, os leitores tinham uma noção bastante vaga dos acontecimentos (KOVAL, 1980, p. 55). Com isso, muitos anarquistas e sindicalistas de esquerda interpretaram o lema – que segundo Koval é um lema leninista – de “todo o poder para os Sovietes” como uma conclamação à extinção do Estado e à anarquia, de forma que o autor confirma as nossas observações:

(...) Para apoiar esta interpretação invocaram as Teses de Abril, que propunham a “supressão da polícia, do exército, da burocracia” e o estabelecimento de um “Estado-Comuna”. Os sindicalistas de esquerda, contaminados pelas idéias anarquistas, não compreenderam que se tratava da ditadura do proletariado, de um Estado que se inspirava na Comuna de Paris. As discussões em torno das Teses de Abril, mantidas entre os operários mais desenvolvidos politicamente e a direção de seus partidos e sindicatos, aceleraram a polarização dos pontos de vista sobre os problemas cardiais da guerra e da revolução e, em última instância, contribuíram para reforçar a ala marxista dos internacionalistas revolucionários. (...). (KOVAL, 1980, p. 68).

A negação, como princípio, do poder e do Estado, levou os anarquistas latino-americanos a protestar contra a República Soviética, mas ele também atenta que em toda a América Latina este aspecto não se manifestou de imediato, sendo marcado pelo entusiasmo

geral dos trabalhadores de todo o continente (KOVAL, 1980, p. 96). Por isso, o autor russo salienta que textos de Lênin foram importantes para orientar a militância operária:

Ajudou sensivelmente ao desenvolvimento do sindicalismo revolucionário e à formação de uma corrente partidária dos bolchevistas o livro *O Estado e a Revolução*, de Lênin, cujas versões em espanhol e português foram publicadas respectivamente em 1919 e 1920. Nesse livro estava precisamente formulado o quid [porquê] das divergências de princípio existentes entre os anarquistas de todos os matizes e os “maximalistas” [refere-se aos bolcheviques]. (KOVAL, 1980, p. 99).

Temos que destacar, devido as fontes que utilizaremos na pesquisa – jornais anarquistas brasileiros – que Lênin deixa claro nesta obra as diferenças de doutrina de seu partido em relação ao anarquismo, demonstrando sintonia com a discussão revolucionária de seu tempo. Aliás, podemos entender este livro de Lênin como uma tomada de posição dentro do movimento operário mundial e uma resposta aos anarquistas, um livro escrito na clandestinidade, em agosto-setembro de 1917 – quando ele se ocultava das perseguições do governo de Kerenski – e que foi publicado após os eventos de outubro, em 1918. Para Lênin, diferente da doutrina anarquista da “abolição do Estado”, a tomada do poder de Estado pelo proletariado transforma os meios de produção em propriedade do Estado. E sendo o Estado um “Estado proletário”, o proletariado suprime a si mesmo como proletariado, suprimindo diferenças e antagonismos de classe. A tomada e a posse dos meios de produção é o seu último ato enquanto Estado. Em lugar do governo sobre as pessoas surge a administração das coisas, e o Estado, ao invés de “abolido”, “extingue-se”. Mas Lênin acrescenta que, primeiramente, o Estado burguês é suprimido (abolido) pelo proletariado na revolução (tomada do poder), e depois, com o desenvolvimento da revolução (ditadura do proletariado), extingue-se o Estado proletário na fase avançada do comunismo. Conclusões que ele também tira das experiências da Comuna de Paris, e utilizando-se de explicações complementares de Engels, trata da polêmica dos “socialistas científicos” com os anarquistas:

Foi exclusivamente contra esta “abolição” do Estado que Marx se insurgiu ao refutar os anarquistas! Não foi de modo nenhum contra que o Estado desaparece com o desaparecimento das classes, ou será abolido com a sua abolição, mas contra que os operários recusem o emprego das armas, a violência organizada, isto é, o Estado, que deve seguir o objetivo de: “quebrar a resistência da burguesia”. (...) O proletariado só necessita do Estado durante algum tempo. Não divergimos de modo nenhum dos anarquistas na questão da abolição do Estado como objetivo. Afirmamos que, para atingir este objetivo, é necessário utilizar temporariamente os

instrumentos, os meios e os métodos do poder de Estado contra os exploradores, como, para suprimir as classes, é necessário a ditadura temporária da classe oprimida. (...). (LÉNINE, 1978, p. 262-263).

A explosão das agitações sociais pelo mundo, com o advento da Revolução Russa, na conjuntura de 1917-1920, também é apontada por Koval para o caso da América Latina. Ele explica que o traço principal da ação proletária latino-americana, nesse período, foi o seu caráter de massa. Para tanto, ele cita diversos exemplos dos aspectos amplos destes conflitos, falando de casos na Argentina, no Chile, no Brasil, no México, no Uruguai, em Cuba, no Peru, Colômbia e Equador: “(...) *No Chile, mais de cem mil pessoas fizeram em agosto de 1919 uma manifestação contra a fome e a miséria. Nenhuma outra ação desse tipo havia jamais alcançado semelhante plenitude. (...)*” (KOVAL, 1980, p. 119). Para este autor, a ideia dos soviets e o exemplo da Revolução de Outubro, impulsionou o operariado latino-americano, levando-o a ações mais combativas e audaciosas nesse período (KOVAL, 1980, p. 122).

De uma forma geral, o seu trabalho argumenta que o processo de evolução do movimento proletário continental já vinha ocorrendo desde anos anteriores, mas que foi um processo que adquiriu uma forma política “real”, sob a influência ideológica da vitória da “Grande Revolução Socialista de Outubro e do leninismo” (KOVAL, 1980, p. 165). Assim, ao esboçar a formação deste processo, que culmina na fundação dos partidos comunistas dos vários países, ele cita os grupos dissidentes do movimento operário e socialistas que originaram as novas organizações comunistas:

O processo em questão foi levado a cabo de maneira distinta em cada país do continente. No Chile, apoiou-se sobre as bases do fortalecimento das tendências marxistas dentro dos limites do Partido Socialista Operário; na Argentina e no Uruguai, foi como o resultado da cisão dos velhos partidos socialistas que se deu o deslinde ideológico e a formação de partidos do tipo leninista; no Brasil, foi graças à atitude daqueles sindicalistas revolucionários que abraçaram o marxismo; no México, foi mediante a criação de grupos comunistas autônomos, opostos aos sindicatos reformistas; em Cuba, como consequência da evolução ideológica dos socialistas de esquerda e dos democratas revolucionários, que passaram do anti-imperialismo consequente para o marxismo, reconhecendo o papel do proletariado como uma força dirigente na luta pela libertação nacional e social. Também em outros países latino-americanos, onde os partidos comunistas apareceram mais tarde, foi possível perceber a influência benéfica da Grande Revolução de Outubro e do leninismo. (KOVAL, 1980, p. 165).³²

³² Quanto ao caso do Brasil nós veremos adiante que estes sindicalistas revolucionários que abraçaram o marxismo que Koval fala, na verdade, todos, vieram das fileiras anarquistas.

Koval continua citando exemplos em outros países onde os partidos comunistas foram surgindo nos anos subsequentes, até 1928, como Martinica, Guatemala, Honduras, Equador, Peru e Paraguai (KOVAL, 1980, p. 165-166). As consequências da Revolução Russa na América Latina também possuíram certo caráter anti-imperialista e de libertação nacional, na medida em que os comunistas, seguindo textos de Lênin, também olhavam para este continente como um grupo de países que possuíam, do ponto de vista formal, a independência política, mas que eram dependentes financeira e diplomaticamente das grandes potências capitalistas (KOVAL, 1980, p. 12).

Fazendo um exercício de diálogo com outro estudo semelhante ao nosso, já mencionamos a tese de doutorado de Andreas Doeswijk, ao qual o título e temática inspirou parte de nosso trabalho. Tese que trata da repercussão da Revolução Russa entre os anarquistas do Uruguai e da Argentina, e o quanto esta repercussão gerou uma subdivisão específica no movimento operário anarquista, que eram os “anarco-bolcheviques”. Este estudo também dedica amplas páginas ao período denominado o “Triênio Vermelho do Rio de la Plata”, que foi de fins de 1918 a fins de 1921, marcado por fortes conflitos sociais, como a *Semana Trágica* de janeiro de 1919, em que houve embates entre operários grevistas e as forças da ordem em Buenos Aires. Durante estes anos os dois países vizinhos mencionados enfrentaram um clima social no qual os setores militantes do movimento operário, incluindo as correntes dos libertários, dos sindicalistas-revolucionários e os internacionalistas desmembrados do Partido Socialista esperaram grandes mudanças revolucionárias, uma “Revolução” que era considerada uma entidade autônoma, com uma existência independente dos revolucionários da região (DOESWIJK, 1998, p. 08). Como Koval indica, no Uruguai e na Argentina, os partidos comunistas formaram-se a partir de divisões dos velhos partidos socialistas, porém, os impactos da Revolução Russa entre os anarquistas da região foi muito contundente, incidindo claro na sua imprensa militante:

No Rio de la Plata, foi entre os anarquistas que a Revolução Russa teve seu impacto maior. Até começos de 1919, o movimento libertário na sua totalidade considerou que o movimento maximalista foi protagonizado por uma aliança das esquerdas socialistas, anarquistas e social-revolucionárias; e quando o panorama foi clarificado, começou-se a construir a teoria da Terceira Revolução, a libertária, a qual chegaria na passagem do Reino da Necessidade para o da Liberdade. Ora, entre os diferentes agrupamentos de anarquistas simpatizantes do Acontecimento Russo, se salientaram os que, em abril de 1919, publicaram *Bandera Roja*, na qual atuaram os que tinham publicado *La Rebelión* de Rosário, junto os anarco-comunistas dos sindicatos de Buenos Aires e outros (DOESWIJK, 1998, p. 08).

Os anarco-bolcheviques foram um grupo que não aceitaram esta nomenclatura, eles se denominavam anarquistas revisionistas, novos, construcionistas, orgânicos e aliancistas, enfim “revolucionários”, em clara oposição aos anarquistas ortodoxos, ou *cristalizados*. Em torno de suas publicações, como as mencionadas *Bandera Roja* e *La Rebelión*, este grupo construiu um projeto revolucionário utópico, em que se combinaram fundamentos anarquistas, como a rejeição à ação política parlamentar, com elementos novos do bolchevismo e do sindicalismo revolucionário, ou seja, a ditadura do proletariado, ou ainda, a teoria sindicalista do “embrião”, em que a partir da vida sindical e do espaço operário poder-se-ia começar a construir a sociedade nova. De qualquer maneira, foram pessoas que acreditaram em outra realidade possível, tendo como incentivo a Revolução Russa (DOESWIJK, 1998, p. 08-09).

Andreas Doeswijk salienta que os bolcheviques – ala do Partido Social-Democrata Russo – não eram muito conhecidos, por isso os anarquistas da região acreditaram que a Revolução Russa foi conduzida por uma aliança das esquerdas (DOESWIJK, 1998, p. 45). E como medida de comparação, o autor fala de como foi a recepção da Revolução Russa em outros países, até mesmo porque muitas das notícias que chegavam ao extremo meridional da América do Sul eram filtradas pelos canais de comunicação do Ocidente europeu. Assim, ele afirma que apenas pequenos núcleos de socialistas e os anarquistas, que sempre foram antimilitaristas, eram contrários a guerra, já que a grande maioria da população esperava que a causa de seu país fosse a vencedora. Isso é importante não só para lembrarmos que nos referimos no nosso estudo a grupos minoritários na sociedade, mas também para atentarmos a considerações importantes ao tipo de estudo que realizamos:

Levando em conta essas considerações, se desprende a necessidade de analisar o impacto da Revolução Russa no Rio de la Plata, não só nas formas em que as notícias chegaram para estas plagas, mas no modo em que essas informações foram acolhidos pelos diferentes grupos sociais. Queremos dizer com isto que aqui não há só distância e falta de informação, mas também, e não em último lugar, a especificidade histórica de cada sociedade, a qual lhe concedia significados altamente diferenciados, a partir do mundo de suas experiências. Deste modo as Notícias de Petrogrado eram filtradas pelo desejo e a distância. (DOESWIJK, 1998, p. 46).

Doeswijk também fala da obra de Marc Ferro que utilizamos neste trabalho, sobre os impactos da Revolução Russa no Ocidente, em que lamentamos que em seu trabalho não incluía o continente americano, pois muitas de suas reflexões referentes à Europa Ocidental e

Central também são aplicáveis à região do Rio de la Plata, devido a grande imigração europeia principalmente de italianos e espanhóis (DOESWIJK, 1998, p. 46). Quanto a esta observação, é algo que também constatamos em nossas fontes, e que vamos trabalhar adiante:

Essas diversas experiências do “comunismo de guerra” (estatização dos meios de produção, controle da atividade econômica de cada cidadão, autarquia, centralização, supressão da moeda e do comércio privado, etc.) constituíram um fracasso. Todavia, para os desgraçados, elas tinham o sentido de uma experiência social plena de esperança. E provocaram grande sensação no Ocidente. (FERRO, 1984, p. 69-70).

Quase todos os anarquistas da região do Cone Sul, entre 1917 e meados de 1919, se encontravam “*numa zona cinzenta entre o território bolchevique e o seu território libertário anterior*” (DOESWIJK, 1998, p. 62). Nesta fase, a maioria dos libertários mostravam-se como defensores entusiastas da Revolução Russa, um evento que desde o início foi envolvido por mitos:

Durante os anos 1917-1920, a consumação da revolução, a promessa de sua extensão, a natureza dessa transformação radical haviam suscitado entusiasmo; o terrorismo do regime, considerado como necessariamente transitório num período de guerra civil, tinha contado menos do que suas realizações. As garantias sociais, a segurança do trabalho, a igualdade proclamada de salários entre homens e mulheres, a escolarização generalizada, o laicismo, a integração das populações alógenas, a emancipação da mulher e a liberalização da família, etc. constituíam várias medidas concretas esperadas pelo Ocidente, as quais – todas juntas e de uma só vez – haviam sido postas em prática pelos soviets, pelos bolcheviques. A classe operária e suas organizações, dizia-se, haviam tomado o poder; e, apesar do círculo de ferro e fogo de seus inimigos, haviam triunfado; seu comportamento testemunhava o caráter universal dessa realização, que ressuscitava os fastos da Revolução Francesa. (FERRO, 1984, p. 80).

Numa segunda fase, de 1919 a fins de 1921, o tópico central dos debates dos anarquistas rio-platenses foi a ditadura do proletariado, do Partido Comunista e seus líderes. O bolchevismo começa assim a ser questionado como autoritário e estatizante (DOESWIJK, 1998, p. 63). De uma forma geral, apesar de todo o impacto da experiência russa no pensamento dos anarquistas dessas regiões vizinhas ao Brasil, a ponto de que houvesse trasfego de ideias do anarquismo para formas autoritárias de pensar e agir, foi insignificante a passagem de militantes anarquistas para o comunismo político, tanto na Argentina quanto no

Uruguai, onde os libertários que aderiram ao comunismo, voltaram posteriormente ao movimento libertário (DOESWIJK, 1998, p. 69). Foi uma realidade distinta, como veremos, do caso brasileiro, em que os impactos da Rússia no movimento anarquista, não menos incisivos, causaram divisões internas no movimento, a ponto de militantes migrarem definitivamente para o comunismo.

Mas a forma como os ativistas ácratas uruguaio e argentinos interpretaram a revolução foi marcada pela expectativa de que esta tornasse realidade o Ideal, tendo um fundamento biológico e voluntarista que chegaria num momento não especificado. Processo que dependia da evolução de todas as consciências individuais, a vitória do Ideal para eles era inseparável de uma mudança geral na mentalidade, e da expansão das práticas de solidariedade entre os explorados. Perspectiva sempre acompanhada por uma desconfiança para com uma teoria do poder, que para eles, a única teoria possível sobre o poder era a sua eliminação (DOESWIJK, 1998, p. 61). Estas são considerações que certamente enriquecem o nosso entendimento sobre como os anarquistas do Brasil enxergaram os “sinais vindos da Rússia”, sinais que foram inicialmente interpretados como “a grande vitória do proletariado rumo ao socialismo”.

Capítulo 2.

O Movimento Operário no Brasil: anarquismo e imprensa militante

[...]. Como a revolução russa [...] tem tomado um caráter profundo, de verdadeira revolução, isto é, de transformação violenta e radical de sistemas, de métodos e de organismos sociais, levada para adiante aos empuxões, pelo povo, pela massa popular – eis que os nossos jornais desabam sobre ela, de rijo, toda a fúria da sua indignação democrática e republicana [...].
Astrojildo Pereira, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1917.

Este pequeno trecho de Astrojildo Pereira falando a respeito das atitudes da imprensa carioca em relação à Revolução Russa, menciona os valores ideológicos desta imprensa ao reprovar estes fatos do exterior, por ela demonstrar a sua “indignação democrática e republicana” contra uma “verdadeira revolução”. Este comentário de Astrojildo, faz parte de uma série de textos escritos por ele entre novembro de 1917 e fevereiro de 1918, em forma de cartas enviadas aos grandes jornais do Rio de Janeiro, protestando contra as confusões e mentiras publicadas pelos mesmos sobre o que acontecia na Rússia, e que ele assinou sob o pseudônimo de Alex Pavel, reunindo todo o material logo após em um opúsculo intitulado *A Revolução Russa e a Imprensa*. Astrojildo Pereira analisa a grande imprensa daquele momento, referente ao tema da Rússia, época em que ele ainda era um militante anarquista e colaborava em jornais ácratas, sendo que o jornal libertário, *O Debate*, em que ele participou, tinha acabado de ser proibido de circular com o estado de sítio instaurado pelo governo de Venceslau Brás em outubro de 1917, quando o Brasil entrou na Primeira Guerra. Astrojildo utiliza-se de um pseudônimo para evitar represálias, visto que o estado de sítio também serviu de pretexto para o governo reprimir o movimento operário, pois as autoridades brasileiras estavam preocupadas depois da greve geral de São Paulo de julho de 1917, e não era interessante que se discutisse que os operários conseguiram tomaram o poder na Rússia.³³

³³ Este texto de Astrojildo Pereira, *A Revolução Russa e a Imprensa*, foi comentado em vários livros: (BANDEIRA, 1980, p. 73-74), onde encontramos o texto na íntegra no apêndice, p. 285 a 298. E: (SODRÉ, 1983, p. 319-320); (DULLES, 1977, p. 63); (FEIJÓ, 2001, p. 61-62). E um pequeno trecho deste folheto de Astrojildo foi publicado posteriormente em uma de nossas fontes: Spártacus, “Os maximalistas e os escribas da ‘Razão’”, ano 1, nº 15, 08/11/1919, p. 03.

As condições do movimento operário brasileiro desta época e do trabalhador urbano, assim como as relações da militância anarquista, inserida neste meio com os outros órgãos da grande imprensa, com os governos da chamada República Velha, ou Primeira República, e suas instituições de repressão, como a polícia e a justiça, e as relações com outros setores da sociedade, como os grandes empresários, a Igreja e outras tendências políticas, tanto da direita como da esquerda não anarquista, são dados fundamentais. Esboçar o panorama da sociedade brasileira onde os anarquistas estavam inseridos, ajuda a compreender melhor como estes últimos trataram da Revolução Russa na sua imprensa. Uma imprensa que possuía condições de funcionamento e estrutura específicas, diretamente ligada ou relacionada com os trabalhadores organizados. E os acontecimentos políticos e as lutas sociais no Brasil, entre os anos de 1917 a 1922 são outros elementos que também incidem em nossas fontes.

2.1. O movimento operário brasileiro na Primeira República

O período de fins do século XIX e inícios do século XX, é marcado pela historiografia como sendo o início da industrialização mais intensa do país, com a formação dos primeiros parques industriais do Brasil. E também por um novo impulso da urbanização, um fenômeno que está relacionado com a industrialização. Enfim, transformações profundas que ocorreram em um país que aboliu o sistema de escravidão e a monarquia na mesma época (em 1888/89), e que entrava num novo contexto mundial, em uma nova fase do capitalismo e das relações internacionais, influenciados pelo neocolonialismo, imperialismo e guerra mundial. Com a mudança de regime político, das antigas relações sociais e da economia do país – assim como a vinda dos imigrantes europeus, que muito contribuíram para a formação do movimento operário – o “proletariado” nacional começava a se formar, enquanto classe e com produção cultural própria, em que sua imprensa militante é um exemplo.

Existem muitos títulos a respeito desta época de transição e de grandes transformações que o Brasil passou, assim como sobre as lutas sociais do período e o desenvolvimento do movimento operário. E a conjuntura recortada por esta pesquisa (1917-1922) também já foi bastante estudada por ter sido um período de ascensão e intensificação das lutas operárias, tanto por causa das influências da Revolução Russa, como também pela Primeira Guerra Mundial, que impulsionou a indústria do país:

A incipiente indústria nacional, até o início do conflito europeu, não atendia em média, a 5% das necessidades nacionais. Se, em tecidos, a produção chegava aos 50%, em outros setores estava, praticamente reduzida a zero. Em cinco anos, de 1915 a 1919, surgiram 5940 empresas industriais, quase o mesmo número das que se criaram entre 1890 e 1914, ou seja, 6946. (...) O proletariado brasileiro ultrapassou a casa dos 200 mil, peso social respeitável, num Brasil de 18 milhões de almas, durante os primeiros anos de conflito. (BANDEIRA, 1980, p. 48).

A corrente anarquista, em suas várias vertentes, mas com certo destaque para o anarco-sindicalismo, foi a doutrina social que predominou nestes anos iniciais de movimento operário no Brasil (de 1890 a 1920). E podemos entender este movimento operário como um fenômeno que envolve vários fatores, que pode ser assim descrito:

A concepção do Movimento operário, tal como se foi desenvolvendo, no curso de quase dois séculos, nos países economicamente avançados de todo o mundo, se foi paulatinamente identificando com os conceitos de proletariado e de classe operária e hoje o Movimento operário pode ser definido como a expressão de todo o proletariado (de um determinado país, de uma região, etc.), numa certa época ou como a expressão atuante e combativa, isto é, como o momento dinâmico da classe operária (também, de um certo país, de uma região, etc.). (BRAVO, 1991, p. 781).

As organizações operárias e o movimento anarquista proliferaram nos principais centros urbanos do país nestes anos. E quanto mais as cidades se desenvolviam com a industrialização crescente e a imigração continuada, mais as contradições sociais da recém-inaugurada República brasileira ficavam evidentes e denunciavam o que foi chamado naquela época de “questão social”:

Entretanto, o problema social se tornava mais evidente à medida que as cidades se desenvolviam. A cidade, a partir de um certo momento, começou a absorver parte das populações rurais menos favorecidas, em virtude do êxodo rural (...) Como resultado do crescimento dessa população marginalizada, dá-se a concentração cada vez maior de desemprego e pobreza, o que contribui para colocar em destaque o problema social (...). (FERREIRA, 1978, p. 44-45).

Nesta época, o pensamento reacionário no Brasil tinha criado a imagem da “planta exótica” para rotular as correntes revolucionárias que chegaram ao país junto com os imigrantes e que “plantavam” nos trabalhadores brasileiros ideias de subversão. Dentre estas correntes, encontrava-se principalmente o anarquismo (FAUSTO, 1977, p. 62). O livro do

historiador Boris Fausto – *Trabalho Urbano e Conflito Social* – é um clássico da historiografia sobre o tema do movimento operário na Primeira República Brasileira. A influência europeia na formação da classe operária brasileira, que recebeu então a denominação de “planta exótica”, explicaria a origem estrangeira do proletariado e a consequente hegemonia da corrente anarquista neste período. Até mesmo porque boa parte dos imigrantes que foram trabalhar no campo, migraram para as cidades em busca de melhores oportunidades (FAUSTO, 1977, p. 18). Imigrantes que encontraram no Brasil uma realidade social bem distinta da de seus países de origem, e que não correspondiam às suas expectativas de melhoria de vida: (...) *os primeiros movimentos reivindicatórios envolvendo operários não qualificados ganharam impulso a partir da contradição entre as aspirações destes operários como imigrantes e a realidade de suas condições de vida e de trabalho.* (FAUSTO, 1977, p. 33). Boa parte destes imigrantes vinham da Espanha e da Itália, países que tinham um forte movimento anarquista. Eles organizavam associações operárias de ajuda mútua, formavam sindicatos, realizavam greves e comícios, imprimiam jornais:

É desnecessário ressaltar o imenso significado da imigração no surgimento de ideologias negadoras do sistema vigente no país e na adoção de modelos organizatórios pela classe operária. A crítica a posteriori às concepções anarquistas, predominantes entre os trabalhadores organizados nos primeiros vinte anos deste século, não pode obscurecer a sua importância na aparição de novas formas de luta e de uma visão crítica radical da sociedade. (...) (FAUSTO, 1977, p. 32).

Naquelas décadas, a sociedade brasileira passava por profundas mudanças, com novas formas de luta e grupos na sociedade, mas o fator da imigração como determinante para a formação da classe operária e da predominância do anarquismo é questionável por estudos mais recentes. A influência da imigração na formação do movimento operário foi importante, mas ela não foi um elemento determinante para explicar a predominância da corrente anarquista. Havia outros fatores da Primeira República que contribuíam para isso, como a distância do mundo “político”, no sentido dos partidos e disputas eleitorais, da realidade das necessidades diárias das camadas populares, numa sociedade ainda fortemente marcada pela escravidão, e a “democracia republicana” não abrangia os operários:

(...) O que levou o anarquismo a suplantar o socialismo na preferência de muitos militantes operários deve-se menos às características do tipo de trabalhador que

militava nesse movimento e muito mais às condições políticas do Brasil da Primeira República. Pois é difícil supor que um socialismo em grande parte voltado para a mudança através do processo eleitoral, que distingue o socialismo da Segunda Internacional, pudesse florescer em um quadro político em que o espaço para a participação eleitoral dos trabalhadores fosse tão limitado quanto o caso brasileiro. (BATALHA, 2006, p. 172).

Para compreender então as especificidades do movimento operário anarquista, assim como a sua imprensa, do início do Brasil republicano, temos que considerar que esta atividade militante se desenvolveu em uma sociedade que tinha abolida a escravidão a não muito tempo, e que, portanto, as questões sociais eram negligenciadas pelas autoridades e tratada com extrema violência e repressão. Assim, a repressão do governo republicano da época, em um país com tradições autoritárias, diante das reivindicações do movimento operário – organizado contra o patronato e grandes industriais – e de ideais libertários que chegavam junto com os imigrantes, foi intensa e sistemática. Uma repressão que estigmatizava o militante anarquista do movimento operário, que não tinha apenas o objetivo da violência material, mas também pretendia atingir a consciência:

A figura do anarquista “perigoso”, “agitador”, “nocivo”, era efeito de uma invenção jurídica, mas também estratégia de construção de uma verdade. Ou seja, transformar em realidade o que havia sido criado como imagem, como representação. O estereótipo do anarquista, inventado pela lei, não se encerra no âmbito legislativo – se estende e se difunde através da imprensa, da Igreja, do Poder Legislativo e de outras instituições civis e militares.

A importância e eficácia das leis repressivas são medidas quanto a sua disseminação pelo interior da sociedade. E o objetivo pretendido era o de constituir uma ideologia anti-anarquista, conveniente aos governos e industriais de São Paulo e do Rio de Janeiro. (...) (ALVES, 1997, p. 10-11).

Falar do movimento operário durante estes anos da Primeira República é, inevitavelmente, falar também do movimento anarquista e das relações deste com os trabalhadores organizados. Lembremos que ao se falar de movimento operário estamos nos referindo as parcelas e setores da ampla massa dos trabalhadores urbanos que eram organizados – associados e/ou participantes de alguma organização operária – e muitos operários dentro deste movimento poderiam ser anarquistas ou não. É importante frisar que, devido à influência da imigração europeia na formação do movimento operário daquela época – como destaca o pesquisador Cláudio Batalha – em não redundar em análises fundamentadas em determinações estruturais, que conduzam a enxergar em todo o imigrante um anarquista,

ou ver estes imigrantes movidos apenas pelo interesse individual de enriquecimento – o que impossibilitaria a sua participação em movimentos coletivos (BATALHA, 2006, p. 169-170).

Esta classe operária nascente, que muita influência sofria dos imigrantes, vivenciava jornadas extenuantes de trabalho nas fábricas, com a exploração ainda maior da mão-de-obra infantil e feminina, subassalariadas e expostas à péssimas instalações de trabalho. Os confrontos que esta classe operária passou a travar com os governos republicanos e seus partidos e a classe empresarial não foram apenas ideológicos, mas também intimamente relacionados com as condições de vida das populações urbanas mais desfavorecidas, em que novamente apontamos as heranças de uma sociedade escravista:

A República, a despeito de toda a propaganda envolvendo a promessa de um país livre das chagas e atavismo do Império, não lograra resolver os problemas estruturais da nação. Não apenas a industrialização herdara do “Antigo Regime” a relação com seus entes produtivos – as mesmas negligência e exploração do passado atingiam o operário – mas também a infra-estrutura da cidade apresentava-se acanhada para o desenvolvimento dos projetos da modernidade republicana. (SAMIS, 2004, p. 134).

As relações do movimento anarquista com os sindicatos no Brasil, relação íntima que sustenta o conceito do que muitos autores chamaram de anarco-sindicalismo, foram mais bem esclarecidas em estudos mais recentes. Esta corrente, não foi uma mera ramificação do anarquismo, mas uma corrente autônoma, fundamentada com uma doutrina própria. O anarco-sindicalismo foi uma corrente do anarquismo que ganhou impulso na França do final do século XIX. Uma tendência que considerava o sindicato revolucionário como o meio e o fim da ação revolucionária e como o centro da luta de classes. Por meio dos sindicatos, os trabalhadores levariam adiante a luta contra o capitalismo e precipitaria o seu fim com a greve geral e, assim, os sindicatos tornar-se-iam a estrutura básica da nova sociedade, onde a solidariedade dos trabalhadores alcançaria uma forma concreta (WOODCOCK, 2006b, p. 93-94). As discussões entre os anarquistas quanto à questão dos sindicatos, foi muito debatida no Congresso Anarquista de Amsterdam de 1907, em que o anarquista italiano Malatesta discordava do anarco-sindicalista francês Monatte, que defendia esta visão dos sindicatos. Malatesta afirmava que os sindicalistas radicais acabavam ignorando outras formas de luta e privilegiando apenas uma solidariedade econômica que seria irreal diante de uma verdadeira solidariedade moral, dedicada ao ideal anarquista de uma libertação completa de todos (WOODCOCK, 2006b, p. 37-38).

Mas na verdade o anarco-sindicalismo era o movimento anarquista que agia no interior dos sindicatos, contudo os sindicatos em si faziam parte de uma tendência distinta dentro do movimento operário, que era conhecido como “sindicalismo-revolucionário”:

O sindicalismo revolucionário reunia algumas idéias anarquistas – como a negação do Estado centralizado e do partido –, mas também idéias marxistas – como a luta de classes, recusada pelos anarquistas como base da sua doutrina. A base do sindicalismo revolucionário como doutrina e prática política era a idéia de que o sindicato era o órgão necessário e suficiente para as conquistas imediatas e para a transformação da sociedade, que, no futuro, seria gerida pelos trabalhadores através dos sindicatos. (...). (TOLEDO, 2007, p. 64).

De qualquer maneira, no primeiro Congresso Operário Brasileiro, realizado no Rio de Janeiro em 1906, a opção pelo sindicalismo revolucionário ficou explícita, a capacidade de abrangência deste programa – que previa a convivência de várias opiniões políticas e religiosas, como também elegendo o “campo econômico” da organização sindical como o mais universal por atender os interesses comuns de todos os operários – foi o modelo adotado (SAMIS, 2004, p. 135).³⁴ Contudo, a autonomia dos sindicatos, dentro de suas próprias federações, fazia ecos com as propostas de organização descentralizada dos anarquistas, e assim os sindicalistas anarquistas inseriam uma militância no interior destes sindicatos, no sentido de uma revolução social por meio de atos de “ação direta”, como a greve geral ou parcial, o boicote aos produtos fabricados, e a sabotagem ao funcionamento das empresas. Estes anarquistas esperavam com isso agir em uma mudança geral das mentalidades dos trabalhadores:

(...) Esperavam os anarquistas que na ação concreta, na solidariedade, e na observação empírica das contradições entre capital e trabalho, evidenciadas nos confrontos, estivesse a grande lição a ser apreendida pelos trabalhadores. Essa era a garantia, segundo eles, da aquisição de princípios ideológicos, não pela pregação retórica ou manuais, destituídos das experiências sensíveis, mas pela prática da ação cotidiana e revolucionária das massas. (SAMIS, 2004, p. 136).

Essa posição do movimento operário brasileiro, mostrou possuir aspectos de grande

³⁴ Ainda por decisão deste congresso foi criado a COB em 1908 (*Confederação Operária Brasileira*), para prestar auxílio às federações regionais: (SAMIS, 2004, p. 136).

heterogeneidade em que havia diálogos e confluências de interesses entre anarquistas e sindicalistas revolucionários – posição esta que dominou também não só o primeiro congresso operário, mas os de 1913 e 1920. Assim, vários dos dirigentes operários aqui no Brasil, eram anarquistas que defendiam a adoção de um programa sindicalista revolucionário pelas organizações de cunho sindical, e que tentavam conduzir o movimento operário a recusar a luta política, o que muitas vezes acontecia não por conformismo à ordem vigente, mas por estes não verem nas práticas eleitorais e parlamentares uma possibilidade de transformação social (BATALHA, 2006, p. 178-179). Porém, ainda assim, é difícil precisar o grau de penetração do anarquismo entre os trabalhadores no Brasil. Havia simpatias difusas por alguns aspectos do anarquismo, contudo, os libertários – levando-se em consideração que o movimento operário era apenas a parcela organizada do “mundo operário” – eram minoritários entre os trabalhadores, embora fossem bem visíveis dentro do movimento e tenham influenciado muito os operários organizados (TOLEDO, 2007, p. 65-66). Independentemente do nível de penetração dos anarquistas, eles incomodavam:

(...) Mas o Estado e os proprietários temiam suas ações e os efeitos da sua propaganda, reprimindo-os com prisões e deportações. A repressão aos vários momentos da ação direta promovida por anarquistas e outros foi caracterizada, no período, por uma íntima colaboração entre o Estado e os empresários, fenômeno que ocorria não somente no Brasil, mas na maior parte do mundo. (TOLEDO, 2007, p. 66).

Esta repressão desencadeada pelo Estado contra o movimento operário anarquista, acompanhou toda a evolução das lutas dos trabalhadores neste período, intensificando-se em forma de leis, justamente nos momentos em que o movimento operário se reorganizava após as reuniões de seus congressos. O governo republicano no ano de 1907, com a assinatura do parlamentar Adolfo Gordo, promulgou uma lei de expulsão de elementos indesejáveis à ordem pública. Tal lei – que ficou conhecida como lei Adolfo Gordo – visava os imigrantes anarquistas mais combativos e foi uma ofensiva do Estado para frear o crescente movimento classista que insistia em explicitar a existência de uma “questão social”, que eram negadas pelas autoridades. Atualizações desta lei foram reeditadas nos anos de 1913 e 1921 (SAMIS, 2004, p. 140).

Durante os anos de 1917 a 1919, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, foram criadas mais organizações operárias do que em qualquer outro período. Apesar das condições

adversas, como a recessão econômica e a repressão, e do caráter efêmero e instável das sociedades operárias, estas organizações proliferaram durante o tempo analisado nesta pesquisa (BATALHA, 2006, p. 172). A ação dos anarquistas no interior destas organizações, como nos sindicatos, correspondiam a interesses e estratégias políticas, e as disputas pelos espaços nas organizações dos trabalhadores com outras tendências de esquerda:

Podemos dizer que em São Paulo e no Rio de Janeiro, no período de que estamos tratando, havia anarquistas atuando dentro e fora do sindicato, por razões que variavam do uso deste como instrumento de propaganda à confiança efetiva nas suas virtudes; mas o movimento operário e os sindicatos não eram anarquistas. A entrada dos anarquistas nos sindicatos, em muitos momentos, expressou muito mais uma mudança estratégica que doutrinária. O sindicato era mais um lugar – para alguns um lugar privilegiado – para difundir a idéia anarquista. Muitas vezes o ingresso dos anarquistas nas sociedades de resistência tinha uma justificativa puramente tática: deter avanços socialistas, sindicalistas revolucionários ou de outras tendências. A ação anarquista nos sindicatos era uma nova versão da antiga proposta insurrecional. De fato, a teoria malatestiana era a favor da greve geral se ela tivesse como perspectiva a transformação em insurreição, e a participação dos anarquistas nos sindicatos deveria servir para endereça-los no caminho da insurreição, contra o reformismo (TOLEDO, 2007, p. 75).

Havia outras tendências de esquerda no movimento operário, mas como indica toda a literatura o anarquismo foi predominante. No Rio de Janeiro, a classe trabalhadora era constituída em sua maioria por nacionais, pois em São Paulo havia um expressivo contingente estrangeiro empregado nas fábricas e no setor terciário (SAMIS, 2004, p. 140 e 141). As outras tendências socialistas eram mais fortes, portanto, no Rio de Janeiro, visto que na capital paulista, a presença imigrante fazia predominar o anarco-sindicalismo, este socialismo ficou conhecido também como o “trabalhismo carioca” e expressou a existência no interior do movimento operário de setores dispostos à colaboração de classes e a aceitar a dependência em relação ao Estado, assim como a presença de setores sociais propensos às alianças com a classe operária (FAUSTO, 1977, p. 41). Ainda assim, era uma corrente minoritária no movimento operário: *“No curso dos anos, enquanto o anarquismo ia se tornando a corrente mais forte no movimento operário, surgiram efêmeros partidos e organizações, dirigidos em regra por elementos da classe média, com o objetivo de defender um programa mínimo em favor dos trabalhadores (...)”* (FAUSTO, 1977, p. 47). Um congresso operário dentro das perspectivas desta corrente foi realizado em 1912, tanto que o congresso de 1913, organizado pelos anarquistas foi também em resposta a este congresso dos trabalhistas. Dentro da perspectiva desta tendência socialista, o seu programa só poderia ser atingido com a fixação

dos direitos dos trabalhadores em lei, cabendo à classe operária pressionar para seu sucesso, mas por meio de uma agitação “legal e ordeira” (FAUSTO, 1977, p. 57-58).

No período que estudamos, o movimento operário anarquista brasileiro e seus jornais se desenvolveram em um ambiente de intensa atividade militante. Durante a conjuntura dos anos de 1917 a 1920, somente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, foram contabilizadas mais de duzentas greves (SAMIS, 2004, p. 139-140). O ano de 1917 já apresenta um ritmo ascendente, desde o seu início até o mês de outubro, sendo marcado pela greve geral de julho em São Paulo, greve esta que se irradiou pelo interior do Estado e também incentivou a eclosão de paralizações generalizadas no Rio de Janeiro e em outros pontos do país. A entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial afeta o movimento operário, a utilização pelo governo da exaltação patriótica para amortecer os conflitos internos, completa-se com o emprego de medidas repressivas e restrição de liberdades públicas, facilitado com o decreto de estado de sítio (FAUSTO, 1977, p. 160). O contexto da guerra mundial também marca profundamente os acontecimentos por estes anos, o movimento operário brasileiro já havia realizado ações e protestos contra a guerra mundial desde 1915 (BANDEIRA, 1980, p. 41). Contudo, a oposição à guerra não possuía apenas conotações ideológicas, mas também era um protesto contra as consequências e efeitos da guerra:

A guerra mundial e suas consequências econômicas aparecem como fatores fundamentais neste período. Daí a existência de uma série de manifestações, que partem do movimento operário e das camadas médias, atingindo as forças armadas. Como consequência da situação mundial, o Brasil acaba declarando guerra à Alemanha (a pretexto de afundamentos de navios mercantes nacionais – 26. 10. 1917). Nessas circunstâncias, é instaurado o estado de sítio, que dura até o fim da beligerância internacional (...). (CARONE, 1974, p. 314).

Esta onda de insatisfações na época, que chegou a atingir as forças armadas, parece ter sido uma tendência por aqueles anos pelo mundo, aonde a intensificação das lutas e conflitos políticos e sociais, chegaram a afetar setores militares, e a Rússia pode ser entendida como o caso mais extremo, onde os soldados também foram personagens importantes nas lutas revolucionárias, assim como os operários e camponeses. No Brasil, houve uma série de incidentes ao longo do período recortado que são menos conhecidos diante, por exemplo, da própria revolta do Forte de Copacabana, ocorrida em 5 de julho de 1922, mas que são relevantes e significativos por expressarem a intensidade destas lutas. No ano de 1918, aconteceu um fato notável:

Em agosto, uma greve na Companhia Cantareira e Viação Fluminense, que operava na travessia da Baía de Guanabara entre o Rio de Janeiro e Niterói, assumiu contornos de insurreição. A radicalização do conflito ocasionou uma batalha campal entre os grevistas, apoiados por populares, e a polícia. O fato inusitado acabou por sensibilizar setores do exército em favor dos grevistas, e o 58º Batalhão de Caçadores entraria na luta do lado oposto ao da força pública policial. (SAMIS, 2004, p. 144).

Assim, o conflito internacional intensificava os problemas sociais, mesmo aqui no Brasil que estava longe da Europa, porque as decisões do governo brasileiro, como a de entrar na guerra ao lado dos aliados, influenciavam a população. Política esta determinada ainda por outros fatores, o prolongamento da guerra na Europa estimulou a produção de matérias-primas e de gêneros alimentícios no Brasil, daí o crescimento da indústria e a elevação dos preços no mercado interno:

(...) A política de cambio baixo vai ser a tônica preconizada pelos exportadores, significando moeda fraca para os países importadores e encarecimento de vida para os grupos urbanos: indiretamente, a classe industrial beneficia-se com esta medida, mas a classe média, operariado e grupos agrários ligados à produção de consumo interno, protestam continuamente contra esta situação (...). (CARONE, 1972, p. 22-23).³⁵

Os dois maiores pontos de concentração do movimento operário brasileiro, era São Paulo e Rio de Janeiro. Em 1920, a capital paulista possuía 587.072 habitantes e a capital federal 1.157.873 (CARONE, 1972, p. 12).³⁶ Em São Paulo, como já foi comentado, a porcentagem de imigrantes era maior, e embora ela tendesse a decrescer no correr dos anos, ela foi majoritária no período, para se ter uma ideia, no censo de 1920, de todos os trabalhadores dedicados as atividades industriais no Estado de São Paulo, a porcentagem de estrangeiros era de 51% (FAUSTO, 1977, p. 29).³⁷ A famosa Greve Geral da cidade de São Paulo, em julho de 1917, se deu então num quadro em que boa parte dos trabalhadores da cidade eram imigrantes, uma greve que teve um forte caráter sindicalista e anarquista. As tendências anarco-sindicalista e anarco-comunista eram as correntes mais expressivas no ambiente operário paulistano que influenciaram muito a FOSP (*Federação Operária de*

³⁵ Sobre estas condições da elevação dos preços confirmar ainda em: (DULLES, 1977, p. 38).

³⁶ No mesmo censo de 1920 o Brasil contava com 30.635.605 habitantes: (CARONE, 1972, p. 09).

³⁷ Na capital havia 49.071 operários nacionais para 53.304 estrangeiros, italianos em sua grande maioria: (CARONE, 1972, p. 192).

São Paulo), fundada desde 1905 (LOPREATO, 1997, p. 11-12). As dificuldades já inumeradas do trabalhador urbano, aliada as influências da guerra mundial, se intensificou naquele ano e a insatisfação operária cresceu:

No ano de 1917, a carestia de vida e a crise do trabalho foram assuntos diários na imprensa paulistana. Dia a dia, os jornais registravam o aumento do clamor público contra a elevação dos preços dos bens de primeira necessidade, contra o aviltamento dos salários e das condições de trabalho e, principalmente, contra a intensificação da exploração do trabalho infantil e feminino. Industriais e governantes foram alertados sobre as dificuldades enfrentadas pelos operários na aquisição dos produtos necessários para a reposição da sua força de trabalho e para a manutenção da família. (LOPREATO, 1997, p. 16).

A semana trágica paulista inicia-se em 9 de julho, quando num conflito entre grevistas da fábrica de bebidas Antártica com a polícia no bairro do Brás, um imigrante espanhol, anarquista e sapateiro, foi morto por uma bala perdida, ou seja, o caso da morte do sapateiro José Iniguez Martinez. Tal evento desencadeou um rápido crescimento do movimento grevista, e assim um grupo de editores de jornais anarquistas – entre eles *A Plebe* de Edgard Leuenroth, que acabava de ser fundada – e grupos socialistas, fundaram o *Comitê de Defesa Proletária* (CDP), para melhor organizar os grevistas e intermediar as negociações (LOPREATO, 1997, p. 29-32).

Assim, o movimento grevista organizou uma pauta de reivindicações, que exigia a não demissão dos operários grevistas, aumento salarial, abolição do trabalho infantil nas fábricas, melhores condições de trabalho para a mulher e jornada de oito horas (LOPREATO, 1997, p. 42). Com a radicalização da greve, os conflitos na rua contra a polícia se tornaram mais intensos, e há indícios que esboços de propostas ainda mais radicais ocorreram, como quando os grevistas divulgaram um *Manifesto aos Soldados*, conclamando-os a se juntarem à sua luta e a se recusarem a servir de instrumento de opressão (LOPREATO, 1997, p. 37). Quando a pauta de reivindicações do CDP se tornou pública, em 12 de julho, a cidade de São Paulo parou, e as atividades industriais, comerciais e de transportes foram suspensas: a greve geral estava declarada:

Durante a semana de 9 a 16 de julho, cerca de cem mil trabalhadores interromperam suas atividades. Tecelões, marceneiros, pedreiros, marmoristas, cocheiros, “chauffeurs”, motoneiros, eletricitistas, telegrafistas, chapeleiros, sapateiros,

alfaiates, costureiras, lavadeiras, cozinheiras, padeiros, leiteiros, açougueiros, entre outros, paralisaram suas atividades. (...). (LOPREATO, 1997, p. 44).

A greve geral possuiu a singularidade de sua orientação e coordenação ter sido realizada pelos libertários, auxiliado pela minoria socialista, e a deflagração de uma greve que demonstrou a eficácia da ação direta como estratégia de luta, resultado do trabalho de vários anos de pregação doutrinária, e considerada o evento mais significativo da história dos movimentos anarquista e operário brasileiro (LOPREATO, 1997, p. 43-45). Foram dias que o descontrole da situação, em São Paulo, preocupou as autoridades e o presidente Venceslau Brás, e várias forças policiais e do exército foram convocadas (LOPREATO, 1997, p. 51). As negociações entre o CDP e o governo foram intermediadas por uma *Comissão de Imprensa*, que teve um papel decisivo na resolução do conflito, onde empresários e autoridades se comprometeram a atender as reivindicações operárias, e a greve chega ao seu fim no dia 16 de julho.

No ano de 1918, as greves diminuem em São Paulo, mas no Rio de Janeiro as mobilizações retomam o seu curso, culminando na famosa insurreição anarquista no final deste ano (FAUSTO, 1977, p. 161). O Rio de Janeiro, por sua importância, favoreceu o desenrolar de fenômenos sociais relevantes, as ocorrências, por estarem acontecendo na sede do governo, ganhavam relevo nacional (SAMIS, 2004, p. 132-133). Este episódio da insurreição anarquista no Rio de Janeiro, em 1918, ficou famoso nos estudos deste período sobre o movimento operário e se tornou um exemplo significativo das influências da Revolução Russa nas lutas sociais do Brasil. Um estudo que ficou muito conhecido sobre este assunto aponta, também, a importância dos anarquistas neste episódio e a força do anarquismo no Rio de Janeiro:

Ora, o que não nos parece apropriado é afirmar que um movimento insurrecional articulado a uma greve que paralisa simultaneamente dezenas de fábricas e milhares de operários (têxteis, metalúrgicos e setores da construção civil) na Cidade do Rio de Janeiro e também em cidades circunvizinhas não tenha *nenhum respaldo por parte das massas populares*. Ao mesmo tempo, na medida em que essa articulação se realizou através de vários contatos entre as lideranças intelectuais do movimento – José Oiticica, Astrojildo Pereira, Manuel Campos e Agripino Nazaré, entre outros – e a diretoria da União dos Operários em Fábricas de Tecidos (Manuel Castro, presidente, e Joaquim Moraes, secretário), desempenhando o sindicato têxtil um papel estratégico e relevante na deflagração do movimento, não nos parece também apropriado caracterizar a ação insurrecional de novembro de 1918 como tendo sido promovida por *outra corrente do movimento anarquista, além dos anarco-*

sindicalistas; pelo contrário, ela nos parece uma ação característica do anarco-sindicalismo. (...). (ADDOR, 1986, p. 14-15).

O clima de insatisfação da população e a comoção social já estavam exaltados com a grave greve de agosto, da Companhia Cantareira e da Viação Fluminense já mencionada, onde dois soldados da polícia fluminense morreram defendendo os trabalhadores grevistas. A insurreição de novembro, é comentada em vários livros, com uma greve geral já planejada, em que os operários desceriam de Botafogo e tomariam o palácio presidencial do Catete, enquanto outros grupos iriam se reunir no campo de São Cristóvão para atacar a Intendência da Guerra e se apossar das armas e munições, e uma propaganda seria feita nos quadros inferiores do exército para que soldados aderissem, tendo como o objetivo a fundação de um “soviete carioca”. As ações se deflagraram no dia 18, contudo, foram frustradas porque as forças de repressão já estavam a espera da insurreição, pois um agente informante da polícia havia se infiltrado no movimento.³⁸ Com isso, esta insurreição foi o episódio mais significativo da empolgação e o fascínio que a Revolução Russa causou entre os anarquistas brasileiros:

(...) Com efeito, o recente processo revolucionário na Rússia, apoiado principalmente nos comitês de operários e soldados, e a formação do governo soviético excitaram o movimento operário internacional e também a imaginação das “figuras mais importantes dos meios libertários no Brasil”. Esses militantes, alimentados por “ilusórias expectativas de uma aliança entre operários e inferiores das forças armadas”, preparam o movimento insurrecional, que exprime “uma oscilação brusca de sua agulha estratégica”. Ou seja, a tentativa inédita de, apoiados por uma greve geral, derrubar o governo federal pela força das armas, e abrir assim o caminho para a realização da tão desejada Revolução Social: a construção de uma sociedade sem classes e sem Estado. (...). (ADDOR, 1986, p. 19).

O pesquisador Carlos Augusto Addor, também enfatiza o quanto o sistema político republicano daquela época ajuda a explicar o nível de exclusão das camadas populares, fator de substancial importância para entendermos o maior êxito das propostas anarquistas de luta social no movimento dos trabalhadores. Mesmo tendo ocorrido uma expansão da representatividade política, com a ampliação do corpo eleitoral da nação com a República, em comparação ao Império – devido a extinção do sistema eleitoral censitário, e o voto direto

³⁸ Consultar, por exemplo: (FAUSTO, 1977, p. 211-212); (BANDEIRA, 1980, p. 117-118 e 138).

para os cargos do Executivo e Legislativo, e contando com a abolição da escravidão – havia enormes restrições à participação de grandes e diversos segmentos da população no processo político eleitoral, pois as mulheres não tinham direito ao voto, assim como os analfabetos, que eram a maioria da população na época, os estrangeiros imigrantes, os menores de 21 anos e soldados e membros de algumas ordens religiosas. Se a “questão social” era negada pelas autoridades, e que estas ainda combatiam as tentativas do movimento operário de por em evidência os problemas sociais, a questão então da “democracia” e da “cidadania”, nesta República, era algo também completamente negligenciado. Uma República que era marcada pelo domínio das “oligarquias” e “coronelismos” estaduais dos grandes latifundiários do café e gado leiteiro, respectivamente de São Paulo e Minas Gerais, conhecida como a política do *café-com-leite*, oligarquia esta que apoiavam seus respectivos governadores à presidência:

(...) Com efeito, são poucos os *cidadãos* desta jovem República. Por outro lado, e complementarmente às restrições de ordem formal-institucional à participação política, têm enorme peso as restrições *de fato* impostas pelo jogo político cotidiano, especialmente pela eficaz manipulação das práticas eleitorais; essa manipulação constitui na verdade a essência do *compromisso coronelista* com seus *votos de cabresto*, assim como da *política dos governadores* ou *políticas dos Estados* – como preferia chamá-la Campos Sales, seu idealizador e primeiro executor – da qual o coronelismo era a base local. Em suma, as eleições, das quais participavam cerca de 3% da população brasileira, eram via de regra um jogo de cartas marcadas. (ADDOR, 1986, p. 45).

Naquele novembro de 1918, os trabalhadores da indústria têxtil – parte significativa da insurreição – estavam passando por grandes dificuldades, com uma conjuntura recessiva das fábricas de tecidos; queda do valor de seus salários e uma epidemia de gripe espanhola que vitimou centenas de pessoas, principalmente da população pobre, dos subúrbios, completamente abandonada de qualquer política sanitária (ADDOR, 1986, p. 65). Estes trabalhadores estavam organizados em torno da *União dos Operários em Fábricas de Tecidos* (UOFT), sendo que o Estado do Rio já possuía a *Federação Operária do Rio de Janeiro*, a FORJ, criada no primeiro congresso de 1906. Os patrões, respaldados pela repressão policial, não mais reconhecem a UOFT e a greve que continuou algum tempo depois da derrota da insurreição, também foi derrotada, e os operários voltam ao trabalho sem reivindicações atendidas em meio a grande coação policial (ADDOR, 1986, p. 174). Entretanto, este evento não foi completamente desastroso para a classe operária, pois serviu para trazer a “questão social” nas discussões da grande imprensa e para chamar a atenção do Estado para a questão

operária e, assim, acelerar uma legislação social (ADDOR, 1986, p. 176-177). A maioria dos que foram presos e indiciados na ocasião da insurreição, como coordenadores, eram brasileiros em sua maioria, com poucos imigrantes: José Oiticica; Astrojildo Pereira; João da Costa Pimenta; Agripino Nazaré; Carlos Dias; Manuel Campos; José Elias da Silva, todos figuras muito importantes dos meios libertários daqueles anos:

Realmente, à frente do movimento insurrecional se encontravam os militantes anarquistas que mais se tinham destacado ao longo do ano no trabalho de propaganda libertária – através de conferências, cursos e palestras – nos sindicatos operários. (ADDOR, 1986, p. 172).

Já as condições do movimento operário anarquista no Rio Grande do Sul, particularmente na cidade de Porto Alegre, onde foi editado um dos jornais que iremos trabalhar, os anarquistas gaúchos na conjuntura estudada se encontravam em grandes dificuldades com o fracionamento interno da FORGS (*Federação Operária do Rio Grande do Sul*). Uma crise que ocorreu no decorrer das greves generalizadas e parciais que aconteceram também no Estado, entre os anos de 1916 a 1919 (SAMIS, 2004, p. 152). No início do século XX, no movimento operário do Rio Grande do Sul, houve uma predominância da influência socialista, e o anarquismo apareceu mais tarde, de forma mais lenta, com a fundação da *União Operária Internacional* (UOI) de Porto Alegre, em 1906. Assim, na capital do Estado, houve uma intensa disputa de poder entre estas duas correntes no interior das organizações operárias (BARTZ, 2008, p. 46 e 50).

O agravamento das condições de vida dos trabalhadores porto-alegrenses no período também ocorreu por influências da Primeira Guerra, como a exportação de produtos alimentícios de primeira necessidade aos países beligerantes, o que provocou alta dos preços no mercado interno. De forma que as intensificações das mobilizações operárias em 1917, também tinham como objetivo principal o protesto contra a carestia de vida (BARTZ, 2008, p. 53). As greves começaram já em março deste ano, com a paralização dos calceteiros, que foi violentamente reprimida, mas o movimento mais intenso aconteceu na metade do ano, quando os anarquistas, que estavam afastados da FORGS, reativaram a UOI e prepararam uma mobilização contra as dificuldades sofridas pelos trabalhadores (BARTZ, 2008, p. 55). A experiência desta greve apresentou semelhanças com a de São Paulo, onde se formou um

Comitê de Defesa Proletária para organizar o movimento, dirigido principalmente por anarquistas:

Em Porto Alegre a ação anarquista resultou em algo parecido, na fundação de uma Liga de Defesa Popular, fora do âmbito da Federação Operária do Rio Grande do Sul. Este foi o comitê que comandou as movimentações resultantes da greve. É muito provável que tenha havido influência direta dos anarquistas paranaenses e paulistas para levar a cabo esta ação, já que estavam presentes delegados destes estados quando da fundação do organismo. (...). (BARTZ, 2008, p. 55-56).

A greve durou de 31 de julho a 4 de agosto, período este em que boa parte da produção da cidade foi interrompida, mas uma parcela dos operários desmobilizaram a greve, quando algumas reivindicações foram atendidas pelo governo estadual. Contudo, a Liga de Defesa Popular (LDP) não foi dissolvida com o fim da greve, e muitos membros da FORGS passaram a atuar nela, dessa forma, os anarquistas que haviam organizado a greve não conseguiram estabelecer uma liderança na LDP; líderes mais moderados, influenciados por socialistas, venceram as disputas contra os libertários na Liga e na Federação. Com isso, a UOI se desliga da FORGS em inícios de 1918, e os anarquistas – em disputa acirrada com os socialistas – formariam, em maio deste ano, a *União Geral dos Trabalhadores* (UGT), para abrigar as associações de influência libertária que queriam se desligar da FORGS (BARTZ, 2008, p. 56). É neste contexto que é refundado o jornal anarquista *A Luta*, que já tinha tido uma fase anterior de 1906 a 1911, por influências do 1º Congresso Operário, tal refundação se deu pela necessidade dos anarquistas de expressarem suas posições contra os socialistas moderados da FORGS.

No entanto, a correlação de forças no movimento começa a mudar a partir de 18 de julho deste ano de 1918, quando os trabalhadores organizados de Porto Alegre, que estavam sob a influência da UGT, da FORGS e da União Metalúrgica, convocaram uma reunião para tratar da carestia de vida, que continuava sendo um dos principais problemas dos trabalhadores. Nesta reunião, os operários decidiram-se pela greve, e com isso as direções dos organismos demitiram-se coletivamente, o que apontou divergências entre as associações e grupos operários (BARTZ, 2008, p. 59). A postura do governo, desta vez, de não atender aos pedidos de negociação, influenciou a política interna do movimento operário naquele ano de 1918:

(...) A resposta do poder estadual à greve foi o fechamento da Federação, a prisão de líderes e a ocupação militar dos locais de trabalho. Estes acontecimentos deram razão á postura dos anarquistas, que assumiram o controle da FORGS, fundindo-a com a União Geral dos Trabalhadores, radicalizando ainda mais as reivindicações e posições dos operários. (BARTZ, 2008, p. 59).

O movimento operário gaúcho também possuiu as suas peculiaridades que o diferenciam do eixo do sudeste, como a maior disputa entre socialistas e anarquistas. Estes socialistas, a semelhança do “trabalhismo carioca”, insistiam na importância da fundação de partidos operários para a luta política, o que não excluía uma possível aliança com o governo; partidos socialistas estes que se espelhavam nos preceitos da II Internacional, enquanto os anarquistas não aceitavam nenhuma aliança com o poder constituído, enfatizando a luta no plano econômico (sindicatos) e à ação direta.

É claro que ressalvas a estas questões são importantes, pois estes pensamentos sociais europeus, quando se difundiram no Rio Grande do Sul, no final do século XIX, sofreram adaptações e apropriações; e ainda que as lideranças tivessem uma visão bem clara destas tendências, isso poderia não ser muito claro para todos os militantes, questão importante para o nosso trabalho, e que acreditamos que serve para o movimento operário do Brasil como um todo, já que muitas confusões teóricas transparecem em nossas fontes.³⁹ Quanto a composição desta classe operária – ao contrário de São Paulo, onde a imigração italiana era mais forte, e do Rio de Janeiro onde a presença de imigrantes estrangeiros era menor – Porto Alegre diferencia-se por ter apresentado uma forte influência da imigração alemã na composição de seu movimento operário, imigração esta que era até incentivada por alguns empresários, devido a maior especialidade técnica de muitos destes trabalhadores, influência alemã que até conduziu a discussões, entre lideranças anarquistas, quanto ao peso ideológico dos alemães nas entidades operárias da cidade (BILHÃO, 2008, p. 99 e 101).

Quanto ao movimento operário de Alagoas, e da cidade de Maceió onde foi publicado mais um de nossos periódicos, a bibliografia apresenta poucas informações. Sabemos que neste Estado, nos inícios do século XX, a influência socialista também foi marcante, sendo posteriormente suplantada com a incursão de militantes e operários anarquistas, que vieram de outros lugares, inclusive de outras capitais do Nordeste, militantes como Elysio de Carvalho e, o já citado, Antônio Bernardo Canellas, que editou *A Semana*

³⁹ Sobre estas questões e singularidades das correntes operárias do Rio Grande do Sul consultar ainda: (BARTZ, 2008, p. 47). E Quanto a este socialismo rio-grandense-do-sul, que se inspirava na social-democracia alemã (partido forte da II Internacional), ver o mesmo texto: (BARTZ, 2008, p. 46).

Social de Maceió, que iremos trabalhar.⁴⁰ O movimento alagoano também foi influenciado pelos preceitos do sindicalismo revolucionário e do anarco-sindicalismo, a *União Operária Alagoana* participou do Primeiro Congresso Operário de 1906, tendo aderido à COB em 1908. E em 1913, foi organizado pelos sindicatos dos sapateiros, gráficos, alfaiates e marceneiros a *Federação Operária de Alagoas* (FOA) (SAMIS, 2004, p. 157-158).

O ano de 1919 é apontado, por toda a literatura sobre a história do movimento operário do Brasil, como o ponto máximo da intensificação das lutas sociais. Houve uma enorme onda de greves e muitas das reivindicações continuavam sendo as mesmas dos anos de 1917 e 1918. Mesmo com a feroz repressão ainda mais intensa, o sindicalismo se fortalecera, e ainda que tenham ocorrido outras manifestações importantes durante a Primeira República, a dimensão das lutas travadas entre 1917 a 1919 jamais foram atingidas: “(...) *Por isso tantos estudiosos consideram que as greves de 1919 representaram o fim dessa fase da história do movimento operário no Brasil*” (TOLEDO, 2007, p. 82).

Este ano, até os primeiros meses de 1920, ainda foram registradas em São Paulo e no Rio de Janeiro dezenas de greves, que também lutavam pelo reconhecimento dos sindicatos e pelo direito de associação – um período que coincidiu com o fim da guerra mundial e com a expansão das manifestações anticapitalistas na Europa (FAUSTO, 1977, p. 161-162). A luta dos trabalhadores, neste momento, atingiu um ponto de comoção social considerável, e em contrapartida, as posições do governo republicano também se radicalizaram:

(...) O clima de intensa mobilização está entretanto expresso no comício de massa de 1º de maio, quando cerca de 60.000 pessoas se reúnem na Praça Mauá para ouvir os líderes anarquistas e percorrem as ruas centrais da Capital da República. Ao mesmo tempo, 1919 é o ano em que – a princípio no Rio e depois em São Paulo – a repressão ao movimento operário e aos anarquistas se torna sistemática, vindo acompanhada de uma ofensiva ideológica. (FAUSTO, 1977, p. 162-163).

As greves de 1919, além de São Paulo e Rio de Janeiro, também repercutiram em outros Estados do Brasil, como em Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul, onde as lutas operárias concentraram suas forças pela conquista da jornada de oito horas de trabalho.⁴¹ Já o

⁴⁰ Quanto à influência destes militantes no movimento anarquista alagoano, ver: (SAMIS, 2004, p. 155 e 157). Um amigo de militância de Canellas, Everardo Dias, confirma que Canellas atuou na organização sindical em Alagoas e Pernambuco: (DIAS, 1962, p. 188).

⁴¹ Na obra citada de Moniz Bandeira, em coautoria com outros autores, temos um resumo detalhado destas greves em outros Estados: (BANDEIRA, 1985, p. 175 a 185). E a jornada de oito horas começou a ser conquistada a partir destas mobilizações de 1919: (SAMIS, 2004, p. 146).

ano de 1920 marca o início do declínio das ondas de greves que se tornam menos frequentes, indo até inícios de 1921 (FAUSTO, 1977, p. 163-164). A década de 20 também é indicada como o declínio do movimento anarquista, devido ao controle de sua imprensa com a repressão de uma lei promulgada em 1921 contra a propaganda subversiva (TOLEDO, 2007, p. 83).

2.2. O movimento anarquista e a sua imprensa

O anarquismo é um pensamento e uma filosofia social que foi desenvolvida ao longo dos séculos XIX e XX por vários pensadores e militantes europeus, e que esteve ao longo de sua história intimamente relacionada com as lutas sociais e o movimento operário. Este pensamento, como apontamos, foi desenvolvido em uma época de grandes mudanças sociais, revoluções e produção de doutrinas e utopias sociais. Tendo como foco o indivíduo, sem representantes e sem delegações, os anarquistas preconizaram uma nova sociedade e indicaram alguns meios para atingi-la. O francês Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865), foi um dos fundadores do pensamento anarquista, e suas propostas, sendo realizáveis ou não, tinham por base, a esperança na elevação do ser humano com sua ação social consciente, pois, para ele, a prática que condiciona toda a existência humana, isto é, a prática da igualdade e da reciprocidade, era traduzida no conceito de *mutualismo* (NETTLAU, 2008, p. 77). Max Nettlau é considerado o primeiro historiador do anarquismo, e seus livros continuam sendo referências nas pesquisas sobre o assunto ainda hoje. Ele explica, de forma clara, os critérios práticos em que se desenvolveu o pensamento de Proudhon, o que influenciou muito os movimentos anarquistas ao redor do mundo, e estas bases nos ajuda a entender as referências do movimento anarquista brasileiro e o funcionamento de sua imprensa:

Proudhon confiava nas tendências à associação e à federação dos homens que, depois de ter estabelecido entre si um agrupamento local e geral segundo suas necessidades econômicas e sua própria existência, tornam-se forças então combatidas pelo centralismo e pelo estatismo em nome dos interesses dos monopólios do poder e da propriedade. Restabelecer a livre ação das associações e das federações contra a intervenção dos monopólios é uma obra a realizar pois desse esforço contínuo nascerá o isolamento do Estado, o que determinaria sua liquidação e permitiria desembocar na associação e na federação dos organismos de fato úteis socialmente, segundo as necessidades e sem obstáculos autoritários. (NETTLAU, 2008, p. 77-78).

A doutrina anarquista valoriza a espontaneidade e a liberdade de suas organizações e rejeitam, portanto, a criação de partidos que objetivam tomar o poder. Com isso, podemos ter uma ideia mais clara das divergências de princípios que se opuseram dentro do movimento operário entre os anarquistas simpatizantes da Revolução Russa, e também aspectos do anarquismo que esclarece em parte o funcionamento da imprensa libertária:

A estranha fluidez do anarquismo se reflete na sua atitude em relação à organização. Os anarquistas não rejeitam a organização, mas nenhum deles procura dar-lhe uma continuidade artificial. O importante é a sobrevivência da própria atitude libertária. Na verdade as idéias básicas do anarquismo, com sua ênfase na liberdade e na espontaneidade, excluem a possibilidade de uma organização rígida e especialmente de qualquer coisa que se assemelhe a um partido criado com o objetivo de tomar e manter o poder (...). (WOODCOCK, 2007, p. 17).

As tradições do pensamento anarquista europeu, em grande parte trazidas com a imigração, influenciaram o desenvolvimento de uma imprensa operária e anarquista no Brasil, que junto com as especificidades dos trabalhadores brasileiros, se tornou um novo espaço, em que novos grupos sociais agiam e tornavam públicas as suas ideias. Para Nelson Werneck Sodré, a imprensa operária foi uma nova forma de expressão popular e civil. Neste início do século XX, o movimento reformista (abolicionismo e republicanismo), influenciou a continuação de alterações que desencadearam em novas formas de organização, correspondentes às exigências sociais que sugeriram e se definiram.⁴²

Os anarquistas do movimento operário do Brasil, que editaram as notícias da revolução russa em seus jornais, muitas vezes, também eram operários, que sofriam todas as dificuldades das perseguições policiais e da exploração do trabalho. Operários que acabaram criando uma cultura e um meio de comunicação próprios. O jornal operário era tão importante quanto o sindicato, constituía um dos principais centros organizatórios anarquistas e de difusão da propaganda (FAUSTO, 1977, p. 91). Estes jornais eram mantidos pelas associações operárias, distribuídos pelos mesmos, em bairros operários. Os “jornalistas operários” eram os “operários gráficos”, também conhecidos como tipógrafos, trabalhadores alfabetizados, que ao entrarem em contato com o movimento operário, ajudou a criar os seus jornais:

⁴² Ver texto *imprensa proletária* na obra: (SODRÉ, 1983, p. 306).

No caso brasileiro outra vantagem soma-se aos gráficos: o fato de que alguns elementos de destaque desta categoria, aspirando ou não, chegaram à profissão de jornalista e dos mais atuantes (...). É preciso esclarecer, entretanto, que, embora alguns gráficos tenham se tornado jornalistas como, por exemplo, Edgard Leuenroth, o movimento operário produziu os seus próprios jornalistas. Estes “jornalistas operários”, isto é, os homens que editavam a imprensa operária, eram os gráficos. Os jornalistas operários nada tinham a ver com os profissionais da “grande imprensa”, embora estes mantivessem estreitas relações com aqueles. (FERREIRA, 1978, p. 111).

A luta dos anarquistas no movimento operário brasileiro era marcada, então, pelas incertezas, pois os jornais duravam pouco devido a repressão e aos recursos escassos. Quanto ao seu funcionamento – pelas próprias características do ideário anarquista – defendiam não apenas organizações livres sem centralizações, como também o repúdio aos dogmas e ortodoxias no campo das ideias. Defendiam a total liberdade de expressão das várias tendências do movimento operário, a heterodoxia de seus pensamentos e a crítica radical, elementos presentes nestes jornais, que eram porta-vozes de suas associações e sindicatos, e também repudiavam a burocratização, defendendo o não envolvimento com os partidos políticos. Em seus jornais, expressavam-se os aspectos da experiência da classe e do movimento dos trabalhadores anarquistas. Assim como nas associações e sindicatos, no jornal operário não havia posições rígidas, e o próprio trabalhador era o produtor das opiniões e ideias de seus “interesses de classe”, a sua dedicação era em favor da causa:

A atividade jornalística dos anarquistas, como de outros militantes é voluntária. Seus colaboradores, fazendo do jornal um meio de luta, redigem, imprimem e distribuem-no pessoalmente, pois nem todas as bancas aceitam vendê-los, na maior parte das vezes por temor à represálias policiais. Os recursos advindos da venda do periódico são usados para a sua própria sobrevivência. (...)

Além de articular entre si seus próprios periódicos, esses militantes entrosam-nos com outros, livre-pensadores, liberais, culturais, literários, socialistas e divulgando-nas anunciando seu lançamento, comentando artigos ou criticando-os quando se posicionam de formas contrárias em relação a determinadas questões. (...). (KHOURY, 1988, p. 84 e 86).

Dessa forma, o movimento operário anarquista construiu, ao longo destes anos, uma experiência de luta sindical e por melhores condições de vida para o trabalhador. Uma luta em que foi necessário construir instituições próprias do movimento operário. Tratava-se de instituições que, segundo o pesquisador Francisco Foot Hardman, eram consequências da formação do proletariado nacional, de sua “luta de classes”, que é indissociável desta

formação. Sendo assim, o sentido que atribuímos ao movimento operário é a de uma experiência cultural construída pelo conjunto da classe operária, onde a formação e o desenvolvimento dos contornos, mecanismos e formas assumidas pelo coletivo da classe operária, realizam-se no interior do processo da luta de classes (HARDMAN, 1984). Em que a consciência de classe, portanto, pode ser apreendida no exame das instituições criadas pela classe, como no caso, o jornal operário anarquista:

Penso que a questão da cultura entre as classes trabalhadoras só possa ser equacionada historicamente, já que os aspectos culturais não são apêndices ou complementos da história social das classes em luta, mas, ao contrário, elementos inerentes ao processo de sua formação e de seu próprio movimento. (...). (HARDMAN, 1984, p. 20).

A ideia importante contida nesta obra de Foot Hardman, para entender a imprensa anarquista, é que esta imprensa era uma produção cultural do próprio movimento operário. Uma expressão de sua relativa autonomia cultural de classe e, devido o seu caráter anarquista, uma autonomia no plano associativo, não apenas no setor sindical que buscava organizar movimentos grevistas, melhorias nas condições econômicas do trabalhador e que recusava a ação eleitoral, mas também nos jornais, que eram mantidos e produzidos pelos próprios operários:

A consciência de classe do proletariado não deve ser buscada numa abstrata e ideológica operação de separar a ciência e a ideologia, mas concreta e *materialmente*, ela pode ser apreendida no exame das instituições criadas pela classe (uniões, ligas, sindicatos, jornais, partidos etc.) e nas relações mantidas por essas diferentes instituições com as classes dominantes, os setores sociais intermediários e o Estado. Isto é, a formação e o desenvolvimento das formas assumidas pelo coletivo da classe operária realizam-se no interior do processo de luta de classes. (HARDMAN, 1984, p. 29).

Analisaremos, desta forma, a imprensa anarquista, como uma produção cultural inerente ao movimento operário. Ainda que no Brasil haja especificidades próprias que fez com que aqui a “cultura operária” fosse muito heterogênea. Heterogêneo devido a combinação internacional de tradições culturais europeias diversas, trazidas com os imigrantes, e da experiência advinda do trabalho camponês, de seu passado escravista e do pequeno setor artesanal das cidades (HARDMAN, 1984, p. 68).

É discutido, dentro da historiografia, a respeito do movimento anarquista brasileiro de que a sua própria existência dependeu da formação da classe operária, e de que a imigração italiana foi uma condição para a hegemonia do anarquismo no interior deste movimento operário, e que isso foi o que diferenciou a formação da classe operária brasileira com a da Europa, onde as ideias socialistas foram produzidas no seu interior e não importadas de fora (VIANA, 2006, p. 24).

Estes fatores na formação da classe operária brasileira foram importantes, mas devemos lembrar que a luta e a resistência dos trabalhadores no Brasil daquela época foi produzida a partir dos atritos e embates contra o despotismo fabril e do governo republicano, e que esta realidade social influenciou a formação de uma “cultura operária”, com várias formas de manifestações culturais, o que inclui os jornais militantes (VIANA, 2006, p. 23). Portanto, devemos entender o movimento anarquista brasileiro deste período, como uma experiência de luta social que possuiu como base de seu pensamento político as tradições do socialismo libertário europeu, mas que também produziu o seu próprio conhecimento teórico e político, a partir das relações que os trabalhadores organizados possuíam com a sociedade como um todo, trabalhadores estes que representaram uma nova força política e social naquele período:

(...) No contexto do Brasil da Primeira República, as reivindicações operárias, influenciadas, em parte, pelo anarquismo, eram também um esforço de democratização da sociedade, porque muitas vezes as lutas não visavam somente a melhorar salários e reduzir jornadas de trabalho, mas a assegurar o direito à própria existência, ou seja, a garantir condições de democracia e de civilidade, em que o movimento e a organização dos trabalhadores pudessem ser reconhecidos como um elemento legítimo na sociedade. (TOLEDO, 2007, p. 55).

As duas correntes que mais se destacavam no movimento anarquista brasileiro eram o anarco-sindicalismo e o anarco-comunismo. A primeira, era predominante no movimento operário paulista, e tinha como representantes militantes conhecidos, como Edgard Leuenroth e Neno Vasco. Já os anarco-comunistas tinham como militantes mais conhecidos Gigi Damiani, Oreste Ristori e Florentino de Carvalho. Esta corrente via o anarco-sindicalismo com cautela, similarmente as discussões do anarquismo europeu, pois para eles a participação nos sindicatos poderia levar ao “reformismo”, devido as lutas por questões imediatas, o que poderia conduzir ao abandono dos objetivos principais, que eram a abolição do capitalismo e a instauração da anarquia. Contudo, ambas as tendências pregavam a “ação direta” como

estratégia de luta (VIANA, 2006, p. 39). Como já apontamos, houve outras correntes que também serviram como base ideológica para a classe operária, como o socialismo reformista e o trabalhismo, os primeiros defendendo uma ruptura gradual com o regime capitalista, e os segundos reivindicando reformas, mas não o fim do capitalismo. Entretanto, os anarquistas tornaram-se hegemônicos, oferecendo propostas bem diferentes:

Defendendo posições radicalmente diversas, através da militância e do que chamavam de “propaganda pela ação”, pleiteando abertamente a destruição do Estado, os anarquistas se converteram em corrente majoritária. Para eles, os sindicatos, não eram órgãos assistencialistas, mas instrumentos da luta operária, e adequados à ruptura revolucionária que daria fim ao capitalismo. (CÔRTEZ, 2006, p. 50).

Os militantes anarquistas brasileiros e colaboradores que editavam os periódicos operários, possuíam as suas especificidades culturais, inseridos em uma sociedade global marcado pela heterogeneidade do meio urbano. Num período em que o Brasil passava por grandes mudanças, cada jornal tem que ser estudado em sua relação com a sociedade que o produziu, e por mais que a classe operária e suas publicações fossem majoritárias em São Paulo e no Rio de Janeiro, inclusive em nossa pesquisa, as sociedades de Maceió e Porto Alegre também possuíam as suas singularidades. No entanto, o que marca a formação da base social da classe operária brasileira como um todo, a partir dos anos de 1890 até o nosso período de pesquisa, são as fortes migrações inter-regionais e internacionais (VIANA, 2006, p. 27). A diversidade étnica então é considerada nas discussões historiográficas como uma “determinação estrutural” na composição original da classe operária brasileira: compostos por imigrantes – como italianos, espanhóis e portugueses principalmente, mas também alemães, franceses e outros – além dos homens livres brancos pobres, ex-cativos e seus descendentes (CÔRTEZ, 2006, p. 47).

As fontes de informação desta imprensa anarquista, produzida no interior do movimento operário e confeccionada por operários, eram múltiplas e variadas, e apontamentos sobre isso são comentados na historiografia, ainda que esparsamente, contudo, este é um aspecto de nosso objeto que constatamos na própria análise das notícias sobre a Revolução Russa, que entraremos em detalhes adiante. O próprio funcionamento do movimento operário e da imprensa anarquista, que dele fazia parte também, nos lança explicações sobre esta condição do jornalismo operário, relativamente bem informado. As

relações da imprensa anarquista, com a chamada grande imprensa também são importantes, pois esta grande imprensa – e suas notícias provenientes das grandes agências internacionais de notícias da época – também era usada pelos jornalistas operários como fontes de informação e discussão sobre o que acontecia na Rússia. Ainda que esta fosse uma fonte usada, muitas vezes, para desaprovar, ironizar e questionar o que a grande imprensa divulgava sobre os eventos russos:

(...) Ao criarem esses jornais, os anarquistas no Brasil seguiam os passos habituais dos militantes de outros países, mas também visavam a criar uma experiência de informação alternativa em meio à grande imprensa e muitas vezes explicitamente em oposição a ela. Esses jornais não eram somente um veículo de propaganda, mas constituíam centros propulsores e coordenadores dos vários grupos no plano local, estadual e, às vezes, até nacional. (TOLEDO, 2007, p. 60).

Na época em que foram editados os jornais anarquistas aqui estudados, as informações e notícias sobre o que acontecia no mundo eram transmitidas por um serviço global, por grandes agências internacionais de notícias, que já tinham se organizado em um sistema de alianças desde meados do século XIX. Este sistema foi um acordo entre as grandes agências da época para dividir o mundo em zonas de influência e ação informativa de cunho fechado. Assim, este sistema de alianças estava vinculada com o colonialismo europeu e, estreitamente ligada à expansão política e financeira de países como a França, Inglaterra e Alemanha, onde os respectivos representantes eram as agências Havas, Reuter e Wolff (MATTA, 1980, p. 57-58). As relações destas agências, com seus respectivos governos e os subsídios financeiros provenientes destas relações, subsídios que também provinham das grandes indústrias nacionais, aponta que, a independência editorial desta imprensa era algo bem questionável, inclusive durante a Primeira Guerra Mundial, momento que estudamos, onde os serviços destas agências ao nacionalismo de seus países foram evidentes (MATTA, 1980, p. 63-65). Foi apenas em fins da Primeira Guerra que as agências estadunidenses alcançaram o mercado da América do Sul. Os acordos, até então de territórios fechados dos impérios europeus, provocava tensões na imprensa norte-americana, assim a crescente estrutura capitalista dos Estados Unidos permitiu que nesta época eles rompessem a hegemonia europeia no mercado de notícias, ganhando força então as agências Associated Press (AP) e a United Press (UP) (MATTA, 1980, p. 61 e 67-69).

No entanto, o jornalismo operário e a imprensa anarquista também possuíam, como alternativas, outras fontes de informações, com uma rede internacional de informações, fonte esta que estava relacionada com a dinâmica do movimento operário. Devido as perseguições policiais e dos governos contra as atividades revolucionárias, muitos militantes eram obrigados a exilar-se em outras regiões, ou até mesmo, em outros países, e isso fazia com que houvesse uma constante comunicação entre os militantes anarquistas. Os grupos anarquistas tinham a oportunidade então de hospedar militantes estrangeiros e compartilhar de suas experiências, assim o anarquismo era internacional na teoria e em certa medida também na prática, a circulação de pessoas e ideias caracterizou a história do movimento operário deste período, não só dos anarquistas como também de outros grupos de esquerda (TOLEDO, 2007, p. 68). Portanto, esta troca de experiências e informações entre os militantes também envolveu uma intensa troca de materiais, o que inclui, logicamente, a imprensa militante, e foi desta maneira, inclusive, que o movimento anarquista brasileiro se dispôs de material e fontes para noticiar a Revolução Russa em suas folhas periódicas:

O eco da Revolução Russa chegou ao Brasil, principalmente através da imprensa operária. Como já foi dito, o intercâmbio entre os operários brasileiros e operários europeus (Espanha, Portugal, França e Itália), e também com argentinos, era muito intenso. A troca de jornais os mantinha sempre bem informados sobre todos os passos da revolução social que se processava em seu meio. Todos os acontecimentos, tais como greves, deportações, perseguições, vitórias, eram divulgadas, no sentido de permitir a participação da classe obreira. Assim, os problemas que o povo russo vinha enfrentando na luta contra o Czar eram já de conhecimento dos leitores da imprensa operária. O desenrolar dos acontecimentos que culminaram com a vitória das classes trabalhadoras (camponeses e operários) foi seguido de perto. De nada adiantou a “grande imprensa” divulgar informações oficiais; o que merecia crédito dos trabalhadores era o que a sua imprensa divulgava (...). (FERREIRA, 1978, p. 78-79).

É claro que para não superestimar esse jornalismo operário dos anarquistas no Brasil, devemos lembrar, como já apontamos, que as notícias da revolução na Rússia eram filtradas não apenas pela “distância” – onde os vários intermediários, seja da grande imprensa ou da imprensa operária, afetavam o conteúdo das informações – como também pelo “desejo”, ou seja, as especificidades de cada sociedade que produziu estes jornais, influenciaram nossas fontes. As particularidades do movimento anarquista, onde havia a falta de uma organização de partido que exigisse uniformidade ideológica, favoreciam uma grande heterogeneidade na formação dos militantes, ainda mais para o caso brasileiro, em que a formação da classe

operária já era heterogênea. Portanto, na experiência brasileira, também se manifestou uma característica de toda a imprensa libertária que encontramos em nossas fontes: “(...) *uma despreocupação com a coerência doutrinária e com as implicações teóricas gerais das afirmações particulares. (...)*” (TOLEDO, 2007, p. 69). O que faz das nossas fontes, do ponto de vista de uma história das ideias políticas, textos onde se expressam grande flexibilidade de interpretações – e no caso as interpretações dos anarquistas sobre a Revolução Russa.

Esta flexibilidade suscitava várias discussões e polêmicas entre os colaboradores do jornal, porém esta liberdade fazia parte da própria base doutrinária do anarquismo, era o que fomentava a evolução da sociedade para eles. Nestes periódicos, constata-se a grande influência do anarco-comunismo, de autores como Kropotkin, Malatesta e os anarquistas franceses famosos do período como Reclus, Sebastian Faure e Jean Grave (TOLEDO, 2007, p. 69). É importante mencionar estas influências e estes grandes nomes do anarquismo internacional do período porque alguns destes autores, inclusive, apresentaram artigos sobre a Revolução Russa que foram publicados na época na imprensa anarquista de vários países, incluindo o Brasil, e, portanto, um aspecto importante que encontramos em nossas fontes. Errico Malatesta (1853-1932) foi um ativo militante anarquista italiano, que atuou, devido as perseguições, em vários países, e era portanto reconhecido internacionalmente, e uma figura respeitada nos meios libertários brasileiros, devido a forte imigração italiana. E assim Malatesta expressa a ideia da “anarquia” no socialismo:

A anarquia, assim como o socialismo, tem por base, por ponto de partida, por meio necessário a igualdade de condições; ela tem por farol a solidariedade e por método a liberdade. Ela não é a perfeição; não é o ideal absoluto que, com o horizonte, afasta-se à medida que avançamos; mas ela é a via aberta a todos os progressos, a todos os aperfeiçoamentos, realizados no interesse de todos. (MALATESTA, 2001, p. 76-77).

Estes jornais anarquistas, muitas vezes, eram formados por “grupos de propaganda”, que era uma cooperação voluntária entre pequenos grupos diferentes formados espontaneamente. Cada um desses grupos se especializava em outras distintas atividades como: criação de escolas operárias, grupos teatrais, formação de bibliotecas e, também, grupos que se ocupavam da correspondência com a imprensa anarquista e operária no exterior (TOLEDO, 2007, p. 70). Estes grupos, portanto, possuíram grande importância na linha editorial dos jornais que estudamos:

As fontes indicam que esses grupos eram compostos sobretudo por trabalhadores manuais: tipógrafos, lixeiros, sapateiros, operários de olarias, pedreiros, carpinteiros, chapeleiros, ferroviários e outros. Provavelmente vários trabalhadores aderiam ao anarquismo inspirados pela leitura de algum jornal. Por certo os mais instruídos liam para os demais, e é possível que um mesmo jornal passasse por várias mãos e fosse conservado e relido. (TOLEDO, 2007, p. 70).

Estes grupos de propaganda, que muitas vezes estavam por trás dos jornais que estudamos, promoviam várias campanhas e agitações, destacando-se campanhas a favor de presos políticos – muitas vezes anarquistas que participavam destes mesmos jornais – e as comemorações do dia 1º de maio, considerada uma data importante da luta operária em homenagem aos mártires de Chicago, trabalhadores que morreram com a repressão policial em Chicago em 1887 (TOLEDO, 2007, p. 70-71). Sendo assim, a imprensa anarquista era um elemento importante e central do movimento operário:

Tarefa essencial do militante era também discutir o anarquismo com outros anarquistas e falar e escrever nos jornais, comícios, campanhas e conferências. O sonho de cada grupo era ter seu próprio jornal, e depois transformá-lo em semanário. Ainda que formalmente desconectados, os pequenos grupos gravitavam em torno de um núcleo de atração, de onde vinha, a liderança efetiva do movimento. A imprensa tinha o papel de agente de ligação, e havia correspondência com outros grupos e jornais de diferentes partes do Brasil e do mundo. (TOLEDO, 2007, p. 71).

As relações da imprensa anarquista com os militantes operários, que liam e produziam estes jornais, e com o movimento operário e a classe operária como um todo, ao qual era dirigida esta mídia, moldou um estilo e um tipo de imprensa própria. Angela Maria de Castro Gomes, importante historiadora que dissertou a respeito da “invenção do trabalhismo”, parte integrante da construção da imagem de Getúlio Vargas, com a promulgação de uma legislação do trabalho, na Constituição de 1934, afirma que a classe trabalhadora e o Estado foram os principais protagonistas nesta redefinição nas questões da participação política, da cidadania e da democracia, nesta “invenção do trabalhismo”. Por isso, a autora trata da trajetória da luta do movimento anarquista na Primeira República, demonstrando a sua contribuição para as mudanças no tratamento, na condição e da posição do trabalhador na sociedade:

(...) O valor do trabalho e a centralidade da figura do trabalhador para uma futura sociedade anarquista eram pontos inquestionáveis. Desta forma, os libertários

reforçaram a ética do trabalho que vinha sendo construída pelos socialistas, bem como seu projeto de identidade fundado na solidariedade dos interesses dos que trabalham. Além disso, enriqueceram o modelo de homem trabalhador com uma perspectiva de educação integral que objetivava sua elevação intelectual e moral. (...). (GOMES, 1994, p. 12).

A questão da educação e da instrução do trabalhador, marcava forte presença na imprensa anarquista. Muitas vezes, não se publicava textos doutrinários devido às dificuldades dos leitores brasileiros. Era por meio dos comentários de fatos do cotidiano que eles inseriam os argumentos doutrinários, decisão que cabia aos próprios redatores desta imprensa (GOMES, 1994, p. 72). Houve um grande esforço, portanto, dos jornais anarquistas que trabalhamos, no sentido da conscientização política dos trabalhadores, e já mencionamos as dificuldades dos anarquistas, neste sentido, diante de uma população de trabalhadores que eram destituídos de vários direitos, incluindo a exclusão de um precário sistema educacional, onde a população alfabetizada do país era mínima.

Com isso, a tradição gráfico-editorial da época era escassa e rarefeita, circunscrita ao pequeno universo de autores e leitores envolvidos na difusão da mensagem libertária (PRADO, 2008, p. 133). É claro que, devemos lembrar também, que havia resistências dos trabalhadores brasileiros à sindicalização, que muitas vezes estes queriam a proteção do sindicato sem a necessidade de participar das lutas, e isso também, por ora, criou a descrença, hostilidade e desprezo dos anarquistas para com os trabalhadores. Houve uma dificuldade dos trabalhadores de aceitar e entender a luta e organização sindical defendida pelos anarquistas (GOMES, 1994, p. 79).

Os jornalistas operários, os trabalhadores gráficos, tipógrafos e militantes mais instruídos – os chamados intelectuais do movimento – constituíam o núcleo dos grupos anarquistas. Estes militantes, muitas vezes, tinham origem no meio operário, ou às vezes mais próximos às classes médias, alguns ainda eram estrangeiros, mas é importante mencionar que deste grupo constituem os militantes mais conhecidos na época e os que foram mais estudados na historiografia, e muitas de nossas fontes são assinadas por estes anarquistas. Contudo, uma parte destas fontes, não estão assinadas, e outras estão assinadas por autores que acreditamos terem sido operários que se aproximaram do movimento, mas que são nomes – e muitas vezes, devemos supor que são pseudônimos – de pessoas que não foram ou foram pouco estudadas e mencionadas na bibliografia existente. De qualquer maneira, a análise de nossas fontes indica uma participação, tanto dos intelectuais, quanto de outros jornalistas operários, trabalhadores que se inseriram neste meio e também expressaram os seus pensamentos sobre a

Revolução Russa. E que o esforço de um jornalismo nestas condições condicionava a estrutura textual, visto que veremos com frequência palavras que foram escritas de várias maneiras:

Os jornais anarquistas e operários, muitos deles escritos com as novas regras, à revelia da norma culta, revelavam uma profunda preocupação com a ampliação do acesso do trabalhador aos meios de comunicação de sua classe. Queriam, muitos dos intelectuais que interagiam com os operários-escritores, a participação dos demais produtores não apenas na leitura dos periódicos, mas na confecção de artigos e colunas daqueles veículos. Até mesmo a rígida norma acadêmica deveria curvar-se, na perspectiva destes intelectuais engajados, às necessidades da classe revolucionária. Dessa forma, as centenas de jornais classistas que circularam pelo país não eram apenas veículos unilaterais de informação; eles suscitavam, quer na reforma ortográfica, para benefício do operário, quer nas mensagens instando à organização e à luta, a mobilização e a integração do trabalhador à causa de sua emancipação. (SAMIS, 2004, p. 168).

É inegável dentro dos estudos sobre o movimento operário e a imprensa anarquista o papel que estes intelectuais tiveram na politização dos trabalhadores e na difusão das novas doutrinas sociais trazidas com os imigrantes, e a participação ativa, portanto, destes intelectuais na fundação e colaboração dos inúmeros jornais militantes que surgiram naquele contexto (FERREIRA, 1978, p. 45-46). Assim, os intelectuais e militantes mais conhecidos, que comentaremos adiante, correspondem àqueles que mais produziram textos e artigos sobre a Revolução Russa dentre as fontes listadas nesta pesquisa, e que estavam diretamente envolvidos na composição e redação dos jornais aqui estudados, e ainda eram nomes que possuíam grande respeito e marcavam forte presença nos meios militantes operários.

O já comentado Astrojildo Pereira, um dos principais articuladores da fundação do PCB em 1922, nascido em 1890, era carioca do interior e de família ligada ao pequeno comércio e a política local, o que lhe conferiu acesso a uma formação escolar católica. A sua fase nitidamente anarquista foi de 1911 a 1921 (FEIJÓ, 2001, p. 19-22). Em seu texto, em que ele analisa a grande imprensa, sobre as notícias veiculadas quanto aos eventos russos – *A Revolução Russa e a imprensa* – Astrojildo faz um papel próximo a um crítico de imprensa, como um *ombudsman* a serviço da revolução. Ele não apenas acompanha a forma como a imprensa carioca – alimentada pelas agências internacionais – tratava dos acontecimentos na Rússia como analisa cada informação, característica marcante deste jornalista militante que está presente em algumas de nossas fontes (FEIJÓ, 2001, p. 62). Astrojildo foi codiretor e colaborador do periódico de propaganda anarquista *O Debate* e editou sozinho *Cronica*

Subversiva em 1918, experiência jornalística esta que é considerada o ponto de inflexão do anarquismo para o comunismo, diante do impacto da Revolução Russa – ainda que nesta publicação ele se considere um militante da Anarquia (FEIJÓ, 2001, p. 61 e 70). Astrojildo ainda participou de vários outros periódicos anarquistas, fazendo até mesmo uma doação de um dinheiro que ganhara na loteria ao jornal anarquista *Voz do Povo* (DULLES, 1977, p. 106). E as nossas fontes revelam que ele era bem informado sobre os acontecimentos internacionais:

Atento ao que se passava no mundo, Astrojildo evoluiu de forma gradativa de uma posição de simpatia pela teoria marxista para ser um comunista. Sua separação dos anarquistas foi um processo doloroso, por tudo pelo que haviam lutado juntos. Apesar do tom de polêmica e animosidade entre comunistas e anarquistas, Astrojildo guardou sempre respeito e até admiração pelas mais destacadas personalidades do anarquismo brasileiro. Mas seu caminho era outro, e não hesitou em segui-lo. (AMARAL, 2007, p. 254).

O jornal *Cronica Subversiva* sofreu interrupções em 1918, quando Astrojildo foi preso devido o seu envolvimento na greve da Cantareira e na insurreição anarquista de novembro (FEIJÓ, 2001, p. 23 e 70). Já o nome de Octávio Brandão também é muito presente em nossas fontes, alagoano de origem mais humilde, nasceu em 1896 e sua educação foi custeada por um tio, tornando-se farmacêutico. Ainda era bem jovem quando iniciou a trajetória de ativista político, escrevendo um artigo contra a Primeira Guerra Mundial no jornal *A Semana Social* de Maceió em 1917, sendo que no ano seguinte já apresenta nítidas influências anarquistas. No início de 1919, a repressão do governo alagoano o obriga a rumar até o Rio de Janeiro, onde foi companheiro de lutas com José Oiticica e, em 1920, também é preso por participar da greve dos ferroviários da empresa Leopoldina, da capital carioca. Octávio Brandão se declara anarquista até inícios de 1922, mas a sua simpatia pela Rússia socialista já era evidente desde antes de entrar para o PCB – em outubro do mesmo ano – tornando-se uma das principais figuras do partido (AMARAL, 2007, p. 260-263).

Houve outros anarquistas do período que aparecem em nossas fontes e que estão envolvidos na redação dos jornais, e que depois se converteram ao marxismo, ajudando a fundar o PCB ou fazendo parte de sua primeira geração. Um dos mais conhecidos foi Antonio Bernardo Canellas, de que já comentamos, carioca nascido em 1898, Canellas foi um dos mais jovens militantes daquele tempo, de origem humilde e estudos incompletos (SALLES, 2005, p. 39-40). Canellas era tipógrafo, a profissão dos trabalhadores indispensáveis à

confeção da imprensa operária, por isso esta classe sempre estava na vanguarda do movimento social brasileiro do período, e suas condições enquanto trabalhadores – ainda que alfabetizados – era bem difícil:

Destacavam-se no movimento operário como aqueles que dominavam os meios mais eficientes para fazer propaganda, mas suas condições de vida não eram diferentes das dos demais: a jornada de trabalho oscilava entre 10 e 12 horas por dia, parte do salário era confiscada quando cometiam erros de impressão, não tinham seguro contra acidentes e quando adoeciam ficavam à mercê da solidariedade dos companheiros. (SALLES, 2005, p. 41).

A *Semana Social* de Maceió de 1917, que teve como principal responsável e redator Antonio Bernardo Canellas, tinha como linha editorial o combate a guerra mundial e a defesa do pacifismo, e além da colaboração de Octávio Brandão, esta folha também teve a ajuda de Astrojildo Pereira, que enviava artigos e notícias do Rio de Janeiro (SALLES, 2005, p. 47). Este jornal terminou apedrejado, e Canellas e Brandão tiveram que fugir, devido a manifestação de patriotas em Maceió, empolgados com a entrada do Brasil na guerra mundial, o que foi desaprovado pelo jornal (SALLES, 2005, p. 51). Após este evento, Canellas fugiu de Alagoas e nos anos subsequentes militou em Pernambuco, se transferindo para Recife em 1918 e viajando à Europa em 1919, onde representou a federação pernambucana de sindicatos na I Conferência dos Sindicatos Anarquistas de Amsterdã (SALLES, 2005, p. 63). De volta ao Brasil, a sua ideia de ir até a Rússia com a empolgação da primeira revolução proletária amadureceu, indo novamente à Europa em 1920; ficando na França até 1922, onde lentamente ocorreu uma transformação ideológica que o conduziu ao comunismo marxista. Foi na França que ele ficou sabendo da fundação do PCB nas suas correspondências com Astrojildo Pereira, sendo votado em ausência e por unanimidade para a Comissão Central Executiva do partido, e por indicação de Astrojildo, escolhido como representante do PCB no IV Congresso da Internacional Comunista em Moscou, onde fica de setembro a dezembro de 1922 (SALLES, 2005, p. 66-71). Canellas também participou de vários outros periódicos anarquistas, onde identificamos fontes sobre a Revolução Russa de sua autoria no material aqui pesquisado.⁴³

Outros nomes importantes do movimento operário anarquista ligados às nossas fontes foram o de João da Costa Pimenta e o de Abílio de Nequete, militantes que também

⁴³ Everardo Dias ainda qualifica a profissão de Canellas como sendo “gráfico” e “linotipista”: (DIAS, 1962, p. 318).

transitaram do anarquismo para o comunismo. João da Costa Pimenta foi um gráfico, que colaborou na edição dos jornais *Voz do Povo* do Rio de Janeiro e na *A Vanguarda* de São Paulo, também foi membro fundador do PCB em 25 de março de 1922 (DULLES, 1977, p. 123; BANDEIRA, 1980, p. 276). Enquanto Abílio de Nequete – também presente na mencionada reunião fundadora do partido comunista – era um imigrante sírio-libanês nascido em 1888, barbeiro, e que imigrou para o Rio Grande do Sul muito jovem. Autodidata, Nequete entrou em contato com os trabalhadores organizados na capital Porto Alegre e fundou uma das primeiras organizações declaradamente comunista de apoio à Revolução Russa, a União Maximalista de Porto Alegre, fundada em 1918 (BARTZ, 2008, p. 122-123; BANDEIRA, 1980, p. 147). Neste mesmo ano Abílio de Nequete havia colaborado no jornal anarquista *A Luta* de Porto Alegre.

Militante operário famoso do período, e que marca presença em nossas fontes, também foi Everardo Dias, contudo, ele não era anarquista, apesar de ter sido amigo e ter militado ao lado dos anarquistas. Everardo Dias era maçom, livre pensador e gráfico, possuiu uma formação política ideológica com influências diversas, dialogando com republicanos, com o socialismo de várias tendências e o anarquismo. Participou ativamente das grandes greves do período – como a greve geral paulista de 1917 e nas ondas grevistas de 1919 – sendo preso diversas vezes (DIAS, 1962, p. 07-14).

Entre os escritores e intelectuais anarquistas famosos do período, e que muito se expressaram sobre os acontecimentos na Rússia nos jornais arrolados, destacamos José Oiticica, Fábio Luz e Afonso Schmidt, todos eles colaboraram em vários jornais anarquistas. Fábio Luz é considerado um dos pioneiros do anarquismo no Brasil e além de escritor, foi médico higienista, professor, jornalista e crítico literário, um militante veterano de origens na classe média e respeitado entre os anarquistas e no movimento operário (RODRIGUES, 1969, p. 152-153). Escritor e jornalista ativo no movimento anarquista também foi Afonso Schmidt, que participou e trabalhou em vários jornais operários, como a *Voz do Povo* do Rio de Janeiro e *A Vanguarda* de São Paulo (BANDEIRA, 1980, p. 236).

O professor José Oiticica – como era conhecido por ter lecionado no colégio Pedro II – foi um dos mais famosos anarquistas brasileiros, atingindo até reconhecimento internacional, nasceu no interior de Minas Gerais em 1882, numa família também ligada a política, obtendo uma boa formação que o conduziu até o curso superior (SAMIS, 2007, p. 91-92). Como vimos, Oiticica participou da insurreição anarquista do Rio de Janeiro em 1918, sendo preso nesta ocasião e voltando a capital em 1919, onde participou da composição do jornal *Spártacus*. Oiticica, como veremos, foi um dos anarquistas que mais se interessaram

pela Revolução Russa, e que ainda manteve esperanças de diálogos entre comunistas e anarquistas e contatos com Astrojildo Pereira e Octávio Brandão até 1923 (SAMIS, 2007, p. 97-99).

A figura de Edgar Leuenroth confunde-se com a história do movimento operário deste período. Nascido no interior paulista em 1881, Edgar teve seus estudos incompletos e foi obrigado a trabalhar desde muito cedo, tornando-se trabalhador gráfico, atuou como jornalista e arquivista do movimento operário, fundando vários periódicos operários. Por isso, Leuenroth atingiu uma expressão significativa na formulação do movimento operário paulista, em um momento que o jornalismo era um forte instrumento de luta dos trabalhadores, por que para eles o jornal significava organizar-se em movimento, com a possibilidade de observar e questionar a realidade. Assim, Leuenroth inseriu-se neste campo jornalístico onde participou de uma imbricada rede de relações entre jornalistas e militantes do eixo de São Paulo-Rio de Janeiro (KHOURY, 2007, p. 118-120). Em 1917, Leuenroth lança *A Plebe*, periódico do movimento anarco-sindicalista de São Paulo que, lançado às vésperas da greve geral daquele ano, torna-se instrumento de luta do movimento grevista, sendo empastelado pela polícia em setembro e, Leuenroth preso por suas ligações com a greve. Este periódico, por defender um jornalismo independente, recebeu o apoio de outros jornalistas, como de Nereu Rangel Pestana diretor de *O Combate* que ajudou imprimir *A Plebe* em suas oficinas, devido a forte represália policial (KHOURY, 1988, p. 40-41). Leuenroth é solto em 1918 e *A Plebe* volta a ativa em 1919, com características defensivas diante do discurso desqualificador da prática libertária proferido pelos bolcheviques, vitoriosos no cenário do movimento internacional a partir da Revolução Russa (KHOURY, 1988, p. 41).

O jornal *A Plebe* apresentou uma linha editorial de visão livre-pensadora e anticlerical, e também recebeu a colaboração de Astrojildo Pereira e José Oiticica que atuavam no Rio de Janeiro, e nos momentos difíceis da prisão de Leuenroth, o jornal foi mantido pelo anarquista Florentino de Carvalho, e Leuenroth ainda atuaria na composição do jornal *A Vanguarda* em 1921 (KHOURY, 2007, p. 120-121; 124-125). As oficinas de *A Plebe* foram novamente empasteladas em outubro de 1919 por policiais e estudantes na onda repressiva que se sucedeu as fortes greves daquele ano (BANDEIRA, 1980, p. 187-188).⁴⁴

Florentino de Carvalho era o pseudônimo de Primitivo Raymundo Soares, nasceu na Espanha em 1883 e ainda muito jovem a sua família imigrou para o Brasil. Foi estivador nas docas de Santos e professor, estando envolvido na fundação de escolas populares. Florentino

⁴⁴ Mas ainda assim *A Plebe* resistiu nos anos subsequentes a nossa pesquisa.

mantinha correspondências com ativistas operários do mundo inteiro e deu uma contribuição muito grande ao pensamento proletário em solo brasileiro, sendo considerado um dos maiores teóricos do anarquismo na América Latina (NASCIMENTO, 2006, p. 181-184). Assim, Florentino de Carvalho, que era forçado a constantes viagens devido as perseguições policiais, viajou também para países vizinhos, onde estabelece contatos com o movimento operário e anarquistas do Uruguai e Argentina, fazendo que suas ideias alcançassem outros países do continente (NASCIMENTO, 2000, p. 30). No entender deste militante, a imprensa operária possibilitava aos trabalhadores um exercício educativo de libertação, onde estes pudessem fazer escutar as suas opiniões e pensamentos e efetuar a prática da solidariedade nas denúncias contra as injustiças sociais. Florentino, além de atuar em *A Plebe*, também colaborou em mais dois periódicos aqui estudados; *O Libertário*, órgão da *Aliança Anarquista*, e dirigiu a revista libertária *A Obra* (NASCIMENTO, 2000, p. 32-33). Defendia então uma imprensa operária e anarquista livre, iconoclasta e contrária ao espírito de lucro (NASCIMENTO, 2000, p. 168). E por sua origem estrangeira, Florentino foi expulso do país diversas vezes, a terceira expulsão resultante de sua participação na greve geral paulista de 1917, voltando ao país em 1918 (NASCIMENTO, 2006, p. 182-183).

A atividade jornalística dos anarquistas e militantes operários era, portanto, repleta de dificuldades e sacrifícios. Estes jornais eram basicamente sustentados pelos próprios operários que a liam, por isso nas páginas destes periódicos encontramos constantes pedidos para as assinaturas dos mesmos, e suas sedes, muitas vezes, localizavam-se nos bairros operários, para facilitar a ação da propaganda anarquista que tinha nestes jornais um dos seus principais instrumentos (KHOURY, 1988, p. 84). Sem dizer que a maior parte destes jornais eram produzidos pelos próprios militantes nas horas vagas de seus trabalhos, e os jornalistas libertários recusavam-se a registrar estas folhas – conforme as exigências burocráticas da lei – sujeitando-se a isso apenas nos momentos de maior repressão como garantia de sobrevivência, sem dizer que estes jornais não tinham chefes e donos, apenas cooperados (KHOURY, 1988, p. 46).⁴⁵ E como destacamos, os militantes anarquistas eram constantemente perseguidos pela polícia, e esta repressão estava relacionada aos interesses e percepção da realidade da elite governante, assim, a preocupação com o anarquismo como elemento de instabilidade social eram sustentados pelos temores da classe dominante e sistematicamente reforçada pelos órgãos de polícia (SAMIS, 2006, p. 57-59).

⁴⁵ Sobre o fato destes jornais não possuírem donos há um comentário interessante em: (BANDEIRA, 1980, p. 273).

Ao estudarmos os jornais anarquistas aqui selecionados, a historiografia revela que havia uma estreita comunicação e relação entre os militantes mencionados, relações muitas vezes de amizade, e que subteve as ligações que existiam entre os operários organizados de vários lugares do Brasil. Alguns destes jornais surgiam para substituir outros que tinham acabado – ou por pressão política-policial, ou por impossibilidades financeiras, ou ambos – como são o caso do jornal *Voz do Povo* do Rio de Janeiro que surgiu para substituir a folha *Spártacus* – apreendida pela polícia em 1920 – e de *A Vanguarda* de São Paulo, que foi formada em 1921 por militantes que trabalharam em *Voz do Povo*, que tinha sido dissolvida (DULLES, 1977, p. 92-93; 106; 123). As adversidades deste jornalismo e a insistência de seus produtores e colaboradores nos faz perceber o anarquismo não apenas como uma teoria e filosofia social ou um sistema de conceitos, mas também como uma maneira de existir, de dizer e de ver o mundo, exigindo dos indivíduos mudanças e uma problematização de si mesmos, com o desejo de viver de uma certa maneira, originando conhecimentos novos, inspirados pela rebelião do indivíduo (AVELINO, 2004, p. 19).

2.3. A recepção da Revolução Russa no Brasil e sua repercussão entre os libertários

Existem alguns textos, artigos, livros e trabalhos que tratam dos impactos e influências que a Revolução Russa teve na sociedade brasileira e no seu movimento operário, de uma forma geral, ou em assuntos específicos. Contudo, como já comentamos, identificamos uma lacuna na história do movimento operário brasileiro ao percebermos que não há um estudo que se dedique exclusivamente à cobertura jornalística que os anarquistas fizeram sobre esta revolução. Acreditamos então que investigar estas “representações” e “apropriações” que esta militância teve sobre os eventos russos, por meio de seus periódicos, e como isso afetou as suas “práticas” militantes e seus imaginários políticos nestes textos, são uma tentativa de se rever possíveis estudos de fontes já tradicionais:

No que diz respeito às fontes de pesquisa, já está presente em muitos trabalhos a necessidade de empreender uma reavaliação das fontes tradicionais e de ampliar o leque das fontes empregadas. Seguramente é possível propor novas leituras de fontes tradicionais (como jornais, texto literários, e outras) (...). (BATALHA, 2007, p. 156).

A produção historiográfica sobre a classe operária e o movimento operário no Brasil da Primeira República iniciou-se por “não-acadêmicos”, por militantes que atuaram no movimento operário, e que por isso geraram estudos com feições legitimadoras da classe operária, da política sindical, dos seus partidos, e das suas correntes ideológicas. Dois autores que fazem parte desta produção militante, cujas obras que utilizamos também foram muito referenciadas nos primeiros estudos acadêmicos, são os já mencionados Everardo Dias e Edgar Rodrigues (DIAS, 1962; RODRIGUES, 1969). Estes autores, muitas vezes, são mencionados na perspectiva memorialística, pois também participaram das experiências das lutas dos trabalhadores, ou viveram aquela época e entraram em contato com militantes já consagrados, apresentando um estilo até mesmo hagiográfico, por se dedicar as histórias de vida de alguns militantes (BATALHA, 2007, p. 146-148). No entanto, ainda nesta produção militante, identificamos importantes e preciosas informações e fontes sobre vários aspectos do movimento operário, sobre a revolta dos militantes contra as injustiças dos governos republicanos da época e, também, sobre os impactos que a Revolução Russa causou entre os “revolucionários” no Brasil:

1917 foi para nós como um arrebol anunciando uma aurora radiosa de redenção, e sob nossos olhos estáticos, surgiam os rostos dramáticos de homens e mulheres do povo russo acompanhando seu guia genial: -- Vladimir Ilitch Ulhianov... Lênin! A Justiça Social! Era como se de repente se rasgassem as nuvens do espaço e surgisse, num golpe mágico, a feérica encenação de um novo mundo sem sofrimentos, sem orgulhos, sem injustiças – um mundo de homens livres e compreensivos, fraternizados, trabalhando para apagar todas as antigas divisões de povos e raças, todas as iniquidades... (DIAS, 1962, p. 36-37).

A Revolução Russa foi um assunto polêmico na época entre os grandes jornais, os intelectuais, os políticos e setores diplomáticos e governamentais. Além dos problemas da censura do governo e do estado de sítio decretado com a inclusão do Brasil na guerra, o que dificultou ainda mais o acesso aos relatos do exterior. E dentro deste contexto, os militantes anarquistas do movimento operário brasileiro tentavam analisar as notícias da grande imprensa e comparar as informações obtidas pelos meios operários para tecerem seus comentários em seus periódicos, já que a “grande imprensa” era simpática à Kerenski, representante do governo provisório estabelecido na Rússia após a queda do czar Nicolau II em março de 1917. E para isso, eles recorriam até aos canais de rádio de fontes alemãs; a Alemanha fazia parte do lado dos “impérios centrais”, que lutavam contra a Tríplice Entente

na Primeira Guerra. Como vemos em um comentário revelador de Everardo Dias, contida na sua obra, e que também é transcrito em um livro que já comentamos a sua importância nesta pesquisa, a primeira obra, aqui no Brasil, a tratar dos reflexos da Revolução Russa no país:

Eram as notícias mais absurdas. Os jornais, na verdade, exprimiam a confiança das classes dominantes na vitória de Kerenski e da contra-revolução. Mas, a fonte, que os supria e alentava, eram as agências internacionais. Difundiam boatos e mentiras, traduziam os desejos dos senhores da guerra e das altas finanças de Londres, Paris e New York. Relembra Everardo Dias: “Ora, nós aqui, nas Américas, acompanhávamos esses episódios formidáveis através de telegramas deturpados, preparados ao sabor dos interesses dos governos da *entente* e se algo mais sabíamos era através do rádio de uma estação alemã, que referia as coisas com mais verdade e desmentindo quase sempre as tendenciosas informações da *Havas*, da *Reuters*, da *Associated Press*”. (BANDEIRA, 1980, p. 109).

O livro “O Ano Vermelho”, escrito em conjunto com os jornalistas Clovis Mello, A. T. Andrade e o cientista político Moniz Bandeira, foi a primeira obra a reunir documentos e material para escrever sobre as repercussões da revolução socialista russa no Brasil. A primeira edição é de 1967, lançada para comemorar os cinquenta anos da Revolução de Outubro, nela encontramos indicativos e referências das repercussões desta revolução no meio operário e na imprensa anarquista. Esta obra tornou-se um trabalho pioneiro nos estudos sobre os impactos da experiência do socialismo soviético na sociedade brasileira, assim como estes impactos nos movimentos operários e nos movimentos de esquerda no Brasil, portanto, também é uma obra muito referenciada na historiografia. É um livro que também trata da imprensa e suas posições de classe, a questão da propaganda política; as confusões entre o que era realidade e o que era desejo, num momento de intensa guerra psicológica em que os interesses vitais da grande burguesia mundial estão sendo fortemente questionados.

O fato de que com a revolução, a Rússia acaba quebrando os acordos internacionais das alianças militares, abandonando a guerra e propondo a paz a todos os povos beligerantes, e ainda declarando abertamente ao mundo que os russos se fariam os aliados dos proletários de todos os países, foi algo que atraiu a hostilidade de muitos governos (FERRO, 1974, p. 92; HILL, 1967, p. 128). No Brasil, as discussões em torno da Revolução Russa não foram isentas de polêmicas e ataques das elites e setores políticos, a censura contra a imprensa operária, com o estado de sítio em 1917, no contexto de intensas lutas sociais no país e declaração de guerra contra a Alemanha, são fatos que tornaram este assunto ainda mais delicado. Foi uma época também que o Brasil passava por grandes avanços diplomáticos, depois que a

República delimitou as fronteiras, sendo a única nação sul-americana a entrar na Primeira Guerra Mundial, apoiando a causa dos Aliados e tendo seu eixo diplomático deslocado de Londres para Washington (BURNS, 1990, p. 399-400). Assim, o caminho que o Brasil seguiu na política internacional influenciou nas apreciações negativas a respeito da Rússia, não apenas por causa das alianças militares rompidas e dos apelos que a Rússia revolucionária lançava ao mundo, com potencial ressonância no internacionalismo operário, como também devido aos interesses do capital internacional, pois as empresas e o capital estrangeiro na Rússia foram socializados com a revolução e colocados sobre controle operário, e posteriormente nacionalizadas e estatizadas. As relações diplomáticas do Brasil com a Rússia, portanto, sofreram mudanças drásticas a partir do momento da revolução de outubro:

As relações Brasil-Rússia, durante o governo de Kerenski, foram boas (...). Lênin, quando assumiu o poder, não teve o seu governo reconhecido e o encarregado de negócios do Brasil, em 1918, acompanhando os colegas ocidentais, retirou-se para Arcangel.

As relações Brasil-Rússia, normais no Império e Primeira República, extinguiram-se a partir da revolução bolchevique e da derrota dos “brancos”. (BANDEIRA, 1980, p. 38).⁴⁶

Desde a primeira Revolução Russa de 1905, intelectuais e militantes operários simpatizaram-se, bem como contagiaram-se com as lutas daquele país, já expressando ideias de que a Rússia iria ser a protagonista das revoluções do século XX (BANDEIRA, 1980, p. 37). Portanto, ao eclodir as revoluções em 1917, adicionado às condições internacionais, e influenciado pela situação interna do Brasil, este assunto passa a ter grande destaque na opinião pública em geral:

A Rússia desapareceu do noticiário da imprensa, para retornar, com violento impacto em 1917, primeiro, com a revolução de março e, depois, com a de novembro. Discutia-se a Rússia não só nas colunas de jornais, como no Congresso, nos sindicatos e nas ruas. (...). (BANDEIRA, 1980, p. 38).

⁴⁶ Em apêndice neste livro, os autores explicam que o Itamarati praticamente ignorou a derrubada de Kerenski pelos bolcheviques, em parte pelas dificuldades de comunicação – já que os guardas vermelhos ocuparam os telégrafos de Petrogrado – como também pela falta de entendimento do que estava ocorrendo. Esta situação perdurou até fins de 1918, quando definitivamente as relações entre os dois países foram rompidas até 1945: (BANDEIRA, 1980, p. 299-304).

Sendo assim, este foi um momento que, devido a toda polêmica envolvida, muitas informações e notícias deturpadas e manipuladas foram veiculadas aqui no Brasil, a ponto dos militantes anarquistas debaterem esta questão em seus jornais ao falarem da Rússia. Histórias como a de que Lênin era um “espião alemão” a mando dos Impérios Centrais para desestabilizar a Rússia – como veremos – fazem parte de uma série de controvérsias que transparecem em nossas fontes, porque os setores governamentais, oficiais e dominantes da sociedade tinham seus julgamentos influenciados pelos laços das relações internacionais. A dependência econômica do Brasil em relação a Inglaterra, e em menor escala da França – e a partir da Primeira Guerra, dos Estados Unidos – inevitavelmente fez com que o Brasil se situasse ao lado dos Aliados (BANDEIRA, 1980, p. 88-89 e 39-40). Portanto, a grande imprensa analisou os fatos, também, muito influenciada por este ponto de vista:

O País, cabeça pensante da política nacional, o jornal onde Rui Barbosa escrevia, era o órgão por excelência das classes dominantes. Somente via na revolução russa, como, aliás, quase toda a imprensa, as repercussões políticas internacionais, do ponto de vista da guerra mundial e dos Aliados, abstraindo-se, quase que inteiramente, do significado social. (...). (BANDEIRA, 1980, p. 104).

Da mesma forma, os grandes jornais e muitos escritores famosos do país, interpretaram a insurreição socialista na Rússia de um ângulo moral, e de suas implicações militares para os Aliados. Para estes, a “honra” da Rússia tinha sido violentada quando esta saiu da guerra, quebrando os compromissos com a Entente, sendo, portanto, uma “traição maximalista”. (BANDEIRA, 1980, p. 220). A revolução de outubro na Rússia, para estes setores, foi relegada, então, por ter sido uma “conspiração” e uma “traição”, a um episódio secundário da guerra mundial, e as atenções voltaram-se completamente para a guerra contra os Impérios Centrais:

Mas as classes dominantes e a pequena burguesia, acolhendo a propaganda das agências telegráficas, acreditavam, de modo geral, tratar-se de um fenômeno transitório, produzido pela guerra, um ardil que a Alemanha engendrara para aliviar suas frentes de batalha, separando a Rússia dos aliados. Uma vez terminado o conflito, a França, a Inglaterra e os Estados Unidos facilmente jugulariam a “anarquia maximalista”, pois, supunham, nenhum país sobreviveria “sem governo”, entregue a operários, soldados e camponeses, que “agentes alemães manipulavam”. (BANDEIRA, 1980, p. 221).

Porém, para as camadas populares, que podiam se expressar por meio do movimento operário, a Revolução Russa tinha outro sentido que, como demonstraremos em nossas fontes, enxergou inicialmente a tomada de poder dos bolcheviques como a “anarquia maximalista”, no sentido de um país dos trabalhadores “sem governo”, devido a influência do anarquismo. Os autores de “O Ano Vermelho” enfatizam que a Revolução Russa repercutiu de modo profundo nestes setores: “(...) *Só os trabalhadores, com a sua intuição de classe, vislumbraram a mensagem social dos episódios de Petrogrado*” (BANDEIRA, 1980, p. 221). Escritores, intelectuais e jornalistas conhecidos do período também expressaram reações diversas ao evento russo, porém diferentes dos intelectuais envolvidos no movimento operário e anarquista:

(...) Mas, se Humberto de Campos, Assis Chateaubriand, Azevedo Amaral, Gilberto Amado, Leão Veloso, Jackson de Figueiredo, Antonio Torres e outros espelhavam as vacilações da pequena burguesia, entre o espanto, o medo e a admiração e, uns mais outros menos, identificavam-se ou, mais tarde, identificar-se-iam, plenamente, com a ideologia das classes dominantes, Lima Barreto e Afonso Schmidt tomaram uma posição militante em defesa da Revolução Russa e do movimento operário. (BANDEIRA, 1980, p. 233).

A atitude das camadas dominantes diante da Revolução Russa, começou a modificar somente quando a onda de revoluções atingiu a Alemanha, quando o Kaiser fugiu e soviets surgiram em Berlim, Hamburgo e Munique. E ainda mais, depois da tentativa de sublevação anarquista do Rio de Janeiro, de 18 de novembro de 1918, nove dias depois do levante socialista na Alemanha. A partir deste momento, a “intelectualidade burguesa” desperta para o significado social do bolchevismo e para a “ameaça maximalista”, como um fenômeno não apenas russo, mas também europeu e mundial (BANDEIRA, 1980, p. 223).

Esta obra de Moniz Bandeira é igualmente importante em referências às repercussões da Revolução Russa no movimento operário e entre os anarquistas do Brasil. Os autores salientam que os intelectuais que atuavam no movimento operário, socialistas ou anarquistas, desde o primeiro momento, se posicionaram ao lado da “República dos Soviéticos”, entre estes, anarquistas importantes como Astrojildo Pereira, Fábio Luz, José Oiticica, Octávio Brandão, Antônio Canellas e o ativista Everardo Dias (BANDEIRA, 1980, p. 239). Durante estes anos recortados em nossa pesquisa, a Revolução Russa introduziu no movimento operário brasileiro novas ideias e conceitos, mas inicialmente de entendimento vago e confuso, e as primeiras visões que se teve destes eventos marcaram profundamente nossas fontes:

Os militantes anarco-sindicalistas saudavam-na como a realização da utopia libertária.

Faltava, na verdade, a todos, inclusive à intelectualidade, a informação exata e precisa sobre o tipo de regime que, na Rússia, se implantava. (BANDEIRA, 1980, p. 145).

Por isso, que os anarquistas aqui no Brasil chamavam os bolcheviques de “maximalistas”, já que acreditavam que estes defendiam um programa radical, o programa “máximo”, porém não entendiam que bolcheviques queria dizer “majoritários” por causa das divisões do Partido Social-Democrata Russo. E assim, neste contexto, em 1919, uma cartilha em forma de brochura intitulada “*O que é maximismo ou bolchevismo*”, e que se apresentava como “*Programa Comunista*”, foi escrito por Edgard Leuenroth e o militante Hélio Negro, para esclarecer os trabalhadores sobre o assunto. Tal livro citava informações oficiais, como pontos da Constituição do 3º Congresso Pan-Russo dos Sovietes, onde se estabelecia uma organização política e econômica, em que dava aos trabalhadores e soldados organizados em soviets todo o poder da nação (BANDEIRA, 1980, p. 145). A esta altura, no ano de 1919, os anarquistas brasileiros, inspirados e influenciados pelo exemplo da Revolução Russa, fundam novas organizações entre vários grupos e partidos de denominação comunista, que ocorreu em vários pontos do país, o que demonstra a busca por novas formas de organização:

A Aliança Anarquista do Rio de Janeiro liderava a maioria das uniões de resistência, denominação que se dava aos sindicatos, naquela época. Com a notícia, porém, da fundação da Internacional Comunista (III Internacional ou Comintern), em março de 1919, os militantes libertários que se consideravam “maximalistas” e se identificavam com o regime soviético, decidiram constituir-se como Partido Comunista do Brasil. A III Internacional aprovava uma resolução no sentido de que todos os grupos revolucionários se chamassem partidos comunistas. (BANDEIRA, 1980, p. 151).

A historiografia aponta o fato de que, em 1919, os anarquistas estavam precisando de órgãos que respondessem às demandas do período, lembremos que este ano foi o ponto máximo das lutas grevistas no país, por isso eles fundaram um Partido Comunista, de inspiração libertária. José Oiticica e outros anarquistas que fizeram parte deste PCB libertário, entendiam que era necessário um núcleo político que pudesse encaminhar as ações anarquistas nos diversos setores da sociedade. Contudo, este partido não continha fins eleitorais e sim de preencher uma lacuna organizativa cada vez mais crescente, com a

intensificação das atividades dos militantes anarquistas no meio operário (SAMIS, 2004, p. 138). Assim, a constituição deste partido teve influências de militantes que também atuavam na *Aliança Anarquista do Rio de Janeiro*, organização esta criada em 1918, e que tentava promover a união entre os anarquistas que pensavam que a ação sindical não era suficiente para alcançar a revolução social (SAMIS, 2004, p. 145). A ideia de um partido e o nome comunista demonstravam ressonâncias da Revolução Russa, mas ainda era uma organização anarquista já que não possuía o enquadramento disciplinar do bolchevismo, e também há de se considerar que os anarquistas brasileiros não sabiam, até então, que os comunistas que estavam à frente da revolução na Rússia, eram marxistas e não anarquistas (BANDEIRA, 1980, p. 152). A criação do PCB de 1919, faz parte das interpretações que o anarquismo brasileiro fez da Revolução Russa, reflexo assim de seu impacto no movimento operário:

“Programa Comunista” – este, o subtítulo que trazia a brochura *O que é Maximismo ou Bolchevismo*, publicada, em 1919, por Hélio Negro (pseudônimo do comerciante Antonio Duarte Candeias) e Edgard Leuenroth. Constituiu uma tentativa de visualizar o ideal do recém-fundado Partido Comunista do Brasil, tomando como ponto de referência a revolução russa de novembro. Era a concepção libertária do comunismo, inspirada numa nova realidade: a República dos Sovietes. Ou, em outras palavras, a República dos Sovietes, vista através dos óculos do anarquismo. O bolchevismo – “maximismo” ou “maximalismo” – traduzia-se apenas, para eles, na reivindicação do programa máximo: a realização imediata da etapa suprema, a anarquia. (BANDEIRA, 1980, p. 160).

O jornal *Spártacus*, que trabalhamos aqui, se apresentava como porta-voz do núcleo carioca deste Partido Comunista, e a Revolução Russa parece ter influenciado também diretamente a composição de outra de nossas fontes, *A Vanguarda* de São Paulo, que deu grande importância aos acontecimentos internacionais, como a intervenção aliada na Rússia, o que foi uma opção editorial (DULLES, 1977, p. 92 e 124). Outro ponto importante do jornalismo anarquista em relação à Revolução Russa, foi quando se criou no Rio de Janeiro, em 1921, o *Grupo Clarté* – no francês clareza, clareza – composto de intelectuais simpatizantes da Revolução Russa, que seguiram a iniciativa de um grupo semelhante na França. O grupo brasileiro mantinha correspondências com organizações congêneres de Montevidéu e Buenos Aires e que lhes informavam a respeito da Rússia Soviética: (...) *contribuindo para aclarar intelectuais e militantes de esquerda, abalados pelos depoimentos de anarquistas, que, a essa altura, combatiam a ditadura do proletariado e reforçavam, involuntariamente, a campanha das agências telegráficas (...)* (BANDEIRA, 1980, p. 270).

Assim, no movimento anarquista internacional desta época já circulavam informações críticas ao regime bolchevique, como quando a famosa anarquista russa Emma Goldman denunciou o autoritarismo do poder Soviético (BANDEIRA, 1980, p. 253). No Brasil, o grupo *Clarté* editou uma revista que foi bem recebida pelos militantes, e que pode fazer parte das possíveis fontes que estes tinham a respeito da Rússia, entretanto, o grupo *Clarté* na França era também o nome em que era conhecida a “*Liga Internacional para o Triunfo da Causa Internacional*”, e foi o organismo internacional de notícias preferido pela imprensa proletária brasileira por um tempo, sendo que estas notícias, portanto, eram enviadas de Paris.⁴⁷

No Terceiro Congresso Operário Brasileiro, realizado em abril de 1920, a organização operária e a Internacional Comunista seriam discutidas, contudo, em vez de aderir a esta Internacional, o Congresso apenas decidiu por transmitir votos de solidariedade aos russos, já que esta Internacional não era uma organização genuinamente sindical, o que demonstra ainda a forte influência do anarquismo, inclusive, posição esta que foi defendida no Congresso por Edgard Leuenroth e Astrojildo Pereira, este último, portanto, ainda era anarquista nesta época (DULLES, 1977, p. 113). Já o PCB de 1919, se desarticulou devido ao aparecimento de divisões no movimento anarquista, mas a ideia de organizar um partido operário continuou perseguindo vários militantes de vanguarda, ainda que a maioria continuasse se opondo a esta iniciativa, defendendo as organizações anarquistas, fundadas na base do acordo, federativa, negando qualquer direção centralizada, autoridade ou disciplina (BANDEIRA, 1980, p. 267). A partir de então, as polêmicas em relação a Revolução Russa entre os anarquistas, foram criando divisões no movimento operário, e a ideia de se fundar um novo partido foi ganhando força:

Desde 1921, porém, militantes revolucionários, que se distanciavam do movimento anarquista, desenvolviam atividades para constituir, com base nos princípios da III Internacional, o Partido Comunista do Brasil. O trabalho de artífice coube a Astrojildo Pereira. Ele, com paciência e devotamento, procurou congregar, no Rio de Janeiro, aqueles companheiros que aceitaram o desdobramento da revolução russa, com a ditadura do proletariado, e não descambaram para o antibolchevismo, como Fábio Luz, José Oiticica, Pedro Matera, Edgard Leuenroth, Carlos Dias, Adelino Pinho, Florentino de Carvalho, Antonio Campos e Manuel Perdigão, homens dos mais dignos e honestos, quando viram que a República dos Soviéticos não correspondia, plenamente, aos ideais libertários. (BANDEIRA, 1980, p. 272).

⁴⁷ Sobre a importância do grupo *Clarté* da França para a imprensa operária do Brasil: (DULLES, 1977, p. 140). E sobre a revista do *Clarté* do Brasil: (BANDEIRA, 1980, p. 270).

Dessa forma, entre os dias 25 e 27 de março de 1922, foi fundado no Rio de Janeiro e Niterói o Partido Comunista do Brasil, por nove militantes, representando grupos de Porto Alegre, Recife, São Paulo, Cruzeiro, Niterói, Rio de Janeiro, Santos e Juiz de Fora. Dos nove participantes, todos saíram do movimento anarquista, entre estes Astrojildo Pereira, João da Costa Pimenta e Abílio de Nequete (BANDEIRA, 1980, p. 276).

No livro “O Ano Vermelho”, encontramos certos preconceitos historiográficos, devido a nítidas simpatias ideológicas para com o marxismo, em que certa medida desvaloriza a experiência anarquista no movimento operário, expressando a noção, que foi presente na historiografia militante, de que a fundação do Partido Comunista inaugurou uma nova era na história operária brasileira, uma demonstração do amadurecimento político da classe operária, portanto, 1922, torna-se um marco da história operária (BATALHA, 2007, p. 148). Estas características se expressam quando os autores afirmam que o surto industrial no Brasil daqueles anos e a Revolução Russa criaram novas condições para o proletariado, e de que os anarquistas se mantiveram agarrados ao passado, perdendo o apoio dos trabalhadores, portanto: “(...) *O marxismo, ‘a expressão consciente de um processo histórico inconsciente’, ganhou as massas brasileiras. (...)*” (BANDEIRA, 1980, p. 263). E assim, os anarquistas não perceberam que se encerrava uma fase do movimento operário, voltando-se contra a história (BANDEIRA, 1980, p. 265). Os autores deste livro salientam, então, críticas diretas ao anarquismo:

As greves de 1917, 1918 e 1919 mostraram que o movimento operário estava, objetivamente, maduro, mas não possuía uma direção consequente, capaz de abrir a perspectiva política.

Os anarquistas, apesar da firmeza, da combatividade e do devotamento com que lutavam, não podiam desempenhar essa tarefa, em virtude das limitações da sua doutrina. (BANDEIRA, 1980, p. 144).

E, pouco mais adiante, eles ainda acrescentam: “*A partir de 1917 e, sobretudo, depois da revolução russa, os militantes sindicais, pequeno-burgueses e operários, na sua grande maioria de formação anarquista e, também, alguns intelectuais começaram a buscar novas formas de organização.*” (BANDEIRA, 1980, p. 146). Até mesmo, também, por causa da época em que foi escrito este livro – no auge da ditadura militar no Brasil e nos anos tensos da guerra fria – fica evidente a simpatia pelo marxismo por parte dos autores, que consideraram

os anarquistas da época como “pequeno-burgueses”, e que sua doutrina se tornou ultrapassada com a revolução russa.

Entretanto, em um pequeno artigo também importante, Jaime Cubero, autor libertário, que conviveu com anarquistas de nosso período, destaca que a cisão ideológica entre anarquistas e comunistas, com estes últimos aplicando as rígidas instruções de Moscou, prejudicou o movimento operário brasileiro: “(...) *Eles tumultuavam as reuniões das entidades operárias impedindo que os trabalhos se desenvolvesse. A ação dos comunistas foi mais deletéria ao movimento operário do que as perseguições da polícia e todas as formas de repressão.*” (...). (CUBERO, 1997, p. 32-33). Autor que também nos esclarece sobre estas polêmicas na historiografia:

Quando toda a imprensa burguesa internacional fazia a guerra contra a Revolução russa, a posição dos anarquistas denunciando seus desvios e atrocidades eram no mínimo incômoda. Daí o rótulo, de profunda má fé, de “pequenos burgueses” que os bolchevistas aplicaram aos anarquistas. (CUBERO, 1997, p. 33).

Depois do governo do presidente Venceslau Brás, segue-se o de Epitácio Pessoa, que assumiu em 1919, devido o falecimento do presidente Rodrigues Alves, que doente não governou, cedendo ao vice Delfim Moreira. Este governo de Epitácio Pessoa, intensifica a repressão e enfrenta o período mais grave das crises políticas do país, com a revolta tenentista do Forte de Copacabana em julho de 1922, quando é instaurado um novo estado de sítio, que se mantém no governo de Artur Bernardes, que assumi em novembro de 1922. A violência da repressão do governo deste último, contra civis, militares e o movimento operário foi muito intensa, pois o governo reuniu poderes excepcionais (CARONE, 1974, p. 319-362). Em outro texto importante do pesquisador Alexandre Samis, que compreende o período de Artur Bernardes e disserta sobre a colônia penal de Clevelândia no Amapá – para onde eram enviados os presos políticos deste governo, o que inclui os anarquistas – encontramos reflexões interessantes sobre este momento de declínio do movimento anarquista e ascensão do comunismo. Então, além dos conflitos físicos que realmente ocorreram entre as duas tendências, há de se considerar ainda os efeitos das estratégias usadas pelos comunistas, que os colocaram naquela conjuntura numa certa vantagem. Mas isso certamente também não pode ser posto como um argumento final para desqualificar o anarquismo enquanto um

conjunto de práticas e ideias que contribuíram para a luta do movimento operário, não significa apenas uma questão de que a doutrina se tornou ultrapassada:

Distintamente à perspectiva defendida pelos sindicalistas revolucionários para a organização operária no Brasil, os comunistas basearam sua ação em diretrizes bastante definidas, vinculadas aos princípios da IIIª Internacional, de 1919, opção que deixava este grupo revolucionário em vantagem, se comparados seus métodos e práticas com os dos anarquistas.

A via institucional, não rejeitada pelos comunistas, ampliava-se como fórum de discussão das políticas sociais ligadas ao trabalho. Processo esse ironicamente precipitado pelas greves e pela ação dos anarquistas que, durante as duas primeiras décadas do século, impediram os governos de ocultarem por completo a existência de uma “questão social” no Brasil. (SAMIS, 2002, p. 258).

A revolução na Rússia aconteceu numa época de ascensão do movimento e da luta operária aqui no Brasil, é certo que ela influenciou o imaginário, as ideias e expectativas dos militantes anarquistas. Contudo, aqueles que se converteram ao comunismo já encontraram uma situação bem distinta daquela que os anarquistas se depararam:

(...) O processo de burocratização dos sindicatos, que ocorre no período posterior a 1919, teve duas raízes importantes, repetindo-se o que já ocorrera em diversos países da Europa. Os sindicatos nascem da luta contra o capital e em oposição a este. Entretanto, posteriormente, o Estado capitalista, através de uma legislação reguladora, exercerá ação burocratizante sobre a organização dos trabalhadores, o que seria reforçado também pela ação dos partidos políticos, especialmente, mas não unicamente, os autodenominados de “esquerda”, a começar pelos comunistas e socialistas. Após 1919, no Brasil, tanto o Estado capitalista, quanto os partidos políticos (entre os quais é fundamental destacar o PCB) irão exercer um papel burocratizante. Quanto aos comunistas, vale lembrar que seu crescimento ocorreu justamente com o refluxo do movimento operário e a desilusão que levou muitos anarquistas a trocarem o anarquismo pelo bolchevismo (o que foi facilitado, sem dúvida, pela vitória bolchevista em 1917 na Rússia). (VIANA, 2006, p. 40).

Quanto às referências da repercussão da Revolução Russa na imprensa anarquista, vários trabalhos que utilizamos de caráter biográfico, sobre os principais anarquistas citados, e o de Frederico Bartz, sobre estes impactos no movimento operário do Rio Grande do Sul, oferecem esparsas informações, mas que são valiosas.⁴⁸ Já o brasilianista John Dulles, muito

⁴⁸ Tratam-se das obras já citadas: (BARTZ, 2008); (FEIJÓ, 2001); (NASCIMENTO, 2000); (KHOURY, 1988) e (SALLES, 2005).

citado aqui, é um autor que oferece muitas informações e alusões sobre as notícias da Revolução Russa nesta imprensa e sobre estes jornais, um historiador que é conservador, no posicionamento político e na produção historiográfica, pois, de fato, apresenta um grande volume de informações, mas com pouca análise (BATALHA, 2007, p. 150). No entanto, ainda temos outro artigo de grande contribuição do pesquisador e cientista político Marcos Del Roio, que reflete bastante a respeito destas mudanças no movimento operário, com o advento revolucionário russo e como a classe trabalhadora reagiu nestes anos:

De março de 1917 até março de 1920 (basicamente o período de duração da revolução socialista internacional e da insurgência operária), a classe operária brasileira combateu contra o capital, pelo reconhecimento como força de trabalho organizada dentro de um mercado determinado, exigindo sua afirmação como força social autônoma e antagônica à ordem e, ao mesmo tempo, uma legislação restritiva da exploração desenfreada. Longe do discurso libertário e revolucionário, a vanguarda anarcossindicalista do jovem proletariado multiétnico ousava dar lições de “civilização” a uma classe dominante acostumada ao secular poder escravista e senhorial. (DEL ROIO, 2003, p. 71).

Dessa forma, Del Roio explica que todo o desenvolvimento da revolução socialista internacional, mas em particular a Revolução Russa, exerceu um forte efeito “catalizador” nas lutas do movimento operário brasileiro, contudo, ao mesmo tempo em que criava divergências e oposições, conforme as notícias foram ficando mais claras (DEL ROIO, 2003, p. 72). Porém, este foi um processo lento, e referindo-se a fundação do PCB libertário de 1919, o autor salienta a importância desta mutação do ponto de vista da história das ideias políticas das esquerdas no Brasil: “(...) *Eram os primeiros passos de uma longa e tortuosa cisão e transmutação ideológica no seio da intelectualidade vinculada ao movimento operário no Brasil*” (DEL ROIO, 2003, p. 79).

É importante mencionar que o PCB de 1919, foi fundado por delegados de Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Alagoas, os mesmos estados abarcados nesta pesquisa. E que o Grupo Comunista do Recife, fundado em janeiro de 1922, foi articulado por Antônio Bernardo Canellas, que militava no Nordeste, e que viu no bolchevismo uma variante do sindicalismo revolucionário, que deveria ser adaptado a situações concretas. E o fato de Abílio de Nequete ter sido escolhido como dirigente principal do PCB de 1922, justamente ele que tinha ajudado a fundar a mais antiga organização de inspiração na Revolução Russa: a União Maximalista de Porto Alegre, de 1918 (DEL ROIO, 2007, p. 228-229; 231-232). Estas informações são importantes porque envolvem os principais nomes e organizações que

estavam relacionadas e/ou influenciaram os jornais que trabalhamos, portanto, são elementos que incidiram sobre as notícias da Revolução Russa nas fontes aqui destacadas.

Capítulo 3.

A repercussão da Revolução Russa na imprensa dos anarquistas brasileiros

3.1. Ecos de Outubro

O povo russo, num impeto de revolução verdadeiramente popular há poucos dias, acaba de dar ao mundo o exemplo mais grandioso e digno de ser observado por todos os angulos da Terra e acompanhado no desdobramento dos seus ideais.

Parece mesmo que na atual emergencia, quando, afogando-se em sangue o Velho Continente, neste periodo mais agudo de loucura de destruir os esforços de tantos seculos de trabalhos e grandezas acumuladas, e num monstruoso contraste, redundou nesta presente calamidade em vez de paz, elle, o povo russo, desloca-se do conjunto infernal para retomar a verdadeira trajectoria para onde se destinam os povos.⁴⁹

O início deste artigo de Gracindo Alves já expressa toda a admiração que a revolução na Rússia causou entre aqueles que estavam envolvidos na imprensa, particularmente nos jornais ligados a movimentos políticos e operários. Para ele, naquele momento, ainda antes da revolução de outubro, o povo russo já tinha dado o maior exemplo a todo o mundo com uma “revolução verdadeiramente popular”, e que o deslocou para “a verdadeira trajetória para onde se destinam os povos”, um caminho que era também de oposição e protesto às loucuras de destruição da guerra mundial, ao qual “afoga-se em sangue o Velho Continente”. Gracindo Alves era, ao que tudo indica, um dos anunciantes e, portanto, um colaborador de *A Semana Social*, escrevendo neste jornal e também divulgando na *Alfaiataria Gracindo*.⁵⁰

Os temas contidos nesta primeira parte da análise das fontes, foram agrupados na seção batizada de *Ecos de Outubro* porque se referem a textos onde se expressam grande atração e surpresa pelos acontecimentos revolucionários na Rússia desde o seu início, onde

⁴⁹ Artigo assinado por um alfaiate, chamado Gracindo Alves, no periódico operário anarquista de Maceió, capital de Alagoas: *A Semana Social*, “A Revolução Russa”, ano 1, nº 12, 14/07/1917, p. 03.

⁵⁰ Ver: (SALLES, 2005, p. 47). Na mesma edição citada acima de *A Semana Social*, em sua segunda página, encontramos um pequeno anúncio desta alfaiataria assinada pelo mesmo autor.

transparecem as “representações” da Revolução Russa que viram neste evento um grande e importante sinal de profundas mudanças nos rumos do mundo, e, particularmente, os sentidos deste “sinal” entre os trabalhadores. É certo que algumas das fontes reunidas nesta parte, podem ter sido produzidas não nos anos iniciais desta pesquisa, sendo manifestações mais tardias de simpatias para com o processo revolucionário russo, em momentos em que este assunto já ganhara outras polêmicas e discussões nos meios militantes. Ou ainda, encontramos textos que não são completamente favoráveis ao “país dos soviets”, como certas opiniões estrangeiras no primeiro tema: *Publicação de documentos, relatos e entrevistas especiais*, onde encontramos traduções de textos oficiais do governo e líderes soviéticos e documentos muito interessantes. O segundo tema – *Os Soviotes e as “visões” da revolução* – se dedica ao assunto destes conselhos populares russos, como os militantes anarquistas entenderam este fenômeno e um panorama geral das “visões” e “representações” que os jornalistas da imprensa social tiveram sobre a Rússia naqueles anos. Finalizando a primeira parte, encontra-se o interessante tema *“As notícias da Rússia e as difamações contra a revolução”*, que disserta sobre as críticas que os jornalistas operários e anarquistas fizeram contra a grande imprensa e as agências internacionais sobre as notícias da Revolução Russa, portanto, trata-se da análise militante da imprensa e dos meios de comunicação da época, os “ombudsman da revolução”, “críticos da imprensa” ligados às camadas populares e ao movimento dos trabalhadores. É claro que esta divisão é arbitrária e que algumas fontes podem possuir características em comum dentro destas temáticas, mas este foi um recurso para analisar os elementos mais evidentes e os assuntos mais correntes nesta imprensa.

3.1.1. Publicação de documentos, relatos e entrevistas especiais

Este tópico contém muitos textos interessantes, entre documentos, relatos e matérias que envolvem supostas versões de pessoas de várias posições políticas e sociais que visitaram pessoalmente a Rússia revolucionária, ou também de personalidades de dentro da Rússia. Aqui reunimos desde documentos oficiais, entrevistas jornalísticas e artigos de autores conhecidos internacionalmente, que apresentaram notícias e informações do que acontecia na Rússia e suas polêmicas, e que possuíram, portanto, certa “singularidade” dentro dos jornais que estudamos, pois devido à própria natureza destes textos, sendo informações que provinham de pessoas de fora do Brasil, o tratamento editorial foi muitas vezes diferenciado,

seja em sua posição de destaque dentro do jornal, ou por conter explicações adicionais preparados pelo grupo editor. Esse tipo de artigos e matérias sobre a Revolução Russa, apareceu um pouco mais tardiamente na imprensa anarquista, e aos poucos, sendo mais abundantes conforme os anos foram transcorrendo, o que pode demonstrar um crescimento do interesse sobre os acontecimentos na Rússia, conforme a revolução foi se desenvolvendo.

O jornal anarquista dos trabalhadores de estabelecimentos comerciais no Rio de Janeiro, *O Cosmopolita*, foi o primeiro a apresentar este tipo de matéria, alguns meses depois da queda do czar, e que nos surpreende e chama a atenção pelo fato de se referir a anarquistas que se insurgiram contra o governo provisório, e que tomaram o palácio de *Durnovo*, na capital do país. No final, apesar de ser a publicação de um telegrama em uma coluna fora de qualquer seção, e de segunda página, o editorial lamenta a falta de espaço para incluir os comentários explicativos deste telegrama. Trata-se de uma entrevista que um jornalista estadunidense de nome de *J. W. Shepherd* – ao qual não obtemos informações – realizou com estes anarquistas, indicando Petrogrado em 25 de junho de 1917, em que se destacam as ideias destes anarquistas em relação a guerra mundial e aos acontecimentos do país:

Dezajando investigar-lhes o pensamento acerca das idéas gerais, perguntei-lhes o que julgavam eles da guerra.

--- Que os diabos a levem, retorquiram. Temos aqui uma guerra maior em que nos empenharmos, a guerra contra os capitalistas.

--- Mas, afinal, sois a favor da paz em separado?

--- Favorecemos toda a especie de paz, mas isso pouco importa, porque é bem possivel que sejamos todos mortos aqui, logo que o governo peça o aussilio das tropas para nos atacar; e morreremos todos, porque não somos covardes.⁵¹

O jornal não explica quem era este jornalista e para quem ele trabalhava, um episódio envolto em mistérios e silêncios, comum, como constataremos, em muitas histórias narradas nestes tipos de fontes. Entretanto, algumas informações nos chamam a atenção, como a oposição à guerra mundial e o entendimento de que o combate ao regime capitalista, no interior da Rússia, é mais importante naquele momento do que a própria guerra, e que alguns anarquistas daquele grupo eram também norte-americanos que aparentemente foram expulsos de seu país. Na época indicada nesta matéria (25 de junho de 1917), a Rússia passava por uma nova ofensiva militar contra a Alemanha preparada pelo governo de Kerensky, a chamada

⁵¹ *O Cosmopolita*, “Um telegrama interessante”, ano 2, nº 14, 15/07/1917, p. 02.

ofensiva de 18 de junho, que foi também realizada devido a pressão econômica e política dos países aliados contra o governo provisório, para que a Rússia cumprisse os compromissos contraídos pelo czar. A pequena burguesia que apoiava o governo provisório tinha a esperança que este novo ataque fosse o suficiente para obter a paz com os alemães, um ataque acompanhado de campanhas patrióticas contra a agitação das massas influenciadas pelas campanhas bolcheviques, por isso, no telegrama indicado, o jornalista *Shepherd* pergunta se os anarquistas eram a favor “*da paz em separado*”. Tal ofensiva se mostrou um fracasso, e a Rússia logrou mais uma séria derrota, o que acelerou a decomposição do exército czarista e resultaram nas chamadas “jornadas de julho”, assim, instaura-se uma nova crise no país com manifestações contra o governo provisório promovidas inclusive pelo próprio exército, e apoiado por bolcheviques mais radicais e anarquistas.⁵²

No mês seguinte, o periódico *A Plebe* de São Paulo publica um artigo em que afirma que a revolução em marcha na Rússia deve ser defendida tanto dos inimigos externos, quanto dos inimigos internos. Neste texto, o editorial aponta que esta preocupação foi inclusive expressa em extratos de “jornais maximalistas”, onde se teme tanto a ação do imperialismo internacional, os grupos reacionários internos e as intrigas diplomáticas, quanto o “ministerialismo socialista”, referindo-se aos socialistas moderados que compunham o governo provisório. Por esta razão, o jornal explica que o *Conselho dos Delegados dos Operários e Soldados* na Rússia, por meio da sua seção das relações internacionais – e em face da entrada de delegados deste conselho no ministério e suas repartições – sentiu a necessidade de publicar uma declaração, datada de 11 de junho de 1917. Assim, segue-se o início com as primeiras duas declarações:

1º Os ministros socialistas foram enviados pelo Conselho ao governo provisório revolucionário com o mandato preciso de alcançar a paz por meio de um acordo entre os povos, e não de prolongar uma guerra imperialista em nome da libertação das nações pelas bayonetas;

2º O objectivo final da participação dos socialistas no governo revolucionário não é a cessação da luta de classes, mas pelo contrario a sua prolongação por meio de poder político. [...].⁵³

Ao que tudo indica, estas declarações partem de um órgão revolucionário na

⁵² Sobre a ofensiva de 18 de junho ver: (TROTSKI, 2007, p. 27). E sobre as jornadas de julho Cf.: (FERRO, 1974, p. 68-69).

⁵³ *A Plebe*, “Ao redor da epopeia russa: avanço ou recuo?”, ano 1, nº 11, 25/08/1917, p. 04.

Rússia, um Soviete de Operários e Soldados – documento oficial expedido internacionalmente –, contudo, como a matéria anterior de *O Cosmopolita*, poucas informações são fornecidas pela redação do jornal paulista, como as fontes que eles utilizaram para apresentarem estas matérias e quem fez as traduções. No entanto, aqui o grupo de Leuenroth já indica pistas como “jornais maximalistas” e também um “jornal francês”, ainda que não comente se são indicações diretas ou não, e na publicação deste documento – que é possível que se refira ao Soviete de Petrogrado – se expressa a questão da “dualidade de poderes”, entre os sovietes e o governo provisório. Esta questão revela-se no documento acima, quando o “Conselho” se justifica de enviar os ministros socialistas ao governo, justamente com o objetivo de pressioná-lo para obter a paz, e não de “*prolongar uma guerra imperialista*”. Essa atitude, assim, de inserir a “*participação dos socialistas no governo revolucionário*”, procurava ampliar a “*luta de classes*” por meio de um “*poder político*” junto ao governo. As polêmicas em torno da guerra mundial na Rússia daquele momento – declaração datada de 11 de junho – foi um dos assuntos mais delicados nesta “dualidade de poderes” dentro do país. Trotsky comenta os impasses desta dualidade, em que ou a burguesia se apoderava totalmente do aparelho de Estado e suprimisse os sovietes, ou os sovietes constituiriam as bases do novo Estado, liquidando as classes que se serviam do aparelho antigo, solução esta, segundo ele, defendida pelos bolcheviques e rejeitada pelos mencheviques e socialistas revolucionários (TROTSKY, 1977, p. 190).

O ano de 1917 ainda registrou na imprensa anarquista a publicação de mais um documento, em *O Debate* do Rio de Janeiro, no seu último número antes de ser fechado com a decretação do estado de sítio daquele ano. Nesta ocasião, o impresso carioca expõe uma grande nota antes do documento, explicando que se trata de uma carta de Lênin, ao qual eles extraíram de um periódico de Lisboa em Portugal – chamado *A Sementeira*. Não sabemos que jornal era este, possivelmente era operário, mas isso é um indício das fontes de comunicação e informações de que *O Debate* possuía (veremos que era comum a imprensa militante se utilizar de outros jornais como fontes sobre a Rússia, principalmente europeus). Ainda nesta nota da redação, os editores esclarecem que esta carta foi endereçada aos socialistas suíços, em que Lênin deixa claro os propósitos do seu partido na revolução russa, e que esta matéria serve para contrapor as calúnias da imprensa “*aliadófila*” a respeito de Lênin, de que ele estivesse a serviço do dinheiro alemão.⁵⁴ Assim, destacamos os seguintes trechos:

⁵⁴ Os editores de *O Debate* referem-se nesta ocasião a grande imprensa, ou seja, “*aliadófila*” por esta imprensa defender a posição dos aliados na guerra mundial.

“A garantia unica contra o estabelecimento do despotismo czarista está na organização e armamento do proletariado russo. Só o proletariado russo e europeu que se conservou fiel á bandeira internacional revolucionaria é que póde libertar a humanidade da brutal violencia desta guerra européa”.

[...]

“No n. 47 do “Social-democrata”, respondemos abertamente ás perguntas que nos foram feitas sobre o que faria o nosso partido, si alcançasse immediatamente o poder: Dissemos: 1º Offerecer a paz a todos os povos belligerantes; 2º Propor a proposito as seguintes condições: a) proclamação immedita da independencia das colonias; b) libertação dos povos oprimidos, com restituição dos seus direitos. Dariamos o exemplo immediato, libertando os povos oprimidos pelos grandes russos.”⁵⁵

Como indicam os colaboradores de *O Debate*, esta carta de Lênin foi endereçada aos suíços, quando ele partia da Suíça para a Rússia, depois da queda do czar. Possivelmente trata-se de um dos inúmeros textos de Lênin antes da revolução de outubro, mas publicado na folha carioca às vésperas desta segunda revolução. Além de defender o povo armado contra o “despotismo czarista” e a união de todos contra a guerra mundial, Lênin, citando ao que parece ser um jornal do próprio partido, defende a proposta da paz e a proclamação “imediate da independência das colônias”. Além de estas declarações serem polêmicas na opinião pública da época aqui no Brasil, pois a proposta da independência das colônias pelos socialistas russos foi um assunto embaraçoso nas relações internacionais, o que para os editores de *O Debate* era algo que demonstrava que Lênin era uma personalidade bem distinta das calúnias da “imprensa aliadófila”, estas são propostas que particularmente encontravam ressonâncias na doutrina anarquista. A questão da “autodeterminação dos povos” de Lênin, a sua defesa da autonomia nacional dos povos “*oprimidos pelos grandes russos*” que foi mencionada, partem de discussões dentro da teoria socialista. Lênin, assim como Marx e Trotsky, partia da ideia do internacionalismo proletário para pensar a questão nacional, ele percebe o elo entre o objetivo internacionalista e os direitos nacionais. Lênin partia da concepção – que também foi compreendida por Marx – de que apenas a liberdade de separação é que torna possível uma livre e voluntária união e fusão entre as nações. Isto é, só o reconhecimento do movimento operário da nação dominante do direito a autodeterminação da nação dominada, permite eliminar o ódio e a desconfiança entre os oprimidos, e unir os proletários das duas nações no combate comum contra o capitalismo e a burguesia (LOWY, 2007, p. 163-164). A questão da liberdade de separação para uma união voluntária, sempre foi enfatizada pelo anarquismo, onde também encontramos a ideia de que a solidariedade entre os

⁵⁵ *O Debate*, “Os factos do exterior: uma carta programma de Lenine”, ano 1, nº 15, 27/10/1917, p. 09.

oprimidos e explorados “só pode nascer do livre acordo, da harmonização espontânea e desejada dos interessados” (MALATESTA, 2000, p. 29).

Durante o ano de 1918, as matérias desta natureza continuaram sendo poucas, lembremos que este foi um ano difícil para a imprensa anarquista, pois ela enfrentava as restrições do estado de sítio instaurado desde o ano anterior, e os jornais *O Debate*, *A Plebe* e *A Semana Social* tinham saído de circulação por pressão política. Assim, apenas um dos jornais aqui pesquisados registrou matérias especiais sobre a Rússia naquele ano, mais uma vez *O Cosmopolita* do Rio de Janeiro. Nesta ocasião, nos seus últimos números, a redação deste jornal publica em destaque nas primeiras páginas a narração de uma testemunha da revolução na Rússia, e na sua primeira parte, um redator do jornal identificado como “Avila”, explica que eles vão expor, fielmente traduzido pelas próximas semanas, o relato de uma poetisa e jornalista francesa chamada *Marylie Markovitch*, e que na verdade é o pseudônimo de *Madame Amelie de Nery*. Avila também informa que o título desta matéria é o mesmo do livro lançado por esta jornalista, de onde foram extraídos os extratos de seu relato. Acrescenta também que ela é uma dama da alta sociedade, íntima da “Corte Russa e da elite burguesa”, portanto, suspeita para “nós”, dando a entender também como “nós”, além dos editores, os “camaradas”, leitores do jornal. Dessa forma, indicando Petrogrado em 17 de março de 1917, poucos dias após a abdicação do czar, destacamos estes pontos do relato:

[...] Confiando pouco no valor do *papel* depois da guerra, os “novos ricos” se apressavam em dissipá-lo nos jogos imediatos. E era de ver, então, como eles afrontavam o povo com o seu luxo insolente e às vezes criminoso. (Eu diria: -- sempre criminoso.).

Nunca se viram acircular pelas ruas tantos automoveis, nem tantos diamantes a faiscar nos colos das mulheres. Os teatros regorjitavam de espetadores. Uma orjia perene tervia nos restaurantes da moda. Pagavam-se 100 rublos por uma garrafa de *champagne* (200 francos); e os convivas divertiam-se a derrama-lo em ondas...

[...]

Durante esse tempo a fome se anunciava ameaçadora.

Não que faltassem à Rússia os elementos necessarios à sua subzistencia; mas a impericia governamental, o sistema de *veziatka* levado ao cumulo, a avidez insaciavel dos açambarcadores e provaveis convivencias com o inimigo entravavam o seu abastecimento. [...].⁵⁶

No número seguinte de *O Cosmopolita*, que daria sequência a este relato, os editores do jornal explicam que por motivos de problemas técnicos não puderam publicar a

⁵⁶ *O Cosmopolita*, “A Revolução Russa (vista por uma franceza)”, ano 3, nº 36, 20/07/1918, p. 01.

continuação deste texto, mas que ele vai voltar no número seguinte, nesta nota, porém, eles revelam que esta versão foi traduzida por “U. d’Avila”, o colaborador do periódico mencionado acima. É provável que Avila – que não sabemos quem é, visto que este pode ser um pseudônimo – tenha tido acesso e traduzido direto do francês o livro desta autora, já que ela existiu e seu livro foi publicado em 1918, contando sobre os seis meses que ela passou na Rússia em 1917.⁵⁷ É curioso que nesta edição ele tenha destacado um momento da narração em que mostra o contraste entre a vida de opulência dos ricos, que se beneficiavam com a guerra na Rússia, e a maioria da população que passava por problemas de abastecimento, justamente numa época (julho de 1918) em que as populações mais desfavorecidas do Rio de Janeiro também passavam pela carestia de vida, como já comentamos, às vésperas das greves insurrecionais do fim do ano. Os relatos de *Marylie Markovitch* voltam nos outros dois números seguintes, e o jornal dá destaque aos trechos que narram os conflitos nas ruas de Petrogrado que depuseram o czar, retrocedendo ao dia 7 de março do relato, e publicado num momento em que as insatisfações populares no Rio também aumentavam:

[...] A’ altura de Nossa Senhora de Kazan, vejo uma turba enorme e ouço gritos. No bond todos se ajitam. Cada qual procura ver, atravez as vidraças ainda foscas por um resto de neve, o que se passa lá fóra. Eu pergunto:

--- Que será?

--- São os operários das usinas Poutiloff que se declararam em grêve e reclamam pão. Acabam de fazer uma manifestação á Duma.

Sob essa apparencia de grêve, a revolução russa começava... Quazi simultaneamente, interrompe-se o curso aos bonds; cavaleiros galopam á direita e á esquerda da linha; chegam os Cossacos, fuzil ás costas e na mão o sabre. Acima da populaça se destaca o penacho negro dos cavalarianos policiaes. Os grevistas passam serios e dignos, acompanhados da polícia. Segue-os uma multidão lançando aos ares repetidos “hurrahs”.

Deixo o bond para misturar-me com o povo.

Nenhuma desordem. Dir-se-ia um dia de festa.⁵⁸

E no número adiante, agora no dia 8 de março de 1917, no relato de *Markovitch*, e apenas dois dias depois do incidente da greve da Cantareira em Niterói, em 7 de agosto de 1918, quando a polícia entrou em conflito com soldados de um batalhão do exército que se solidarizaram com os grevistas, *O Cosmopolita* publica mais um fragmento, na sua última edição em que tivemos acesso, sobre um fato ocorrido na avenida Newsky de Petrogrado:

⁵⁷ Não conseguimos obter nenhuma informação sobre *Marylie Markovitch*, porém sabemos da existência deste livro em: <<http://books.google.com.br>>. Acesso em: 09 de maio de 2012.

⁵⁸ *O Cosmopolita*, “A Revolução Russa (vista por uma franceza)”, ano 3, nº 38, 03/08/1918, p. 01.

Por toda a parte o povo se acumula, gritando: “Pão! pão!”.

Cenas de um patenismo grandioso se desenvolvem quasi a cada passo. Um batalhão do regimento da Guarda Semionowsky recebeu ordem de “varrer” a Perspectiva Newsky. Ao chegar esbarra com outro do regimento de Volhinsky que abraçara a causa do povo... Os dois batalhões se defrontam. Um grande fremito ajita a multidão. Que se passará? E de repente nós assistimos a esta coisa extraordinária: o velho oficial que comandava os soldados da Guarda empenhou-se nos estribos e dirigindo-se a seus homens: “Soldados, não posso ordenar que atireis contra vossos irmãos! sou, porém velho de mais para faltar ao meu juramento! E, sacando do revolver, mata-se. Seu corpo foi envolto numa bandeira e seus comandados se passaram para o lado do povo.”⁵⁹

Não foi por mera questão de acaso que os editores de *O Cosmopolita* decidiram publicar estes trechos ardentes do relato, em que o exército tomava a causa do povo na Rússia, e transparece a dignidade da luta operária, e a autora até deixa o bonde para “misturar-se com o povo”. Ainda mais considerando que este último número foi publicado logo após o episódio da greve da Cantareira, ocasião esta inclusive em que um documento comprometedor endereçado a Astrojildo Pereira, e que tinha o telefone do *Centro Cosmopolita*, de onde partia este jornal, e que Astrojildo também colaborava, falava sobre os combates na greve de Niterói. Trata-se de uma carta descoberta pela polícia, e assim Astrojildo foi detido para depor (DULLES, 1977, p. 65). Devemos também comentar que esta terceira parte do relato só não foi publicada na primeira página, como as outras, porque a capa do jornal já estava inteiramente dedicada à greve de Niterói, em que os editores até chamaram de “cossacos” a força policial que entrou em choque com o 58º Batalhão do exército que defendia os grevistas. Portanto, a identificação com a Rússia revolucionária foi forte entre os militantes sindicalistas de *O Cosmopolita*, influenciados por um contexto onde os conflitos sociais no Rio de Janeiro se intensificavam.

A partir do ano de 1919, a quantidade de matérias especiais sobre a Rússia aumentou, o que também pode indicar que as informações sobre a Revolução Russa na mídia da época também se intensificaram. Novos jornais anarquistas foram criados em 1919 – recordemos que este ano foi o ápice das ondas de greve no Brasil e da organização operária – e o importante semanal anarco-sindicalista de São Paulo, *A Plebe*, é relançado e volta à ativa em nova fase. E assim, logo no seu primeiro número, este periódico publica um apelo que *Máximo Gorki* lançou aos trabalhadores do mundo, e no início do texto, o editorial afirma ser este apelo datado de 1º de dezembro de 1918, mas nenhuma outra informação é dada:

⁵⁹ *O Cosmopolita*, “A Revolução Russa (vista por uma francesa)”, ano 3, nº 39, 10/08/1918, p. 02.

Estamos convencidos que a nossa grande obra nos dê o direito a sympathia e a ajuda dos proletarios de todo o mundo e de quantos já antes da guerra criticavam de modo aspero os erros e os defeitos do systema capitalista.

Se esta crítica era justa deve-se hoje reconhecer-nos o direito de formarmos uma vida nova, segundo aquellas regras que julgamos úteis e indispensáveis. E os operarios que sintam o interesse de resolver o grande problema social, teem o dever de oppor-se áquelles que tentam recompor o velho regimen social que a Revolução russa com torrentes de sangue russo abateu.⁶⁰

Máximo Gorki (1868-1936) foi um famoso escritor, romancista e ativista político russo, e durante os anos iniciais da revolução, Gorki foi uma das personalidades russas mais comentadas e presentes na imprensa brasileira, ao lado de Kerenski, Lênin e Trotsky (BANDEIRA, 1980, p. 95). Poucos trechos podem ser lidos desta fonte, devido as suas precárias condições, mas o apelo de personalidades e autoridades russas à identificação da revolução de seu país para com a causa dos trabalhadores de todo o mundo, foi uma constante do período, que podemos identificar em nosso material. Devemos lembrar, que acima da demagogia das fraseologias das doutrinas revolucionárias, a Revolução Russa simbolizou, antes de tudo, um movimento dos pobres e oprimidos contra as injustiças dos poderosos (HILL, 1967, p. 164). Assim, também em difíceis condições de leitura, no próximo número, o periódico paulista publicou um fragmento de uma carta que Lênin endereçou aos trabalhadores da “América do Norte” (Estados Unidos), indicando apenas ser datada de 28 de agosto de 1918, do qual destacamos:

Os capitalistas americanos recorrem a todos os meios para abafarem a obra da Revolução Russa; mas devem ficar avisados de que a luta revolucionária do proletariado contra todos os regimens burgueses, incluindo as democracias imperialistas mais recentes, é já inevitavel, é incontível, é um facto.⁶¹

Ao fim do mês, *A Plebe* ainda publica mais um documento de um dirigente soviético, em que também transparece o apelo ao “símbolo” da “Rússia soviética”. Diz respeito a uma carta de Tchitcherin, outro bolchevique que eventualmente aparecia nos noticiários, que era Comissário do Povo para as Relações Exteriores. Esta carta é endereçada aos representantes

⁶⁰ *A Plebe*, “A Revolução Russa: um appello de Maximo Gorki aos trabalhadores do mundo”, ano 2, nº 01, 22/02/1919, p. 02.

⁶¹ *A Plebe*, “Carta aberta de Lenine aos trabalhadores da América do Norte”, ano 2, nº 02, 01/03/1919, p. 03.

dos “países neutros”, que protestaram contra o “terror vermelho” imposto aos burgueses na Rússia, texto que também encontra-se em precárias condições, assim destacamos:

[...] O Governo dos Soviets poderia diexal-a sem resposta, si isso lhe parecesse melhor; mas o Governo dos Soviets aproveita com satisfação todas as oportunidades, que se offerecem, para êxpor claramente, as massas populares de todos os paízes, a natureza de seus fins; pela simples razão de que elle não representa somente a classe trabalhadora da Russia, mas também todos os explorados do mundo.⁶²

No próximo número, *A Plebe* publicou uma importante matéria que foi a tradução de partes de uma carta do capitão Jacques Sadoul, membro da Missão Militar da França na Rússia, matéria esta que foi mencionada no livro “*O Ano Vermelho*”, e que os autores afirmam ser uma tradução do próprio jornal de Leuenroth (BANDEIRA, 1980, p. 202). Neste livro, os autores enfatizam uma passagem em que Sadoul elogia os bolcheviques, mas esta matéria é um pouco extensa, já que partes desta carta são intercaladas com explicações do grupo editorial, que afirmam que suas transmissões telegráficas suscitam “inimigos poderosos e temíveis contra o integro oficial”. Sadoul acusa a agressão ao poder dos Sovietes pelos imperialismos “germano-franco-ingles-japonês”, e deixa a entender o quanto as suas declarações desagradam muitos nos meios diplomáticos. Destacamos as impressões que o capitão francês teve da reconstrução de um país com a revolução, e a fé em uma nova sociedade:

Sob as espantosas ruínas accumuladas durante dez mezes de destruição systematica das fórmas sociaes burguezas, *começando verdadeiramente a apparecer os potentes germens de uma nova organização*, que dentro de alguns annos produzirá todos os seus fructos. Mas, desde já, em todos os campos – administrativo, militar, economico, – o trabalho creador realizado é imenso. Seria deshonesto e louco negal-o.⁶³

Aqui no Brasil, quando os relatos de Sadoul foram impressos em *A Plebe*, a solidariedade internacional da militância operária estava em grande efervescência, pois as

⁶² A Plebe, “O ‘martyrio’ dos burgueses na Russia”, ano 2, nº 05, 22/03/1919, p. 02.

⁶³ A Plebe, “A nova Russia: A grandiosidade do trabalho creador realizado pela Revolução”, ano 2, nº 06, 29/03/1919, p. 02-03.

lutas revolucionárias na Rússia, Alemanha e Hungria, que ocorriam naquela época, ocupavam grande atenção da esquerda anarquista, a par destas experiências distantes e dos problemas sociais do Brasil. Dessa forma, podemos identificar uma “perspectiva revolucionária” no comportamento editorial de *A Plebe* deste momento, com a publicação dos vários telegramas que vinham da Europa (BANDEIRA, 1980, p. 201). E quanto a *Jacques Sadoul*, ele faz parte dos comunistas e simpatizantes ocidentais, comentados por Marc Ferro, que influenciará as primeiras representações do “regime dos soviets”, análises e testemunhos de quando os soviets ainda possuíam um poder de fato (FERRO, 1984, p. 62-63). A doutrina revolucionária bolchevique na Rússia, pressupunha uma hostilidade a todos os governos capitalistas, e com isso houve o boicote contra o novo regime de todas as embaixadas das potências Aliadas, e o capitão Sadoul foi o primeiro funcionário de um governo Aliado enviado para estabelecer relações amistosas com o novo regime (CARR, 1973b, p. 36).

No número seguinte, foi publicada mais uma notícia especial sobre a Rússia que se enquadra nestes relatos de testemunhas ocidentais, um artigo de *Alberto Willians*, um pastor protestante norte-americano que esteve na Rússia, e que segundo o editorial escreveu no jornal “*Forward*” (Avante!), de Boston, pelo nome um jornal operário. Devido à posição deste autor (um pastor), os editores afirmam ser este um relato mais imparcial:

Qual é a base do lealismo para com os soviets? O soviet é uma organização estatal simples, que os operários e os camponeses estão em condições de compreender. [...] Eles deram a terra aos camponeses e aos operários a fiscalização das oficinas. Mas, mais que tudo, deram a liberdade ao povo e um sentimento da consciência humana, um instrumento com o qual os camponeses e operários podem trabalhar para os seus próprios fins. Com os soviets as massas conquistaram o poder político, e as massas julgam que os soviets funcionam bem.⁶⁴

A admiração pelos soviets pelo jornal era grande e no mesmo número, para desmentir as calúnias contra a Rússia, eles incluíram partes da tradução de uma carta de *Alexandre Berkenheim* – o anarquista russo emigrado junto com Emma Goldman – a respeito do estado de Kropotkin na Rússia. O jornal informa que esta carta foi publicada no “*Cambridge Magazine*” de Londres do dia 15 de fevereiro daquele ano, e que na ocasião Berkman era vice-presidente do Comitê Central da União Pan-Russa das Cooperativas de Consumo:

⁶⁴ *A Plebe*, “A Rússia nova: Evidencia-se a força dos soviets”, ano 2, nº 07, 05/04/1919, p. 02.

[...] Pediu-me elle transmittir a seus amigos da Inglaterra as suas mais vivas recordações e de lhes dizer que todas as noticias espalhadas sobre os varios tormentos soffridos por elle, na Russia, não têm o minimo fundamento.

[...]

Eu posso dar testemunho de que Kropotikine goza da maior estima e consideração em todos os meios russos, sem nenhuma excepção”.⁶⁵

O periódico *A Plebe* continuou publicando várias matérias especiais sobre a Rússia durante aquele ano, dando poucos indícios de suas fontes e redes de comunicações. Outros documentos oficiais importantes apareceram no meio do ano, como a publicação de um manifesto de Tchitcherin, de 20 de abril, dirigido aos trabalhadores de todos os países, em especial ao “proletariado da Entente”:

“Os operarios e camponeses russos, os primeiros a sacudir o jugo capitalista, pedem-vos exerçais pressão sobre os vossos governos para os impedir de estrangular a revolução popular na Russia.”⁶⁶

Em seguida houve uma publicação polêmica – que segundo uma nota da redação no final – é a tradução de um manifesto da *República Socialista Federativa dos Soviets da Rússia*, preparado pelas autoridades bolcheviques e distribuídas às tropas dos Aliados que combatiam na Rússia:

De que lado estais vós?

Dos trabalhadores

ou dos capitalistas?

Os povos do mundo não estão divididos por nacionalidades, mas por classes.

Que communs interesses tendes vós com os patrões?

Mesmo que elles sejam vossos conterraneos, pertencendo a mesma rãça. deixarão elles de explorar o vosso suor? Evitará, esse facto, que elles vos façam trabalhar o maior numero de horas possivel, pelo menor salario possivel? – Não, de modo nenhum.⁶⁷

A identificação da Revolução Russa como sendo o levantamento inicial dos

⁶⁵ *A Plebe*, “Kropotkine: desfazendo calumnias”, ano 2, nº 07, 05/04/1919, p. 03.

⁶⁶ *A Plebe*, “Contra a intervenção na Russia: um novo appello de Tchitcherine”, ano 3, nº 19, 28/06/1919, p. 03.

⁶⁷ *A Plebe*, “Aos soldados de todo o mundo”, ano 3, nº 20, 05/07/1919, p. 02.

trabalhadores do mundo contra o capitalismo, e o reconhecimento da divisão por classes da sociedade como uma realidade mais profunda do que as das “nacionalidades”, foram elementos presentes na ideologia comunista, que proclamava a supremacia da moral proletária, esta que por sua vez, se apoiava na concepção da *luta de classes* como um fato histórico. Concepções que foram expressas, também, na inauguração da 3ª Internacional em 1919, portanto, estes elementos são bem presentes em documentos oficiais de autoridades russas nesta época. Contudo, estas ideias a respeito da ética proletária na luta de classes não nasceram na Revolução Russa e nem mesmo no *Manifesto Comunista* de Marx e Engels, e era um credo muito vivo também entre sindicalistas e anarco-sindicalistas (COLE, 1961, p. 28). Com isso, o que levou os anarquistas brasileiros a se identificarem com a Revolução Russa, é uma questão que envolve muitos fatores, era importante para eles desmentir os boatos a respeito de Kropotkin na Rússia na opinião pública aqui do Brasil, e publicar estes documentos, tratava-se de defender as suas “referências”, os “exemplos” e “modelos” para um movimento operário que estava passando por sua fase de maior combatividade, fazendo expressar a sua “moral proletária” nas lutas pela cidadania contra um Estado oligárquico rude e intransigente.

Dessa forma, a configuração interna do movimento operário brasileiro e o andamento de suas lutas, influenciaram a composição das notícias sobre a Revolução Russa, neste momento conturbado pelo mundo e no Brasil em 1919. A imprensa operária anarquista acompanhou atentamente estes acontecimentos e passou a traduzir, por sua própria iniciativa, vários textos sobre a Rússia (BANDEIRA, 1980, p. 197). Contudo, muitas vezes não há indicações de onde provinham estes textos. As polêmicas internacionais em torno da Rússia, faziam com que este assunto tivesse um atrativo a mais para os anarquistas, que ao publicar estes documentos procuravam ampliar a visibilidade do movimento, antepondo-se à grande imprensa nas discussões e cobertura dos acontecimentos internacionais. Em março de 1919, é formada na Rússia a 3ª Internacional, e com o fim da guerra mundial, foi assinado o Tratado de Versalhes em junho, que tinha tanto o objetivo de enfraquecer a Alemanha, quanto de combater a subversão mundial, simpatizante para com o regime bolchevique, que era visto como alternativo (HOBSBAWM, 1995, p. 38-39).

Assim, um documento importante assinado por Zinoviev – bolchevique importante na História da Revolução Russa e que na ocasião era secretário do Comitê Central Executivo da Internacional Comunista – também foi divulgado no jornal de São Paulo, com duras acusações contra o Tratado de Versalhes:

Os governos, que ha cinco annos desencadearam a guerra mundial de banditismo, entregaram em Versalhes aos representantes da burguesia allemã as chamadas condições da paz. Cada paragrapho daquele tratado é um nó corrediço que estrangula a um e a outro povo. A burguezia dos paizes da Entente quer mutilar a Allemanha.

[...]

A classe operaria alemã, os operarios e communistas de todos os paizes comprehenderão que as condições de paz de Versalhes são um golpe directo ao proletariado internacional e que só poderá ser reparado com as forças reunidas do proletariado de todos os paizes.⁶⁸

Em agosto de 1919, surge o semanário *Spártacus*, cujo próprio nome indicava uma homenagem a *Liga Spartakus* na Alemanha, a ala mais radical dos socialistas na revolução alemã, ao qual Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht pertenciam, depois assassinados com a derrota da revolução em 1919. No seu primeiro número, já encontramos uma extensa matéria na quarta página, mais uma mensagem de Lênin aos trabalhadores americanos, datada de 1918, porém bem maior e diferente da que foi publicada em *A Plebe*, onde destacamos mais uma vez a esperança dos dirigentes russos na revolução em outros países:

Sabemos, companheiros norte-americanos, que a vossa ajuda talvez tarde algum tanto a nos chegar, pois a revolução toma fórmias diversas em cada paiz e não marcha em unísono; [...].⁶⁹

Mais adiante, uma importante transcrição da tradução de uma entrevista radiografada de Trotsky foi publicada, e que segundo o editorial foi feita por um correspondente da United Press em Budapeste, chamado *Edward Bing*, e que um jornal de nome “*Daily News*” de 5 julho divulgou, sendo extraído trechos e tópicos pelo “*L’Humanité*”, jornal francês. Trotsky fala da atitude da Rússia soviética diante dos governos aliados e, sua posição a respeito da guerra e da paz, não indicam a data:

Interrogado sobre a attitude da Russia bolchevista perante os governos aliados, Trotski respondeu:

--- Em média pode dizer-se que o cidadão russo não crê absolutamente que a Russia dos Soviets esteja em guerra com Koltchak, Denikine e as burguezias da Finlândia e da Polonia. Estes grupos são poucos menos que insignificantes e desapareceriam em

⁶⁸ *A Plebe*, “Uma proclamação da Internacional Comunista”, ano 3, nº 21, 12/07/1919, p. 03.

⁶⁹ *Spártacus*, “Mensagem de Lênine aos trabalhadores americanos”, ano 1, nº 01, 02/08/1919, p. 04.

poucos dias, mesmo sem os nossos ataques, si não fossem sustentados pelo estrangeiro. A Rússia faz uma guerra defensiva contra os imperialismos de Inglaterra, de França e dos Estados Unidos.⁷⁰

Em alguns números adiante, os anarquistas no Rio de Janeiro imprimem na primeira página, mais uma declaração de Trotsky, desta vez um artigo escrito por ele indicando Moscou em março de 1919, e que o grupo editorial de *Spártacus* afirma em nota – na edição do número anterior – que este artigo foi escrito na ocasião da Conferência Comunista de Moscou e publicado na imprensa francesa. Neste texto o líder russo fala sobre as mudanças no mundo com a guerra mundial, cita a importância da 3ª Internacional e destaca-se a sua fé na revolução europeia e na missão internacionalista da Rússia:

A revolução na Alemanha, na Austria, na Hungria, a propagação do movimento dos Soviets e da guerra civil, assinalada pela morte de mártires, de Karl Liebknecht, de Rosa Luxemburg, e de milhares de heroes desconhecidos, provam que a Europa não tem outro caminho a seguir que não seja o caminho aberto pela Russia.

[...]

A classe operaria do mundo inteiro conquistou aos inimigos a mais inexpugnável das fortalezas: a antiga Russia dos czares. E encontrando o apoio, ela arregimenta suas forças para a luta final.

Que imensa felicidade viver e lutar em tal época!⁷¹

Naquele ano, o jornal *Spártacus* continuou publicando documentos oficiais, no entanto, destacamos outros relatos de personalidades importantes. No número seguinte, saiu uma matéria enorme ocupando quase a totalidade da quarta página assinado por *Boris Souvarine*, militante de origem russa que emigrou para a França, e que em 1919, fundou o Comitê de Adesão à III Internacional, participando da fundação do PCF em 1920 e trabalhando na Internacional em Moscou em 1921 a 1924 (SALLES, 2005, p. 200). Souvarine reuniu vários autores e fontes falando da situação cultural da Rússia soviética, entre eles o do capitão Jacques Sadoul, e de jornalistas estrangeiros como *Frazier Hunt*, correspondente do “*Chicago Tribune*”, e o jornalista inglês *Arthur Ransome*. As transformações na área educacional do país são bem destacadas e comentadas, já em 1918. É um artigo que ironiza as calúnias contra os bolcheviques, apresentando várias informações de seus progressos:

⁷⁰ *Spártacus*, “O sovieta russo e o imperialismo aliado: mentiras e hipocrisias”, ano 1, nº 05, 30/08/1919, p. 02.

⁷¹ *Spártacus*, “Grande época”, ano 1, nº 10, 04/10/1919, p. 01.

As diversas faculdades de ciencias estavam reorganizados e o seu acesso facilitado a todo individuo desejoso de instruir-se. Creara-se uma Academia socialista, de cujos cursos se encarregavam sociologos, filosofos e historiadores. Instituiram-se por toda a parte círculos de instrução e cursos nocturnos para adultos, aos quaes o antigo regimen recusara o ensino. Institutos e escolas superiores especiaes eram creados para a formação de uma legião de professores e mestres destinados ás novas escolas.⁷²

De fato, a generalização da instrução obrigatória na Rússia foi uma das tarefas prioritárias anunciadas pelo regime bolchevique, e que impressionou observadores estrangeiros (FERRO, 1984, p. 70). A divulgação deste tipo de notícia sobre a Rússia pela imprensa anarquista brasileira, que tanta preocupação teve com a instrução do trabalhador em um país que oferecia poucas oportunidades educacionais, era um fator a mais nas polêmicas que esta militância travava como os setores dominantes da sociedade. Notícias que atraíram a atenção dos libertários, já que na Rússia, o país em que o povo tomou o poder, parecia que as questões sociais começavam a ser solucionadas. No número seguinte, sai a continuação desta matéria, onde se divulga novas informações:

Em outubro de 1917, havia 23 bibliotecas em Petrogrado e 30 em Moscou. Hoje ha 49 em Petrogrado e 85 em Moscou, sem contar uma centena de centros de distribuição de livros.⁷³

Outro relato de um observador ocidental, que influenciou as primeiras representações da Revolução de Outubro – de quando os soviets ainda não tinham sido burocratizados – foi o do jornalista inglês citado acima, Arthur Ransome, que visitou a Rússia como correspondente do “*Manchester Guardian*” (HOBSBAWM, 1995, p. 72); (FERRO, 1984, p. 62). Em novembro, *Spártacus* publicou um trecho de uma carta sua na segunda página, em que explica o funcionamento e a organização dos soviets, e a sua flexibilidade e correspondência às vontades do povo, assim como suas relações com o governo bolchevique dos Comissários do Povo, um assunto importante para os militantes operários nas discussões sobre democracia, pois o trabalhador tinha pouca participação política na República brasileira:

⁷² Spártacus, “A barbaria bolchevista: a educação, as letras, as ciências, as artes na Republica dos Soviets”, ano 1, nº 11, 11/10/1919, p. 04.

⁷³ Spártacus, “A barbaria bolchevista: conclusão”, ano 1, nº 12, 18/10/1919, p. 04.

A constituição dos Soviets, na sua forma actual, nasceu da pratica que o desenvolvimento do poder democratico revolucionario levou a adotar. Ela tem sido varias vezes modificada, certos órgãos da maquina têm sido reajustados; mas creio que nem os adversarios, nem os partidarios do Governo dos Soviets poderão ôpor objeções sérias a exposição que passo a fazer.

Cada operario, cada camponez, cada trabalhador, na Russia, tem o direito de voto para eleger os membros do Soviet local, composto de um numero de representantes proporcional ao numero de eleitores. Os Soviets locaes escolhem os seus delegados á Assembléa Pan-russa dos Soviets. Esta Assembléa Pan-russa elege a Comissão Central Executiva, á razão mais ou menos de um delegado para cada cinco membros. Esta C. C. E. nomeia, fiscaliza e revoga os Commissarios do Povo, que forma o governo actual; todos os decretos importantes são apresentados á C. C. E. antes de serem promulgados pela Comissão dos Commissarios do Povo.⁷⁴

No fim do ano, porém, os primeiros relatos que abalavam a visão da Rússia como o “país do socialismo” começaram a aparecer na imprensa anarquista, vindos de figuras ligadas, inclusive, ao movimento anarquista. Assim, *Spártacus* reproduz em destaque, na primeira página, a tradução de uma carta que Kropotkin escreveu ao escritor dinamarquês Georg Brandes, indicando Dnitrov, governo de Moscovia, em 28 de abril de 1919. E, de acordo com a nota da redação no início, esta carta foi considerada importante por trazer notícias sobre Kropotkin, suas opiniões sobre a Revolução Russa e também por desmentir notícias da imprensa burguesa sobre seu assassinato pelos bolcheviques, e que esta carta chegou recentemente ao seu destinatário, sendo publicada pelo *Humanité* de Paris, em outubro último, dando indícios das fontes do jornal anarquista carioca:

[...] Os bolchevistas esforçam-se por introduzir, pela dictadura de uma fracção do partido social-democratico, a socialização do solo, da industria e do comercio. Esta transformação que eles procuram realizar é o principio fundamental do socialismo. Infelizmente, o método pelo qual tratam de impor, num Estado fortemente centralizado, um comunismo que lembra o de Babeuf – e paralisando o trabalho conructivo do povo – esse metodo torna o triunfo absolutamente impossivel, preparando-nos uma reação furiosa e perversa. [...]⁷⁵

Mais uma matéria organizada por Boris Souvarine saiu adiante, indicando como fonte o periódico francês “*Journal du Peuple*”. Trata-se de um relato jornalístico sobre o congresso de fundação da Internacional Comunista em março, extraído do livro de Arthur Ransome. A Rússia soviética ainda cativava fortemente o núcleo dos anarquistas de *Spártacus*:

⁷⁴ *Spártacus*, “O que é a Republica dos Soviets”, ano 1, nº 15, 08/11/1919, p. 02.

⁷⁵ *Spártacus*, “Uma carta de Kropotkine”, ano 1, nº 19, 06/12/1919, p. 01-02.

Fui ao Teatro às cinco horas, e encontrei algumas dificuldades para entrar, apesar do meu cartão especial de correspondente.
 Ali estava o Soviet de Moscou, o Comité Executivo, representantes dos Sindicatos e dos Comités de fabricas, etc. O imenso Teatro, inclusive o palco, estava abarrotado...⁷⁶

A partir do fim do ano de 1919, as primeiras cisões e divergências entre os anarquistas brasileiros quanto a Revolução Russa começaram a aparecer na imprensa proletária, conflitos que trataremos mais profundamente em outros temas. Neste contexto, portanto, as dissensões já se fermentavam e esboçavam-se polêmicas em torno da ditadura do proletariado na Rússia entre os anarquistas, que de início não levaram a sério as notícias sobre a repressão dos anarquistas russos transmitidas pelas agências de notícias, algo que só mudou quando os periódicos libertários da Europa aqui chegaram (BANDEIRA, 1980, p. 252-255). Isso coincide também com a época em que começaram a sair nesta imprensa os relatos que divergiam e reprovavam a política revolucionária dos bolcheviques, como a mencionada carta de Kropotkin.

A partir do ano de 1920, as matérias deste tipo diminuem consideravelmente na imprensa anarquista, novos jornais surgem, mas as histórias das lutas na Rússia continuaram chamando a atenção dos editores da imprensa libertária brasileira. E assim, um relato de um soldado italiano chamado *Strumiello Giuseppe*, que combateu os bolcheviques na Sibéria ao lado dos exércitos contra-revolucionários, foi publicado no jornal *A Obra* de São Paulo. Este soldado, depois, segundo o jornal, emigrou da Itália para o Brasil. Matéria esta que foi previamente anunciada pela redação, que em nota, no final, ainda dedica louvores ao povo russo pela sua luta em prol da liberdade. E falando sobre o comportamento do povo russo na Sibéria durante a guerra civil, e as atrocidades que aconteceram, o suposto soldado argumenta:

Em geral manifestavam o seu odio pelos aliados, invocando os bolchevistas.
 Segundo elles, os aliados eram verdugos e ... salvadores os maximistas.
 Á primeira oportunidade, os russos que nos acompanhavam, fugiam, incorporando-se ao exercito vermelho.⁷⁷

⁷⁶ Spártacus, “Como se fundou a Terceira Internacional”, ano 1, nº 20, 13/12/1919, p. 04.

⁷⁷ A Obra, “Acção vandálica das forças aliadas na Siberia”, ano 1, nº 04, 27/05/1920, p. 09.

Entretanto, neste ano ainda saiu outra declaração importante de Kropotkin na imprensa libertária, desta vez em *A Plebe*. Tal matéria, também bem extensa, possui partes polêmicas e foi estampada na primeira página, com uma manchete que diz: “*Um documento historico sobre a revolução e situação na Russia*”. O jornal não cita fontes, nem tradução, nem a data. Kropotkin endereçou uma carta aos trabalhadores ingleses, e neste texto, ele fala bastante a respeito da ideia dos Soviets, no entanto, formula críticas aos bolcheviques desaprovando seus métodos e seus caminhos. Com isso, evidenciamos estes trechos, apesar da sua precariedade:

A imensa obra construtiva exigida por uma Revolução Social não póde ser feita por um governo central [...]. Um tal trabalho exige o saber, o cerebro e a colaboração voluntaria de toda uma massa de forças locais [...]. Afastar essa colaboração e confiar no genio dos ditadores do partido, é destruir todas as uniões profissionais operarias e as organizações cooperativistas de distribuição local – convertendo-as em órgãos burocraticos do partido, como agora se está vendo. Ora isto não é maneira de realizar a Revolução – antes é a fórmula de a tornar impossivel. Eis porque entendo que devo acautelar-vos de seguir uma tal directriz.⁷⁸

No ano seguinte, destaca-se a reprodução de uma carta de *Raymundo Lefebvre*, no jornal *A Vanguarda* de São Paulo. Lefebvre, segundo nota do jornal, foi membro do Partido Socialista Francês, e que aderiu à Internacional Comunista, indo viajar até a Rússia com outros socialistas franceses. Na ocasião desta publicação, a redação informa que Lefebvre havia falecido em um acidente, mas curiosamente destaca-se em seu relato a parte que ele cita sua viagem à Ucrânia, ainda transparecendo um cenário positivo da Rússia, em uma época em que as notícias dos conflitos entre os bolcheviques e makhnovistas, na Ucrânia, já tinham abalado os jornalistas anarquistas do Brasil (DEL ROIO, 2007, p. 229). Contudo, é que naquele ano, ainda perdurou certa “trégua” na publicação de polêmicas entre anarquistas e “bolchevistas” na imprensa operária no Brasil (DULLES, 1977, p. 144):

Volto de uma grande viagem deslumbrante através da Russia do Sul e a Ukrania. Por toda a parte, em todas as aldeias, em todas as cidades, formidaveis multidões humanas vinham acclamar a revolução internacional, a dizer-nos que, apesar de seus soffrimentos, de suas privações e do espanto quotidiano da epidemia de guerra imperialista, não abandonará as armas senão depois do triumpho mundial do communismo [...].⁷⁹

⁷⁸ *A Plebe*, “Mensagem de Pedro Kropotkine aos trabalhadores britanicos”, ano 4, nº 80, 04/09/1920, p. 01.

⁷⁹ *A Vanguarda*, “Em torno da epopeia russa: Os socialistas de França em face do bolchevismo”, ano 1, nº 06, 03/03/1921, p. 01-02.

Kropotkin falece pouco antes, em 08 de fevereiro de 1921, mas uma última entrevista é registrada com o velho anarquista, em um texto assinado pelo codinome “Vilkens”. O texto não traz nenhuma referência de quem ele é e das fontes que o jornal libertário do Brasil se utilizou para conseguir esta entrevista, a única referência é que ela foi feita em dezembro de 1920. Esta entrevista é publicada no semanário paulista de Edgard Leuenroth, *A Plebe*, fonte esta que é, por sua vez, citada na obra de Moniz Bandeira. Entretanto, na obra de Bandeira, temos apenas a transcrição da resposta de Kropotkin à pergunta de qual deveria ser a atitude do proletariado mundial diante da revolução russa: “--- *Sem dúvida alguma, continuar a defendê-la, não tanto com palavras, mas com atos; porque a hostilidade burguesa diminuirá em razão da atitude firme da classe operária. E isso seria igualmente, para o proletariado mundial, uma boa ginástica.*” (BANDEIRA, 1980, p. 261).

Contudo, o que os autores do livro “*O Ano Vermelho*” não explicam, é que na mesma entrevista, em outra pergunta acima, que devido as péssimas condições de leitura do jornal impedem de saber exatamente como a pergunta foi elaborada pelo entrevistador – Kropotkin fala a respeito do governo bolchevique, respondendo de acordo com o texto o seguinte comentário:

“systema impede-os de introduzir na pratica o menor principio de communismo. E, constatando que a obra revolucionária não progride, auguram “que o povo não esta preparado para engulir os seus decretos, que é preciso tempo, desvios”. É lógico: a história das revoluções políticas repete-se. O mais triste é que elles não reconhecem de forma alguma, não querem reconhecer os seus erros. E em cada dia confiscam a massa uma parcella das conquistas da Revolução, em proveito do Estado centralista.”⁸⁰

No último ano de nossa pesquisa, ainda registramos a publicação de um artigo decisivo que já demonstrava uma ruptura total no movimento anarquista daquele momento, saindo alguns meses depois da fundação do PCB. Esse artigo foi assinado pela anarquista russa Emma Goldman, e também foi veiculada pela *A Plebe*, que não explica a origem do texto, nem menciona tradução. Esta fonte é citada na obra de John Dulles, que explica que este artigo de Emma Goldman foi apresentado pela *A Plebe* como uma resposta às críticas que Antonio Bernardo Canellas, já convertido ao comunismo, fez aos relatos de Emma Goldman e Alexandre Berkman sobre a Rússia, censura esta de Canellas que saiu na publicação

⁸⁰ *A Plebe*, “Seis meses na Russia dos Soviets: uma visita a Kropotkine”, ano5, nº112, 09/04/1921, p. 01-02.

Movimento Comunista, periódico dos comunistas do Rio de Janeiro, em junho daquele ano (DULLES, 1977, p. 160-161). E mais do que expressar a sua fé anarquista, como indica Dulles, Goldman expressa a sua interpretação do que ela viu na Rússia:

[...] O povo russo, que sózinho fizera a revolução e que estava decidido a defendê-la a todo transe contra os invasores, estava muito ocupado em todas as “frentes” para poder preocupar-se com o inimigo interno. E entretanto que os operários e os camponeses russos sacrificavam a sua vida com tanto heroísmo, o inimigo interno se desenvolvia maiormente. Lentamente, mas seguramente os bolchevistas iam constituindo um estado centralizado que destruía os “soviets” e suffocava pouco a pouco a revolução; um estado que se pôde comparar hoje, como burocracia e despotismo, com qualquer das grandes potências opressoras do mundo.⁸¹

A maior parte destas matérias referentes a textos vindos do exterior – de pessoas que estiveram na Rússia, de documentos vindos diretamente da Rússia e de entrevistas –, como vimos, não apontam as origens de onde a imprensa anarquista brasileira colhia estas informações. Porém, nas ocasiões em que estas informações eram oferecidas, constatamos que a utilização da imprensa europeia foi intensa, e que foram muitos os intermediários. Como veremos adiante, a publicação destas notícias e informações “especiais” sobre a Rússia revolucionária influenciaram, de certa forma, as discussões sobre a Revolução Russa entre os libertários, sendo que estas “notícias especiais”, já eram as opiniões estrangeiras que tinham sido previamente selecionadas pelos anarquistas.

3.1.2. Os Sovietes e as “visões” da revolução

Mais importante para esta pesquisa do que as opiniões dos anarquistas russos sobre a Revolução Russa é a opinião dos próprios anarquistas no Brasil sobre este evento, e as interpretações dos acontecimentos russos nestes meios militantes. Neste tema, procuramos reunir então uma amostra de nossas fontes que tratam de como a militância operária ligada ao movimento anarquista entendeu os soviets e a revolução na Rússia. Um dos elementos da Revolução Russa que mais chamou a atenção dos anarquistas brasileiros foi o fenômeno dos *soviets*, entre outros motivos por ter sido uma criação espontânea do povo russo, que em um

⁸¹ A Plebe, “Como o bolchevismo matou a Revolução Russa”, ano 5, nº 191, 23/09/1922, p. 04.

momento de crise nacional buscou criar organizações próprias para enfrentar os seus problemas cotidianos e urgentes, e nós vimos como o movimento operário aqui no Brasil também buscou improvisar suas próprias organizações nesta mesma época, para tentar superar suas dificuldades. Os *Soviets* impactaram o pensamento anarquista brasileiro, que viram estes “conselhos” como “uma grande experiência libertária”, enxergando na Revolução Russa o início de uma revolução mundial que “abririam as portas da anarquia”. E esta visão, esta *representação* da Revolução Russa, marcada por uma profunda esperança em suas tendências libertárias, está em íntima conexão com as interpretações e identificações nutridas em relação aos soviets. Dessa forma, este tema possui grande interesse e pertinência para o estudo do pensamento político operário e anarquista, sob os impactos da Revolução Russa.

Um dos primeiros artigos na imprensa libertária deste gênero saiu no paulistano *A Plebe*. O autor deste texto não é especificado, e localiza-se numa coluna de segunda página, intitulada “*Arrebol da Liberdade*”, e traz um resumo de subtítulo. O artigo comenta a política dos partidos socialistas na revolução e, a “influencia decisiva” do “Conselho de operários e soldados” na Rússia. Traz ainda um trecho de uma carta de Jean Grave – famoso militante anarquista francês – a respeito da Rússia, e que demonstra toda a sua admiração pela sua revolução. E concordando com o anarquista francês, *A Plebe* expressa uma de suas interpretações da Rússia revolucionária naquele momento:

Folgamos de nos encontrar com Jean Grave no mesmo jubilo ante a revolução e seu possível desenvolvimento interno e influencia exterior.
Parece que a revolução já apagou, dentro da Russia, algumas divergencias entre revolucionarios sociaes. Se vier a propagar-se, é provavel que noutras partes produza muitas reconciliações. A acção tem desses effeitos salutaes. [...].⁸²

O autor deste artigo entende, pelas declarações de Grave, que diz que na Rússia a massa “*pretende organizar-se a si mesma*”, que a revolução naquele país apagou “*divergencias entre revolucionarios sociaes*”, o que pode produzir em outras partes “*muitas reconciliações*”. O autor desconhecido ainda acrescenta adiante, que apesar das últimas discordâncias com Grave, ele confia na sua sinceridade, referindo-se ao fato de Grave ter apoiado a posição de Kropotkin no início da guerra mundial, a favor dos aliados, pois estes anarquistas pensavam que a vitória do imperialismo alemão, que era um exemplo de

⁸² *A Plebe*, “A grandiosa epopeia russa”, ano 1, nº 04, 30/06/1917, p. 02.

autocracia na Europa, seria ainda mais prejudicial à causa da liberdade (WOODCOCK, 2007, p. 245-246). A ação dos soviets russos resumia o entendimento do processo, e assim vislumbrou-se uma possível reconciliação entre as doutrinas sociais do socialismo.

Alguns dias depois, no artigo já citado de Gracindo Alves no jornal de Maceió, encontramos uma opinião a respeito da Rússia que, apesar de transparecer a influência do anarquismo, também revela uma flexibilidade de posicionamento atípica dentro da teoria e tradição anarquistas, que por sua vez não admitem nenhum governo:

E é provável que ella seja mais que republicana, a julgar pelos telegrammas mais recentes.
Falla-se de uma Russia socialista e tudo nos faz crer que hoje, mais do que nunca, o problema da emancipação seja comprehendido e posto em pratica – ainda mesmo a começar por socialismo de Estado, que já é um passo para a frente, se bem que não seja tudo.
Esperemos, pois.⁸³

Para este autor, o “socialismo de Estado” “já é um passo a frente”, ainda que não seja tudo, colocando a experiência russa num meio termo entre as expectativas e premissas das teorias socialistas. No final do ano, aparece outro artigo na imprensa anarquista e sindicalista, desta vez em *O Cosmopolita* no Rio de Janeiro, que é um exemplo significativo da “visão” e leitura libertária que esta imprensa fez da Revolução Russa. Assinado com o pseudônimo de *Virjilio Korkeis*, numa coluna de primeira página, o autor menciona a luta entre os partidários de Kerensky e os maximalistas – referindo-se possivelmente a revolução de outubro – e também a intervenção estrangeira na Rússia. Assim, destacamos os seguintes trechos:

Os combates que se travam entre partidarios de Kerensky e os maximalistas, nada dizem sobre a solução que terá a Revolução. São lutas de uns que querem governar e de outros que querem impedir a organização de qualquer governo, de cujos atos possam rezultar a aclimação das coletividades.
[...]
Mas a presença daqueles embaixadores, dentro de breves dias deixará de ter motivo pela cessação de “negocios”. As nações intervêm na Revolução da Russia porque essa Revolução é o inicio da derrocada de todos os governos.⁸⁴

⁸³ *A Semana Social*, “A Revolução Russa”, ano 1, nº 12, 14/07/1917, p. 03.

⁸⁴ *O Cosmopolita*, “A Revolução na Russia”, ano 2, nº 21, 15/11/1917, p. 01.

A esperança anarquista, de que a revolução na Rússia seria o início do fim de todos os governos, se apoia, também neste caso, no entendimento de que os maximalistas queriam “*impedir a organização de qualquer governo*”, que possa acalmar o povo, ou seja, “*resultar a aclimação das coletividades*”. Este é um exemplo também dos diversos mitos que a Revolução Russa suscitou na opinião anarquista brasileira, que gerou confusões, pois os bolcheviques preconizavam o poder dos soviets na medida também em que o seu partido pudesse os controlar (FERRO, 1984, p. 61).

Em inícios de 1918, *O Cosmopolita* oferece mais exemplos das imagens que os anarquistas brasileiros tinham da Revolução Russa, desta vez com artigos assinados por Astrojildo Pereira. O primeiro consiste de um apelo lido aos anarquistas que participaram de uma assembléia realizada no Rio de Janeiro, em 20 de janeiro, assembléia esta que resultou na formação da *Aliança Anarquista do Rio de Janeiro*, de que já comentamos. Neste apelo, Astrojildo conclama os anarquistas a se prepararem para o que for preciso, pois o momento em que vivem é de grande importância:

E alguém haverá ainda, de olhos tão fechados, que não veja o que vai pelo mundo?...
A não falar na revolução russa – fundamentalmente econômica na sua origem e nos seus fins, acentuadamente libertária nos seus meios e processos e na sua direção – a não falar na revolução russa, que veio salvar o mundo [...].⁸⁵

Para Astrojildo, a Revolução Russa aparece como sendo “*fundamentalmente econômica*”, em sua origem e fins, além de ser “*acentuadamente libertária*”, nos seus meios, processos e direção. Esta interpretação anarquista da revolução se deu devido a identificação para com a ação dos soviets na Rússia, pois para o anarquismo, a autogestão da sociedade pelos trabalhadores era o caminho para a emancipação econômica do proletariado, quando os meios de produção se tornarem propriedade coletiva das associações operárias produtoras, tanto industriais como agrícolas (GUÉRIN, 1968, p. 62). A fé na primazia das mudanças econômicas na revolução socialista, ao contrário da importância dada ao poder político, à conquista do poder, pela tradição do “socialismo autoritário”, é uma característica do socialismo libertário que vem desde Proudhon (WOODCOCK, 2007, p. 129).

Em alguns números adiante, outro artigo de Astrojildo Pereira na primeira página, na ocasião de um ano da queda do czar, analisa a história do primeiro ano da Revolução Russa;

⁸⁵ *O Cosmopolita*, “Apelo aos anarquistas”, ano 3, nº 26, 01/02/1918, p. 02.

um texto que apresenta atualização com as informações sobre o evento, e que continua vendo esta revolução como “anárquica”, por sintetizar as aspirações populares, inclusive entendendo que os bolcheviques suprimiram o poder autoritário:

[...] Os massimalistas defendiam a paz imediata, a expropriação da propriedade territorial e industrial, a dissolução de todo poder compressor e autoritário. Na essência, um programa anarquico, que sintetizava velhas aspirações populares debatidas através de dezenas e dezenas de anos do mais rude batalhar social que a história registrará. [...].⁸⁶

Pouco depois surge o jornal *A Luta* em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, periódico em que a Revolução Russa teve grande destaque. Logo no seu editorial de apresentação, os editores destacam os acontecimentos internacionais mais importantes daquele momento, dando ênfase a guerra mundial e a revolução na Rússia (BARTZ, 2008, p. 64). As fontes de *A Luta* que utilizamos já foram citadas no estudo de Bartz (2008), porém, alguns detalhes interessantes sobre a interpretação anarquista da Revolução Russa nestes textos não foram trabalhados. Frederico Bartz salienta que, no primeiro número, em artigo sem autoria intitulado “Russia”, há a preocupação de desmentir a grande imprensa em relação aos maximalistas russos, e a comparação desta revolução com a Revolução Francesa (BARTZ, 2008, p. 64-66). No entanto, ainda recortamos uma passagem que revela como este jornal enxergou os bolcheviques:

A burguezia mundial representada legitimamente pela sua imprensa, admirou-se dos Homens que derrubaram Kerensky, – o substituto da dynastia Romanoff, o ultimo representaate da burguezia na Russia; admirou-se de ver gigantes surgirem da Plebe, como Minerva do cerebro de Jupiter, e não poudo conter a raiva; ejaculou sobre elles os mais infames epithetos, simplesmente porque não eram burguezes, porque eram operarios de blusa e mãos callozas, e principalmente porque eram anarchistas.⁸⁷

De fato, os bolcheviques, ala majoritária do Partido Social Democrata Russo, como já apontamos, era um partido operário e boa parte de seus militantes eram operários. Mas o entendimento de que eles eram anarquistas, é uma evidencia, no movimento anarquista

⁸⁶ O Cosmopolita, “A Russia Revolucionaria: um ano depois”, ano 3, nº 29, 25/03/1918, p. 01.

⁸⁷ A Luta, “Russia”, ano 12, nº 01, 28/03/1918, p. 03.

gaúcho, das confusões que o movimento operário mundial teve em relação ao bolchevismo, e, sobretudo, demonstra a forma como o movimento anarquista quis enxergar a revolução.

Ainda no mesmo número, um artigo comovente contra a guerra mundial e enaltecendo a Rússia revolucionária, que saiu da guerra e propôs a paz – motivo de grande glória para o internacionalismo proletário –, foi publicado, e que é apenas citado no trabalho de Bartz (BARTZ, 2008, p. 66). Este texto, curiosamente assinado sob o pseudônimo de *Maximiliano Guerra*, indica Porto Alegre como local, e revela, em tom bem emotivo, o quanto a Rússia cativou militantes e grupos que tinham forte expressão antimilitarista e antibelicista, temas que eram caros para o movimento anarquista:

O gésto onnipotente da patria de Tolstoi e Kropotkine, previsto pelo extraordinario Emilio Zola, no Trabalho, foi uma prescrição da Historia, o vulto providencial de uma Ideia que se levantou na alma de um povo, sacudindo por terra os decrepitos e infames altares de Moloch!

A Russia revolucionaria não interpretou sómente uma lição que a luta lhe inspirara, sinão que também proferiu no maior gesto que um povo é capaz de imprimir á face da sua historia – a sentença heroica de morte a um mundo intoleravel, a qual a alma moderna inscreveu nos codigos de sua moral de fraternidade, livre de convenções e principios quaesquer.

A Russia, desthronando os Tzares, redimiou seu povo, – e foi grandiosa; a Russia, declarando guerra ao mundo, luta pela emancipação humana – é heroica, é generosa e é sublime!...⁸⁸

O fato de citar os nomes de Kropotkin e Tolstói como referências libertárias da Rússia revolucionária indica a identificação da Rússia com a causa do pacifismo, principalmente ao lembrar o nome de Tolstói, que influenciou grupos de anarquistas pacifistas e foi referência antimilitarista no movimento libertário (WOODCOCK, 2007, p. 265). Ainda mais, se lembrarmos de que os termos em que o governo soviético fundamentou abertamente os propósitos de paz, inclusive no acordo de paz de Brest Litovsk com os alemães, iniciada ainda em dezembro de 1917, alguns meses antes desta publicação, eram embaraçosos para todos os países beligerantes, pois, além de exigir a autodeterminação dos grupos nacionais, incluía o repúdio a qualquer anexação ou reparação de guerra (HILL, 1967, p. 114).

No próximo número de *A Luta*, que devido a sua irregularidade só foi sair em maio, foi publicado um artigo assinado com o nome de *Helio Fulgente*, que compara o socialismo alemão com o socialismo russo. Segundo Bartz, esse artigo pode demonstrar ressonâncias da

⁸⁸ *A Luta*, “O momento perante a historia e o internacionalismo”, ano 12, nº 01, 28/03/1918, p. 04.

disputa sindical local, que ocorria em Porto Alegre naquele ano de 1918, onde os anarquistas estavam em plena ofensiva contra a influencia de sindicalistas moderados no interior da FORGS, e a divulgação das notícias sobre as disputas entre os socialistas europeus revelam, portanto, os “ecos” destes conflitos (BARTZ, 2008, p. 69-71). Como já explicamos, este jornal foi refundado para defender a Revolução Russa, em um contexto em que os anarquistas atacavam os socialistas no movimento operário gaúcho, sendo assim, ele oferece também vários exemplos de como estes anarquistas imaginaram este evento:

Surgiu então no solo moscovita o verdadeiro socialismo operário, baseado na justiça e no trabalho, e do qual é a burguezia natural e figadal inimiga por verem abolidos os seus privilegios de exploração.

Esse socialismo que fez a Revolução Social na Russia, proclamando os direitos do trabalhador, chama-se ali maximalismo (programma maximo) é o verdadeiro socialismo libertario e, consequentemente operário.⁸⁹

Mais uma vez, os acontecimentos revolucionários na Rússia são interpretados sob um ponto de vista anarquista, vendo neles o “*verdadeiro socialismo libertario*”, identificado como o “*maximalismo*”. Na verdade, os anarquistas no Ocidente confundiram os bolcheviques com os “maximalistas”, que era a antiga ala ultra-esquerda dos *socialistas revolucionários*, que era ideologicamente próximo aos anarquistas (FERRO, 1984, p. 124). Contudo, ainda lembremos, que no contexto de plena revolução e guerra civil na Rússia, o governo bolchevique pouco fez sobre o socialismo, e que declarar o controle operário sobre a administração do país, foi por um selo oficial ao que já vinha acontecendo desde o início da revolução (HOBSBAWM, 1995, p. 69-70).

Astrojildo Pereira, nas páginas do tablóide que editou sozinho no Rio de Janeiro, afirmou mais uma vez, em agosto, que a Revolução Russa, que apenas estava começando, era libertária, por isso que ela atraiu a hostilidade da burguesia do mundo:

(...) É natural que as burguezias do mundo, ante o espectro temeroso da revolução social iniciada na Russia, organizem a reação, lançando mão, para isso, de todos os meios, desde a calunia, a mentira, o confuzionismo, até á intervenção armada. Isso constitui mesmo uma prova de que a revolução russa é uma verdadeira revolução libertaria contra o atual sistema burguez, de propriedade e autoridade...⁹⁰

⁸⁹ A Luta, “O socialismo alemão e o socialismo russo”, ano 12, nº 02, 01/05/1918, p. 02.

⁹⁰ Cronica Subversiva, “Começando, apenas...”, ano 1, nº 10, 03/08/1918, p. 02-03.

Na última edição de *A Luta*, Abílio de Nequete, sob o pseudônimo de *Maximo Evidente*, refere-se a Revolução Russa como “*Revolução Maximalista*”, pois em nota o autor afirma que esta é uma revolução de toda a humanidade e não só da Rússia, e que vai atingir todos os países. A visão de que a experiência russa pertencia a todo o mundo neste texto é comentado por Bartz, assim como a observação de que as representações desta revolução correspondiam a realização das esperanças libertárias neste jornal, por isso, o que se escreveu sobre a Rússia, não foi uma ruptura com o paradigma anterior da tradição anarquista, que destacavam, por exemplo, o antimilitarismo e a solidariedade dos trabalhadores (BARTZ, 2008, p. 66-67). Dessa forma, recortamos uma passagem que corresponde mais aos ideais anarquistas do autor, de “*renegar todo sistema de governo*”, do que a realidade e as intenções do governo bolchevique, quando Nequete refere-se que a Revolução Maximalista:

Calcando aos pés a religião sob todos os aspectos (que tinha por objectivo sustentar propriedades, direitos de governo, de raça, de nacionalidade, de casta, de classe, etc.) faz com que cada qual, livre de toda opressão possa estudar e pensar – como melhor entender.

Renegou todo systema de governo, para que ninguém seja coagido fazer aquillo que não estiver de accordo com sua propria natureza.⁹¹

No ano de 1919, a empolgação com a Rússia, por parte da imprensa anarquista, continua tendo um grande interesse ainda pelos soviets. Logo no começo deste ano foi publicado em *A Plebe*, um artigo de Afonso Schmidt, indicando Santos em fevereiro, fonte esta já citada e reproduzida na íntegra (BANDEIRA, 1980, p. 357-359). Artigo de destaque de primeira página, com conteúdo forte e bem enfático, que fala de como vai ser o mundo com o advento do maximalismo, e entendendo a formação dos soviets de um ponto de vista tipicamente anarquista, por meio da “*livre federação*”:

Não teremos o Estado como representante dos interesses de uma minoria dominadora e rapace, mas a livre federação das entidades administrativas, ou soviets, como expressão e synthese de todas as actividades individuaes e collectivas, que deverão ser independentes, visto que não haverá mais nenhuma tyrannia economica.⁹²

⁹¹ *A Luta*, “O nosso dia se aproxima...”, ano 12, nº 03, 14/10/1918, p. 03-04.

⁹² *A Plebe*, “A onda vermelha que se avoluma e avança”, ano 2, nº 02, 01/03/1919, p. 01.

Em julho deste ano, também em *A Plebe*, saiu uma convocação partindo da *Federação Operária* que conclamava o povo a um protesto contra a intervenção dos “Estados burgueses” contra a Rússia e a Hungria, e que tal manifestação se reuniria no largo da Sé, tendo a participação das várias associações operárias e inclusive do *Partido Comunista* (referindo-se ao partido de 1919):

Compreendendo bem que estavam lutando para defender unicamente os interesses e privilégios dos capitalistas, os trabalhadores da Rússia e da Hungria realizaram a Revolução Social, destruindo o regime burgues e implantando a sociedade comunista. Romperam as cadeias da escravidão moderna, conquistando a sua completa emancipação.⁹³

A ideia deste texto, de que, na Rússia, os trabalhadores tinham implantado a “*sociedade comunista*”, conquistando a “*completa emancipação*”, além de ser uma interpretação anarquista do evento, também demonstra que, nesta época, a própria palavra “anarquia” começa a ser substituída pela palavra “comunismo” no discurso militante, uma influência direta da Revolução Russa (CHACON, 1965, p. 317). E a concepção de que na Rússia se realizou a “*Revolução Social*” parte do entendimento anarquista da revolução. Para o anarquismo, todas as revoluções que tinham ocorrido até então tinham sido “revoluções políticas”, apesar de seus progressos, pois se apoiaram numa classe privilegiada para triunfar, representando os seus interesses exclusivos. Já a revolução anarquista se pretende uma “revolução social” porque objetiva a emancipação política, econômica e social de todo o povo (BAKUNIN, 2006, p. 53-54). Esta “revolução social” propunha a expansão máxima das personalidades individuais, em que o movimento natural de cada um não seria obstruído, num contínuo desenvolvimento da vida material e espiritual (PIOZZI, 2006, p. 180).

Alguns dias depois, no mesmo jornal paulista, foi divulgado um artigo curioso e interessante a respeito dos soviets na Rússia, assinado pelo nome de “*um jagunço vermelho*”:

Precisamos valorizar o Soviet, torná-lo conhecido, pois ele é a célula mãe da próxima transformação social. Sem ele toda a revolução será nula e contraproducente, porque o Soviet acaba com o estado centralizador e despótico, salvando assim o grande princípio libertador e igualitário da revolução socialista.

⁹³ *A Plebe*, “Aos trabalhadores – ao povo”, ano 3, n° 22, 19/07/1919, p. 04.

A ditadura proletaria poderá ser um accidente transitorio e occasional; a systematização, porém, de um mundo novo não sera possível sem o soviet, que fracionou o poder social a todos os individuos e substitue o decreto dos dictadores pelo livre accordo entre os interessados em restabelecer a harmonia na vida das collectividades.⁹⁴

O autor do texto que se denomina como um “jagunço vermelho”, num sentido de “jagunço”, talvez, em referência a um seguidor de “Canudos”, como um opositor da ordem republicana, porém, “vermelho”, por ser simpatizante do comunismo, entende aquela nova instituição criada com a revolução russa como uma célula para a nova sociedade socialista. Para ele, só o soviete é capaz de acabar com o “*estado centralizador e despótico*”, e salvar assim o princípio igualitário e libertador da revolução. Acredita que os soviets fracionaram o poder social e, que são compostos pelo “*livre acordo entre os interessados*”. A importância da experiência revolucionária dos russos para a discussão do pensamento revolucionário dos anarquistas brasileiros, naquele momento, foi até ao ponto de anarquistas como o “jagunço vermelho” – que defende uma organização que é típica entre as propostas anarquistas, o “livre acordo entre os interessados” – admitir que o polêmico tema da ditadura proletária possa ser um “*acidente transitório e ocasional*”.

É importante pensarmos a respeito do impacto e da importância que artigos como este do “jagunço vermelho” tinham ao serem publicados por um órgão da imprensa operária naquele momento, e no caso *A Plebe* de São Paulo, que já naquela época era considerada uma das maiores representantes da imprensa anarquista no Brasil. Para estes jornalistas militantes – que muitas vezes eram trabalhadores – e para os próprios trabalhadores leitores – ao qual constituía o alvo principal destas publicações – as notícias de que na Rússia o povo trabalhador foi capaz de dirigir a sociedade e o país, confirmando a possibilidade de realização prática das propostas de transformações sociais defendidas também pelo anarquismo, soavam no mínimo como algo desafiador. Ainda mais considerando a sociedade paulistana daquela conjuntura – que com a memória recente da grande greve de 1917, e ainda enfrentando as ondas grevistas de 1919, via uma crescente tensão entre as classes trabalhadoras urbanas e o patronato industrial e fabril.⁹⁵

⁹⁴ *A Plebe*, “Pelo Soviet!”, ano3, nº 24, 02/08/1919, p. 02.

⁹⁵ A respeito da já comentada ondas de greves que atingiram o Brasil naquele ano de 1919, que talvez tenha sido o ano em que tenha se alcançado o clímax das lutas sociais do período, registrando só em São Paulo cerca 37 grandes greves, pode-se consultar: (BANDEIRA, 1980, p. 167-168). E também: (FAUSTO, 1977, p. 161), que menciona inclusive uma paralização no mês de maio na capital paulista que chegou a mobilizar 45.000 trabalhadores.

Podemos constatar esta polêmica desafiadora em torno da questão dos sovietes na sociedade brasileira por aqueles tempos ao averiguarmos que neste mesmo artigo, mais adiante, o autor se esforça em descrever a organização dos sovietes, assim como os seus sucessos, o seu desempenho e resultados, buscando legitimar a experiência da organização da sociedade pelos trabalhadores:

O Soviet precisa saber quanto é necessario produzir para que o necessario não falte a ninguém.
 Por isso, ha um soviet em cada quarteirão, em cada fabrica, em cada empreza de transportes, em cada armazem. Ha o soviet das classes productoras, como ha o dos consumidores.
 O soviet do bairro cuida da questão dos alojamentos e da policia das ruas: limpeza e segurança. O soviete da fabrica preocupa-se com o movimento interno, da divisão do trabalho, da collocação do produto.⁹⁶

Com o surgimento do jornal *Spártacus*, novas manifestações do movimento anarquista, a respeito dos sovietes e do que acontecia na Rússia, foram publicadas. Ainda no mesmo mês, um militante que se identificou como *Roberto Feijó* – do qual nós não obtivemos mais informações – afirma que o termo “ditadura proletária” foi inventado pela burguesia, demonstrando talvez certo desconhecimento das discussões do socialismo marxista e “estatal”, porém apresentando um entendimento próprio do processo. Ele afirma que não é isso o que se passa na Rússia maximalista, assim, destacamos as seguintes passagens:

O que ha na Russia dos *soviets* é, simplesmente, o predomínio de uma classe, o predomínio da classe trabalhadora na direção geral do paiz. Ora a isto não se pode, em boa razão, chamar dictadura. Dictadura é o governo de um ou de poucos, todos os poderes e todas as forças reunidos nas mãos de um só homem, ou de um grupo de homens. [...].
 [...] Mas o que esta constituição nos diz é que todos os cargos publicos, na Russia, são o resultado da livre vontade dos trabalhadores reunidos nos seus respectivos *soviets*. [...].⁹⁷

O fato de mencionar o predomínio da classe trabalhadora na direção geral do país talvez demonstre conhecimento de pontos da constituição soviética já conhecida entre os

⁹⁶ A Plebe, Ibidem.

⁹⁷ *Spártacus*, “Dictadura proletaria”, ano 1, n° 05, 30/08/1919, p. 02.

libertários do Brasil, devido, por exemplo, a já citada brochura de Leuenroth, *O que é Maximismo ou Bolchevismo*. De qualquer maneira, no final, o autor diz aceitar o termo “ditadura” e de que esta ditadura é a única que é justa, pois: “*É a dictadura dos homens do trabalho sobre todos os velhacos e ociosos deste mundo*”.⁹⁸ A experiência soviética pôs em revisão as teorias socialistas, Roberto Feijó enxergou o novo governo sob um olhar anarquista, como o “*resultado da livre vontade dos trabalhadores reunidos*”, e a “ditadura do proletariado”, conceito fundamental do marxismo-leninismo, era entendida desde Marx como uma forma de governo, em que o proletariado iria assumir muitas das tarefas até então executadas pelo Estado (MILIBAND, 1988, p. 111).

No fim do ano, outros textos importantes para este tema foram impressos. Temos exemplos significativos do entusiasmo e da excitação que os acontecimentos na distante Rússia causaram nas reflexões e interpretações da realidade dos ativistas libertários aqui do Brasil, como um artigo de *Fernando Rosalba*, colaborador este que não temos informações:

Os ultimos reveses dos exercitos bolchevistas, dos paladinos da Justiça, são coisas insignificantes que em nada modificarão a atitude dos pioneiros, e que de modo algum farão esmorecer a fé dos operarios, milenarmente escravizados, nem a tenaz e impiedosa campanha de difamação, nem a força conluiada dos exercitos capitalistas conseguirão extinguir a labareda purificadora do idealismo moscovita. Operarios! Povo trabalhador! Servos da gleba! – Aprendei a venerar os vossos irmãos russos, que são os grandes redentores da humanidade que sofre e que tem fome! Eles são as unicas almas verdadeiramente grandes e audazes que ainda foi dado ao mundo rotineiro e egoista procriar! Aprendei com eles o espirito de sacrificio e o entusiasmo santo dos heroes!.⁹⁹

Fernando Rosalba se refere ao movimento revolucionário na Rússia, que naquele momento completava já três anos, como uma “*labareda purificadora*”, e o povo russo, como os “*grandes redentores da humanidade*”, uma representação da revolução como sendo a salvação da humanidade. Destaca-se, também, entre estas representações “heroicas” da revolução um artigo de José Oiticica, onde fica evidente que a revolução socialista na Rússia e a organização dos soviets, com seus conselhos de operários, soldados e camponeses, foi um evento que empolgou, cativou e excitou o imaginário, também, de militantes que possuíam uma maior bagagem intelectual de conhecimento da doutrina anarquista e que continuariam, mesmo depois da fundação do PCB, se declarando como anarquistas. Assim, até este

⁹⁸ Spártacus, *Ibidem*.

⁹⁹ Spártacus, “Do bolchevismo”, ano1, nº14, 01/11/1919, p. 03.

momento, a Rússia apresentava-se como a concretização do “*comunismo anárquico*”:

[...] Foi mistér esclarecer a grande massa de trabalhadores, destruir-lhes na consciência o respeito ao dogma, o pavor do inferno, a reverencia ao rei e ao amo, sobretudo revelar aos salarizados militares, aos soldados e marinheiros, que a sua libertação, como a libertação dos salarizados civis, dependia da união de todos, numa causa única. [...]

[...] A obra decisiva da revolução russa foi demonstrar isso aos salarizados e no momento da ação converter a idéia numa fórmula pratica, instituindo o *Conselho de operários e soldados*. [...]

[...] O comunismo anarquico nos vem trazer essa fraternidade, mudando o regimen de *concorrença* em regimen de *cooperação*.

Só um milagre poderia impedir hoje essa transformação. E os milagres são do tempo antigo.¹⁰⁰

A Revolução Russa inspirou esperanças para as concretizações utópicas das tendências que havia dentro do movimento operário, e concepções de como os novos conceitos e ideias vindas da experiência russa iriam se relacionar com as tendências existentes no Brasil, como atesta o artigo de *Manuel Ribeiro*, militante não identificado. Tal texto demonstra preocupação com esta questão, justamente na época que as primeiras notícias vindas do exterior sobre a repressão bolchevique começavam a aparecer:

[...] O fim do bolchevismo e do soviétismo é arrancar o poder á burguesia, é destruir as raízes da grande arvore secular; é desbravar o caminho ao sindicalismo e á anarquia; é, em resumo, fazer precipitar a revolução social. O sindicalismo é o trabalho, o labôr, a riqueza material: é o pão. O anarquismo é a evangelização do bem, do amor e da virtude: é a paz. Bolchevismo, maximalismo significam ação revolucionaria para a conquista daqueles alvos. [...].¹⁰¹

Para Manuel Ribeiro, o objetivo do “bolchevismo” e do “soviétismo” é a “anarquia”, e consequentemente, a “revolução social”. Ele cita o anarquismo e o sindicalismo, justamente para responder as dúvidas dos militantes ligados a estas tendências, salientando que o bolchevismo e o maximalismo apontam para os mesmos fins. A confusão dos anarquistas sobre o que acontecia na Rússia, foi grande nesta época. Em *A Plebe*, alguns dias antes, saiu um artigo assinado com o nome de *Alexandre Guerra*, comemorando o segundo aniversário

¹⁰⁰ Spártacus, “A revolução russa”, ano 1, nº 15, 08/11/1919, p. 01.

¹⁰¹ Spártacus, “Definições: bolchevismo, anarquismo, sindicalismo...”, ano 1, nº 18, 29/11/1919, p. 01.

da Revolução de Outubro, e que alimentou uma visão da Rússia como um “paraíso socialista” para os anarquistas. Contudo, esse artigo foi divulgado em um número extra desse jornal em novembro, pois recordemos que *A Plebe* foi empastelada pela polícia em outubro de 1919, portanto, esta “imagem” da Rússia é fortemente influenciada pelos acontecimentos e dificuldades recentes que esta folha passava, onde transparece os problemas do movimento operário do Brasil, além, é claro, de não corresponder, como vimos, ao que vinha acontecendo com os anarquistas na Rússia:

[...] Hoje, apenas na Russia fluctúa a bandeira vermelha e libertadora plantada sobre os destroços do regimen burguez. Apenas na Russia, a burguezia não canta como aqui. Apenas na Russia não ha deportações de anarchistas; não ha empastellamento de jornaes; não ha proibições de comícios; não ha prisões de libertarios. Apenas na Russia o povo sacudiu o jugo do capitalismo, abolindo o regimen da exploração, da imoralidade e da fome. [...].¹⁰²

No início de dezembro, mencionamos, na seção anterior que foi publicada em *Spártacus*, uma carta de Kropotkin ao escritor dinamarquês Jorge Brandes, carta polêmica que divulgou as primeiras críticas sérias ao regime bolchevique, vinda de uma figura muito respeitada do movimento anarquista internacional. Nesta mesma edição, na mesma página ao lado, saiu um artigo de José Oiticica que comenta esta carta de Kropotkin. Oiticica lembra que o escritor anarquista russo sempre se dedicou muito as questões da organização anárquica, e, portanto, do funcionamento das “comunidades livres”, e diante desta carta, ele revela uma “opinião geral” dos anarquistas que já se difere radicalmente das primeiras representações que viram o maximalismo como sendo libertário:

Por isso, como todos os anarquistas, ele sabe muito bem que o bolchevismo está longe ainda de realizar a sociedade anárquica. Assinala mesmo que a sua constituição e o seu funcionamento são, até certo ponto, opostos ao que se ha de fazer, pois toda a ação dirigente concentrou-se num poder ordenador, mandante, com pouca atividade deliberativa nas comunas.¹⁰³

E mais adiante, depois de argumentar que as dificuldades da Rússia se devem a guerra,

¹⁰² *A Plebe*, “O 2º Anniversario da Revolução Russa”, 22/11/1919, p. 02.

¹⁰³ *Spártacus*, “O que são”, ano 1, nº 19, 06/12/1919, p. 01.

civil e a invasão estrangeira, que naquele momento estava em seu auge, Oiticica “reformula” a opinião dos anarquistas quanto à Revolução Russa:

A organização verdadeiramente soviética, anarquista, só virá depois da vitória decisiva do proletariado em toda a Terra.
E todos os anarquistas estão de acordo nesse modo de encarar a formidável obra da revolução russa.¹⁰⁴

Assim, na mesma edição, Manuel Ribeiro volta a escrever e discutir sobre o “sovietismo”, ou seja, a organização dos soviets – que, como para Oiticica acima, é uma “*organização verdadeiramente anarquista*”. Com as novas notícias vindas do exterior, os soviets e os ideais anarquistas tinham que ser defendidos, e também a necessidade de responder as inquietações que começavam a transparecer no movimento operário:

O sovietismo, que é hoje na Rússia um regime de facto posto em pratica por um partido socialista avançado, e apoiado em todo o mundo por legiões de socialistas, anarquistas e sindicalistas, precisa ser debatido e esclarecido. A discussão impõe-se. É indispensável a critica. Os bolchevistas passam como todos os partidos políticos, mas o sovietismo fica, e é este que começa agora a interessar. Quaes são, porém, as características do sistema soviético de que tanto esperam os trabalhadores, e em que é que ele se distingue do execrável regime burguês a que, presumivelmente, vai suceder em toda parte? É o que convém saber antes de qualquer discussão.¹⁰⁵

Este artigo também discorre sobre o sistema soviético na Rússia e dá grande atenção ao funcionamento dos soviets, como eles se organizavam e se relacionavam com outras instituições. O que chama a atenção é a importância que o autor confere ao assunto para os trabalhadores, e a curiosa opinião de que o sovietismo é posto em prática por um “*partido socialista avançado*”, considerando que os anarquistas eram contra a formação de partidos operários com o objetivo de tomar o poder, ao contrário dos marxistas. Manuel Ribeiro ainda afirma que este fenômeno do sovietismo é apoiado em todo o mundo por “*legiões de socialistas, anarquistas e sindicalistas*”, uma multiplicidade de tendências do movimento operário que pode muito bem refletir a heterogeneidade dentro do movimento carioca e brasileiro, ainda que o anarquismo fosse a tendência predominante e a mais visível, pois como

¹⁰⁴ Spártacus, *Ibidem*.

¹⁰⁵ Spártacus, “O que é o sovietismo”, ano1, nº19, 06/12/1919, p. 03.

já demonstramos, também havia outras correntes e o sindicalismo – apesar de suas íntimas relações com o anarquismo – foi muito difundido entre os operários, dentre os quais muitos não eram anarquistas, apesar de muitas vezes serem organizados por estes.

Mais adiante, no fim do mesmo artigo, podemos confirmar a visão sindicalista do autor – a sua representação particular da Revolução Russa – aonde há uma aproximação e convergência entre o sistema dos soviets, o sindicalismo e o bolchevismo, o que confere uma característica original à análise libertária da revolução soviética no Brasil:

Tal é o sistema sovieta que oferece, como se vê, tantas analogias com o sindicalismo revolucionário. E um dos grandes méritos do bolchevismo – reconheçam-no aqueles que o não aceitam – é precisamente reivindicar o valor social e o caráter revolucionário do sindicalismo que ali tem andado agora – ele e o bom senso – aos pontapés dos socialistas.¹⁰⁶

Podemos identificar o quanto Manuel Ribeiro entende que o bolchevismo valoriza o sindicalismo, na medida em que este partido está construindo o novo “*sistema sovieta*” e reivindica o caráter revolucionário do sindicalismo, e assim ele também aproxima os soviets da tendência do “*sindicalismo revolucionário*”. Transparece ainda controvérsias entre os militantes, pois este assunto requer “*bom senso*”, mesmo “*aos pontapés dos socialistas*”.

Como José Oiticica expressou em seu último artigo, a esperança anarquista entre os colaboradores de *Spártacus*, naquele momento, era de que a centralização na Rússia fosse consequência da guerra pela qual ela passava. Dessa forma, no próximo número, foi divulgado um artigo assinado por um militante que se identificou como *Isidoro Augusto*, e que disserta sobre a “ditadura burguesa” e a “ditadura proletária”, comparando as duas, e dando a entender que compartilha da mesma opinião de Oiticica, mas justificando a centralização e a ditadura, enquanto uma “medida excepcional” para aquela circunstância, porém, desvinculando estas duas dos objetivos do socialismo. Ele apresenta uma interpretação singular dentro do movimento anarquista sobre o processo em curso na Rússia, e sobre a questão delicada nos meios libertários a respeito da “ditadura do proletariado” – utilizando-se inclusive do conceito de “luta de classes” –, portanto uma flexibilidade teórica até mesmo “exótica” dentro dos padrões das doutrinas anarquistas, mostrando também algumas ideias vindas do marxismo:

¹⁰⁶ *Spártacus*, *Ibidem*.

Vendo que a ditadura proletária é uma genuína consequência da luta de classe, eu, como anarquista, escola socialista que sempre se mostrou irreductível como partidária dessa luta, concludo, sem receio de metáfora, que a ditadura tem mais de anarquista do que de marxista. E como tal, quando interrogado sobre a minha atitude para com ela, direi: não tenho atitudes a tomar. A nós, que não queremos o socialismo pela colaboração de classes, a ação leva-nos forçosamente á ditadura sem outra perspectiva.

O que eu lamento, na revolução russa, é a centralização cujo uso pode tornar-se abuso. Mas esta absolutamente nada tem que vêr com a ditadura, porque é uma medida excepcional da revolução, ao passo que a ditadura é medida normal da revolução. (Entenda-se bem medida normal da revolução e não do socialismo). [...].¹⁰⁷

É interessante observar o quanto ele aproxima a ditadura do proletariado do anarquismo – sendo este um pensamento completamente hostil a qualquer poder político – e para ele, tal ditadura é mais próximo do anarquismo do que do marxismo. O ano de 1919 foi o auge deste tipo de discussão em torno dos soviets, e de textos que transparecem as representações e visões favoráveis à Rússia. Defender a Rússia, naquele momento, fez com que houvesse mudanças e concessões teóricas, o que já demonstra as cisões e influências da Revolução de Outubro no pensamento dos anarquistas brasileiros. É bem possível que as primeiras notícias vindas do exterior a respeito da perseguição dos anarquistas na Rússia, e a desaprovação de personalidades do anarquismo russo ao bolchevismo, que comentamos na seção anterior, tenham influenciado a publicação de artigos dentro desta temática e com estas características. Nos anos seguintes, as publicações de textos deste tipo diminuíram muito.

No entanto, temos indícios nesta imprensa anarquista de que os *Soviets* continuaram exercendo forte atração e admiração no pensamento libertário brasileiro, assim como a Revolução Russa, mesmo depois, quando as cisões entre libertários e bolcheviques no movimento operário eram mais visíveis. Em 1921, foi publicado um artigo extenso de primeira página no jornal *A Vanguarda* de São Paulo, assinado como A. Batalha – do qual não obtemos informações – e que fala da consolidação do regime comunista na Rússia. Com uma visão, ainda, de que a Rússia seria um primeiro passo para as realizações dos ideais socialistas no mundo, mas de que sua “fórmula” não poderia ser aplicada em todos os países devido às particularidades de cada lugar, e voltando a falar de “sovietismo”, referindo-se a organização dos soviets, este texto espelha bem um dos grandes “mitos” em torno da Revolução Russa. Contudo, ao se referir a organização dos trabalhadores para a revolução, ele não toca nos assuntos da ditadura do proletariado e de partidos, mas sim coloca os soviets ao

¹⁰⁷ Spártacus, “Em torno das ditaduras”, ano 1, nº 20, 13/12/1919, p. 01.

lado dos sindicatos na importância destes para a vitória da revolução. Assim, destacamos:

[...] O novo estado de coisas, já aceite por uma infinidade de espiritos em todos os países, corporiza-se, finalmente, e mostra-nos na Rússia uma primeira forma de realização, balbuciente embora, mas já perfeitamente definida, segura e progressiva. [...]

Disto resulta a necessidade imediata para cada povo de preparar-se e executar desde já os trabalhos de organização que facilitem e garantam a prosperidade e a segurança da nova ordem de cousas. Sindicato? Soviet? O futuro dirá qual das duas instituições perdurará, e qual preenche melhor o papel coordenador e directivo que se lhes confia. [...].¹⁰⁸

Alguns números depois, outro artigo oferece mais indícios de como os anarquistas brasileiros encaravam e entendiam a Rússia soviética nesta época:

O governo soviético é uma das formas de pura democracia verdadeira, sem os trambolhos inúteis do parlamentarismo, mas não a forma do verdadeiro comunismo anárquico ou do colectivismo. É por hora um meio de transição e experimentação para melhor; é um meio caminho andado para o legítimo comunismo; daí para progredir e não regredir.¹⁰⁹

Este texto pertence ao *Professor C. C.* (professor Coelho Cintra), um ex-colaborador do jornal *Voz do Povo* do Rio de Janeiro (DULLES, 1977, p. 124). Indicando o próprio Rio, em 30 de março, esse artigo também faz uma defesa do governo russo, contra as difamações e críticas da imprensa burguesa. A Rússia e o governo soviético passam a ser “representados” como um “*meio de transição e experimentação*”, porque a Rússia ainda não é a “*forma do verdadeiro comunismo anárquico ou coletivismo*”. Tal interpretação, já se difere bastante daquelas representações iniciais que viam a Rússia como a “revolução libertária”, da “Rússia libertadora”, de um verdadeiro “programa anárquico”, ainda que continue vinculando, de certa maneira, o soviétismo com o governo comunista. Veremos mais adiante que esta inicial “visão dos soviéticos” foi substituída por outras discussões e representações em torno da Revolução Russa.

¹⁰⁸ A Vanguarda, “O triunfo dos soviets”, ano 1, nº 25, 26/03/1921, p. 01.

¹⁰⁹ A Vanguarda, “A campanha de difamação”, ano 1, nº 31, 02/04/1921, p. 01.

3.1.3. As notícias da Rússia e as difamações contra a revolução

Neste tópico, analisaremos algumas fontes que tinham por característica noticiar os “acontecimentos” e “fatos” do que ocorria no processo revolucionário russo, ou seja, a cobertura jornalística da Revolução Russa na imprensa anarquista do Brasil, a forma como esta imprensa divulgava as informações que chegavam por diversos meios e fontes. Alguns textos podem ser de autoria de autores estrangeiros que repassaram estas notícias ou que se manifestaram nas discussões sobre o evento russo, mas não de pessoas que estiveram na própria Rússia, como as fontes do primeiro tema, por isso que estas últimas eram “especiais”. Nas seções anteriores, as fontes tratadas também faziam uma “cobertura jornalística” desta revolução, contudo, aqui também não se trata de discussões sobre um tema específico em torno da Rússia e, sim a forma como os anarquistas noticiaram os seus episódios em seus jornais e, sobretudo, a crítica e a análise que estes fizeram da imprensa em geral da época quanto ao assunto do processo revolucionário daquele país, assim como as relações com a grande imprensa, análise esta que ocorria pelo próprio caráter deste tipo de fonte.

Esta “crítica militante da imprensa”, longe de ser imparcial porque acusava as difamações, agressões e calúnias da grande imprensa contra a Rússia soviética – que tanta importância e interesse despertaram entre os anarquistas no Brasil – é interessante por vários aspectos. Tanto por revelar a análise anarquista dos órgãos de imprensa da época, como por transparecer os conflitos políticos e ideológicos que havia na sociedade brasileira. Assim, podemos observar de outra forma os sentidos que tal revolução teve para os anarquistas.

Uma das primeiras notícias da Revolução Russa saiu em *A Semana Social* de Maceió e nos chama a atenção por ter aparecido pouco tempo depois da abdicação do czar, e por mencionar a fonte utilizada pelo jornal. Sem autoria, citando nome de um antigo czar, este artigo comenta previsões feitas anteriormente sobre a crise nos países envolvidos na guerra mundial, previsões que foram feitas, segundo o texto, no jornal *Tribuna do Povo* de Viçosa, interior de Alagoas, então, possivelmente este texto pode ser de Antonio Bernardo Canellas, já que este atuou neste jornal (SALLES, 2005, p. 39):

As nossas predicções estão realizando-se em parte pois as noticias da Europa nos relatam que o tsar e seu partido foram despostos do poder que exerciam despoticamente. E dizem-nos ainda os telegrammas que ao governo do knut

siberiano succedeu a soberania do Ivan – do pobre povo não ha muito liberto da servidão corporal.¹¹⁰

Em nossas fontes encontramos muitas referências aos “telegramas”, porém nem sempre indicando as origens destes. Em *O Cosmopolita*, do Rio de Janeiro, constatamos que a imprensa libertária se utilizou da grande imprensa para noticiar a Revolução Russa, uma nota da redação da edição de 1º de junho de 1917 afirma que na seção “*sintomas do momento internacional através dos telegramas*”, reservada no fim do jornal, eles vão utilizar os “telegramas publicados pela imprensa desta cidade”, e que os comentários serão poucos, com telegramas inteiros ou trechos deles, mas que serão cópias fieis. Explicam ainda que eles vão indicar o país em que ocorrem os referidos acontecimentos, mas que os despachos das notícias podem vir de outra região. E assim, indicando informações despachadas no fim de maio, eles noticiaram a revolução agrária que ocorria na Rússia:

PETROGRADO, 25 – Os conflictos suscitados pela questão da distribuição de terras estende-se por todo o districto de Winsk, sendo a policia impotente para reprimil-os. Numerosos soldados tomaram parte activa no conflicto, saqueando as propriedades do principe Mirsky.¹¹¹

E ainda anunciaram depois as discussões em torno do destino do czar:

PETROGRADO, 9 – A sessão de hontem, a noite, no Comité de Soldados e Operarios, foi toda destinada á discussão sobre o destino que convem dar ao ex-tsar Nicolau II e sua familia. Os congressistas que obedecem a orientação do agitador socialista Lenine apresentaram uma indicação para que o ex-tsar seja recolhido a prisão perpetua na fortaleza de Kronstadt.¹¹²

O deposto czar Nicolau II e sua família, junto com membros próximos da corte, acabaram sendo fuzilados entre os dias 15 e 16 de julho de 1918, em Ekaterinburgo, por operários de fábrica em nome do soviete local (SERGE, 1993, p. 306-307).

¹¹⁰ A *Semana Social*, “A Revolução russa: suas causas e suas possiveis consecuencias”, ano 1, nº 01, 30/03/1917, p. 01.

¹¹¹ *O Cosmopolita*, “Russia”, ano 2, nº 11, 01/06/1917, p. 03.

¹¹² *O Cosmopolita*, “Russia”, ano 2, nº 12, 15/06/1917, p. 03.

Um dos anarquistas brasileiros mais atentos aos acontecimentos da Rússia, como já comentamos, foi Astrojildo Pereira, e que entendia bem o quanto este era um assunto delicado e polêmico, envolto em muita guerra de informações e confusão. No entanto, ainda assim, ele demonstrou ser bem informado sobre a Rússia, como no jornal *O Debate*, em que analisa a “dualidade de poderes” naquele país, entre o governo provisório e os soviets. E, explicando a impossibilidade de prever as consequências da situação russa, em uma seção dedicada aos “fatos do exterior”, Astrojildo também revela a suas fontes:

[...] O que não quer dizer que, em meio do cipoal dos telegrammas e correspondências e de outros documentos, mais raros, não se possa fazer uma idéia mais ou menos approximada do grande drama politico, -- grande por si mesmo e ainda maior pelas suas consequências, -- da orientação que o tem guiado e das tendências que o caracterizam.

Os dois nucleos orientadores do movimento, a Duma e o Comité de Operarios e Soldados, este surgido da própria revolução, logo tomaram posições antagonicas, terminado o primeiro golpe demolidor. [...].¹¹³

Parte deste artigo também é comentado e transcrito no livro *O Ano Vermelho* (BANDEIRA, 1980, p. 75-76). Apesar da grande desinformação, o movimento anarquista estava atento a importância que os soviets na Rússia tiveram para pressionar pelo fim da guerra, como mostra os libertários em Maceió em artigo sem autoria:

Desde que o comité de Soldados e Operarios forçou o governo provisório a declarar que acceitaria a paz sem anexações nem indemnisações ficou, ipso facto, rompido o pacto de Londres. Toda a gente sabe que a burguezia franco ingleza só quererá a paz quando fôr destruida a obra de Bismark, isto é, quando o imperio allemão se findar. Ora os russos não acompanharão os seus antigos alliados nessa empresa. [...].¹¹⁴

Nesta época, houve muitas controvérsias na imprensa mundial a respeito de Lênin, portanto, em *O Debate*, mais uma vez, na seção “fatos do exterior”, saiu um artigo sobre o líder bolchevique escrito por *Charles Rappoport*, que foi um russo que emigrou muito jovem para a França e que se envolveu no movimento operário, tornando-se depois membro

¹¹³ *O Debate*, “A Revolução russa”, ano 1, nº 01, 12/07/1917, p. 12.

¹¹⁴ *A Semana Social*, “A Russia revolucionaria hade vencer a Russia guerreira”, ano 1, nº 13, 21/07/1917, p. 04.

fundador do PCF.¹¹⁵ Este texto foi escolhido, segundo o editorial, para desmentir as deturpações sobre Lênin divulgadas “pelas colunas dos grandes diários”, de que Lênin era um agente alemão disfarçado de socialista, por isso as palavras de Rappoport, que era estrangeiro de origem russa e ligado ao movimento socialista, tinha uma autoridade maior. Ainda de acordo com o editorial, este artigo foi publicado no jornal francês “*Le Journal du Peuple*” de 26 de julho, possivelmente um órgão da imprensa operária daquele país. Esta fonte também é citada na obra *O Ano Vermelho*, que de acordo com os autores, tal prefácio da redação foi feito por Astrojildo Pereira (BANDEIRA, 1980, p. 92-93). Com isso, seguem-se as palavras de Rappoport sobre as mentiras envoltas na figura de Lênin:

E é preciso ser duma ignorancia crassa ou da mais escandaloso má fé para tentar reduzir essa tragedia historica a um caso vulgar de corrupção por meio do dinheiro. Milhares de militantes socialistas russos ha “uns vinte annos” que conhece Lenine, homem de incorruptível character e de immaculada vida. [...].¹¹⁶

Depois da segunda revolução de outubro, os jornais anarquistas foram suprimidos em consequência do estado de sítio que se instaurou, como foi o caso de *O Debate* e *A Semana Social*, mas como sabemos, *O Cosmopolita* perdurou, e no fim do ano saiu uma grande matéria ocupando metade da primeira página da edição de 1º de dezembro. Nesta matéria, também tem uma grande nota explicativa da redação no início dizendo que apresentará dois textos, um deles de Rappoport. Contudo, aqui nos interessa o outro artigo, que apenas indica as iniciais “A. G.”, e que de acordo com esta nota foi publicado no “*Grido del Popolo*” de Turim, Itália, que pelo nome também parece ser um jornal operário. Uma vez mais, os colaboradores de um periódico libertário confessaram que eles separaram estes textos para contrapor as confusões causadas pelos “grandes rotativos”, referindo-se possivelmente as oficinas da grande imprensa. Recortamos então a passagem:

Os massimalistas são na Russia os inimigos dos poltrões, o acicate para os preguiçosos; derribaram até hoje todas as tentativas de reprezamento da torrente revolucionaria, impediram a formação dos pântanos estagnados, das aguas mortas. Por isso são odiados pelas burguezias ocidentais, por isso é que os jornais italianos,

¹¹⁵ Informações sobre *Charles Rappoport* confirmar em: <http://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/r/rappoport_charles.htm>. Acesso em: 04 de junho de 2012.

¹¹⁶ *O Debate*, “Quem é Lenine”, ano 1, nº 12, 29/09/1917, p. 07.

francezes e ingleses os difamam, procurando dezacredita-los e sufoca-lo sob um montão enorme de calunias. [...].¹¹⁷

O ano seguinte começa com a publicação de um artigo de um militante identificado como *Zeferino* que já menciona a queda de Kerensky ocorrida há dois meses, e que reflete bem a guerra de informações que o movimento operário travou com a grande imprensa sobre a Rússia, e os sentidos que esta revolução teve entre os sindicalistas do jornal carioca:

A revolução russa que depoz o sr. Kerenski e colocou-o em circunstancia de nunca mais se aprumar, é olhada com muito maus olhos pela burguezia. É natural que assim seja, porque a revolução russa não é uma revolução burgueza, mas sim uma revolução do povo, contra a classe rica. [...]
Convencida disto, a burguezia, fula de raiva e principalmente atemorizada pelo gigantesco passo do povo russo, o qual com o seu jesto deu um belo ezemplo de rebeldia aos outros povos, que não tardarão a secunda-lo, busca por todas as artimanhas, lançando mão até da calunia e difamação contra certas personalidades mais em destaque no partido revolucionario massimalista, afim de criar uma corrente de antipatia contra eles e ao mesmo tempo desvirtuar o caráter da revolução.¹¹⁸

O curto periódico da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro, publicou, no mês seguinte, vários documentos noticiando a Revolução Russa, e mais uma vez os anarquistas se utilizaram da grande imprensa, mas avisando que eles verificaram a “idoneidade” destes textos. Em um documento que diz ser o decreto dos bolcheviques dissolvendo a Assembléia Constituinte, os anarquistas, querendo enxergar uma Rússia libertária, fazem um interessante comentário em nota de rodapé sobre as palavras “autoridade” e “Estado”, que eram alvos da crítica anarquista. E neste caso, era a “autoridade” dos soviets, reivindicada por estes conselhos, e referindo-se também a outra declaração dos *soviets* de que as propriedades dos bancos passariam para as mãos do “Estado”, assim, analisando o que foi publicado nos outros jornais:

Seria, de fato, “autoridade”, a palavra escrita no orijinal? Nessa couza de telegramas da grande imprensa é necessário por-se de quarentena muita couza. Alem das

¹¹⁷ O *Cosmopolita*, “A Revolução Russa: os massimalistas”, ano 2, nº 22, 01/12/1917, p. 01.

¹¹⁸ O *Cosmopolita*, “A revolução russa e a burguezia”, ano 3, nº 24, 01/01/1918, p. 03.

traduções, ha a ignorancia crassa e... a natural má fé dos correspondentes e jornalistas... A mesma observação quanto á palavra “Estado” da letra f) do telegrama anterior.¹¹⁹

Entretanto, mais adiante, eles reproduzem sem comentários um trecho de um dos grandes jornais do Rio de Janeiro, fazendo um balanço dos acontecimentos russos até aquele momento, expressando uma admiração, que repercutiu também na grande imprensa e que era compartilhada pelos anarquistas. Utilizar-se da grande imprensa era um recurso para “legitimar” os ideais da Rússia revolucionária e o próprio discurso anarquista:

Foi, de fato, a revolução russa, com todos os seus tragicos sucessos, o acontecimento que mudou a face das couzas, começando a tornar possiveis programas, transformações sociais, movimentos de independencia politica e sistemas de governo que já nos primeiros mezes da guerra continuavam a ser considerados como fatos impraticaveis e inconvenientes, como utopias deliciosas e alegres. Esqueciam-se, os que assim pensavam, que, igualmente como utopias, consideradas foram, no seu inicio, todas as grandes conquistas da humanidade e da civilização... (O Paiz, n. de 25 de janeiro de 1918).¹²⁰

Alguns meses depois, entra em circulação o tablóide redigido por Astrojildo Pereira e que se inicia com duras críticas ao que era noticiado pela grande imprensa a respeito dos socialistas russos, demonstrando incredulidade:

Todos, ou quazi todos os jornais deram relevo escandalozo a certos telegramas de Londres e de New York, nos quais se afirma que Lénine, Trotski, Kamenef, Gorki, etc., amontoaram fortunas imensas, depositando em bancos estrangeiros os seus milhõis de rublos. A par disso, outros telegramas noticiam que o povo russo, sofre fome, e um desses jornais, pondo a intriga em letras gordas, estampou, num subtítulo: “Lénine, Trotski, Kamenef e outros são milionarios – Enquanto isso o povo morre á mingua”. Sempre me pareceu inesgotavel, na imprensa burgueza, a capacidade de calunia e de intriga, e por isso a campanha vilissima contra os massimalistas não me surpreende... [...].¹²¹

Este artigo já foi comentado na obra de Martin Cezar Feijó, que diz que Astrojildo

¹¹⁹ Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro, “Documentos sobre a Revolução Russa”, nº 01, Fevereiro de 1918, p. 03-04.

¹²⁰ Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro, Ibidem.

¹²¹ Cronica Subversiva, “Catonismo de salafrarios”, ano 1, nº 01, 01/06/1918, p. 02-03.

Pereira deu continuidade neste jornal ao folheto sobre a *Revolução Russa e a Imprensa*, já mencionado, onde ele disserta sobre a forma como a imprensa tratava dos acontecimentos na Rússia (FEIJÓ, 2001, p. 71-72). Nesse periódico, a análise de Astrojildo sobre esta questão foi contundente, precisa e sarcástica, demonstrando as incoerências da imprensa mundial sobre o que de fato ocorria na Rússia, referindo-se tanto a imprensa escrita quanto ao rádio, e comentando os absurdos transmitidos:

Nestes ultimos dias a grande imprensa burgueza bateu o “récord” da patranha e do impudor, nesse já torvo capitulo das noticias russas. Não será de admirar que estejam os cabos telegraficos retorcidos de vergonha e as ondas hertziânas murmurando de pejo. Si é que os proprios cabos e as proprias ondas não perderam já a vergonha e o pejo, de tanto servirem á imprensa..! [...]
 [...] O ezercito vermelho vai-se aniquilando a olhos vistos, batido ao norte e ao sul, á leste e ao oeste. Vencidos assim de todo os massimalistas, a monarquia foi restaurada e com ela será felizmente reatada a santa aliança com as democracias do ocidente... Isso tudo, e ainda outras nóvas do mesmo jenero, provindas de Londres, de Paris, de Amsterdam, de Stokholmo, de Roma, de New York, de Washington e mais fontes semelhantemente verídicas, – tudo isso se esparramou pelo mundo inteiro, por todos os jornais da burguezia, buzinado a grandes títulos, composto em negrita e ultra-sensacionalizado pela moldura das tarjas. E é tudo isso mentira! e é mentira tudo isso!... Não ha que ver: a burguezia, apavorada ante o infiltramento do espirito revolucionario nas massas populares, sob o formidavel impulso do ezemplo russo, lança mão de todos os meios para barrar e sustener o contajio do massimalismo. E inventa, infama, difama, calunia, injuria, confunde, emaranha, tece e embrulha tudo, no intuito evidente de espalhar a duvida, a confusão e o odio aos massimalistas... [...].¹²²

O ano de 1919 também foi um ano bem intenso no mundo, coincidindo com o fim da guerra mundial, o clímax da guerra civil na Rússia e das lutas sociais na Europa, em outras partes do mundo e no Brasil. Assim, matérias desta natureza continuaram com grande intensidade na imprensa anarquista, que tentavam tratar dos acontecimentos, vicissitudes e disputas decisivas que ocorriam na Rússia em meio a um caleidoscópio confuso de informações que eram veiculadas pelos grandes meios de comunicação. No periódico paulista *A Plebe*, um artigo assinado por *Octavio*, e que é bem possível que se trate de Octávio Brandão, até mesmo pelo seu estilo ácido e agressivo como veremos em outras partes – nos traz um exemplo das notícias que os anarquistas mais criticavam e depreciavam:

A Havas, a United Press, todas as agencias telegraphicas só vomitam mentiras. Já

¹²² *Cronica Subversiva*, “Barrajem de Patranhas”, ano 1, nº 06, 06/07/1918, p. 02.

não se sabe mais quando os telegramas dizem mentiras, quando dizem verdades. [...] A água de Petrogrado não presta. Em toda a Rússia bolchevista morre-se de fome e de cholera. Lenine e Trotzky abriram conta corrente em varios bancos sula-americanos. Até o velho Kropotkine, o venerado anarchista, o grande principe philosopho, foi varias vezes assassinado pelos maximalistas, [...].¹²³

Em *A Plebe*, também foi publicado um artigo de Antonio Canellas, que tinha acabado de voltar de sua primeira viagem à Europa (SALLES, 2005, p. 64). Canellas apresentou informações atualizadas sobre a evacuação dos exércitos aliados em Arkangel na Rússia, desmentindo as versões da grande imprensa sobre as derrotas do exército vermelho. Neste período, *A Plebe* funcionava como um diário operário, recomeçando a sua numeração mais uma vez:

Os nossos camaradas russos acabam de alcançar uma grande vistoria. Arkangel foi evacuada e o “front” septentrional ficou reduzido sómente á Murmania, si é que a retirada dos alliados não se estendeu tambem a esse “front”. O circulo de ferro que contorna a Russia vai-se quebrando...¹²⁴

Logo em seguida, escrevendo também para *Spártacus* do Rio de Janeiro, Antonio Canellas continua relatando as derrotas da contra-revolução na Rússia, desta vez dos exércitos brancos de Kolchak:

[...] E eis que tres ou quatro mezes após o reconhecimento de Koltchak pelos aliados como “governo legal da Russia”, os bolchevistas esmagam, dispersam ou aprosionam as hordas mercenarias do almirante e restabelecem o regimen dos soviets em grande parte da Siberia.¹²⁵

Um tipo de notícia sobre a Rússia que também chamou muita atenção da imprensa anarquista foi às relacionadas, como vimos em outra ocasião, às condições internas do país em áreas específicas. Quanto a situação econômica da Rússia revolucionária, *Spártacus* divulgou um artigo escrito pelo desconhecido *Léon Thoyol* que afirmava, demonstrando em

¹²³ *A Plebe*, “Odiosa campanha de diffamação”, ano 2, nº 07, 05/04/1919, p. 01.

¹²⁴ *A Plebe*, “Na Russia Communista: A evacuação de Arkangel”, ano 3, nº 09, 17/09/1919, p. 01.

¹²⁵ *Spártacus*, “O fracasso de Koltchak e a situação militar dos bolchevistas”, ano 1, nº 09, 27/09/1919, p. 02.

números, que a indústria e a economia na Rússia não foram arruinadas pelo comunismo, mas pelo tzarismo antes dele e pela burguesia que tomou o poder na primeira revolução em 1917, rebatendo críticas de um escritor anti-bolchevista chamada *Raul Labry*, usando as estatísticas de seu próprio livro, e, portanto, dando continuidade as polêmicas e disputas de verdades em torno da Rússia:

[...] num paiz arruinado e faminto, constringendo-os a fabricar canhões em vez de charruas. E ainda ha quem ouse acusal-os de não estar prospera a Russia!
É na verdade o cumulo!
Não se trata de ser ou deixar de ser bolchevista, nem de lhes apreciar as obras. Trata-se de ser justo na exposição dum facto. O comunismo nada podia ter destruído na Russia, pois já o haviam feito antes dele o tzarismo e a burguezia.¹²⁶

De fato, o desgaste da guerra mundial conduziu a uma crise econômica na Rússia, que por sua vez, entrou em crise revolucionária – cuja primeira revolução, a de fevereiro, intensificou os problemas econômicos, pois o governo provisório ainda não abandonara a guerra, que pressionava a economia do país – e assim, os partidos revolucionários foram arrastados por um movimento, que em muitos aspectos, os atrapalhavam, o “problema da crise nacional”, mas que ao mesmo tempo era o motor da revolução (CARR, 1974, p. 68). E isso ocorreu também como resultado da atuação dos bolcheviques, pois a crise econômica era parte inquestionável da política bolchevique para que a revolução derrubasse o poder burguês, apoiando o controle da produção por parte dos operários e camponeses e acelerando a crise do governo provisório e, conseqüentemente, intensificando a crise econômica que, paradoxalmente, eles também tentavam conter (CARR, 1974, p. 73 e 83). É possível que esta conjuntura na Rússia tenha dado margem a acusações mútuas entre partidários e inimigos da Revolução Russa, de quem seria a responsabilidade pela ruína econômica do país na opinião pública mundial, e é justamente isso que parece transparecer na fonte citada acima.

E em meio a estas notícias, a luta contra a grande imprensa sobre a Rússia continuava, como no texto incisivo de Astrojildo Pereira já citado sobre a imprensa carioca, escrito no ano anterior, e ao qual *Spártacus* reproduziu um tópico, direcionado contra o jornal *A Razão*:

¹²⁶ *Spártacus*, “A indústria russa antes do bolchevismo”, ano 1, nº 15, 08/11/1919, p. 03.

[...] A sua fobia antimaximalista é duplamente odiosa: em si mesma e pelo facto de se espalhar principalmente na massa proletaria, ludibriando-a. Eu compreendo e até alegro-me com as injurias, por exemplo, do *Jornal do Comercio*: está no seu papel de folha conservadora.

A Razão, porém, se apregoa como um orgam criado especialmente para o povo, para as classes operarias: mente e remente dobrado, por dentro e por fora, para a direita e para a esquerda... [...].¹²⁷

Outras curiosidades sobre as condições da nascente sociedade soviética despertaram o interesse da imprensa anarquista brasileira, como a questão das mudanças jurídicas em relação a família na Rússia. Como exemplo, citamos uma matéria que saiu em *A Obra* de São Paulo, e que por sua vez se utiliza, segundo a redação, de um “jornal conservador”, citando as iniciais da United Press:

Londres (U. P.) – Pelo correio – Comunicado do sr. M. Sare. – Em vista dos innumeros boatos que têm sido espalhados sobre a socialização das mulheres, que se diz ser hoje um facto na Rússia “vermelha” ha grande interesse em conhecer as leis codificadas sobre os casamentos, divorcios, tutela e familia, promulgadas pelos soviets e cujas primeiras cópias acabam de ser aqui recebidas.

[...] A lei só reconhece o casamento civil, embóra não levante objecções contra o casamento religioso. [...]

Só de póde contrahir casamento pelo consentimento mutuo dos esposos, que devem ter uma mente san e não devem ser parentes em primeiro grau de ascendencia ou descendencia. [...] O consentimento mutuo de mulher e marido, assim como o desejo de qualquer dos dois, são considerados como base sufficiente para o divorcio. [...].¹²⁸

Estas notícias tiveram grande sensação no Ocidente, assim como o poder dos soviets, as mudanças sociais e culturais, ainda que efêmeras, de fato ocorreram na Rússia, ajudando a alimentar os diversos mitos sobre o país dos soviets. As medidas igualitárias em favor da mulher, a laicização e a liberalização do casamento, as facilidades concedidas ao divórcio e ao aborto quando solicitados, foram medidas únicas naquela época, e que incitavam a imaginação. Mudanças profundas que fez com que a burguesia ocidental se sentisse ultrajada, passando a ver a Rússia soviética como o país do “estupro” e da “licenciosidade” (FERRO, 1984, p. 68-69). Podemos pensar que publicar estas notícias da Rússia, ainda mais se utilizando da grande imprensa, era algo cativante para os anarquistas brasileiros, pois o pensamento anarquista também era a favor da liberalização dos costumes e das relações

¹²⁷ Spártacus, “Os maximalistas e os escribas da ‘Razão’”, ano 1, n° 15, 08/11/1919, p. 03.

¹²⁸ A Obra, “A família na Russia”, ano 1, n° 06, 10/06/1920, p. 02.

sexuais, reconhecendo que o casamento tinha que ser livre e não poderia ser indissolúvel (KROPOTKIN, 2007, p. 65-69).

Ao entrar à década de 20, as notícias sobre a Rússia na imprensa anarquista continuaram sendo publicadas com grande interesse nos novos jornais que surgiram, interesse relacionado por tudo aquilo que acontecia no país, pelo desenvolvimento de sua guerra civil e as mudanças internas da sociedade. A desconfiança persistia, e a análise e a comparação das informações repassadas era uma prática editorial constante, como no caso do falecimento de Kropotkin, noticiado em *A Voz do Povo* do Rio de Janeiro, há apenas dois dias depois da morte deste:

Um telegramma de Londres, vem de confirmar a contristadora noticia da morte do grande sociologo russo Kropotkine, esse homem de raras qualidades, possuidor de um raro intellecto, que por si só poderia representar a grandeza da alma revolucionária dos russos. [...]
Oxalá o telegramma a que nos referimos seja identico aos muitos que têm espalhado o fallecimento do inesquecido baluarte da Anarchia.¹²⁹

Na edição seguinte da *Voz do Povo*, que estava voltando em nova fase, publica um artigo do escritor dinamarquês Georg Brandes sobre a Rússia. Brandes foi amigo de Kropotkin, escritor e crítico renomado, que tinha ganhado prêmio Nobel de literatura, e suas palavras tinham uma autoridade especial ao tratar da imprensa.¹³⁰ Referindo-se, então, à desinformação da imprensa mundial sobre a Rússia:

Se, nestes dias, em que importantes acontecimentos são dissimulados pelas nuvens de banalidades e fumos de mentiras, nós perguntássemos aos nossos botões: Quaes, dentre os inumeraveis factos que perturbam o espirito publico, são não só mais interessantes, mas tambem mais decisivos para o presente e para o futuro; – a resposta seria mais ou menos a que se vae lêr.
O que é decisivo é o facto de todos os exercitos, que a *Entente*, sem declaração formal de guerra, equipou, preparados e fornecidos de officiaes, armas e munições, e que lançou contra a Republica Russa, na esperanza de derrubar o governo, – se terem malogrado.¹³¹

¹²⁹ *Voz do Povo*, “Kropotkine”, 11/02/1921, p. 06.

¹³⁰ Sobre Georg Brandes: <[www.infopedia.pt/\\$georg-brandes](http://www.infopedia.pt/$georg-brandes)>. Acesso em: 07 de junho de 2012.

¹³¹ *Voz do Povo*, “A Russia”, 14/02/1921, p. 08.

Na mesma edição, foi publicado mais um artigo de Antonio Bernardo Canellas, ao lado do texto de Brandes, falando da situação da Rússia soviética no Oriente, na época Canellas estava novamente na Europa, indicando Bruxelas, Bélgica, em 06 de dezembro de 1920. É interessante notar que ele identifica o governo bolchevique com os soviets:

Vencedores no terreno militar, os soviets estão igualmente afirmando a sua preponderancia nos terrenos politico e diplomatico. De dia a dia as potencias burguezas vão aprendendo a tomar de mais em mais a serio a organização socialista. Esta organização por ser fundada sobre um alto ideal de liberdade e humanitarismo, tem resistido e com muito maior vantagem resistirá d'ora avante a todos os ataques da reacção burgueza. Resta que os proletarios de todos os paizes não fechem os olhos ante esse exemplo e não se mantenham surdos aos appellos revolucionarios da Terceira Internacional.¹³²

Nas notícias sobre a Rússia, por volta dessa época, nós já sentimos também os impactos das cisões no interior do movimento anarquista, como as palavras de Canellas acima conclamando os proletários para que aderissem aos apelos da Terceira Internacional, e veremos adiante o quanto este foi um assunto polêmico nos meios militantes. Contudo, os acontecimentos na Europa continuavam e, a imprensa anarquista, ainda analisando o que dizia a imprensa internacional, via com muita confusão o que acontecia, por isso mantinham cautela:

LONDRES, 2 – Segundo o “Times”, que é o órgão official da finança européia, Trotsky, commissario do povo dos negocios da guerra, da Russia, approva uma campanha contra a Polonia, a qual deverá ter inicio na primavera.
 --- Os jornaes europeus, que defendem a ordem actual, estão profusos em noticias sobre suppostos conflictos em varios pontos da Russia.
 Explica-se esse procedimento com as victorias vermelhas na Asia, que já attingiram a capital da Persia e dali promettem avançar indefinidamente.
 Nas rodas revolucionarias é sabido que, a cada victoria russa, corresponde uma campanha de descredito iniciada pela imprensa burgueza da Europa e da America.¹³³

No fim de nosso período de pesquisa, encontramos mais indícios dos confrontos ideológicos e políticos da sociedade brasileira, que se manifestavam no tratamento editorial da imprensa anarquista sobre a Rússia. Como um artigo que falava, entre outras coisas, da

¹³² Voz do Povo, “O bolchevismo no Oriente”, 14/02/1921, p. 08.

¹³³ A Vanguarda, “Na Russia, sementeira máxima da ideia”, ano 1, nº 05, 02/03/1921, p. 02.

previdência e assistência social na Rússia, um assunto delicado, no qual a veridicidade era secundária, para um movimento operário aqui no Brasil, que lutava contra a exploração infantil nas fábricas e as condições sociais da maioria:

Um decreto do governo sovieta determina que dorovante os medicamentos sejam postos gratuitamente á disposição dos enfermos.

--- Nos arredores de Petrogrado foram organizadas colonias podendo abrigar 35.000 crianças. Os internados occupar-se-ão de jardinagem e leves trabalhos agricolas.¹³⁴

Mas, as tensões e conflitos em torno das discussões sobre a Revolução Russa, em 1922, já não se restringiam aos embates com a grande imprensa e ao governo republicano, como também se mostravam no interior do movimento operário, mudando significativamente a cobertura jornalística do que se passava na Rússia:

Nossos jornaes, inteiramente occupados em combater os bolchevistas, têm deixado de lado as injustiças e atrocidades praticadas pelos outros governos.

Por isso parece util reportarmo-nos a um communicado do Comité ingles *Hands of Russia*, lançado com o fim de protestar contra os japonezes pelo modo brutal de agir contra a Republica do Extremo Oriente e de associar-se ao protesto, incitando os operários do mundo (como diz o appelo do citado Comité) para que façamos o possivel para boicotar o commercio japoniez, a fim de que as tropas do Japão sejam retiradas inteiramente da Siberia.¹³⁵

Esse foi um momento da imprensa anarquista, em que os impactos das novas notícias sobre a ditadura bolchevique na Rússia já tinham causado rupturas entre os anarquistas, entre aqueles que se converteram ao comunismo marxista e passaram a defender o governo soviético, como o último artigo de Canellas, e outros que manteram uma visão e uma posição libertária e anti-estatal do comunismo, passando a combater os bolcheviques e acusar as perseguições políticas na Rússia.

¹³⁴ A Vanguarda, “No limiar de um mundo novo: na Russia dos Soviets”, ano 1, nº 17, 17/03/1921, p. 02.

¹³⁵ A Plebe, “Os japoneses na Siberia”, ano 5, nº 190, 09/09/1922, p. 04.

3.2. Entre “camaleões” e “cristalizados”

--- Agora que os governos tentam sufocar pelas armas a nossa revolução, ajudo os bolchevistas na defesa da Rússia proletária. Quando os Aliados decidirem deixar-nos resolver as nossas questões entre nós e estiver acabado o perigo da contra-revolução, eu e os meus camaradas anarquistas lutaremos contra o governo bolchevista por uma revolução verdadeiramente socialista, isto é, anarquista.¹³⁶

Estas palavras partem de um anarquista russo de nome *Shatoff*, que ocupava um posto importante na defesa de Petrogrado, respondendo a um jornalista estadunidense. Parte desta entrevista é repassada por Neno Vasco, velho militante anarquista português, respeitado nos círculos libertários brasileiros por aqui ter atuado por anos, e que por sua vez, segundo o editorial de *Spártacus* no início, vem do jornal “*A Batalha*” de Lisboa, um diário operário. Esta matéria também é citada em *O Ano Vermelho*, onde os autores destacam que este texto foi uma das primeiras manifestações na imprensa anarquista da polêmica que ainda apenas se esboçava entre anarquistas e comunistas (BANDEIRA, 1980, p. 255-256). Um artigo que saiu pouco depois das primeiras declarações de Kropotkin contra o bolchevismo em *Spártacus*.

O jornal *Spártacus*, do Rio de Janeiro, era o centro dos anarquistas que se identificaram com a Revolução Russa, logo depois ele saíria de circulação devido as perseguições políticas, mas os últimos documentos impressos em suas páginas, em que anarquistas russos desaprovavam o regime bolchevique, impactou o movimento anarquista brasileiro, e modificou o tratamento conferido à Revolução Russa em seus periódicos. Nesta conjuntura, esta imprensa transpareceu os conflitos entre os “camaleões” e “cristalizados”, ou seja, entre aqueles que migraram para o comunismo marxista e aqueles que se mantiveram nas convicções anarquistas, ou também, nas disputas teóricas entre a “cristalização” da ortodoxia comunista de Moscou, ou a heterodoxia em constante mudança do anarquismo.

Nesta segunda parte, portanto, reunimos fontes, que em sua maioria, pertencem ao início da década de 20, quando os anarquistas brasileiros já se posicionavam diante da política bolchevique e do novo Estado soviético, que agora eram bem mais nítidos de quando eles

¹³⁶ *Spártacus*, “Com os olhos na epopéia”, ano 1, nº 21, 20/12/1919, p. 01.

tiveram as primeiras representações heroicas e românticas da Rússia. O primeiro tema, “*Os anarquistas russos e a repressão bolchevique*”, fala da situação dos anarquistas na Rússia, ou até mesmo textos destes anarquistas sobre a repressão do governo bolchevique, e também trataremos de como foi a cobertura jornalística da imprensa libertária brasileira a respeito dos episódios de Makhno e Kronstadt. No segundo tópico, “*A 3ª Internacional de Moscou*”, apresentaremos fontes a respeito desta nova Internacional dos trabalhadores, formada por Lênin, e as discussões dos anarquistas brasileiros sobre o caráter desta Internacional e da adesão ou não a ela. Por fim, no último tema – “*Reafirmando posições: os libertários brasileiros diante da nova Rússia Soviética*” – reunimos textos onde se registram a evolução do pensamento anarquista em relação a experiência da Revolução Russa, depois das notícias que esclareceram o conteúdo autoritário do bolchevismo, e com suas consequentes rupturas no movimento operário do Brasil.

3.2.1. Os anarquistas russos e a repressão bolchevique

Depois das primeiras declarações de anarquistas na Rússia contra os bolcheviques, saídas em *Spártacus* no fim de 1919, Florentino de Carvalho foi o único anarquista brasileiro de maior projeção que atacou os bolchevistas russos nos meses iniciais de 1920, até então a maioria dos anarquistas brasileiros acreditava que os relatos dos conflitos entre comunistas e anarquistas na Rússia eram “deturpações da imprensa burguesa”, então, Florentino escreve um artigo incômodo em *A Plebe* (DULLES, 1977, p. 132). Assim, transcrevemos os mesmos trechos destacados por Dulles:

Não é verdade que os anarquistas sejam partidários da ditadura, da lei, do Estado. Na Rússia, por exemplo, tanto não estão conformes com a ditadura, que chegaram a sustentar, contra os maximistas, verdadeiras batalhas nas ruas de Petrogrado e Moscou.¹³⁷

Nesta época, os impactos das declarações de Kropotkin no meio libertário já tinham causado os seus efeitos, e temos indícios de que novas polêmicas em torno da situação de

¹³⁷ *A Plebe*, “Falencia do Anarquismo?!”, ano 4, n° 57, 20/03/1920, p. 02.

Kropotkin na Rússia foram debatidas na imprensa anarquista que trabalhamos (BANDEIRA, 1980, p. 260; DULLES, 1977, p. 136). Contudo, as péssimas condições de muitas de nossas fontes nos impossibilitam de analisar este material. A resistência dos militantes anarquistas, como veremos, também em outro tema, em abandonar o apoio ao regime “maximalista” e as esperanças na Revolução Russa foi grande, pois eles acreditavam, segundo declarações dos líderes soviéticos, que a ditadura e a centralização eram consequências da guerra que a Rússia sofria (DULLES, 1977, p. 132). Por isso, as manifestações anti-bolchevistas em *A Plebe* retornou apenas no fim do ano, em um artigo em destaque na capa que não deixava mais dúvidas quanto às rupturas existentes no movimento operário – artigo que dizia que o apoio dos anarquistas à revolução bolchevista conduziu às confusões que estão sendo desfeitas (DULLES, 1977, p. 136). *A Plebe*, em subtítulo, alega tratar-se de um “importante documento sobre a ação dos anarquistas na revolução bolchevista”, este texto é uma fonte valiosa, contudo, boa parte da leitura está comprometida – apesar de ser extenso, apenas dois ou três parágrafos da cópia que tivemos acesso podem ser lidos. A obra de Dulles não explica que a matéria referida trata de Makhno e de seu movimento na Ucrânia, e nos trechos discerníveis, fala da trajetória de Makhno e a luta de seu exército contra as tropas de Denikin:

Mas voltemos as lutas de Makhno.

Os reacionarios tendo conquistado ao sul, seu exercito cessou de existir como força compacta. Mas este idealista profundamente devotado a Revolução não podia abandonar assim a sua obra. Continuou, com camaradas, a lutar de um modo oculto; reconstituiu destacamentos á retaguarda do exercito contra-revolucionario e voltou as guerrilhas de outrora, no tempo dos alemães. Seu exercito que chegou a reconstituir-se, fez muito para levantar a população contra a ditadura de Denikine. Agora todo mundo sabe que parte teve a este exercito nas derrotas experimentadas pelo ditador.¹³⁸

No fim deste ano de 1920 muitas matérias polêmicas contra os bolcheviques na Rússia foram publicadas em *A Plebe*, contudo, muitos textos estão em péssimas condições, a ponto de impossibilitar a leitura. Ainda assim, registramos mais uma passagem em que os redatores deste jornal falam a respeito de Makhno, em que nesta época estava no auge de suas lutas na Ucrânia, citando como fonte o jornal libertário “Comuna” do Porto:

¹³⁸ *A Plebe*, “Pela revolução anarquista: contra a burguezia e contra o bolchevismo”, ano 4, nº 91, 27/11/1920, p. 01.

Estamos de pleno acordo com Macno: como revolucionarios podemos, na luta contra os capitalistas, aliar-nos aos bolchevistas, mas nunca por afinidades de ideais.¹³⁹

Com o surgimento do jornal anarquista *A Vanguarda*, em 1921, esta folha tornou-se uma das mais duras defensoras da Rússia soviética no Brasil, pois um de seus principais editores, João da Costa Pimenta, preferia não dar relevo aos problemas ideológicos que afetassem a unidade do movimento operário (DULLES, 1977, p. 136-137). Dessa forma, essa postura editorial afetou a forma como os anarquistas encararam a revolta de Kronstadt. As referências dos conflitos em Kronstadt começaram a aparecer nas páginas de *A Vanguarda* cerca de um mês antes, até mesmo alguns dias antes de os kronstadinos declararem apoio às greves de Petrogrado, em 02 de março, o que demonstra que notícias a respeito de novos embates sociais que estavam acontecendo na Rússia naquele momento já estavam sendo divulgadas pela imprensa e, inclusive, pelas agências internacionais de notícias:

Nova York, 20 – Como todos os sabbados, principalmente quando as coisas na Europa estão pretas, os grandes jornais publicam noticias de movimentos revolucionarios na Ukania, em Kronstadt e em Moscou. O público, que já está habituado ao prato semanal, não liga grande importância a essas notícias.¹⁴⁰

Esta pequena nota, inserida em uma seção do jornal intitulada “*Boletim telegraphico*”, demonstra que desde o início do jornal, na sua primeira notícia sobre a revolta de Kronstadt, havia dúvidas no caráter revolucionário deste evento, o que é visível em seu tom irônico das notícias vindas dos “grandes jornais”. Isso confirma que estes militantes também leram a grande imprensa a respeito deste episódio e que usaram as informações que eram repassadas pelas agências internacionais de notícias, como indica no início da nota a origem e data do telegrama – “Nova York dia 20”. Ainda mais, nesta nota podemos identificar uma das poucas referências que é feita às lutas sociais que ocorreram na Ucrânia.

No número seguinte, *A Vanguarda* publicou um artigo de Antonio Canellas, escrevendo de Bruxelas e datado de 24 de dezembro de 1920, no qual o autor diz que prometera estudar a situação interna da Rússia, e que oferece uma visão negativa de Makhno,

¹³⁹ A Plebe, “Bolchevismo e anarquismo”, ano 4, nº 95, 18/12/1920, p. 04.

¹⁴⁰ A Vanguarda, “Menu do dia: revolução na Russia...”, ano1, nº 02, 26/02/1921, p. 03.

colocando o anarquista ucraniano ao lado das forças contra-revolucionárias como a de Wrangel, ou seja, como mais um “*caudilho*”, a última fonte em que encontramos menção a Makhno. Portanto, um ponto de discordância que demonstra as rupturas políticas no interior do movimento operário:

Neste entrementes passaram-se grandes acontecimentos e a situação modificou-se muitíssimo. Wrangel desapareceu do cenário, desapareceram igualmente Petlionesa, Balakhovitch, Semenof, Makhno e varios outros caudilhos. E esta modificação na situação militar da Republica dos Soviets reflectiu-se favoravelmente na situação economica.¹⁴¹

O jornal anarquista *A Vanguarda* funcionou como um diário operário, e ele abordou os eventos da revolta de Kronstadt desde que se iniciaram novas greves em Petrogrado, que resultou na sublevação dos habitantes da ilha. A análise destas fontes nos oferece um exemplo de como os anarquistas brasileiros se esforçavam para entender, construindo as suas próprias interpretações, do que acontecia no que era considerado um dos centros da Revolução Russa. Assim, pouco menos de uma semana após iniciar a revolta, noticiando uma “terrível revolução em Kronstadt”, e demonstrando a típica desconfiança nas notícias telegráficas, mas com conhecimento da discordância do bolchevismo em relação ao anarquismo, destacamos:

Como sempre, os telegrammas não dizem a verdade, ou, se dizem alguma coisa, é a parte da verdade que melhor lhes convém.
Na hypothese de que haja alguma coisa, não será para extranhar que seja algum bombardeio e desembarque da esquadra aliada em Kronstadt, [...].
[...]
É bom não esquecer tambem que na Russia existem grandes correntes mais avançadas do que a bolchevista e que esperam a oportunidade para abolir o governo centralista dos bolchevistas.
Se o movimento existir de facto e tiver sido provocado por ellas, os capitalistas pouco terão a lucrar; pelo contrario...¹⁴²

Dois dias depois, o jornal volta a se manifestar sobre Kronstadt em outro texto sem autoria. O movimento anarquista tinha dificuldades de acessar as informações sobre a Rússia e possuía grandes dúvidas em relação aos acontecimentos, de forma que suas opiniões não

¹⁴¹ *A Vanguarda*, “A situação economica da Republica dos soviets”, ano 1, nº 03, 28/02/1921, p. 02.

¹⁴² *A Vanguarda*, “Que haverá pela Russia?”, ano 1, nº 09, 08/03/1921, p. 01.

estavam totalmente cristalizadas, e a incerteza era mais um elemento desta produção jornalística, que se esforçava para entender as notícias que chegavam:

No entanto, pela leitura acurada dos poucos despachos de hontem, chegamos, mercê de certos dados que escaparam a censura das agencias, a formar uma nova ideia sobre esse movimento, caso elle, de facto, exista.

Parece-nos que se trata de um movimento ainda mais radical de que o bolchevismo e, nesse caso, a burguezia europeia só terá a se lamentar.

Eis porque chegamos a essa supposição.

O movimento, segundo se afirma, teve inicio em Kronstadt, que é o reducto dos revolucionarios radicaes, daquelles que só aceitam o bolchevismo como um Estado intermediário, de curta duração.¹⁴³

Esta fonte, que também confirma que a esperança de que a revolta de Kronstadt fosse uma nova etapa da Revolução Russa, o que se aproxima da noção de uma “terceira revolução” professada pelos kronstadinos, foi uma interpretação que correu o mundo nos meios operários e que repercutiu no movimento operário brasileiro (ARVON, 1984, p. 111-112). O sufocamento desta revolta determinou rupturas profundas na esquerda mundial, foi quando o movimento anarquista internacional perdeu definitivamente as suas esperanças no bolchevismo (RAGO, 2001, p. 51-52). E aqui no Brasil, observamos por este texto que anarquistas destas terras também alimentaram o imaginário de que este movimento poderia ser “*ainda mais radical de que o bolchevismo*”.

Mas a revolta de Kronstadt também repercutiu em outros jornais e com outras interpretações, como em *A Plebe*, em artigo assinado por *Camargo*, onde verificamos que os anarquistas na época também chegaram a pensar que tal revolta pudesse ter sido deturpada pelas agências de notícias, e que portanto havia mentiras inventadas pela grande imprensa:

Depois de tantas investidas frustradas contra a Russia bolchevista e revolucionaria, os aliados ainda agora, a proposito da invasão da Allemanha pelas suas forças e para distrahir a atenção do proletariado, aproveitaram-se da noticia de um pequeno levante antibolchevista em Kronstadt e deram largas á imaginação forjando por meio de suas agencias as mais monstruosas e pantafaçudas mentiras com o fito de fazer crer ao mundo que o regimen bolchevista se achava seriamente ameaçado e em grave perigo, prestes a ser eliminado da superficie do planeta.

Não podendo vencel-o pela força das armas, quizeram então anniquilal-o, mais uma vez, a força de mentiras e de astucias.¹⁴⁴

¹⁴³ *A Vanguarda*, “A situação na Russia: o que se pode deduzir dos ultimos telegrammas”, ano1, nº 11, 10/03/1921, p. 02.

¹⁴⁴ *A Plebe*, “O que se passa pela Russia”, ano 5, nº 109a, 19/03/1921, p. 02.

A imprensa anarquista também espelhou as contradições e invenções dos veículos de informações sobre a situação russa naquele momento, confundindo-se em meio às várias notícias. Também há apenas um dia após o esmagamento da revolta em Kronstadt (18/03/1921), *A Vanguarda*, em pequena coluna também inserida na seção Boletim Telegráfico, indicando Londres dia 18, fala da volta das relações comerciais entre a Rússia e a Inglaterra, e agora apresentando uma visão mais negativa do que aconteceu em Kronstadt:

Eis ahi o tratado. Foi para impedir a realização desta victoria da diplomacia russa que a França acaba de queimar o seu ultimo cartucho improficuo, em Kronstadt, que já foi retomada pelos exercitos vermelhos.¹⁴⁵

Mais adiante, em artigo assinado por um *Beato da Silva*, que fala dos calotes presentes e futuros nas relações internacionais entre os governos da Rússia bolchevique, a Inglaterra e a França, essa versão de que tal insurgência tinha sido fomentada pelas forças aliadas se repete:

A revolta de Kronstadt contra o regimen dos soviets foi, afinal, abafada como o foram todos os outros levantes levados a effeito na Russia por gente burgueza a serviço da França e da Inglaterra.
Se essa gente tivesse juizo e se conformasse com os factos consummados deviamos crer que era essa a ultima cartada jogada contra o bolchevismo.
Lloyd Georg, mais avisado e mais velhaco, parece que assim pensa, pois acaba de firmar o accordo commercial com os soviets, que é o mesmo que retirar o bloqueio economico sob o qual a Russia vivia ha quatro annos. [...].¹⁴⁶

O prestígio da Rússia revolucionária ainda era forte, e os editores anarquistas não perderam a oportunidade de satirizar Lloyd Georg, primeiro ministro britânico na época. Os militantes libertários deste jornal apresentaram leituras divergentes destes eventos, no início eles enxergaram a possibilidade de uma nova revolução, mas logo se apresentaram outras interpretações. Portanto, eles enxergaram também na revolta de Kronstadt uma conspiração contra o governo bolchevique financiada pelos países aliados que invadiram e apoiaram os inimigos da Rússia durante a guerra civil – como a França e a Inglaterra – e, assim, sendo mais um movimento contra-revolucionário, como fica evidente no artigo de Everardo Dias:

¹⁴⁵ *A Vanguarda*, “O reatamento das relações comerciais entre a Inglaterra e a Russia”, ano 1, nº 19, 19/03/1921, p. 02.

¹⁴⁶ *A Vanguarda*, “De como é ruim não pagar dividas dos outros”, ano 1, nº 22, 23/03/1921, p. 02.

Os portos russos e os navios mercantes devem estar muito estragados com a guerra infernal que soffreram e perigosa em extremo deve ser a sua navegação devido aos meios de defesa empregados, e pelas constantes revoltas, alimentadas entre a marujada inconsciente pelo ouro francez e inglez.

Ainda agora, a revolta de Kronstadt o que é sinão uma das muitas tentativas, levadas a efeito a custo do ouro do capitalismo açambarcador alliado?¹⁴⁷

Neste artigo, publicado já há vários dias após o fim da revolta, Everardo Dias comenta os acordos comerciais que foram restabelecidos entre a Rússia e a Inglaterra, enxergando a revolta de Kronstadt como alimentadas pela “*marujada inconsciente*”, financiada pelo ouro francês e inglês. Porém, diferente de uma marujada inconsciente, estudos apontam que o programa político dos marinheiros da comuna de Kronstadt, que era um centro tradicional da extrema esquerda na Rússia, ainda que não puramente anarquista, tinha fortes influências dos anarquistas, e também expressava idéias de outros grupos da esquerda, como os mencheviques e os socialistas revolucionários de esquerda (AVRICH, s.d., p. 167-170). O texto não indica quais foram as suas fontes para sustentar essas opiniões, Everardo ainda acrescenta neste artigo que o fim do bloqueio contra a Rússia era uma necessidade imposta aos aliados devido à vitória militar do exército vermelho, mas que era um acontecimento contrário às pretensões do “governo reacionário francês”. Talvez esta concepção ajude a explicar em parte o engano em relação ao evento de Kronstadt, em meio às contradições do grande volume de informações que circulavam e que vinham de diversas origens.

Alguns números adiante, Everardo Dias volta a se manifestar a respeito da revolta de Kronstadt, demonstrando a tradicional posição crítica da imprensa anarquista em relação à grande imprensa, comparando notícias e fazendo análises e deduções:

De vez em quando, para fazer jús ao ditado de que é mais facil agarrar um mentiroso do que um côxo, – a imprensa burgueza dá-nos homeopaticamente, uma verdade, ou uma deducção de verdade.

[...]

Mas, onde quero eu frisar a mentira é neste outro telegramma que para cá enviaram da capital da Finlandia:

“Helsingfors, 29 – O governo finlandes vai propôr a todas potencias que fazem parte da Liga das Nações custearem-se para manter os refugiados de Kronstadt, que presentemente se asyram na Finlandia”.

Ora, a meu vêr, este telegramma prova evidentemente, indiscutivelmente que todas as grandes nações da Europa estão implicadas no *complot* de Kronstadt.¹⁴⁸

¹⁴⁷ A Vanguarda, “O accordo anglo-bolchevista”, ano1, n° 28, 30/03/1921, p. 01.

¹⁴⁸ A Vanguarda, “Honestidade de intenções...”, ano 1, n° 33, 05/04/1921, p. 01.

De fato, alguns envolvidos na insurgência de Kronstadt fugiram para a Finlândia (ARVON, 1984, p. 76), mas a versão defendida por Everardo Dias e outros, em *A Vanguarda*, de que a sublevação da ilha tinha sido um movimento contra-revolucionário, financiado por forças da Entente (os *aliados*, como a Inglaterra e a França, que tinham apoiado os russos brancos na guerra civil) pode muito bem indicar ressonâncias da versão oficial do governo bolchevique naquela época. De acordo com o X Congresso do Partido Comunista da Rússia, realizado a 15 de março daquele ano, três dias antes de aniquilar a revolta, os kronstadinos foram considerados ligados e associados a “Guarda Branca”, portanto um movimento de caráter contra-revolucionário (ARVON, 1984, p. 67 e 71).

Quanto à situação dos anarquistas na Rússia, e a repressão do governo de Lênin, a imprensa anarquista no Brasil, dentre os periódicos que trabalhamos, só volta a se manifestar em 1922. No início deste ano, o jornal *O Libertario* de São Paulo publica um artigo assinado por *Mario da Silveira*, ao qual também não identificamos, e que afirma publicar relatos vindos de “telegramas de toda parte do globo”, sobre a situação na Espanha (que na época também passava por fortes conflitos sociais) e na Rússia. Na parte condizente a Rússia, ele indica como fonte o jornal francês, possivelmente anarquista, “*Umanità Nova*”, e destaca-se na forte condenação ao regime comunista, bem oposto as “visões” iniciais sobre a Rússia:

E da Russia nos vem, por intermedio de “Umanità Nova”, o mesmo grito de horror e de padecimentos. Tambem na Russia – na Russia de sua magestade Lenine, o dictador, se prende pelo só motivo de pensar livremente! Tambem lá, os anarchistas, não podem ter imprensa e até as oportunidades de fazer propaganda por intermedio da palavra lhes são subtraídas!

Lêde e pasmae:

“A situação dos anarchistas deste paiz, não se pode comparar com a de nenhuma outra parte do mundo. Elles estão completamente manietados: sem imprensa, sem possibilidades de fallar, ou qualquer outro meio de actividade. Aquelles que tentam fazer alguma coisa, ainda que minima, são immediatammente presos; e muitos são detidos pelo só facto de terem idéas anarchistas. A situação é absolutamente desesperada. A unica esperança dos companheiros russos é que os companheiros da Europa possam, com seus protestos, fazer com que o governo dos soviets deixe os anarchistas respirar”.

Bello! Não é verdade? Bello, muito bello! Ah, Lenine! Tsar dos tsares, hiena insaciavel de odios e vinganças; poltão feito heroe de carroussel; tu, na tua ambição de apparecer, galgaste os degraus do povo com tuas botas de aldeão, mas esse povo que te tem sustentado, ha de saber cumprir com seu dever e mandar-te fazer companhia a Nicolau II.

Trabalhadores! Povo! Homens de coração e idéas livres! Olhae para a Russia e erguei o vosso mais vehemente protesto contra os trahidores do povo: os comunistas maximalistas: os dictadores modernos!¹⁴⁹

¹⁴⁹ *O Libertario*, “Hespanha e Russia”, ano 1, nº 02, 15/01/1922, p. 04.

Nesta época, o periódico *O Libertario*, juntamente com *A Plebe*, fazia oposição à imprensa comunista carioca, onde atuavam agora antigos companheiros anarquistas, em jornais como o *Movimento Comunista* e *Voz Cosmopolita*, que antes era o jornal libertário *O Cosmopolita* que trabalhamos (DULLES, 1977, p. 161-162). Assim, as rupturas no movimento libertário neste período já eram irreversíveis, e é interessante no artigo acima, depois de observarmos as fontes onde os anarquistas se entusiasmaram e defenderam a Revolução Russa, o quanto o autor ataca a figura de Lênin e salienta que os traidores do povo são os “*comunistas maximalistas*”, para ele, os “*dictadores modernos*”.

Conforme o ano foi passando, outros artigos sobre a condição dos anarquistas russos, e com críticas ao governo comunista, saíram em *A Plebe*. Em agosto, o grupo editor de Edgard Leuenroth divulgou um pequeno informativo contradizendo um “autor”, que eles não especificam quem é, do recém-fundado Partido Comunista Brasileiro, que tinha dito que os anarquistas russos Emma Goldman e Alexandre Berkman tinham prestado serviços aos bolcheviques. Depois do trágico final da sublevação de Kronstadt e da dissolução do exército de Makhno, Goldman e Berkman, que nunca concordaram com o bolchevismo, resolveram abandonar a Rússia em fins de 1921 (JOLL, 1964, p. 225-226). Com isso, refutando os comunistas, os libertários de *A Plebe*, referindo-se à posição dos dois anarquistas, salientam:

Acreditam que sómente uma nova revolução poderá salvar a Russia. Agora, de revolucionarios só resta lá a morte libertadora. É o pensamento de todos que nunca como agora, depois da queda da social-democracia allemã e da desastrosa experiencia russa, se apresentou mais bella oportunidade para a propaganda de nossas idéas.¹⁵⁰

No fim de nosso período de pesquisa os artigos desse tipo se multiplicam. Em dezembro, sai uma matéria assinada por *Alberto Lemoine*, que se identifica como “um delegado francês”, ou seja, trata-se de um relato de um delegado que participou de um congresso da Internacional Sindical Vermelha (o Profintern). No início, os editores citam o já mencionado jornal francês “*Journal du Peuple*” como a possível fonte que utilizaram, e que na verdade sabemos que foi um jornal anarquista dirigido inicialmente por Sebastian Faure (WOODCOCK, 2006b, p. 93). Referindo-se às denúncias lançadas contra o bolchevismo por Alexandre Berkman e Emma Goldman, e à sua estadia na Rússia, destacamos:

¹⁵⁰ *A Plebe*, “A verdade sobre a Russia”, ano 5, nº 189, 26/08/1922, p. 03.

O brado de socorro lançado ao mundo por Emma Goldman e Berkman, abstracção feita da sua etiqueta revolucionaria, não se perderá sem éco.

Durante a minha estadia na Rússia, amiudadas vezes a mim mesmo perguntava que attitude se me impunha ao regressar do Congresso Constitutivo da Internacional Syndical Vermelha.

Devo mentir e auxiliar a obra de mystificação? Emudecerei ou direi a verdade?

Parece-me agora haver, enfim, soado a hora de falar.

Não posso ser indiferente ao apello em favor dos anarchistas russos, encarcerados e torturados. Entre irado e envergonhado muitas vezes penso nelles.

[...]

A razão de Estado em favor de um partido politico, – embora rotulado de revolucionario, – não deve prevalecer contra a verdade e a honra.

[...]

As prisões da Rússia, de ha muito e mais do que na época do tzarismo, estão pejudicadas de homens integros e corajosos que nos calabouços espiam o enorme, o imperdoavel crime de não curvar a espinha e de não dizer amen a todos os actos da *elite* do partido communista. São martyrizados porque não acreditam absolutamente nas virtudes dos partidos politicos, e porque são ou anarchistas ou revolucionarios da esquerda.¹⁵¹

E no final, o autor se refere à expulsão dos anarquistas russos da Rússia, na ocasião da pressão das delegações estrangeiras no congresso do Profintern de 1921, citando o nome de Volin:

[...] as delegações franceza e estrangeiras, sob a promessa de que elles se expatriariam, puderam obter a liberdade de alguns anarchistas, entre elles Volin, uma das mais bellas e altivas figuras do movimento anarchista russo.¹⁵²

No número seguinte, *A Plebe* divulga denúncias graves que foram lançadas contra os bolcheviques por autoria de Volin, que na ocasião se apresentou em nome dos anarquistas russos exilados na Alemanha, e que ao lado de Gorelik e outros tinha publicado em junho daquele ano em Berlim um livro sobre a repressão bolchevique contra o anarquismo russo (GUÉRIN, 1968, p. 114). O grupo editor de Leuenroth não se manifesta sobre a tradução, mas em indicação logo abaixo das palavras de Volin eles revelam que tal denuncia foi retirada do jornal “*Lavvrenire Anarchico*” de Pisa, Itália, edição de 6 de outubro de 1922. A matéria de Volin fala da infiltração de agentes soviéticos no movimento anarquista, dessa forma, damos sequências às palavras dele:

¹⁵¹ A Plebe, “A perseguição dos anarchistas pelos bolchevistas”, ano 5, nº 197, 02/12/1922, p. 04.

¹⁵² A Plebe, *Ibidem*.

Já por duas vezes, nós anarquistas russos, expulsos da Rússia soviética, fomos obrigados a por em guarda os companheiros de Europa e da América. Nós os advertimos que o governo do Soviet envia, um após outro, em Europa e América, os seus agentes com o fim de corromper o movimento sindical e anarquista.

[...]

Dada a sua ignorância das cousas russas, alguns companheiros italianos pozeram á disposição deste “caixeiro viajante” bolchevista as columnas de seus jornaes. E não sómente elle as aproveitou para defender os bolchevistas e propositadamente desnaturar o significado da Revolução Russa, mas chegou a paralizar numa certa medida os protestos nascentes dos companheiros italianos a favor da ideia libertaria e dos anarquistas russos.

Berlim, 11 de setembro de 1922.

Em nome do Grupo dos Anarquistas russos na Alemanha. VOLINE.¹⁵³

A decepção com os rumos tomados na Rússia e a acusação da situação dos anarquistas naquele país são os elementos de outra interpretação e visão sobre a Revolução Russa, no final do nosso período de pesquisa, como demonstra artigo assinado por *Democrito*:

Ainda agora com o caso da Rússia assistimos ao espetáculo mais deprimente e entristecedor de que ha memoria. A Revolução fez-se por iniciativa de todas as facções ou partidos revolucionarios. Nenhum revolucionario de verdade seria capaz de negar seu concurso a um movimento transformador e libertador daquelle tomo. Em um dado momento, porém, os bolchevistas conseguiram empolgar os poderes economicos, politicos e militares daquelle immenso paiz, e a revolução feita por todos e devendo favorecer a todos os sedentos de justiça social foi desviada da sua natural trajetoria e serviu unicamente de instrumento ao partido bolchevista que impôz o seu lemma de “crê ou morres” a todos os individuos revolucionarios ou não. Houve anarquistas ou suppostos taes que por medo, por interesse ou inconciencia acceitaram empregos, adheriram á camorra bolchevista e são apontados como os mais dignos e sensatos pelos actuaes donos da Rússia. Aquelles porém que não pactuaram são corridos, perseguidos, difamados, escarnecidos e fuzilados.

[...]

A Rússia, no entanto, sobrepassou todas as conjecturas. Uma revolução que se faz passar por social e que assim foi em seus começos, perseguir, aniquillar, exterminar a suas figuras mais revolucionarias é um contra-senso inconcebivel e inqualificavel. É a aberração das aberrações. [...].¹⁵⁴

Para os que se mantiveram anarquistas no movimento operário a Revolução Russa, nesta época, já tinha sido desvirtuada dos princípios do socialismo libertário. Uma revolução que no seu início foi “*um movimento transformador e libertador*”, “*feita por todos e devendo favorecer a todos os sedentos de justiça social*”, e que, portanto, “*se faz passar por social*”, transformou-se na “*aberração das aberrações*”, desviando-se “*da sua natural trajetória*”.

¹⁵³ A Plebe, “Os bolchevistas e os anarquistas”, ano 5, nº 198, 19/12/1922, p. 04.

¹⁵⁴ A Plebe, “Os infames processos”, ano 5, nº 199, 30/12/1922, p. 01.

3.2.2. A 3ª Internacional de Moscou

Já demonstramos que algumas fontes noticiaram a fundação de uma nova Internacional dos trabalhadores em 1919, fundada por Lênin em Moscou, também conhecida como a 3ª Internacional ou simplesmente a Internacional Comunista (Komintern). Portanto, este também foi um assunto corrente na imprensa anarquista sobre a Revolução Russa, e as discussões sobre as reorientações do movimento operário e sindical aqui no Brasil envolveu não só o posicionamento diante da natureza da revolução em curso na Rússia, mas também diante do programa da Internacional Comunista. Este assunto influenciou o Terceiro Congresso Operário brasileiro de 1920 e esteve presente na imprensa libertária a partir deste ano (SEGATTO). Apesar de poucas fontes pertencerem a este tema em comparação aos outros, entendemos que este foi importante nesta imprensa naquela época, possuindo certo destaque nestes jornais, assim, separamos alguns textos que foram diretamente relacionados sobre o caráter desta Internacional e a atitude do movimento anarquista diante dela.

O primeiro artigo que oferece um posicionamento e uma interpretação sobre esta Internacional, ao invés de simplesmente noticiar a sua existência, foi um texto sem autoria publicada em *A Obra* de São Paulo. Texto este que não deixa de fazer críticas à centralização da Internacional de Lênin, acusando esta organização de traição à causa socialista:

[...] Ora a III Internacional esqueceu-se propositadamente dos seus deveres, para se transformar numa especie de estado-maior do proletariado, dando ordens terminantes aos “soldados” que estavam sob o seu commando. Trahindo os principios internacionalistas e socialistas que dizia defender, ella mostrou que não era senão um vasto quartel general, dependentes dos ministerios da guerra dos varios paizes em lucha.¹⁵⁵

O jornal de Florentino de Carvalho foi um dos primeiros a se manifestar sobre este tema, identificando elementos militaristas e centralizantes na nova organização, como sendo um “*vasto quartel general*”. A crítica anarquista contra a Internacional Comunista continuou formulando observações semelhantes em um dos primeiros números de *A Vanguarda* de São Paulo, em artigo assinado por *Augustin Hamon*, um militante que era crítico do bolchevismo

¹⁵⁵ A Obra, “A III Internacional”, ano1, nº 12, 01/09/1920, p. 04.

desde o ano anterior no jornal *Voz do Povo* do Rio de Janeiro (DULLES, 1977, p. 136). Neste texto, o autor cita as 21 condições impostas por Moscou no II Congresso desta Internacional em 1920, para a adesão dos partidos comunistas nacionais (COLE, 1961, p. 301). Com isso, ele também discorda dos princípios de Moscou:

A I. C. de Moscou sendo autocrática, como por uma forma completa o demonstram as XXI condições, pretende immiscuir-se na vida interna e externa de cada um dos Partidos Nacionais a ella adherentes. Em summa, um comité executivo dirigiria tudo, dum dado centro. Os diversos partidos, como corpos de exercito, obedeceriam a este comité executivo, verdadeiro grande-estado maior general, e executariam as suas ordens. Estamos portanto, em presença duma organização militarista, conventual. Julgo que isto de forma alguma pode convir aos occidentaes, cujo estado de evolução excede em muito a phase medieval em que a Russia verdadeiramente se tem mantido sob o ponto de vista politico social.¹⁵⁶

E Augustin Hamon ainda acrescenta:

[...] Estas condições foram estabelecidas num Congresso da I. C., em Moscou há alguns mezes. Ora este Congresso não contava com delegados da classe operaria da Grã-Bretanha, da França, da América do Norte e do Sul. [...] É portar-se, um pequeno grupo de ideologos, bem intencionados, mas fanaticos que, “ex-cathedra”, criaram com todas as peças a I. C. Esta Internacional não é Internacional da classe operaria: é a Internacional duma seita.¹⁵⁷

Na verdade, várias organizações revolucionárias participaram deste segundo congresso de 1920 que instituiu as 21 condições (inclusive a CNT espanhola de forte caráter anarquista). Estas 21 condições determinavam, entre outras coisas, à subordinação de todos os partidos comunistas nacionais a autoridade da I. C. de Moscou (SALLES, 2005, p. 81-84).

No entanto, as questões em torno da 3ª Internacional também transpareceram divergências profundas no interior do movimento operário anarquista. No importante periódico *Voz do Povo* do Rio, nas edições que trabalhamos do ano de 1921, saiu um artigo assinado por Astrojildo Pereira, que por esta época já apresentava firme adesão à Rússia Soviética, e que tinha uma opinião bem diferente a respeito desta Internacional. Astrojildo

¹⁵⁶ A Vanguarda, “A Internacional Comunista de Moscou e a sua autocracia”, ano1, nº 08, 05/03/1921, p. 02.

¹⁵⁷ A Vanguarda, Ibidem.

dirige esta mensagem diretamente ao movimento operário e sindicalista, referindo-se à fundação do Profintern – a Internacional Sindical Vermelha, o braço sindical do Komintern:

Deve reunir-se, em Moscou, neste 1º de Maio, o 1º Congresso constitutivo da Internacional Syndical Vermelha. Convém elucidar os trabalhadores do Brazil sobre esta Internacional, sua origem e sua composição.

Ella nasceu do encontro, em Moscou, dos delegados das organizações syndicais de varios paizes idos a tomar parte no 2º Congresso da III Internacional. Assim como esta agrupa os Partidos Communistas, antagonicos ao social-patriotismo dos amarelos da II Internacional, a Internacional Syndical Vermelha agrupará os syndicalistas revolucionarios de todo o mundo, antagonicos ao syndical-patriotismo dos amarelos de Amsterdam. De accordo com a Internacional Communista, a Internacional Syndical Vermelha ajudará, coordenará, organizará a acção operaria em todo o mundo.¹⁵⁸

É interessante notar que Astrojildo opõem à Internacional Comunista e à Internacional Sindical Vermelha, que para ele organizarão os operários e os “sindicalistas revolucionários” do mundo, à II Internacional e à Conferência dos Sindicatos Anarquistas de Amsterdam, que já foram comentados, qualificando estas duas últimas organizações como sendo “patrióticas” e “amarelas”. Dentro da linguagem militante daquela época, os “amarelos” seriam os dirigentes do movimento operário que eram mais moderados, que gozavam de boas relações com o governo e com a ordem instituída, e que portanto, não eram revolucionários como aqueles que se consideravam “vermelhos” (DULLES, 1977, p. 109-110). No fim do texto, Astrojildo chama a atenção para o atraso do movimento operário brasileiro e revela um pensamento centralizador, próprio do comunismo bolchevique:

E o Brazil? Os trabalhadores do Brazil? É talvez o Brazil, dos grandes paizes, o unico a faltar em Moscou, neste 1º de Maio de 1921... Mas se não temos hoje um delegado nosso directo na Capital Vermelha, lá nos encontramos em espirito, commungando nas mesmas aspirações, nos mesmos anceios de libertação. E tenhamos confiança em nós proprios, enrijemos nossa vontade, perseveremos infatigavelmente no caminho traçado, que havemos, também nós, de chegar a Moscou, effectivando nossa solidariedade com os obreiros de toda a terra. Mais que nunca, todos os esforços de cada um de nós devem convergir para a obra immensa de organização das massas proletarias, methodizando-a, systematizando-a, concentrando-a num bloco unico, poderoso e aguerrido, prompto a collaborar efficientemente na batalha suprema contra o capitalismo.¹⁵⁹

¹⁵⁸ Voz do Povo, “A Internacional Syndical Vermelha”, 01/05/1921, p. 02.

¹⁵⁹ Voz do Povo, Ibidem.

No mês seguinte, em *A Plebe* de São Paulo, um artigo assinado por *Monteiro Teixeira* na primeira página também defendeu a acusação de que a Conferência de Amsterdam e a II Internacional eram organizações “amarelas”, e, portanto, reformistas, procurando defender também a III Internacional:

Os lacaios do capitalismo que se rotulam de socialistas reformistas e syndicalistas á feição de Jouhaux investem furiosamente contra a III Internacional de Moscou, repudiando os principios revolucionarios, imbuidos que estão até a medula dessa famosa velhacaria pacifica que a denominam de colaboração de classes. Os renegados de Amsterdam sabem perfeitamente que semelhante colaboração se torna cada vez mais impossivel. [...]

Ora, a III Internacional de Moscou, que os renegados alcunharam de sectaria, encerra principios revolucionarios, sendo dirigida, como a Internacional Syndical Vermelha, por elementos revolucionarios, quer no terreno idealistico, quer no de acção. O programma terceirista estabelece para os reformistas condições taes que equivalem a um dilema: ou entram e acceitam os principios se forem de facto revolucionarios, e neste caso, se acham desligados completamente da burguesia; ou fogem e renegam os principios estatuidos se forem de facto anti-revolucionarios, e neste caso, se acham completamente ligados a burguesia.¹⁶⁰

As discussões na imprensa anarquista sobre a 3ª Internacional, ao que tudo indica, também repercutiram as polêmicas do movimento operário internacional, pois para o autor, “*sindicalistas a feição de Jouhaux*” eram lacaios do capitalismo. Jouhaux foi um importante sindicalista francês da época, importante dentro da CGT francesa.¹⁶¹

No início de 1922, no mesmo jornal *A Plebe*, foi publicado um extenso manifesto, que começa na primeira página e se estende até a última, onde no final foram reservados três tópicos referindo-se a Revolução Russa. Este manifesto-programa, como indicam, é assinado por vários militantes, entre eles Edgard Leuenroth. No tópico “*Como entendemos a Internacional*”, eles expõem os seus conceitos sobre o que é uma Internacional e suas apreciações a respeito da 3ª Internacional e da sua seção da Internacional Sindical Vermelha:

Consideramos a Internacional, em sua dupla modalidade economica e politica, como o complemento necessario das organizações regionais constituídas, de um lado pelo conjunto dos sindicatos operarios, e do outro por todos os partidos politico-sociaes. Entendemos, porém, que, para que essas instituições não falem aos seus fins e possam adquirir a eficiencia necessaria, devem manter a indispensavel autonomia de acção, sem dependencia de uma a outra, embora possa haver conjuncção de esforços na luta revolucionaria contra o capitalismo, quando as circunstancias assim

¹⁶⁰ *A Plebe*, “O socialismo amarelo”, ano 5, nº 121, 11/06/1921, p. 01.

¹⁶¹ Sobre Jouhaux consultar: <pt.wikipedia.org/wiki/León_Jouhaux>. Acesso em: 28 de junho de 2012.

o determinarem.

[...]

Por isso, não a hostilizando e prestando-lhe o nosso apoio na sua obra revolucionaria e esperando que a experiencia demonstre a necessidade da modificação de suas bases no sentido federalista-libertario, de forma a poder reunir todos os elementos revolucionarios do mundo, não podemos acceitar a adhesão á 3ª Internacional de Moscou, porque ella é a instituição de uma determinada facção – a communista marxista; porque tem por fim o estabelecimento de uma dictadura; porque acceita, embora condicionalmente, a acção parlamentar, que a experiencia do passado e do presente demonstrou ser damnosa para a causa da Revolução Social; porque não obedece a estrutura federalista, pois estabelece normas attentatorias desse principio e que não são necessarias para uma acção conjunta; e, firmemente, porque pretende estabelecer a dependencia da Internacional Syndical á sua directa ingerencia.

Em face da Internacional Syndical Vermelha mantemos uma attitude de sympatia, prestando apoio á sua obra de preparação revolucionaria do proletariado mundial, considerando, porém, como um impecilho á adhesão das organizações syndicalistas revolucionarias a sua dependencia á 3ª Internacional de Moscou, associando-nos, por isso, ao movimento sustentado no seio do proletariado organizado com o fim de modificar as suas bases de accordo com os principios syndicalistas.¹⁶²

O grupo deste manifesto, ligado ao periódico *A Plebe*, neste momento, tomando o cuidado de não fazer críticas mais duras à 3ª Internacional e sua seção sindical, e de não acirrar mais polêmicas em torno, presta solidariedade a estas organizações, mas deixa bem claro os motivos de não aderir a elas. Indicam, então, a aspiração de que a Internacional Comunista modifique suas bases no sentido “*federalista-libertário*”, apontando assim a favor da descentralização e autonomia das organizações afiliadas, e que eles se recusam a se juntar a Moscou devido à feição “*comunista marxista*” da nova associação. E ainda rejeitar a “*ação parlamentar*”, por ser esta “*danosa para a causa da Revolução Social*”, além de ser uma atitude típica do movimento anarquista, parte de um grupo político que há muito se opunha ao regime republicano brasileiro, com uma estrutura parlamentar indiferente às questões sociais.

Alguns números depois, *A Plebe* volta a se manifestar sobre a Internacional Comunista, em pequena nota de primeira página, desta vez indicando uma carta de *Armando Borghi* – militante não identificado – publicado no já referido jornal libertário francês “*Umanità Nova*”:

Armando Borghi publicou na “*Umanità Nova*” uma carta em que diz:

“A Terceira Internacional não é mais do que o órgão diplomatico por meio do qual o governo russo se conserva em contacto com o proletariado mundial. Foi fundado para servir os interesses do partido communista e não os interesses do proletariado

¹⁶² *A Plebe*, “Os anarquistas no momento presente”, ano 5, nº 177, 18/03/1922, p. 04. Esta fonte, também é transcrita na íntegra como anexo em Khoury (1988, p. 296-309), e comentado em Dulles (1977, p. 145-146).

mundial”.
É um órgão governamental. Só pelo governo se interessa.¹⁶³

A aversão ao Estado e ao governo, seja de qualquer regime, continuou forte entre aqueles que se mantiveram anarquistas, mesmo depois dos impactos da Revolução Russa, não aceitando às “cristalizações” impostas por Moscou.

3.2.3. Reafirmando posições: os libertários brasileiros diante da nova Rússia Soviética

O comportamento editorial da imprensa anarquista aqui analisada a respeito da Revolução Russa sofreu transformações, conforme os anos foram passando e as novas informações foram chegando, e assim o pensamento anarquista brasileiro sobre a experiência revolucionária russa também se modificou. Informações e declarações de anarquistas importantes no movimento internacional sobre esse assunto eram fontes e materiais muito relevantes e apreciados pelos libertários desta imprensa. Ainda em fins de 1919, no periódico *Spártacus* do Rio de Janeiro, sem nenhuma explicação do editorial, um grande artigo foi publicado em destaque na primeira página sobre a posição anarquista diante da Revolução Russa, assinado por Sebastian Faure, anarquista francês, que parece ter enviado este artigo diretamente ao *Spártacus* – indicando Paris, agosto de 1919. Este mesmo texto foi ainda publicado em *A Plebe*, um dia depois:

O Bem que penso do Bolchevismo está na razão dircta do mal que dele pensa a burguezia.

Direi mesmo, á falta de informações suficientes sobre o regimen dos Soviets Russos, que a attitude dos governos aliados – sabendo perfeitamente, como sabem, o que vale tal regimen – bastar-me-ia como indicação sobre o character real e o alcance social da presente Revolução na Russia.

Para que o “Sovietismo” seja a tal ponto caluniado, injuriado, condenado e combatido por todos os encarregados de negocios do regimen capitalista, forçoso é que esteja em formal opposição ao capitalismo e que, suprimindo na Russia os privilegios dos Senhores e dos Ricos, ponha em perigo esses mesmos privilegios, em todos os outros paizes.

[...]

Em virtude de um raciocinio analago, admito a necessidade, para a Revolução Russa, de estabelecer, por certo tempo, a Dictadura do Proletariado. Surgida porém,

¹⁶³ *A Plebe*, “A 3ª de Moscou”, ano 5, nº 189, 26/08/1922, p. 01.

fatalmente de circunstancias excepcionaes, esta Dictadura não deve sobreviver as circunstancias que a geraram, e si a Dictadura bolchevista não cessar desde que se torne dispensavel, o dever dos anarquistas será ataca-la, então, com o mesmo encarniçamento que terão empregado para defendel-a das ofensivas coligadas de todas as reações: russas e estrangeiras.¹⁶⁴

Ainda naquele ano, um artigo de Octávio Brandão sobre a necessidade da ditadura do proletariado, que saiu em *A Plebe*, foi uma demonstração clara das dissensões que se formavam no movimento operário. Esta fonte já foi citada (BANDEIRA, 1980, p. 254-255), contudo, aqui apresentamos outros aspectos relacionados às discussões políticas entre os militantes:

Esta palavra espanta, á primeira vista, o anarquista puro. Esse espanto se traduz numa desconfiança perigosa da Russia bolchevista, desconfiança que a burguezia já explora como o filão precioso. Mas, examinadas as coisas serenamente, sem preocupações theoricas, chega-se ás conclusões seguintes: a burguezia tem ouro, imprensa e metralhadoras. Contra essas tres armas poderosas, o Libertario dispõem de uma só clava: a ideia. A ideia sem a Força é nada. Nunca se poderá esmagar a burguezia a golpes de palavras. [...].¹⁶⁵

Logo no fim deste artigo sai uma nota da redação do jornal em que *A Plebe* responde:

Não pregamos a dictadura proletaria porque esta para os socialistas autoritarios é um regimen e não um incidente transitorio. A dictadura é um systema de governo que se encontra do lado opposto do anarchismo.¹⁶⁶

Em 1920, depois dos impactos das declarações de Florentino de Carvalho, dos combates entre anarquistas e bolcheviques na Rússia já comentada, *A Plebe* redigiu um editorial assinado por “Aldo” que ainda manifestava simpatia pelos bolchevistas russos (DULLES, 1977, p. 132 e 154). Porém, a falta de informação mesclava-se com a esperança e cautela de não se declarar bolchevista:

¹⁶⁴ Spártacus, “O Bolchevismo e a atitude anarquista (especial para Spártacus)”, ano 1, nº 11, 11/10/1919, p. 01.

¹⁶⁵ A Plebe, “Dictadura proletaria”, ano 3, nº 37, 19/10/1919, p. 02.

¹⁶⁶ A Plebe, Ibidem.

Assim, sem nos declararmos bolchevistas, acompanhamos comovidamente toda a sua heroica epopeia esperançados de que eles não se deterão nas conquistas já ganhas, mas sim continuarão marchando por caminhos sempre e sempre mais gloriosos, mais amplos e generosos, até chegar ao comunismo-anarquista ultima etapa ascencional para onde caminha a historia e a humanidade.¹⁶⁷

Com a fundação do semanário anarquista *A Obra* de Florentino de Carvalho em 1920, os debates sobre o anarquismo e o sindicalismo ganharam novo espaço, e as novas possibilidades vindas da Rússia foram discutidas, como no artigo assinado por *Arnaldo Danel*, também já comentado na historiografia (DULLES, 1977, p. 132-133). Neste artigo, exprime-se a necessidade de esclarecer a militância operária sobre o assunto, e de atacar o conceito de ditadura do proletariado e a corrente marxista:

O alvorecer da aurora nas rudes estepes do oriente da Europa com o triumpho da revolução do povo moscovita, trouxe á actualidade novos e importantes problemas que os militantes do Syndicalismo não podem deixar passar em silencio. O termo da moda *bolchevismo*, e cujo conceito neo-communista não passa de ser uma simples modalidade do socialismo marxista, empolgou quicá com excesso de zelo a actividade de não poucos amigos, e é preciso que constatemos bem a índole e alcance da revolução que prepara nossos entusiasmos, para que os susceptíveis de equívocos não incorram em erros.

[...]

Cremos e assim o affirmamos que a revolução a vir em nosso paíz, não pode dirigir seus passos e menos reduzir sua missão aos eitos dos partidarios de Lenine. A dictadura do proletariado, clausula capital da carta doutrinal do marxismo, não é, nem muito menos a exprime, a finalidade do Syndicalismo. Com ella o Estado, a autoridade, o poder, não perde sinão na forma a existencia intrinseca de sua prepotencia. [...].¹⁶⁸

A partir deste ano, as divisões no movimento operário com a Revolução Russa se intensificaram cada vez mais. Um importante artigo de Florentino de Carvalho, publicado em seu periódico *A Obra*, faz um balanço sobre os impactos do bolchevismo no Brasil, denunciando e criticando militantes libertários do Rio de Janeiro que propunham formar um partido maximalista (DULLES, 1977, p. 133-134). Portanto, um texto muito significativo naquele momento nas discussões dos anarquistas sobre a Rússia:

¹⁶⁷ A Plebe, “Anarquismo e Bolchevismo”, ano 4, nº 58, 27/03/1920, p. 04.

¹⁶⁸ A Obra, “Definindo Principios: o syndicalismo não é marxista”, ano 1, nº 02, 13/05/1920, p. 09.

A revolução russa bem como alguns de seus princípios e realizações, despertaram em nós incontidos entusiasmos.

[...]

Contudo, se, em oposição às calumnias dos burguezes, divulgamos a obra benéfica da república russa, nunca fizemos a apologia desse regime, porque demasiado sabíamos que o Estado, qualquer que seja a sua estrutura autoritária ou governamental é essencialmente contrário aos nossos princípios. Sempre mantivemos sobre este assumpto as devidas reservas, esperando ser ilustrados por documentos nos quaes pudéssemos confiar.

Agora, porém, de posse desses documentos, cumpre-nos esclarecer a situação, principalmente e porque, havendo no Rio alguns libertários militantes que tomam a nuvem por Juno, isto é confundem a revolução russa com o Estado burocrático e militarista ali estabelecido, chegando a propagar a organização de um partido socialista-maximalista, o qual teria por fim, entre outras coisas, a conquista do Estado burguez, empregando o processo eleitoral, transformando-o em Estado...maximalista, a fim de que este puzesse a máquina nos eixos, durante o período de transição, este facto pode causar serios embaraços á acção francamente libertária dos trabalhadores e dos revolucionários.

[...]

Para dar um idéa sobre a pseudo ditadura proletária basta saber-se que os socialistas revolucionários, os reformistas e todos os que não pertenciam á família bolchevique foram escoreçados dos comités e de todas as repartições públicas. Os anarquistas, como mais perigosos inimigos do Estado, foram escoreçados sob o fogo das metralhadoras.

Aspiram os camaradas a implantar aqui um Estado semelhante?¹⁶⁹

Como ficam evidentes nesta passagem, as novas notícias sobre a Rússia acelerou a divisão entre os anarquistas. Os que se mantiveram como “camaleões” não aceitavam as “cristalizações” impostas à revolução na Rússia pela doutrina marxista dos bolcheviques, como atesta o artigo assinado por *E. Revente*, que saiu na mesma edição de *A Obra*:

Não nos assusta a Revolução Russa, isto é os camponeses tomando e socializando a terra, os proletários apossando-se das fábricas, os trabalhadores tomando as minas, toda uma série de factos reveladores de um intenso despertar da consciência social, altamente favoráveis á eclosão do espírito revolucionário. O que nos assusta são os partidos, as seitas, as coteries com a sua morbida preocupação de tutelar e corrigir as multidões, passando-lhes a senha, a ficha, a ordem, enquadrando-os nos rígidos batalhões do exército proletário. [...]

[...]

Nós, que vemos o facto, rebellamos-nos contra essa terrível absorção do poder, apontando os perigos da ditadura, perigos que previmos desde sempre, elucidados pelas lições reveladoras da história. Não é de hoje a nossa opposição intransigente ao método e á tática marxistas!¹⁷⁰

As diferenças e nuances de doutrina entre anarquismo e marxismo, reforçado pela

¹⁶⁹ A Obra, “O bolchevismo: sua repercussão no Brasil”, ano 1, nº 13, 15/09/1920, p. 04.

¹⁷⁰ A Obra, “Crítica do regimen maximalista da Rússia”, ano 1, nº 13, 15/09/1920, p. 08-09.

experiência russa, tornou-se um assunto muito relevante no movimento operário brasileiro, que naquele período ainda passava pela fase mais intensa das lutas grevistas, era imprescindíveis para os anarquistas naquele momento marcar mais claramente suas posições diante do bolchevismo. Assim, o pensamento anarquista no Brasil seguiu as premissas libertárias, condenando o conceito de ditadura do proletariado, hostil então a toda autoridade social, enquanto aqueles militantes que migraram para o comunismo marxista insistiam no poder de Estado da classe operária, fase revolucionária onde eram indispensáveis lideranças, disciplina e organização; analisando a sociedade a partir da divisão de classes – diferente do anarquismo, que inicia esta análise a partir do indivíduo, oprimido e massacrado por um poder centralizado (GREEN, 1982, p. 19-20).

Acusar os comunistas russos de despotismo era concordar com um “ponto de vista burguês”, por isso poucos anarquistas brasileiros fizeram isso até fins de 1920, quando ficou evidente que o respeitado anarquista Errico Malatesta, quando *A Plebe* publicou as suas opiniões, concordava com as primeiras acusações de Florentino de Carvalho (DULLES, 1977, p. 135 e 154). Neste significativo artigo, apresenta-se uma entrevista feita por *Eusebio C. Carbo*, entrevistador que não obtivermos informações, com o anarquista italiano, indicando Milão, Itália, junho de 1920. Segundo a explicação da redação tal entrevista foi escrita para “*El Libertario*”, periódico anarquista de Buenos Aires, Argentina, que por sua vez, foi traduzido para o português e publicado pela já citada “*A Comuna*” do Porto, Portugal, artigo ainda reproduzido em *Voz do Povo* do Rio de Janeiro. Mesmo em condições difíceis de leitura, identificamos a apreciação de Malatesta sobre a Revolução Russa:

--- É verdade. Que pensas do movimento russo?

--- Ao fazerem a revolução, eu penso que os operários e camponeses tentaram, com o regimen dos soviets, um primeiro ensaio de organização libertaria. Mas o facto da Russia estar ameaçada de uma invasão estrangeira, permitiu o estabelecimento da ditadura de uns poucos de homens, apesar de se chamar, pomposamente, a “ditadura do proletariado”.¹⁷¹

Alguns dias depois, um texto longo indicando apenas no final ser “*Da Comuna*”, tece duras críticas ao regime bolchevique na Rússia a partir da visão libertária:

¹⁷¹ *A Plebe*, “A opinião de Malatesta sobre o movimento internacional”, ano 4, nº 89, 13/11/1920, p. 02-03.

É necessario insistir, neste ponto a exploração pelo Estado não é communismo, sobretudo hoje que podemos ver as grandes industrias resgatadas pelo Estado sob pretexto de socialização... [...]

[...]

Nenhum mecanismo governamental pode, jamais substituir os órgãos revolucionarios na sua formação expontanea e livre onde devem funcionar. [...].¹⁷²

A partir deste momento, os anarquistas já não aceitavam mais a qualificação de “maximalistas” e bolcheviques, e passaram a se justificarem e reafirmarem posições diante da Revolução Russa, como no artigo de *A. Rotelho*:

Era já entre todos, questão bem debatida, que todo o governo ainda que socialista, seria sempre um impecilho á comunização da riqueza, e por isso, em presença da ditadura bolchevista não tinham os anarquistas que modificar em coisa alguma a sua atitude nem mesmo abandonar a sua tatica e os seus principios.¹⁷³

Como, também, no texto de um militante identificado como *D. Fagundes*, referindo-se diretamente aos anarquistas que colaboravam em *A Plebe*:

Fomos dos primeiros a defender aqui o maximalismo russo contra a critica extremista dos varios camaradas. Como tivemos, então, ocasião de affirmar, defenderemos os maximalistas da Russia enquanto elles forem atacados pelas forças mercenarias do capitalismo, e não porque hajamos renunciado aos nossos principios. [...] No entanto, não precisamos dizer que, como anarchistas, somos contrarios a qualquer forma de Estado, quer este seja imperialista, quer republicano ou socialista. [...].¹⁷⁴

Numa afirmação das teorias e idéias anarquistas, o conhecido militante, Fabio Luz, fez uma Conferência na Liga Operária de Construção Civil, em Niterói, a 4 de dezembro de 1921, e um trecho desta conferência, foi publicada em *O Libertario* de São Paulo:

A Republica Maximalista, bolchevista, marxista ou dos soviets, prepara o terreno para o estabelecimento de um regimen social anarchico?...

¹⁷² *A Plebe*, “Na Russia”, ano 4, nº 91, 27/11/1920, p. 04.

¹⁷³ *A Plebe*, “A proposito dos acontecimentos na Russia”, ano 5, nº 108, 05/03/1921, p. 02.

¹⁷⁴ *A Plebe*, “Socialismo?!”, ano 5, nº 117, 14/05/1921, p. 02.

Ouso afirmar que não. E aproveito a oportunidade para responder de publico as perguntas que me fizeram e que não julguei propicio o momento para responder. O anarchismo quer a abolição completa do Estado e o Estado bolchevista é a hypertrephia desta nefasta instituição. O Estado maximalista é absorvente; é dictatorial, escravizador, único centralizador e onnipotente.

[...]

A dictadura do proletariado, apresentada como emanção de regimen sovietista, na pratica se transformou em ditadura dos chefes do partido socialista communista, que organizaram seu governo... Os que protestaram contra a perpetuação do Estado provisorio foram considerados por Lenine – contra-revolucionarios.¹⁷⁵

No ano de 1922, ano em que os anarquistas que haviam se convertido para o comunismo fundaram o PCB em março, as ofensivas dos anarquistas contra o bolchevismo se intensificaram na sua imprensa, e *O Libertario* se destacou neste sentido:

Não continuar com um vigor e uma nitidez cada vez maiores a nossa polemica anti-marxista, – polemica que nos tem absorvido o melhor da nossa existencia – é um erro que teem commettido varios camaradas. Temos lido em alguns jornaes “avanzados” defezas de Lenine e consortes, defesas essas que são verdadeiramente inconvenientes, visto que a justificação dos dictadores é, em synthese, a defeza da propria dictadura.¹⁷⁶

Assim, também, como a descrença em relação a Rússia, em outro artigo sem autoria:

[...] O que se trata de saber é se a Russia actual poderia realizar o communismo anarchista sem atravessar uma phase de preparação. Para nós é nulla esta evangelização por decretos, mórmente agora que a Russia Sovietica entra em amenas cavaqueiras com as potencias alliadas e a dictadura do proletariado, que para os bolchevistas não é um “meio” mas um “fim”, tende a eternizar-se...¹⁷⁷

Em *O Libertario*, também registramos as rupturas definitivas no movimento operário com os impactos da Revolução Russa, como no artigo assinado com as iniciais F. A., e que fala a respeito de uma conferência que se realizou no Rio de Janeiro:

¹⁷⁵ *O Libertario*, “Maximalismo e Anarchismo”, ano1, nº 01, 01/01/1922, p. 02.

¹⁷⁶ *O Libertario*, “Os Equivocos bolchevistas”, ano 1, nº 02, 15/01/1922, p. 02.

¹⁷⁷ *O Libertario*, “A dictadura do proletariado e os anarchistas”, ano 1, nº 04, 15/02/1922, p. 01.

A convite de Astrogildo Pereira, realizou-se nesta capital uma série de conferencias, para definir a attitude dos anarchistas ante a revolução Russa.

[...]

Foi uma verdadeira desillusão para todos os revolucionarios. E a prova é que, tendo a revolução abolido todas as oppressões e explorações, os bolchevistas são autoritarios e nada fizeram para libertar e emancipar a classe operaria e, ao contrario, os bolchevistas, consolidando-se no poder, fizeram da Russia o paiz mais militarizado do mundo. [...].¹⁷⁸

No mês de abril, em *A Plebe*, José Oiticica se manifesta sobre declarações dadas por Victor Serge, o anarquista russo que se converteu ao bolchevismo, e nesta ocasião Oiticica deixa claro o posicionamento do seu anarquismo diante da experiência russa:

Victor Serge dirige aos anarchistas uma especie de apello, datado de Petrogrado, em 5 de junho de 1921. Entende elle que não devemos condemnar os processos bolchevistas de *dictadura proletaria*, aterrados aos nossos principios, á teoria da revolução preconizada pelos anti-marxistas. Cumpre-nos, segundo elle, atender ás circunstancias e rever as ideias anarchistas á luz da experiencia russa. [...]

[...]

Ora, si as conclusões tiradas da experiencia russa vêm confirmar as doutrinas do velho anarchismo, perguntarei a Victor Serge: para que diabos havemos de inventar um novo. Este novo anarchismo seria evidentemente calcado sobre as lições da experiencia russa; mas, se essa experiencia confirma o velho anarchismo, segue-se que o novo seria igual ao velho.¹⁷⁹

Alguns números adiante, nas palavras de *Luiz Fabbri*, a attitude dos anarquistas russos na revolução, que se manteram fiéis à doutrina, são justificadas:

[...] em todos os campos deixando sobre elles os seus mortos, bateram-se contra Iudnichet, contra Denekine, contra Wrangel, contra os alemães em Riga, contra os ingleses em Achangel, contra os franceses em Odessa, contra os japonezes na Siberia.

E não é o caso de ver se da parte delles houve erros e até que ponto erraram. O certo, porém, é que muitos delles colaboraram com os bolchevistas na organização interna, civil e militar, naquillo que lhes parecia estar em menor contraste com a propria consciencia e com as vantagens da revolução.

E se hoje os anarchistas russos estão em opposição na Russia e combatem a politica e o governo bolchevistas, não fazem mais do que proseguir – como uma minoria heroica – a luta pela revolução iniciada em março de 1917.¹⁸⁰

¹⁷⁸ *O Libertario*, “Conferencias realizadas no Rio de Janeiro”, ano 1, nº 04, 15/02/1922, p. 04.

¹⁷⁹ *A Plebe*, “Victor Serge e os anarchistas”, ano 5, nº 179, 15/04/1922, p. 01-02.

¹⁸⁰ *A Plebe*, “A revolução russa e os anarchistas”, ano 5, nº 182, 27/05/1922, p. 04.

Em *A Plebe*, também encontramos os conflitos na militância operária a respeito da Revolução Russa, como no artigo assinado por dois autores, *Adelino de Pinho* e *Romeu Bolelli*, indicando Petrópolis em julho de 1922, atacando as críticas de Antonio Canellas, que se convertera ao comunismo, contra os anarquistas que se opunham ao bolchevismo:

Com este titulo Antonio Canellas escreveu um artigo que merece alguns reparos. Elle deduz, da hostilidade dos anarchistas ao bolchevismo, um motivo de “moda” como a menina coquete, conforme as estações, usa saias curtas ou compridas, chapéus largos ou estreitos, pela mesma exigência da moda. [...] [...] Não será por espirito de “moda” que alguns syndicalistas e tantos anarchistas, a começar pelo proprio Canellas, se transformaram em bolchevistas assanhados, á outrance, só porque a Russia trouxe á baila essa camouflagage de Dictadura Proletaria?¹⁸¹

Nesta época, antigos militantes importantes do movimento anarquista que tinham aderido ao comunismo, como Antonio Canellas e Astrojildo Pereira, estavam em polêmica aberta com os anarquistas, polêmica registrada na imprensa de ambos os grupos. Assim, Fábio Luz, em *A Plebe*, também entra em discussão com Astrojildo, sobre as críticas que a imprensa anarquista realizava contra a Rússia Soviética (DULLES, 1977, p. 160 e 164). Dessa forma, neste artigo, em tom áspero, irônico e firme, satirizando o acordo da Rússia com a Itália do Vaticano, e referindo-se as declarações de Astrojildo sobre a imprensa anarquista, em que este a comparou com a grande imprensa, Fábio Luz debate as posições políticas dos dois grupos em face à Rússia em meio a acusações, e também se dirigindo ao movimento operário:

Discretou o ilustre dictatoriano, dizendo que veem “artigos no *Libertario*, na *Lucta Social*, ou no *Trabalho*, perfeitamente semelhantes aos que têm sido publicados no *Jornal do Commercio*, no *Paiz* ou no *Correio da Manhã* contra o governo dos soviets russos”.

Ora, se uma cousa é má, se produz males sociaes, se é um pesadelo para a humanidade e uma violencia para os povos, acho que não ha duas maneiras de profligal-a com verdade. A linguagem para estigmatizal-a ha de ser, por força, a mesma, quer seja empregada pelos burguezes, quer pelos anarchistas.

[...]

A *frente unica de um gênero especial*, a que se refere o ex-camarada Astrojildo Pereira, a qual põe em relevo a *immoralidade da aproximação*, é aquella que os representantes do partido bolchevista, dominante na Russia, realizaram com os burguezes, democratas-republicanos, e aristocratas-monarchicos, contra os anarchistas [...]

[...]

¹⁸¹ *A Plebe*, “Os anarchistas e a dictadura do proletariado”, ano 5, nº 187, 05/08/1922, p. 03.

[...] Os anarquistas adherentes do bolchevismo tinham as mesmas firmes convicções que os actuaes partidarios da autoridade e da dictadura aqui no Rio, os quaes, até bem poucos dias ainda, teimavam em se dizer anarquistas; eram que Lenine muito bem denominou – *rabanetes*, vermelhos fora, e branquinhos por dentro. Boas ovelhas de pastorear; maleáveis e moveáveis [...]

[...]

[...] O que fazemos é pôr em pratica methodos de orientação, e o fazemos seriamente como revolucionarios que não teem em vista posições de destaque, deslumbramentos do poder e da autoridade.

Os trabalhadores e todos os que aspiram um regimen social de equidade moral e de igualdade economica saberão apoiar os que desinteressadamente trabalham para lhes dar um pouco de felicidade com o maximo de liberdade, sem senhores, nem dictadores. Não temos estatutos registrados.¹⁸²

Edgard Leuenroth, principal editor de *A Plebe*, escreveu um artigo expressando a sua desesperança e tristeza diante da atitude dos comunistas no Brasil, que ele julgava que poderia ser diferente por terem sido anarquistas, diferente dos da Europa, que vinham das fileiras socialistas (DULLES, 1977, p. 136). Nesta altura, o movimento operário se dividira definitivamente, as grandes ondas de greve tinham acabado, e o movimento anarquista entrava em refluxo:

A nossa previsão foi desacertada. Os communistas do Brasil estão atacados da mesma phobia anti-anarchista que caracteriza a acção de seus correligionarios de toda a parte.

[...]

[...] mais uma vez se assaca contra os libertarios a tendenciosa, desleal e, além de tudo, sedição insinuação de que os anarquistas fazem obra contra-revolucionaria porque discordam da organização autoritaria, estatista e centralista dos bolchevistas, organização que sempre condemnaram desde que o anarchismo tem existencia.

Então, só porque do periodo actual da revolução resultou a constituição de um Estado moldado nesses falsos principios, os anarquistas deveriam mudar de attitude? Pode-se honestamente classificar-os de anti-revolucionarios porque continuam a sustentar os seus principios federalistas anti-autoritarios, em que se funda o seu corpo de doutrina, até hoje ainda não desmentido?¹⁸³

No fim de nosso período de pesquisa, ano da fundação do PCB, a imprensa anarquista intensificou os seus ataques contra o bolchevismo russo, até mesmo devido à cisão final no movimento operário. Nos anos seguintes, os anarquistas continuaram as suas polêmicas com os comunistas na imprensa militante, e a “Rússia dos soviets” seria substituída pela URSS.

¹⁸² A Plebe, “Similia Similibus”, ano 5, nº 188, 12/08/1922, p. 01.

¹⁸³ A Plebe, “Os bolchevistas”, ano 5, nº 196, 18/11/1922, p. 02.

Conclusão

Aplaudo, de todo o coração, sua idéia de trazer todas as opiniões à luz. Iniciemos sim uma boa e leal polêmica; tentemos dar ao mundo um exemplo de tolerância sábia e perspicaz, mas não nos transformemos, pelo simples fato de que somos os líderes de um movimento, em líderes de uma nova forma de intolerância; não posemos de apóstolos de uma nova religião, mesmo que seja a religião da lógica e da razão.

Pierre-Joseph Proudhon para Karl Marx, 1846.

No Brasil do começo do século XX, destacamos que a imprensa era o principal e mais divulgado meio de comunicação da sociedade, desde as camadas mais altas das elites econômicas e governamentais, até as camadas populares, e no caso desta pesquisa, dos trabalhadores fabris e urbanos de algumas das principais e maiores cidades do país. Pelas páginas de jornal, periódicos de todo tipo e revistas às notícias do Brasil e do mundo eram divulgadas numa época em que novas tecnologias de comunicação também despontavam, mas que ainda não eram muito divulgadas à grande massa – como o rádio, o telégrafo e o telefone –, porém, como vimos, essas novas tecnologias se somaram a bagagem de informações de que a imprensa se utilizava.

Os trabalhadores organizados no movimento operário, reunidos em torno de seus sindicatos, ligas e associações, tinham consciência da importância da imprensa e, portanto, imprimiram os seus próprios jornais, que se tornaram poderosos instrumentos de propaganda. Dessa forma, em torno destas folhas operárias grupos militantes e políticos se aglutinaram, destacando-se os anarquistas, que já majoritários no movimento dos trabalhadores, produziram uma rica e contundente crítica política e social da sociedade brasileira e da sociedade capitalista de seu tempo. Estes jornais anarquistas tornaram-se, então, espaços onde se expressavam as idéias políticas e as peculiaridades culturais destes militantes, e com isso, a identidade e os imaginários políticos dos setores populares.

O movimento operário anarquista do Brasil possuía como uma de suas peças centrais a sua imprensa, e por meio desta ferramenta de propaganda libertária acompanhou com grande interesse a Revolução Russa que, apesar de seus acontecimentos terem sido em um país muito distante, influenciou os anseios, as crenças e o pensamento destes setores populares do regime

republicano oligárquico que predominava no Brasil daquela época. Assim, tanto o “desejo” quanto a “distância”, foram os principais “filtros” pelos quais passaram as notícias da Rússia que foram publicadas nos periódicos aqui pesquisados. Foi nestes jornais libertários que buscamos entender como, já há quase um século, a Revolução Russa foi vista, interpretada e representada pelos operários militantes do movimento anarquista, e sobretudo de que forma este evento impactou o pensamento político dos anarquistas brasileiros.

Durante os anos abarcados por nossa pesquisa (1917-1922) o anarquismo ainda era a principal orientação política dos trabalhadores da Primeira República. Estes trabalhadores organizados encontravam na corrente do “sindicalismo revolucionário” uma orientação organizacional, ambiente este onde eram amplamente propagadas as teorias e doutrinas do anarquismo e do anarco-sindicalismo. Sendo assim, é a partir desta perspectiva que as notícias da Revolução Russa foram publicadas na imprensa deste segmento social, que como vimos, registrou inicialmente a insurgência do povo russo, que derrubara o czarismo e iniciara um longo e profundo movimento revolucionário, como uma revolução de caráter libertário, como a concretização dos ideais anarquistas, principalmente devido ao fenômeno dos soviets.

Nós tivemos a oportunidade de constatar, no que tange ao setor editorial das publicações aqui reunidas sobre a Revolução Russa, que as fontes e materiais que os jornalistas militantes se utilizavam eram bem variados, o que demonstra o grande interesse que havia pelo tema da Rússia. Ficaram evidentes na análise realizada, que em todos estes periódicos, eram utilizados em abundância tanto as notícias divulgadas pela grande imprensa, o que inclui as agências telegráficas internacionais de notícias, e neste caso os telegramas vinham de vários lugares do mundo, como por exemplo, de Londres e Nova York, utilizando-se da imprensa destes países, como também as informações repassadas pela imprensa do movimento operário internacional, dentre vários órgãos e organizações militantes de vários países, até dos Estados Unidos, mas principalmente de Portugal, Itália, França e Argentina. Particularmente, devemos destacar então, que fontes bem recorrentes para esta imprensa anarquista a respeito da Rússia eram os jornais anarquistas destes últimos países mencionados, fontes estas que eram “tratadas” com maior confiança. Quanto às traduções, observamos que esta iniciativa também partiu dos próprios militantes anarquistas que colaboravam nos jornais, mas que muitos textos traduzidos eram repassados pela imprensa operária internacional, vindos neste caso principalmente de Portugal. Com isso, estes foram os “fatores da distância”, com os seus vários intermediários, que condicionaram esta produção jornalística libertária a respeito da revolução na Rússia, produção esta, portanto, que analisava os acontecimentos em meio a um “caleidoscópio” de visões, de várias forças políticas.

Outro fator que influenciou muito esta produção jornalística foi o do “desejo”, a esperança entre estes militantes e trabalhadores de que a Revolução Russa fosse de fato a fase inicial de uma revolução mundial que atingiria o Brasil em pouco tempo, e que seria a instauração de uma sociedade mais igualitária, livre e justa, a concretização de um socialismo libertário. Durante este tempo em que a imprensa anarquista realizou esta cobertura dos eventos russos o movimento operário passava por um período de grande intensidade, em que as mobilizações das greves tinham atingido o auge até então em toda a experiência deste movimento, com a necessidade de criação de novas organizações e jornais, e também sofrendo uma intensificação da repressão política e policial. Verificamos em algumas passagens, que este clima tenso dos conflitos sociais daqueles anos influenciaram diretamente a forma como o jornalismo operário retratou e divulgou as notícias da Rússia. Neste contexto, o fato desta imprensa discutir e por em evidência de que foi possível os trabalhadores derrubarem um regime e organizar e dirigir a própria sociedade na Rússia foi uma arma a mais na oposição e na crítica política, social e cultural que o movimento operário anarquista travava contra o regime republicano brasileiro. Portanto, este era um “desejo” que estava diretamente relacionado às condições de vida e trabalho da população, com os conflitos que ocorreram nestas sociedades – no caso, de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Maceió – e os acontecimentos políticos da sociedade brasileira como um todo.

Ao longo desta Dissertação, foram analisadas 117 fontes, o que não chega nem na metade do volume de fontes que foram catalogadas ao longo da pesquisa, que atingiu o número de 335. Em todos os temas tratados tivemos a oportunidade de apreciar a riqueza desta produção jornalística sobre a Rússia, um farto material que demonstra uma intensa produção cultural e intelectual, preciosos materiais sobre o pensamento político, sobre a crítica da imprensa da época, sobre a análise das condições internacionais, enfim, as mentalidades e visões da realidade, que revelam o esforço dos operários e militantes brasileiros de compreenderem o mundo de sua época. Muitos textos relevantes e interessantes foram deixados de lado devido às limitações de espaço, e acabamos por escolher o que parecia ser mais significativo.

A imprensa anarquista, ao longo destes mais de cinco anos abarcados pela pesquisa, divulgou textos de vários tipos sobre a Revolução Russa, que se modificaram em conteúdo e forma com o passar dos anos. Buscamos dividir o nosso trabalho em temas, para tentar explicar melhor estas mudanças, mas por não utilizarmos toda a documentação que foi catalogada, e pelos jornais anarquistas terem tido muitas vezes uma periodicidade irregular e durarem pouco tempo, acreditamos que seria de pouca utilidade para a nossa compreensão

sobre o assunto querer precisar em números as fontes classificadas em cada tema, até mesmo porque, como já explicamos, a divisão destes temas é arbitrária, pois as suas características se encontram juntas em boa parte dos documentos.

O primeiro tema, “*Publicação de documentos, relatos e entrevistas especiais*”, abarca documentos que se diferenciaram mais dos outros por divulgarem especificamente as versões daqueles que presenciaram pessoalmente a revolução na Rússia, e ainda que estes documentos fossem favoráveis ou não à revolução ou aos bolcheviques, este tipo de fonte marcou presença na imprensa anarquista até o fim do período estudado.

Já o segundo, “*Os soviets e as ‘visões’ da revolução*”, envolve um tema que foi tratado com grande paixão e emotividade pelos jornalistas anarquistas, e podemos dizer que os soviets foram responsáveis, nesta imprensa que estudamos, pelas leituras mais ideológicas, românticas e extremadas da Revolução Russa, os soviets, como vimos, enquanto uma organização espontânea e popular, descentralizada e autogerida, e com elementos até certo ponto anti-estatais, atraiu a simpatia e impactou a reflexão teórica dos anarquistas. Dessa maneira, nesta seção, envolvido na importância que os libertários conferiram aos soviets, encontramos as representações mais “heroicas” da Revolução Russa, como sendo esta uma grande experiência libertária. Os artigos e matérias que se dedicavam mais ao tema dos soviets não se mantiveram na mesma quantidade até o último ano, em 1922, as novas notícias da repressão e da supressão dos soviets na Rússia, e as divisões no movimento operário, sem dúvida afetou as práticas e o tratamento editoriais para com a Rússia.

No terceiro tema, “*As notícias da Rússia e as difamações contra a revolução*”, analisamos a maneira como os anarquistas noticiaram os acontecimentos da Revolução Russa em geral, o que era interessante para eles saberem e divulgarem sobre a Rússia, e a forma como eles avaliaram o que a imprensa em geral falava sobre a Rússia. Podemos afirmar que esta foi uma prática jornalística que, pelo menos no que concerne a Revolução Russa, foi sempre muito presente em todo período estudado, assim como este tipo de texto, pois a desconfiança e a crítica em relação à grande imprensa foi uma característica deste jornalismo. Nesta parte, já podemos perceber algumas diferenças no tratamento dado a Rússia entre os militantes, que refletem as suas cisões em curso.

Na segunda metade desta análise, observamos nitidamente mudanças nesta repercussão da Revolução Russa, com o aparecimento mais constante de artigos com duras críticas e acusações contra o bolchevismo, e com a diminuição considerável de matérias sobre os soviets. Na seção “*Os anarquistas russos e a repressão bolchevique*”, além das polêmicas notícias sobre a perseguição dos anarquistas russos pelo regime comunista, demos

espaço para a forma como esta imprensa anarquista cobriu a campanha de Makhno e a revolta de Kronstadt, e constatamos que sobre estes assuntos apresentaram-se versões opostas, que revelavam de forma clara, no caso de Makhno, as divisões e rupturas no interior do movimento anarquista. No caso de Kronstadt, as diferenças de interpretações são mais complexas, temos indícios de que a compreensão e o entendimento de que esta revolta foi contrária a centralização do regime comunista, pregando uma nova revolução, existiu e se manifestou nesta imprensa, contudo, o esforço de alguns militantes em não alimentar os conflitos no movimento anarquista, o prestígio dos “maximalistas” e da Rússia revolucionária, assim como a versão oficial do Partido Comunista russo, e o temor destes jornalistas em concordarem com as mesmas versões da grande imprensa e das agências de notícias, conduziu e influenciou a interpretação destes jornalistas anarquistas de que a revolta de Kronstadt foi um movimento contra-revolucionário.

Em “*A 3ª Internacional de Moscou*”, assunto mais curto, demos ênfase a um episódio importante da Revolução Russa que suscitou discussões e simpatias no movimento operário, seria interessante, então, detalhar de que maneira a imprensa anarquista avaliou esta nova Internacional, e neste ponto também confirmamos posições dispares, entre aqueles que apoiaram e os que começaram a atacar esta Associação.

Na última parte, “*Reafirmando posições: os libertários brasileiros diante da nova Rússia Soviética*”, enfatizamos as avaliações da imprensa anarquista sobre a Revolução Russa que eram mais críticas e menos entusiásticas, onde os anarquistas se posicionaram de uma forma mais clara e mais ponderada, de acordo com suas doutrinas, e podemos dizer sem grandes dúvidas que textos deste temperamento só são mais nítidos a partir de fins de 1919, a partir de onde traçamos uma análise destas novas representações sobre a Rússia. Na verdade, também vimos demonstrações diretas dos desentendimentos e conflitos no interior do movimento operário e anarquista neste tema, em particular em torno da questão da ditadura do proletariado que foi muito discutida. Nestas novas representações, a Revolução Russa já não era mais libertária, e predominou assim o pesadelo bolchevique da centralização e da repressão. A busca e o esforço do movimento anarquista em reafirmar as suas posições libertárias e suas posições simbólicas diante do movimento operário brasileiro sobre a Rússia, é mais uma característica encontrada neste material.

Percebemos ainda, que identificar as diferenças na linha editorial destes jornais dentro destes temas é uma questão complicada, pois como eram jornais que tinham uma vida curta é difícil realizar esta comparação. Como exemplo ilustrativo, notamos que o jornal *A Luta* só teve fontes que se enquadraram no segundo tema, mas esta folha é de 1918, época em que

estas representações eram muito fortes, já o jornal *O Libertario* oferece uma análise muito mais crítica, que só se encaixam nos últimos temas, mas este foi editado em outra época, em 1922. Contudo, ao se tratar de *A Plebe*, que foi uma exceção na imprensa operária, pois foi um jornal que durou por longo tempo, descobrimos que fontes de todos estes temas foram publicadas em suas páginas. E é em torno do periódico de Edgard Leuenroth, e junto deste, que os anarquistas que passaram a se opor ao regime comunista russo se manifestaram com mais intensidade, como José Oiticica e Fábio Luz, e também nos outros impressos anarquistas de São Paulo do período, como *A Obra* de Florentino de Carvalho e *O Libertario*. Estes militantes passaram a atacar e a criticar os anarquistas que se converteram ao comunismo e ao marxismo, e que articularam a imprensa comunista no Rio de Janeiro, como Astrojildo Pereira, Antonio Canellas e Octávio Brandão, e não por acaso, o PCB foi fundado no Rio de Janeiro, local também do jornal *Spártacus*, que como lembramos foi fundado em função da Revolução Russa.

Esta foi uma produção jornalística que foi gerada em um momento em que a atividade militante foi intensa, e que as lutas operárias e dos trabalhadores no Brasil e no mundo estavam em grande ebulição, ao qual a Rússia foi o epicentro. E no Brasil, portanto, o clima que estes jornais anarquistas vivenciaram, devido às lutas sociais, foi de grandes expectativas insurrecionais e revolucionárias. A Revolução Russa, a batalha de um povo contra o czarismo e um governo provisório que manteve os compromissos com o capitalismo internacional e com a guerra; os soviets; as socializações; a invasão e o bloqueio estrangeiro, tudo isso, impactou e repercutiu profundamente na reflexão militante e no pensamento revolucionário dos anarquistas no Brasil. Anarquistas, que ocupavam uma posição de destaque no movimento operário devido a sua hegemonia, e que sempre estiveram envolvidos nas denúncias e nas lutas contra as oligarquias políticas e econômicas da nossa primeira experiência republicana, e talvez por causa disso, estamos seguros em dizer que em nenhum outro setor da sociedade brasileira a Revolução Russa incidiu com mais força. Repercussão esta, que chegou a dividir a vanguarda do movimento anarquista, entre os libertários, que continuaram pregando outro socialismo, mais descentralizado e anti-estatal, e os bolcheviques, antigos anarquistas e companheiros de militância, que passaram a apoiar o comunismo da União Soviética.

Fontes

A Plebe (São Paulo, SP, 1917/1919-1922).

A Obra (São Paulo, SP, 1920).

A Vanguarda (São Paulo, SP, 1921).

O Libertario (São Paulo, SP, 1922).

A Semana Social (Maceió, AL, 1917).

A Luta (Porto Alegre, RS, 1918).

O Debate (Rio de Janeiro, RJ, 1917).

Cronica Subversiva (Rio de Janeiro, RJ, 1918).

O Cosmopolita (Rio de Janeiro, RJ, 1917-1918).

Spártacus (Rio de Janeiro, RJ, 1919-1920).

Boletim da Aliança Anarquista do Rio de Janeiro (1918).

Voz do Povo (Rio de Janeiro, RJ, 1921).

* Estes periódicos foram copiados e se encontram no CEDEM e no AEL.

Referências Bibliográficas

ADDOR, Carlos Augusto. A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Dois Pontos Editora, 1986.

ALVES, Paulo. A Verdade da Repressão: práticas penais e outras estratégias na ordem republicana (1890-1921). São Paulo. Editora Arte e Ciência/Unip, 1997.

AMARAL, Roberto Mansilla. Astrojildo Pereira e Octávio Brandão: os precursores do comunismo nacional. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). As Esquerdas no Brasil: A formação das tradições (1889-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V. I, p. 249-272.

ANSART, Pierre. Ideologias, Conflitos e Poder. Trad. Aurea Weissenberg. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

ARVON, Henri. A Revolta de Kronstadt. Trad. Elvira Serapico. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

AVELINO, Nildo. Anarquistas: ética e antologia de existências. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

AVRICH, Paul. Kronstadt 1921. Buenos Aires: Utopia Libertaria, s.d.

BAKUNIN, Michael Alexandrovich. Socialismo e Liberdade. São Paulo: Luta Libertária, s.d.

_____. Textos Anarquistas. Trad. Zilá Bernd. Porto Alegre: L e PM, 2006.

BANDEIRA, Moniz; MELO, Clovis; ANDRADE, A. T. O Ano Vermelho: A Revolução Russa e seus reflexos no Brasil. 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

BARTZ, Frederico Duarte. O Horizonte Vermelho: o impacto da Revolução Russa no movimento operário do Rio Grande do Sul (1917-1920). (Dissertação de Mestrado). UFRGS, 2008.

BATALHA, Cláudio H. M. Formação da classe operária e projetos de identidade coletiva. In: FERREIRA, Jorge; Delgado, Lucília de Almeida N. (Org.). O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 161-189.

_____. A Historiografia da Classe Operária no Brasil: trajetória e tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). Historiografia Brasileira em Perspectiva. 6ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 145-158.

BILHÃO, Isabel Aparecida. Identidade e Trabalho: uma história do operariado porto-alegrense (1898-1920). Londrina: EDUEL, 2008.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa-Rio de Janeiro: Difel, 1989.

BRAGA, José Luiz. Questões metodológicas na leitura de um jornal. In: PORTO, Sérgio D. (Org.). O Jornal: da forma ao sentido. 2ª. Ed. Brasília: Editora da UNB, 2002, p. 321-334.

BRAVO, G. M. Movimento operário. In: BOBBIO, Norbert. (et al.). Dicionário de Política. Trad. Carmen C. Varriale. (et al.). 3ª Ed. Brasília: Editora de Brasília. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1991. V. 2, p. 781-786.

BURNS, E. Bradford. As relações internacionais do Brasil durante a Primeira República. In: FAUSTO, Boris. (Dir.). História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III (O Brasil Republicano), V. 2. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 375-400.

CAPELATO, Maria Helena R. Imprensa e História do Brasil. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

CARONE, Edgard. A República Velha (instituições e classes sociais). 2ª Ed. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1972. Coleção Corpo e Alma do Brasil.

_____. A República Velha (evolução política). 2ª Ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1974. Coleção Corpo e Alma do Brasil.

CARR, E. H. Historia de la Rusia Soviética: la revolución bolchevique (1917-1923). Traducción Soledad Ortega. Madrid: Alianza Editorial, 1973a. V. 1. La conquista y organización del poder.

_____. *Historia de la Rusia Soviética: la revolución bolchevique (1917-1923)*. Traducción Soledad Ortega. Madrid: Alianza Editorial, 1973b. V. 3. La Rusia soviética y el mundo.

_____. *Historia de la Rusia Soviética: la revolución bolchevique (1917-1923)*. Traducción Soledad Ortega. Madrid: Alianza Editorial, 1974. V. 2. El orden económico.

CHACON, Vamireh. *História das Idéias Socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difel, 1988.

COELHO, Teixeira. *O que é Utopia*. 5ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

COLE, G. D. H. *História del Pensamiento Socialista: marxismo y anarquismo (1850-1890)*. Traducción de Rubén Landa. México: Fondo de Cultura Económica, 1958. V. 2.

_____. *Historia del Pensamiento Socialista: comunismo y socialdemocracia (1914-1931)*. Traducción de Enrique Gonzáles Pedrero. 1ª Ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1961. V. 5.

CÔRTEZ, Alex Sandro Barcelos. *Raízes do anarquismo no Brasil*. In: DEMINICIS, Rafael Borges; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). *História do Anarquismo no Brasil*. Niterói/Rio de Janeiro: EdUFF/Mauad, 2006. V. I, p. 45-56.

COSTA, Caio Túlio. *O que é Anarquismo*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985.

CUBERO, Jaime. *Reflexos da Revolução Russa no Brasil*. In: *Libertárias: 80 anos de Revolução Russa*, nº 1. São Paulo: Imaginário, 1997, p. 30-33.

DEL ROIO, Marcos. *O impacto da Revolução Russa e da Internacional Comunista no Brasil*. In: MORAES, João Quartim de; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). *História do Marxismo no Brasil (o impacto das revoluções)*. 2ª Ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003. V. I, p. 59-121.

_____. *A gênese do Partido Comunista (1919-29)*. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). *As Esquerdas no Brasil: A formação das tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. Vol. I, p. 223-248.

DIAS, Everardo. *História das Lutas Sociais no Brasil*. São Paulo: Editora Edaglit, 1962.

DOESWIJK, Andreas L. *Entre camaleões e cristalizados: os anarco-bolcheviques rioplatenses (1917-1930)* 1998. Tese (Doutorado em História Social). Unicamp, Campinas, 1998.

DULLES, John W. F. *Anarquistas e Comunistas no Brasil (1900-1935)*. Trad. César Parreiras Horta. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)*. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1977.

FEIJÓ, Martin Cezar. O Revolucionário Cordial: Astrojildo Pereira e as origens de uma política cultural. 1ª Ed. São Paulo: Boitempo, 2001.

FERREIRA, Maria Nazareth. A Imprensa Operária no Brasil: 1880-1920. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

FERRO, Marc. A Revolução Russa de 1917. Trad. Maria P. V. Resende. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

_____. O Ocidente diante da Revolução Soviética: a história e seus mitos. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

FEYERABEND, Paul. Contra o Método. Trad. Cezar Augusto Mortari. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

GOLDMAN, Emma. O fracasso da Revolução Russa. In: WOODCOCK, George. Os Grandes Escritos Anarquistas. Trad. Júlia Tettamanzy e Betina Becker. Porto Alegre: L&PM editores, 1981, p. 140-149.

GOMES, Angela Maria de Castro. A Invenção do Trabalhismo. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

GONÇALVES, Adelaide; SILVA, Jorge E. A Imprensa Libertária no Ceará, 1908-1922. São Paulo: Imaginário, 2000.

GREEN, Gilbert. Anarquismo ou Marxismo: uma opção política. Trad. Aílton Benedito de Sousa. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

GUÉRIN, Daniel. O Anarquismo: da doutrina à ação. Trad. Manuel Pedroso. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Gerninal, 1968.

HARDMAN, Francisco Foot. Nem Pátria, nem Patrão! (vida operária e cultura anarquista no Brasil). 2ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

HILL, Christopher. Lênin e a Revolução Russa. Trad. Geir Campos. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

HOBSBAWM, Eric J. Problemas da História do comunismo. In: _____. Revolucionários: ensaios contemporâneos. Trad. João Carlos Victor Garcia e Adelângela Saggiaro Garcia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982a, p. 15-22.

_____. O bolchevismo e os anarquistas. In: _____. Revolucionários: ensaios contemporâneos. Trad. João Carlos C. Garcia e Adelângela S. Garcia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982b, p. 67-79.

_____. Reflexões sobre o anarquismo. In: _____. Revolucionários: ensaios contemporâneos. Trad. João Carlos C. Garcia e Adelângela S. Garcia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982c, p. 90-98.

_____. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Trad. Marcos Santarrita. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. Podemos escrever a História da Revolução Russa? In: _____. *Sobre História: ensaios*. Trad. Cid Knipel M. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 256-267.

JEANNENEY, Jean-Noël. A mídia. In: RÉMOND, René. (Org.). *Por Uma História Política*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 1996, p. 213-230.

JOLL, James. *Anarquistas e Anarquismo*. Trad. Manuel Vitorino Dias Duarte. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1964.

KHOURY, Yara Maria Aun. *Edgard Leuenroth: uma voz libertária – imprensa, memória e militância anarco-sindicalista*. 1988. Tese (Doutorado em Sociologia). USP, São Paulo, 1988.

_____. *Edgard Leuenroth, anarquismo e as esquerdas no Brasil*. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). *As esquerdas no Brasil: A formação das tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V. I, p. 113-130.

KOVAL, Boris. *A Grande Revolução de Outubro e a América Latina*. Trad. Leda Rita Cintra Ferraz. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

KROPOTKIN, Piotr. Carta de P. Kropotkin a V. Lenin. In: *Libertárias: 80 anos de Revolução Russa*, nº 1. São Paulo: Imaginário, 1997, p. 19.

_____. *O Princípio Anarquista e Outros Ensaios*. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Hedra, 2007.

LÉNINE, V. I. O Estado e a Revolução: a doutrina do marxismo sobre o Estado e as tarefas do proletariado na revolução. In: _____. *Obras Escolhidas*. Lisboa-Moscovo: Edições Avante-Edições Progresso, 1978. Instituto de marxismo-leninismo anexo ao CC do PCUS. Tomo 2, p. 219-305.

_____. Teses de abril. In: Vários Autores. *Discursos que Mudaram o Mundo*. 1ª Ed. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2010, p. 15-17.

LEWIN, Moshe. O tempo e o mundo de Lenin. In: _____. *O Século Soviético: da revolução de 1917 ao colapso da URSS*. Trad. Silvia de Souza Costa. Rio de Janeiro: Record, 2007, p. 333-356.

LOPREATO, Christina da Silva Roquette. *A Semana Trágica: a greve geral anarquista de 1917*. São Paulo: Museu da Imigração, 1997.

LOWY, Michael. Marx, os marxistas e a questão nacional: a Revolução de Outubro e o sonho naufragado. In: NÓVOA, Jorge. (Org.). *Incontornável Marx*. São Paulo: Editora UNESP, 2007, p. 161-173.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, Carla Bassanezi. (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 111-153.

_____. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; _____. (Org.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008a, p. 149-175.

_____. A Revista do Brasil (1916-1944): notas de pesquisa. In: FERREIRA, Antonio Celso; BEZERRA, Holien Gonçalves; _____. O Historiador e seu Tempo. São Paulo: Editora UNESP: ANPUH, 2008b, p. 117-127.

MAKHAÏSKI, Jan Waclav. A ciência socialista, nova religião dos intelectuais. In: TRAGTENBERG, Maurício. (Org.). Marxismo Heterodoxo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 96-108.

MAKHNO, Nestor; BERKMAN, Alexandre; SKIRDA, Alexandre. Nestor Makhno e a Revolução Social na Ucrânia. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2001.

MALATESTA, Errico. Escritos Revolucionários. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2000.

_____. A Anarquia. Trad. Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Imaginário, 2001.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã. Trad. Luíz Caludio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. Manifesto do Partido Comunista. Trad. Pietro Nassetti. São Paulo: Editora Martin Claret, 2007.

MATTA, Fernando Reyes. A evolução histórica das agências transnacionais de notícias no sentido da dominação. In: _____. A Informação na Nova Ordem Internacional. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, p. 55-72.

MILIBAND, Ralph. Ditadura do proletariado. In: BOTTOMORE, Tom. Dicionário do Pensamento Marxista. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988, p. 111-112.

MINTZ, Frank. (Comp.). Anatol Gorelik: el anarquismo en la revolución rusa. 1ª Ed. Buenos Aires: Libros de Anarres; La Plata: Terramar, 2007.

NASCIMENTO, Rogério H. Z. Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

_____. Florentino de Carvalho, um professor indisciplinado! In: DEMINICIS, Rafael Borges; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). História do Anarquismo no Brasil. Niterói/Rio de Janeiro: EdUFF/Mauad, 2006. V. I, p. 181-202.

NENAROKOV, A. P. 1917: A Revolução mês a mês. Trad. Shura Victorovna. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967.

NETTLAU, Max. História da Anarquia: das origens ao anarco-comunismo. Trad. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Hedra, 2008.

PIOZZI, Patrizia. Os Arquitetos da Ordem Anárquica: de Rousseau a Proudhon e Bakunin. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

PRADO, Antonio Arnoni. Imprensa, cultura e anarquismo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org.). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2008, p. 131-148.

RAGO, Margareth. Entre a História e a Liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

REED, John. Dez Dias que Abalaram o Mundo: “o mais célebre relato da revolução russa”. Trad. Armando Gimenez. Porto Alegre: L e PM, 2007.

REIS FILHO, Daniel Aarão. As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético. São Paulo: Editora UNESP, 2003. Coleção Revoluções do século XX.

RÉMOND, René. O Século XX: de 1914 aos nossos dias. Trad. Octavio M. Cajado. São Paulo: Cultrix, 1976.

_____. (Org.). Por Uma História Política. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 1996.

ROCKER, Rudolf. Os Sovietes Traídos pelos Bolcheviques. Trad. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Hedra, 2007.

RODRIGUES, Edgar. Socialismo e sindicalismo no Brasil: 1675-1913. Rio de Janeiro: Laemmert, 1969.

_____. Pequena História da Imprensa Social no Brasil. Florianópolis: Insular, 1997.

SALLES, Iza. Um Cadáver ao Sol: a história do operário brasileiro que desafiou Moscou e o PCB. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

SAMIS, Alexandre. Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil. São Paulo: Imaginário, 2002.

_____. Pavilhão Negro sobre Pátria Oliva: sindicalismo e anarquismo no Brasil. In: COLOMBO, Eduardo. (et. al.). História do Movimento Operário Revolucionário. Trad. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: IMES, Observatório de Políticas Sociais, 2004, p. 125-189.

_____. Desvio e Ordem: o anarquismo e a polícia na República Velha. In: DEMINICIS, Rafael Borges; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). História do Anarquismo no Brasil. Niterói/Rio de Janeiro: EdUFF/Mauad, 2006. V. I, p. 57-74.

_____. Presenças indômitas: José Oiticica e Domingos Passos. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). *As Esquerdas no Brasil: A formação das tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V. I, p. 89-111.

SEGATTO, José Antonio. *A Influência da Revolução Russa no Movimento Libertário Brasileiro*. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/astrojildo/ano/mes/revolucao.htm#i8>>. Acesso em: 04 de junho de 2012.

SERGE, Victor. *O Ano I da Revolução Russa*. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ensaio, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SPINDEL, Arnaldo. *O que é Comunismo*. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985a.

_____. *O que é Socialismo*. 16ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985b.

TOLEDO, Edilene. *A trajetória anarquista no Brasil na Primeira República*. In: FERREIRA, Jorge; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). *As Esquerdas no Brasil: A formação das tradições (1889-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. V. I, p. 53-87.

TRAGTENBERG, Maurício. *A Revolução Russa*. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2007.

TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa*. Trad. E. Huggins. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. V. I. (*A Queda do Tzarismo*).

_____. *A História da Revolução Russa*. Trad. E. Huggins. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980a. V. II. (*A Tentativa de Contra-Revolução*).

_____. *A História da Revolução Russa*. Trad. E. Huggins. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980b. V. III. (*O Triunfo dos Sovietes*).

_____. *A Revolução de Outubro*. Trad. Daniela Jinkings. São Paulo: Boitempo, 2007.

VASSILEV, Pano. *A Idéia dos Sovietes*. Trad. Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Imaginário, 2008.

VIANA, Nildo. *A aurora do anarquismo*. In: DEMINICIS, Rafael Borges; REIS FILHO, Daniel Aarão. (Org.). *História do Anarquismo no Brasil*. Niterói/Rio de Janeiro: EdUFF/Mauad, 2006. V. I, p. 23-43.

VOLIN, V. M. E. *A Revolução Desconhecida: nascimento, crescimento e triunfo da revolução russa (1825-1917)*. Trad. Jaime de Almeida. São Paulo: Global Editora, 1980. V. 1.

WINOCK, Michel. *As idéias políticas*. In: RÉMOND, René. (Org.). *Por Uma História Política*. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 1996, p. 271-294.

WOODCOCK, George. História das Idéias e Movimentos Anarquistas. Trad. Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2007. V. 1: A idéia.

_____. Anarquismo na Rússia. In: _____. História das Idéias e Movimentos Anarquistas. Trad. Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2006a. V. 2: O Movimento, p. 180-208.

_____. História das Idéias e Movimentos Anarquistas. Trad. Júlia Tettamanzy. Porto Alegre: L&PM, 2006b. V. 2: O Movimento.

YARTCHUK, Efim. Os soviets e a defesa da revolução. Trad. Plínio Augusto Coêlho. In: Libertárias: 80 anos de Revolução Russa, nº 1. São Paulo: Imaginário, 1997, p. 20-21.

ZICMAN, Renée B. História através da imprensa – algumas considerações metodológicas. Projeto História, nº 4 (História e Historiografia). São Paulo: PUC, 1985, p. 89-102.

ANEXOS

ANEXO B – A Rússia em revolução: Acima, uma cena da greve nacional que derrubou o czar, em Petrogrado, 24 de fevereiro de 1917. Abaixo, passeatas de protesto nas ruas de Petrogrado, o povo em armas, abril de 1917. Ambas as fotos datadas no antigo calendário russo. Fonte: (NENAROKOV, 1967, p. 131 e 176).



ANEXO C – O Brasil em convulsão social: Acima, cortejo fúnebre do “sapateiro Martinez”, que se transformou em manifestação de rua durante a Greve Geral paulista, onde visualizamos as bandeiras negras do anarquismo, São Paulo, julho de 1917. Logo abaixo, manifestação de trabalhadores no 1º de maio, na Praça da Sé, São Paulo, em 1919, onde podemos ver parte da inscrição que diz: “*paz entre nós guerra aos senhores!*”. Fonte: (SAMIS, 2004, p. 143 e 146).



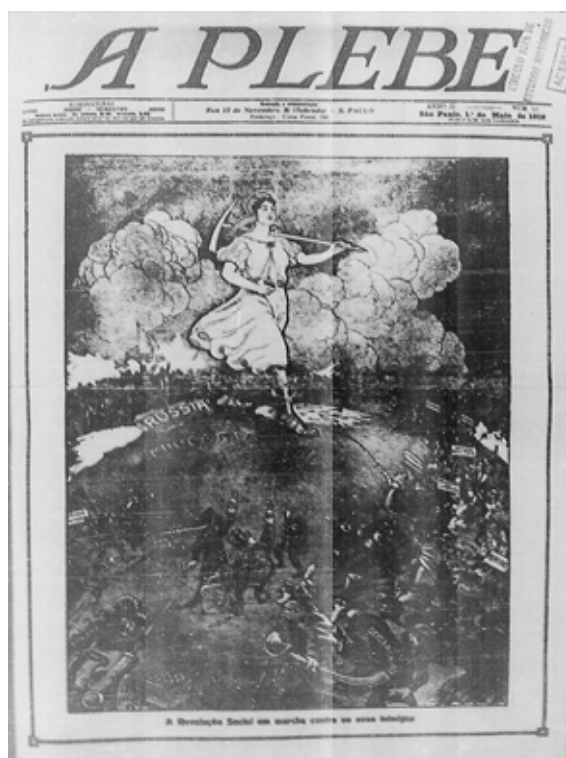
ANEXO D – Os militantes por trás das páginas: Na primeira foto, os amigos de luta, em pé, da esquerda para a direita: Octávio Brandão, Astrojildo Pereira e Afonso Schmidt. E sentados, no mesmo sentido: Edgard Leuenroth e Antonio Bernardo Canellas. Foto datada aproximadamente de 1923. Fonte: (SALLES, 2005). Na outra foto, aspecto da oficina e da redação de um jornal operário, sem data. Fonte: (FERREIRA, 1978).



ANEXO E – A Revolução Russa nas páginas operárias: Abaixo, matéria de capa em que se destaca um dos primeiros artigos sobre a Rússia, no jornal anarquista de Canellas em Maceió (A Semana Social, primeira edição de 30 de março de 1917).



ANEXO G – Capas especiais para a revolução: Acima, edição de *A Plebe* de 1º de maio de 1919, a alegoria demonstra a “revolução social” avançando, saindo da Rússia e pisando na Hungria, enfrentando os capitalistas. Abaixo, capa de *A Obra*, periódico anarquista de Florentino de Carvalho, edição de 1º de setembro de 1920, onde visualizamos as insígnias do comunismo.



ANEXO H – A Revolução Russa nas páginas operárias: Na imagem abaixo, um artigo de José Oiticica sobre a Revolução Russa em destaque (*Spártacus*, 8 de novembro de 1919).



ANEXO I – A Revolução Russa nas páginas operárias: No diário anarquista A Vanguarda,
edição de 8 de março de 1921, encontramos uma de nossas fontes em destaque, também na
capa, onde os títulos lançam dúvidas, referindo-se a revolta de Kronstadt.



ANEXO J – Os breves jornais anarquistas: Primeiro, edição de 15 de fevereiro de 1922 de *O Libertario*, em que uma de nossas fontes ocupa a maior parte da capa. Embaixo, primeira edição de *A Luta* de Porto Alegre, 28 de março de 1918.



AUTORIZO A REPRODUÇÃO DESTE TRABALHO, NO TODO OU EM PARTE, DESDE
QUE SEM FINALIDADE COMERCIAL E CITADA A FONTE.

ASSIS, 09 DE JULHO DE 2012.

LEANDRO RIBEIRO GOMES